

Do lábaro que ostentas estrelado

Mídia, futebol e identidade

por

MARCELO KISCHINHEVSKY

Tese de doutorado em Comunicação e Cultura apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Orientador: Professor Doutor Carlos Alberto Messeder Pereira

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Defesa de tese

Banca examinadora

Professor Doutor Carlos Alberto Messeder Pereira

Professor Doutor Micael Maiolino Herschmann

Professora Doutora Ilana Strozenberg

Professor Doutor Ronaldo George Helal

Professor Doutor Antonio Jorge Soares

Suplente

Prof. Doutora Heloísa Helena Oliveira Buarque de Hollanda

Tese defendida em: 18/3/2004

Conceito: Aprovado

Resumo

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Do lábaro que ostentas estrelado — Mídia, futebol e identidade. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), 2004. 225 páginas. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura.

Este trabalho se propõe a discutir a construção das identidades nacionais, regionais e locais por meio do discurso dos cronistas esportivos, no âmbito do exercício de rivalidades entre clubes e seleções nacionais de futebol. Para tanto, estabeleceremos uma divisão da história do futebol à luz da evolução da mídia: da primeira fase, que chamaremos clássica, na qual a mediação social era operada pelos jornais, à era do rádio, poderoso instrumento para a constituição de comunidades imaginadas e de afirmação de uma mitologia da brasilidade positiva, chegando por fim à era do espetáculo, marcada pela ligação do planeta via satélite, por meio da TV, e pela criação de um *jet set* esportivo mundializado. Trataremos ainda dos mecanismos da mediação social exercida em torno do futebol e das questões relacionadas à alteridade, uma vez que a violência supostamente motivada pelo esporte se apresenta como fator de crescente preocupação das autoridades e da sociedade civil.

Abstract

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Do lábaro que ostentas estrelado — Mídia, futebol e identidade. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), 2004. 225 páginas. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura.

This Dissertation focuses the formation of national, regional and local identities through the analysis of discourse in the context of sports. In particular, chronicles produced that express rivalry among football (soccer) supporters, at all levels from cities to nations. The framework employed is to track football chronology along with the evolution of media: the first stage, herein considered as a classical phase, in which social mediation was operated by the press, to the radio era and, finally, to the contemporary spectacle era. We intend to discuss radio as a powerful mechanism for the establishment of imagined communities and brazilian pride mythology, as well as contemporary spectacle era, satellite TV connected, creating a global sports jet set. Considering that violence allegedly related to sports is a great concern for authorities and society at large, social mediation mechanisms involving football and issues related to otherness are also addressed in this work.

Índice

Introdução.....	p. 6
A construção de mitos e a força das mediações.....	p. 14
A criação do jornalismo esportivo.....	p. 31
Modernidade e redesenho de identidades.....	p. 40
A era clássica: mídia impressa e o discurso racial.....	p. 61
O rádio e a projeção do imaginário nacional.....	p. 79
A era do espetáculo via satélite: mediação da TV.....	p. 117
Os extremos: do chauvinismo à fragmentação.....	p. 160
Conclusão.....	p. 182
Anexos.....	p. 193
Bibliografia.....	p. 218

Introdução

Desde cedo, naquele 8 de julho, pilhas de exemplares do *Jornal do Brasil* se acumulavam na garagem do Clube de Regatas do Flamengo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Mas não havia qualquer súbito interesse pelo noticiário do país ou da então capital federal. Mesmo porque a partida de futebol que seria disputada horas depois, ali perto, no campo do rival Fluminense, ganhava espaço modesto nas páginas da imprensa local, e menos ainda no *JB* da época, tomado por pequenos anúncios classificados.

Atletas, sócios e amigos tratavam de usar o gordo *JB* para embalar pás de remo. Pás que seriam lançadas contra as cabeças dos desavisados portugueses e seus descendentes que porventura comemorassem gols de seu clube, durante a partida decisiva do campeonato de 1923, o primeiro confronto da história entre Flamengo e Vasco da Gama.

O jogo jamais terminaria. O Flamengo vencia por 3 a 2 quando o Vasco teve um gol anulado, e os torcedores rubro-negros invadiram o campo, gerando um tumulto que mobilizou cavalaria e tropas da Polícia Militar. “Não havia rádio e, apesar de não haver rádio, toda a cidade soube, quase no mesmo instante, que o Vasco tinha perdido”, descreveu o jornalista Mario Filho, que décadas mais tarde emprestaria seu nome ao maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã¹.

O Vasco ficou com a conta do prejuízo pelos danos causados ao estádio (dez contos de réis), mas, com sua campanha irretocável, levaria o título do campeonato do Rio. Nascia ali uma rivalidade que 80 anos depois ainda reverbera pelos estádios e pelas ruas da cidade. A violência daquela partida hoje quase esquecida pode impressionar aqueles que imaginam que a truculência é novidade nos campos de futebol, fruto de uma suposta decadência dos costumes ligada ao avanço da criminalidade ou às desigualdades sociais.

Nesta tese de doutoramento, procuraremos mostrar que a força bruta sempre caminhou de mãos dadas com o esporte, atividade privilegiada para a afirmação de identidades, socialmente construídas na confrontação com o Outro. Mas não pretendemos fazer da violência nos estádios nosso único tópico de estudo. O futebol já foi objeto de análises dos

¹ Ver Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, especialmente pp. 123-126.

pontos de vista histórico, sociológico e antropológico, dentro e fora das quatro linhas do gramado, muito mais no exterior do que no Brasil. Pouco foi dito, porém, sobre o fenômeno de comunicação, que ajudou a transformar o jogo de bola num fenômeno de popularidade. Os jornais (e depois o rádio e a TV), como mostraremos ao longo desta tese, serviram para muito mais do que embalar as pás que quebrariam ossos naquele Flamengo x Vasco.

Sem a mídia, o esporte não se transformaria num rentável negócio de escala mundial. A indústria do futebol movimentou, só no Brasil, R\$ 7,265 bilhões em 1997, o equivalente a 45,35% do Produto Interno Bruto do esporte nacional — conta que abrange desde a renda obtida com o público pagante nos estádios até as receitas com material esportivo, roupas, adereços, TV por assinatura e mesmo pacotes turísticos para torcedores². Cerca de 7,5 milhões de brasileiros jogam futebol regularmente, entre amadores e profissionais, numa atividade que gera 150 mil empregos diretos³. O número de praticantes eventuais chega a 90 milhões de brasileiros, de acordo com Kasznar. É a modalidade esportiva preferida de 56% dos brasileiros (79% dos homens e 35% das mulheres)⁴.

As cinco Copas do Mundo conquistadas pela seleção brasileira conferem novo sentido aos versos de Osório Duque Estrada, embaralhando as estrelas ostentadas pelo lábaro nacional com as que ornaram o escudo das camisas amarelas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Além da camisa “canarinho”, há a forte identidade em relação aos clubes — entre os brasileiros, 85% dos homens e 60% das mulheres afirmam torcer para um time⁵. Com estes números em perspectiva, é difícil para a maioria não considerar *natural* o interesse pelo esporte ou perceber que lidamos com uma tradição inventada em período relativamente recente.

Nesta tese, procuraremos investigar os processos comunicativos que levaram à disseminação do futebol como esporte preferido pela maior parte da população brasileira, relacionando-o a eventos marcantes do cenário mundial. Ao longo deste percurso, vamos mostrar que o futebol nasce como uma extensão da ordem capitalista britânica, hegemônica

² Ver Istvan Karoly Kasznar e Ary Graça Filho, *O esporte como indústria*, pp. 209-210.

³ Ver *Esporte no Brasil — Século 20*, editado por Antônio C. Bramante, Cátia Duarte, José Carlos Eustáquio, José Geraldo C. Salles, José Koff, Leandro Nogueira, Valéria Bitencourt, Vera Lúcia Costa, Verônica Perissé, Ionara Thompson e Heloísa Nogueira. Consórcio de Estatísticas Esportivas (formado pelo Conselho Federal de Educação Física, pelos Serviços Social da Indústria e do Comércio, pela Federação das ABB, pela Confederação Brasileira de Clubes e pelo Comitê Olímpico Brasileiro), 2003. No prelo.

⁴ Ver Kasznar, op. cit., p. 48, com base em dados do Ibope.

no fim do século 19, mas rapidamente se torna um teatro de identidades locais, regionais e nacionais, muitas ainda em fase de formulação, principalmente nas primeiras décadas do século 20.

Trataremos do papel da mídia no processo na constituição de heróis nacionais e locais, que depois, na fase da espetacularização do esporte trazida pela TV, encarnarão também os papéis de celebridades midiáticas. O instrumental teórico de que lançaremos mão será diversificado, conforme o caráter interdisciplinar das pesquisas realizadas na ECO/UFRJ. Recorremos aos trabalhos de historiadores, sociólogos, antropólogos, pesquisadores do campo da comunicação, mas sobretudo utilizaremos os cronistas esportivos da mídia impressa, jornalistas que, consciente ou inconscientemente, tornaram o futebol um esporte popular, de grande impacto nos campos cultural, social e político brasileiro⁶.

Analisaremos as narrativas míticas utilizadas pelos cronistas e seu impacto para a construção das identidades locais e nacional, cotejando-as com representações semelhantes no exterior, embora sempre tomando como referência o Rio de Janeiro, antiga capital federal, de onde os principais clubes projetaram sua imagem para o território nacional. Os principais times cariocas desempenhariam papel determinante na constituição de uma retórica de brasilidade positiva, de um país que supostamente se distinguiu dos demais pela ginga, pelo jogo de cintura, pela habilidade artística e pela ausência de preconceito de cor. Construções míticas, como veremos adiante, que atendiam em parte a uma política de Estado e também a um projeto de nacionalidade gestado por um grupo de intelectuais.

Obedeceremos, para isso, a uma escala cronológica dos fatos, que permitirá o acompanhamento da evolução político-econômica, esportiva e midiática em torno do esporte. Há diversas distinções de estudiosos sobre os períodos do futebol, do “primitivo” ao “pós-moderno”. Neste estudo, vamos abstrair estas categorias, até porque não há evidências de que tenhamos superado a era moderna e adentrado outra. Nossa divisão se dará em três períodos claramente identificáveis pelos saltos no campo da comunicação, marcados não só pela evolução tecnológica mas pelos seus reflexos na constituição de novas formas de sociabilidade. A saber:

⁵ Pesquisa realizada pelo Ibope entre novembro e dezembro de 2003. Ver anexo ao final deste volume.

⁶ Poderíamos estender a análise aos cronistas de rádio e TV, mas há uma evidente dificuldade para encontrar fontes de consulta fidedignas, que não acabem se encaixando na classificação de narrativas

1) Período clássico — Até os anos 20, quando os jornais eram o mais difundido meio de comunicação, e o futebol ainda engatinhava no estabelecimento de rivalidades locais, por meio de torneios de alcance limitado.

2) Modernidade — A era do rádio, especialmente dos anos 30 aos 50, ocasião em que consolidou-se a construção dos imaginários nacionais, atendendo a projetos de Estado e de intelectuais.

3) Alta modernidade — A partir do fim dos anos 60, período delimitado pelo início das transmissões de partidas ao vivo pela televisão, via satélite, e pela conseqüente mundialização do esporte, estabelecendo a era do espetáculo.

Esta divisão não é arbitrária e independente de outros campos. Podemos relacioná-la parcialmente, por exemplo, aos ciclos econômicos sistematizados por Schumpeter, quais sejam: ciclo da energia hidráulica, da indústria têxtil e da fundição (1785-1845), período no qual o esporte não contava com regulamentos claramente estabelecidos; o ciclo do vapor, da ferrovia e da siderurgia (1845-1900), em que o futebol é uniformizado e disseminado, paralelamente à corrida imperialista das maiores potências econômicas européias; o ciclo do petróleo, da eletricidade e da química inorgânica (1900-1950), no qual se projetam identidades nacionais, regionais e locais nos gramados, com o surgimento dos times que hoje contam com as maiores torcidas; e o ciclo da aviação, da eletrônica e da petroquímica (1950-1990), que coincide com a era do futebol-espetáculo, amplificado pela televisão e pela publicidade de massa⁷.

Evidentemente, um ciclo não vem substituir o outro. O conceito schumpeteriano de ciclo, que transplantamos aqui para o campo da cultura, abrange duas etapas: circuito e evolução. Sempre que um novo sistema produtivo ou organizacional ou ainda uma nova tecnologia surge, a economia dá um salto, uma evolução sempre desencadeada pela inovação. Quando o novo sistema se cristaliza, a economia entra então no chamado circuito, um período de transição. Cada etapa do ciclo deixa traços e estruturas que se superpõem, sem necessariamente se anular.

míticas. De qualquer forma, estas novas mídias se refletirão no material impresso analisado, estabelecendo diferenças marcantes na linguagem e no conteúdo, como veremos.

⁷ Ver Joseph Alois Schumpeter, *Ciclos econômicos*, publicado originalmente em 1939, atualmente, fora de catálogo no Brasil, e também *A teoria do desenvolvimento econômico*, São Paulo: Ed. Abril, 1982.

A razão do recurso a Schumpeter diz respeito à grande quantidade de paralelos que podem ser estabelecidos entre os ciclos econômicos e os processos culturais de construção das identidades. Vale ressaltar também que os meios de comunicação, como os ciclos, vão se superpondo, sem que as novas tecnologias eliminem a anterior, como ocorreu com o rádio após a chegada da TV. O processo não é necessariamente harmônico; em casos extremos, uma mídia pode praticamente erradicar outra que antes predominava, ao sabor de interesses industriais⁸. No campo esportivo, contudo, não é o que sucedeu: o público consumidor do futebol compra jornais, assiste a jogos pela TV e, não raro, vai ao estádio com um rádio ao pé do ouvido, desfrutando de uma mesma experiência mediada de múltiplas formas.

Para a era clássica, a despeito de toda a controvérsia entre estudiosos do futebol⁹, usaremos principalmente o trabalho de Mario Filho, jornalista pernambucano que veio morar no Rio de Janeiro em 1908 e cumpriu trajetória profissional ímpar, tornando-se referência para os pesquisadores do período. Filho do jornalista Mario Rodrigues, trabalhou nos diários *A Manhã*, (1925-1928) e *A Crítica* (1928-1930), de onde saiu para chefiar a incipiente seção de esportes de *O Globo*. Em 1931, fundaria o pioneiro jornal *O Mundo Esportivo*. Organizaria também o primeiro desfile de escolas de samba no Rio, na Praça Onze, e idealizaria o Torneio Rio-São Paulo, os Jogos da Primavera e os Jogos Infantis, entre outros eventos que marcariam o calendário esportivo nacional. Em 1936, comprou o *Jornal dos Sports*, onde permaneceria pelos 30 anos seguintes, até falecer. Cunhou, entre outras, a expressão Fla-Flu, uma referência ao confronto Flamengo x Fluminense, hoje um “clássico”¹⁰.

⁸ A adoção do *compact disk* (CD) foi decidida em reunião dos principais executivos da indústria fonográfica, em 1982. Duas décadas depois, o *long play* (LP, de vinil) tem participação residual no mercado. Sobre o tema, Marcelo Kischinhevsky, *A última revolução do rádio* (a ser lançado).

⁹ Ver Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo, *A invenção do país do futebol*, principalmente os artigos “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, “O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”, ambos de Soares, e “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”, de Helal e Cesar Gordon Jr. Ver ainda “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”, de Soares, em *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*, Pablo Alabarces (org.), Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2003.

¹⁰ A expressão “clássico”, no futebol, serve para designar o confronto entre dois times “tradicionais”, ou seja, equipes que têm um retrospecto de enfrentamentos rico em narrativas de sucessos e fracassos. Alguns “clássicos” são fortalecidos por sua própria nomeação. É o caso não só do Fla-Flu, mas também do Ba-Vi (Bahia x Vitória), na Bahia, e do Gre-Nal (Grêmio x Internacional), no Rio Grande do Sul, entre outros. Curiosamente, o termo Fla-Flu serviu, pela primeira vez, para designar um combinado de

Por intermédio do amigo escritor e jornalista José Lins do Rego, fanático torcedor rubro-negro, se aproximaria de Gilberto Freyre e se engajaria na construção retórica de uma brasilidade positiva. Seu livro *O negro no futebol brasileiro* é o principal painel disponível do período que vai das origens do esporte no país até 1947, embora seja rico em narrativas míticas, o que é objeto das críticas mais ferozes ao seu trabalho, desqualificado por alguns por não ser uma “fonte confiável”¹¹. Relativizada a confiabilidade de sua leitura, utilizaremos este trabalho como peça-chave da primeira fase do futebol brasileiro, já que é a própria construção das narrativas míticas que nos interessa diretamente nesta tese.

Para o período posterior, da modernidade no esporte, empregaremos principalmente Nelson Rodrigues, irmão mais novo de Mario Filho, com suas crônicas recheadas de hipérboles, publicadas principalmente na *Manchete Esportiva* e em *O Globo*. Nelson levou aos extremos a construção das rivalidades entre torcedores de clubes do Rio e da afirmação de uma brasilidade mitológica, especialmente nas Copas do Mundo, fornecendo rico material de análise¹².

Para a alta modernidade do futebol, cujo início pode ser marcado pela conquista da Copa de 70, no México, primeira competição com transmissão mundial via TV, ao vivo, nos utilizaremos de cronistas como Armando Nogueira (jornalista romântico, de textos refinados, que nos anos 60, no *Jornal do Brasil*, tornou-se responsável direto por conferir à crônica esportiva um grau de respeitabilidade que esta jamais tinha desfrutado) e João Saldanha (jornalista e técnico de futebol, dono de um estilo popular e cáustico)¹³.

jogadores cariocas que enfrentou um selecionado paulista, nos anos 20. Só depois passou a ser usada como sinônimo de confronto entre as duas equipes.

¹¹ Suas edições posteriores incluíram alterações significativas, chegando até o período da Copa de 1962, no Chile, na qual o Brasil se sagrou bicampeão mundial. Soares, em “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, op. cit., revela que trechos da primeira edição que davam o racismo como um fato superado no esporte nacional tinham sido subtraídos, revelando uma mudança de opinião do autor, que seria inicialmente partidário de uma leitura freyrista popular e teria recuado, admitindo que o preconceito racial persistia nos gramados.

¹² Jornalista brilhante, Nelson também escreveria peças teatrais, várias delas claramente inspiradas na tragédia grega, o que diz muito sobre seu método de construção de crônicas esportivas. Um dado curioso lembrado por veteranos da cobertura esportiva era sua tremenda miopia, o que o impedia de acompanhar as partidas de futebol em todas as suas nuances. Talvez por isso, Nelson tenha se fixado tanto nos fatores extracampo e em lances específicos dos jogos, transformando-os em objeto de suas crônicas.

¹³ Nogueira é acreano, de Xapuri. Saldanha era gaúcho de Alegrete. A origem diversa dos principais cronistas esportivos da história do país é uma demonstração do poder de atração da antiga capital

Para completar a escalação de cronistas, um torcedor bissexto, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, que, com seu olhar de não-aficionado, acaba trazendo percepções extraordinárias sobre a convergência entre esporte e política, identidade nacional e mercantilização; e o escritor uruguaio Eduardo Galeano, exemplo de um olhar diverso do brasileiro no qual, igualmente, causos se transformam em narrativas heróicas e ideológicas.

Ao todo, mais de 350 crônicas esportivas foram tomadas como base de análise para construção desta tese. Para desenvolver o trabalho, empregaremos principalmente o arsenal teórico de pesquisadores latino-americanos, como Jesús Martín-Barbero (espanhol, mas que desenvolveu todo seu trabalho sobre mediações na Colômbia e, posteriormente, no México), Néstor García-Canclini, Beatriz Sarlo, Carlos Alberto Messeder Pereira, Micael Herschmann, Ronaldo Helal, Hugo Lovisoló, Antonio Jorge Soares, entre outros. Estes trabalhos serão cotejados com pesquisas sobre identidade (Stuart Hall, Lesser, Taylor), modernidade (Giddens), mídia (Thompson, Moraes) e a própria geopolítica do futebol contemporâneo (Giulianotti, Boniface, Agostino), sempre com o pano de fundo das discussões sobre comunicação, alteridade, política e economia.

Esperamos, com este projeto, contribuir para os estudos que vêm integrando diversos campos disciplinares, com ênfase na comunicação e na cultura, visando à compreensão dos fenômenos de formulação e reformulação das identidades locais, regionais e nacionais. O jogo da negociação das identidades parece ser uma chave para o entendimento de mecanismos sociais de intolerância étnica, social, religiosa, sobre os quais também nos deteremos, ao analisarmos as questões da alteridade e da violência entre torcidas — fenômeno que, como mostram exemplos recentes, especialmente na antiga Iugoslávia, pode induzir a fragmentação social e até mesmo ajudar a deflagrar genocídios.

Esta tese foi desenvolvida ao longo de quatro anos penosos, sem qualquer bolsa de estudos de instituições como CNPq e Capes, paralelamente à militância no jornalismo diário, em área bem distinta da esportiva (economia e negócios). Que isto não sirva de desculpa para eventuais deslizes cometidos ao longo deste trabalho.

Agradeço a todos os professores da ECO/UFRJ cujas aulas — virtuais fóruns de rica discussão acadêmica — tive o prazer de freqüentar, especialmente Carlos Alberto

Messeder Pereira, Heloísa Buarque de Hollanda, Micael Herschmann, Ilana Strozenberg e Beatriz Rezende; aos professores de outras instituições que ajudaram com dicas e leituras fundamentais, como Ronaldo Helal e Antonio Jorge Soares; aos colegas de estudos com os quais travei debates sempre instigantes, como Sérgio Souto, Cláudia Mattos e Sonia Pedrosa; aos colaboradores Cecília Boscacci Lima (repórter esportiva e pesquisadora de extraordinário potencial) e Jurandir da Conceição Santos (que assina os gráficos deste trabalho); a meus pais, Waldemar Kischinhevsky e Inah Mochel Kischinhevsky (ambos *in memoriam*); a meus irmãos Walter e Mauricio Kischinhevsky; e particularmente a minha mulher, Vera Lucia Martins Kischinhevsky, pela paciência e apoio durante todo este período de tripla jornada.

A construção de mitos e a força das mediações

Os pensadores contemporâneos apresentam diversas definições para o conceito de mito. Para Roland Barthes, numa concepção abrangente, o mito é uma “fala”, um “sistema de comunicação”, uma “mensagem”. Esta fala não é necessariamente oral: pode ser constituída por imagens, gestos, escritas. Nesta definição, a fotografia, o cinema, a publicidade, a música, tudo isto pode servir de suporte à fala mítica. A mitologia seria, portanto, uma fração da semiologia, ciência dos signos postulada por Saussure no início do século.

A função específica do mito é transformar sentido em forma, “deformando-a” ao mesmo tempo. O mito não nega os fatos da realidade; “fala” deles, “purifica-os”, organiza um mundo com menos contradições, no qual as coisas “parecem significar sozinhas”. O mito de Barthes “naturaliza” a História. Para ele, quase tudo pode alimentar a construção de um mito.

Edgar Morin, por sua vez, desenvolve a categoria de “construção mítica”, que permitiria a incorporação de certas mitologias por determinados personagens. Seguindo este raciocínio, um atleta de renome (ou artista, político etc.) não se torna exatamente um “mito”, mas personifica uma ou mais “categorias míticas”, como o “herói que se sacrifica por seu povo”, o “amante latino” ou o “*good-bad-boy*” (bandido que, no fundo, tem “bom coração”).

Antes de Barthes e Morin, contudo, Mircea Eliade, estudando as estruturas de mitos e arquétipos, concluiu que o caráter histórico dos personagens da vida real, protagonistas de acontecimentos épicos, não resiste durante muito tempo à ação corrosiva de um processo de mitificação. O evento histórico só sobrevive na memória popular, para Eliade, caso se aproxime de um modelo mítico — idéia que corrobora a personificação de categoria mítica postulada mais tarde por Morin.

Segundo Eliade, a “memória popular” tem dificuldades em reter acontecimentos “individuais” e figuras “autênticas”, recorrendo a outras estruturas: categorias em vez de acontecimentos, arquétipos no lugar de personagens históricos. “A personagem histórica é

assimilada ao modelo mítico (herói, etc.) e o acontecimento é integrado na categoria das ações míticas (lutas contra um monstro, combate entre irmãos, etc.)”¹⁴.

Morin aprofundou o tema ao analisar os mecanismos que levaram algumas atrizes de cinema ao estrelato. Ele considera o mito um conjunto de condutas e de situações imaginárias, eventualmente personificadas por quaisquer personagens, propositalmente ou não.

“Estas condutas e estas situações podem ter por protagonistas personagens sobre-humanos, heróis ou deuses; diz-se então o *mito* de Hércules, ou de Apolo (...). Os heróis dos filmes, heróis da aventura, da ação, do êxito, da tragédia, do amor e até, como veremos, do cômico, são, de uma forma evidentemente atenuada, heróis no sentido divinizador das mitologias. A estrela é o ator, ou a atriz, que sorve uma parte da substância heróica, quer dizer divinizada e mítica, dos heróis de filme, e que, reciprocamente, enriquece essa substância com o contributo que lhe é próprio. Quando se fala do mito da estrela trata-se portanto em primeiro lugar do processo de divinização a que o ator de cinema é submetido e que faz dele ídolo das multidões”¹⁵.

Onde lemos “artistas” podemos substituir, sem prejuízo, por “astros do futebol”; a lógica da mitificação é a mesma, embora a materialidade de sua construção tenha características próprias. Se atores e atrizes encontram o estrelato nas telas do cinema (na época de Morin) ou da TV, os atletas se encaixam (ou não) nas categorias míticas de acordo com sua performance nos gramados, sob os holofotes dos estádios lotados.

É evidente que nem toda estrela de cinema ou jogador de futebol personifica necessariamente uma categoria mítica. Isto dependerá do grau de sucesso que o ator ou atleta alcançará em sua atividade e também do tipo de narrativa mítica que tentará encarnar. Em muitos casos, uma determinada mitologia, como observa Barthes, pode não atingir um determinado público. Isso se dá na medida em que cada mito só “existe” porque encontra eco numa determinada cultura ou num segmento social específico.

Quando nos perguntamos, por exemplo, se uma categoria mítica é válida ou não, isso se dá pelo fato de o mito em questão não ter sido produzido para nós, o que não o impede de encontrar respaldo em outros indivíduos ou segmentos sociais.

¹⁴ Ver Eliade, *O mito do eterno retorno*, p. 58.

¹⁵ Ver Morin, *As estrelas de cinema*, pp. 54-55.

Para Barthes, “a insignificância política do mito deriva da sua situação. O mito, como se sabe, é um valor: basta modificar o que o rodeia, o sistema geral (e precário) no qual se insere, para poder determinar com exatidão o seu alcance. (...) De fato se consideramos este mito politicamente insignificante, é porque, muito simplesmente, não foi feito para nós”¹⁶.

Morin, por sua vez, projeta a constituição destas narrativas mitológicas no âmbito do imaginário:

“As grandes mitologias contêm, de maneira misturada, as diferentes virtualidades e os diferentes níveis do imaginário. Mas cada grande mitologia possui suas próprias estruturas, e cada cultura orienta relações próprias entre os homens e o imaginário. Uma cultura, afinal de contas, constitui uma espécie de sistema neurovegetativo que irriga, segundo seus entrelaçamentos, a vida real de imaginário, e o imaginário de vida real”¹⁷.

Para o autor, as mitologias modernas se formam através de mecanismos de identificação e/ou projeção. De alguma forma, nos vemos na tela ou nos projetamos nos gramados através de metáforas sociais ou de experiências possíveis de modo de vida que almejamos alcançar. Os ídolos integrariam, assim, um *star system*, um Olimpo moderno, que funcionaria como uma espécie de referência social de status e comportamento. A amplitude da mediação empreendida por estes ídolos contemporâneos, contudo, seria relativa, de acordo com Morin.

“Como toda cultura, a cultura de massa produz seus heróis, seus semideuses, embora ela se fundamente naquilo que é, exatamente, a decomposição do sagrado: o espetáculo, a estética. Mas, precisamente, a mitologização é atrofiada; não há verdadeiros deuses; heróis e semideuses participam da existência empírica, enferma e mortal. Sob a inibidora pressão da realidade informativa e do realismo imaginário, sob a pressão orientadora das necessidades de identificação e das normas da sociedade de consumo, não há grande arrebatamento mitológico, como nas religiões ou nas epopéias, mas um desdobramento ao nível da terra. O Olimpo moderno se situa além da estética, mas não ainda na religião”, acredita Morin¹⁸.

¹⁶ Ver Barthes, *Mitologias*, p. 165.

¹⁷ Ver Morin, *Cultura de massas no século XX*, p. 85.

¹⁸ Idem, p. 115.

O surgimento das novas mitologias do século 20 estaria relacionado, segundo Morin, ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, à suposta homogeneização dos públicos e à industrialização da produção cultural. De fato, o século 20 trouxe consigo uma enorme variedade de novos fenômenos com repercussões no campo da cultura, como a possibilidade de reprodução de obras de arte em larga escala e a formação de públicos consumidores, viabilizada pela nova estruturação do trabalho nas sociedades capitalistas e o conseqüente aumento relativo do tempo destinado ao lazer. Mas esta visão do estabelecimento dos mitos contemporâneos por meio da imposição da mídia ainda coloca o indivíduo numa condição de passividade, que não nos parece verossímil.

Ao longo do século 20, construíram-se diversas teorias sobre o poder devastador dos meios de comunicação. Especialmente entre as décadas de 40 e 70, erigiram-se escolas dedicadas à análise dos conteúdos veiculados pelos todo-poderosos meios e às pesquisas dos efeitos destas mensagens sobre os receptores. Talvez a mais popular tenha sido a que apontava a assimetria do fluxo de informação, herdeira direta do pessimismo da Escola de Frankfurt e sua visão da indústria cultural¹⁹. Para este grupo, o imperialismo se reproduzia na cultura, com a submissão das chamadas nações subdesenvolvidas, supostamente anestesiadas pela imposição de bens simbólicos estrangeiros, alheios às suas “tradições”.

É inegável, em um grande número de países, o poderio econômico e a penetração sociocultural dos meios de comunicação. O mundo não se esqueceu dos horrores totalitaristas patrocinados pelo rádio e pelo cinema. Não devemos ignorar ainda a cartelização da oferta de notícias pelas grandes agências internacionais, especialmente entre as últimas décadas do século 19 e os anos 30 do século 20. Esta visão do processo da comunicação não leva em conta, no entanto, o esforço de países que não figuravam entre os primeiros produtores de bens simbólicos, no sentido de constituir suas próprias indústrias culturais, retroalimentando seus mercados com linguagens e conteúdos híbridos, muitas vezes eficazes no auxílio à formulação de imaginários locais.

¹⁹ Ver, entre outros, “Libertação do livre fluxo”, de Herbert I. Schiller, “Inventário internacional da estrutura dos programas de televisão e circulação internacional dos programas”, de Kaarle Nordenstreng e Tapio Varis, “O imperialismo cultural na era das multinacionais”, de Armand Mattelart”, em Jorge Wertheim (org.), *Meios de comunicação: realidade e mito*, e Luis Ramiro Beltrán e Elizabeth Fox de Cardona, *Comunicação dominada — Os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*.

Além disso, resta avaliar até que ponto os meios são capazes de, por si, configurar consensos e ditar os rumos das sociedades contemporâneas. Consideramos que a mídia, embora desempenhe papel decisivo na formulação das identidades na maioria das sociedades contemporâneas, não figura como fator único de constituição de subjetividades.

Nessa discussão, nos será de grande valia o conceito de mediações, que vai se construindo a partir dos estudos de recepção mais recentes, com destaque na América Latina, onde muitas das teorias sobre a indústria da comunicação mostraram-se insuficientes para abarcar a dinâmica social. Antes, contudo, é necessário recuar um pouco, para “limpar o terreno” teórico.

Os estudiosos da semiótica, a ciência do signo, vêem três instâncias de consciência: a icônica (primária, o “ver para crer”); a indexa (experimental, construída a partir da primeira infância); e a intencional (da inteligência, do entendimento, resultado do embate entre as duas primeiras). A partir da conjunção destas instâncias de consciência, o indivíduo busca formular representações do real.

Merleau Ponty mostra que, embora estejamos imersos numa sociedade supostamente pautada pela racionalidade, vivemos o primado da percepção, e não da razão. Estamos sempre construindo o real a partir de nossa própria subjetividade. Sem sujeito, aponta o autor, não haveria sentido.

Buscamos, a cada instante, impressões da realidade para pautarmos nossa ação através do mundo. Charles Taylor, mapeando o processo de formação das subjetividades, aponta a existência de uma configuração individual, incontornável, estruturada por nossas experiências e por nosso meio social e cultural, embora seus limites não sejam claramente delimitáveis.

A noção de acumulação experimental pressupõe uma mediação social. Uma criança não precisa ser atropelada para saber que sairá ferida se atravessar a rua no meio do trânsito: esta informação é, normalmente, fornecida por um adulto responsável, que lhe apresentará os mecanismos básicos de funcionamento do mundo real — regras que permanecerão registradas no futuro adulto, o que muitos psicólogos chamam hoje de “pai interior”.

Nas últimas décadas, a maioria dos autores de comunicação superestimou o poder das mensagens, sobretudo as televisivas, sobre estas mediações originadas na infância. Segundo os modelos calcados nas noções de manipulação, o receptor figura como um sujeito

absolutamente passivo, programado conforme os estímulos desejáveis da reflexologia de Pavlov. Na prática, estes estudiosos produziam suas teorias à luz do avanço dos regimes totalitaristas na primeira metade do século 20, recuperando uma noção iluminista do processo de educação que põe o indivíduo como “tábula rasa”, um recipiente para informações prontas, que seriam ministradas pelos educadores — explicação à primeira vista plausível (e cômoda) para justificar a adesão da maior parte das populações alemã e italiana ao nazifascismo nos anos 20, 30 e 40.

Construiu-se, assim, neste período, uma noção condutista do processo de comunicação, que põe a ênfase no emissor, supostamente responsável por mensagens de significado já pronto e acabado. Martín-Barbero vê nessa linha de raciocínio uma concepção moralista da comunicação, na qual o receptor é uma vítima, a ser protegida de interesses espúrios da mídia, tratada de forma monolítica e ora confundida com aparelho ideológico de Estado, ora com porta-voz oficial da burguesia. Na América Latina, a salvação do “receptor-coitadinho” tornou-se bandeira principalmente dos pesquisadores ligados ao pensamento político de esquerda — embora a própria concepção de “esquerda *versus* direita” hoje esteja extremamente embaralhada, não só no continente, mas em todo o mundo.

Um grande salto em relação a estes modelos vem do diálogo entre a corrente de estudos sobre usos e satisfações, de Jay Blumler, Elihu Katz e outros autores americanos, e a chamada Escola de Birmingham, na Inglaterra, onde se institucionalizam os estudos culturais, derivação dos estudos de área dos anos 50.

Blumler e Katz vão trabalhar, a partir do fim dos anos 40, a idéia de “leitura negociada”²⁰: tomando emprestada uma expressão da antropologia, um receptor se “apropriaria” das mensagens veiculadas segundo seus próprios interesses, e cada um a sua maneira. Em Birmingham, anos mais tarde, pesquisadores como Raymond Williams, Richard Hoggart, Stuart Hall e David Morley desenvolveriam os estudos culturais, que, apesar de eminentemente marxistas em sua origem, forjariam um modelo de comunicação em que a recepção se constrói na própria leitura das mensagens, conferindo ao receptor um poder inédito.

²⁰ Ver Blumler e Katz (ed.), *The uses of mass communications: Current perspectives on gratifications research*, Londres: Sage Publ., 1974.

Claro, estes modelos precisam ser relativizados. Se o receptor tivesse total autonomia, o poder dos meios seria mínimo. De todo modo, o formato mecânico de comunicação, em que os papéis de emissor e receptor eram claramente definidos, estava agora abalado. A “mensagem” já não tinha sentidos fechados; poderia ser lida de várias formas, de acordo com os “filtros” de cada receptor.

E mesmo este modelo não é tão aberto quanto pode parecer à primeira vista. Em última instância, se prevalecesse a total autonomia receptiva, estaríamos imersos num caos de sentidos intercambiáveis em que absolutamente tudo seria relativo. O que, definitivamente, não parece ser o caso.

Em meio ao debate teórico, Hall ofereceria, então, a noção de “leitura preferencial”. Nesta concepção, que vem se somar às anteriores, o emissor realça, numa mensagem, um ou mais sentidos em detrimento de outros. O receptor, por sua vez, vê reduzido o espaço para desvio de interpretação dos conteúdos veiculados, embora preserve o poder de selecionar determinados sentidos ofertados e descartar outros.

Esta idéia, ponto de partida de diversos outros autores ingleses, torna mais claro o processo de construção de mensagens, quer tomemos como exemplo uma telenovela, quer recorramos a um telejornal. A posição do emissor está implícita ou explícita, por mais que, no caso de programas jornalísticos, o mito da imparcialidade pare no ar. Mas não necessariamente os espectadores irão “ler” esta posição da forma desejada pelo emissor. O importante para o emissor, contudo, é o efeito estatístico: se a maioria dos receptores apreender o sentido desejado, a forma e o resultado da emissão terão sido satisfatórios.

Neste quadro, os “filtros” de recepção, de que os indivíduos são socialmente dotados desde a infância para estabelecer sua própria trajetória no mundo, merecem nossa atenção detalhada. Martín-Barbero ressalta que a recepção se dá de forma “mediada” e que há diversas instâncias de mediação. As mais importantes, para ele, seriam a do cotidiano familiar, a da temporalidade social (relação entre tempo produtivo, do trabalho, das relações sociais, e tempo rotineiro, do lazer) e a da competência cultural.

Martín-Barbero vai trabalhar a partir do conceito gramsciano de hegemonia, destrinchando os elementos constitutivos da cultura latino-americana contemporânea e os espaços de negociação de identidade e de mediação social.

Estas mediações, podemos ressaltar, jamais são estanques. A importância simbólica das interpretações de mundo fornecidas pela família pode declinar ou aumentar para um determinado sujeito ao longo do tempo — processo acirrado no chamado Ocidente, a partir da elevação do “jovem” a uma categoria de novo ator social, nos anos 60. Da mesma forma, são variáveis a profundidade e a capacidade de mobilização das demais mediações sociais, como o ambiente de trabalho, a escola, a igreja (ou templo, sinagoga, terreiro), o clube, os amigos da rua.

As mediações, portanto, podem ser fortes ou fracas — não em si mesmas, mas sempre em relação aos indivíduos ou a determinados segmentos sociais — e com potência variável, de acordo com o tempo e as condições de sua materialidade.

Martín-Barbero vai pensar as mediações no âmbito da construção e da reordenação de hegemonias, no sentido dos pactos permanentemente feitos e refeitos entre indivíduos ou segmentos sociais. Mas uma diferença crucial, em relação aos estudos britânicos e americanos, é a dimensão afirmativa do campo cultural, não apenas no aspecto da produção (música, literatura, teatro, teledramaturgia), mas também do consumo, como outro autor latino-americano, Néstor García Canclini, também vai destacar com perspicácia.

A ênfase positiva no consumo é uma revolução, se tomarmos os estudos da indústria cultural, que apontavam o “consumismo” como uma “anestesia” para as “massas”, mais um efeito colateral da “mistificação” promovida pelos meios de comunicação. Na Europa reconstruída do Pós-Guerra e nos abastados EUA, a crítica ao consumo parecia fazer sentido, pelo menos na academia. Mas tudo fica em perspectiva ao tomarmos as populações muitas vezes miseráveis da América Latina. Ao Sul do Equador, mostra García Canclini, o indivíduo também constrói sua cidadania ao consumir. Fazer “parte do mercado” não é, aqui, ser alvo da “manipulação”, mas sim conquistar direitos básicos, como vestir-se, alimentar-se, ter a casa própria e, por que não?, usufruir de bens simbólicos.

O consumo cultural, do ponto de vista acadêmico, é particularmente intrigante. Se considerarmos a recepção como uma forma de apropriação, devemos considerar, como Bourdieu, que os indivíduos operam formas distintas de interiorização do capital social, em termos materiais ou simbólicos. A forma como nos vestimos, a música que ouvimos, os jornais, revistas e livros que lemos, os filmes e programas de TV a que assistimos, a religião

que seguimos, o time para o qual torcemos — tudo faz parte do caldeirão de configurações, ordenadas e reordenadas desde a primeira infância, que pavimenta nossa trajetória pelo mundo e, conseqüentemente, nossas formas de apropriação dos sentidos.

Encarando dessa forma o processo de comunicação, é curioso perceber como a maioria dos teóricos da comunicação que persistem nas leituras da manipulação e da mistificação acabam se apresentando como “metaformadores de opinião”, sempre prontos a “denunciar” a “perversidade” dos meios, mas usufruindo destes para propagar suas teorias.

Desdobrando estas noções do processo de comunicação, podemos estabelecer uma série de operações identitárias, que parecem atender a regras semelhantes às dos ciclos de vida de bens simbólicos. Estas operações são aplicáveis nos mais diversos campos da cultura, mas tomaremos como exemplo aqui o futebol, que nos interessa de modo mais imediato para este trabalho. Vamos listá-las:

- **Inovação** — Como na lingüística, parte do indivíduo e pode se disseminar pelo grupamento social a que este pertence ou além. Inovações de todas as formas, sem que lhes seja necessariamente atribuído qualquer valor, surgem e desaparecem todos os dias.

Falamos aqui de um amplo leque de ações, que vão do uso de uma determinada peça de vestuário de forma singular ou a introdução de dribles peculiares por um jogador, variações táticas inusitadas adotadas por um técnico ou mesmo o surgimento de um novo time de futebol que angaria simpatias dos torcedores de outras equipes. Nos interessam particularmente as inovações que se expandem e deixam seu circuito de origem, ganhando penetração social e desencadeando as operações seguintes.

- **Apropriação** — Ocorre quando a inovação empreendida por um indivíduo se expande e ultrapassa seu grupamento social de origem. Nesse momento, ocorre necessariamente um deslocamento do sentido original conferido à inovação por seu autor. Este deslocamento pode acarretar um processo de diluição, esvaziando a inovação em seus fundamentos, ou ainda engendrar novos sentidos, subjacentes ao original. Se considerarmos que a recepção dos sentidos se dá num “lugar” próprio, como crê Martín-Barbero²¹, e que os sentidos só

²¹ Ver Jesús Martín-Barbero, “América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social”, em Mauro Wilton de Sousa (org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor*, pp. 39-70.

existem neste “lugar”, construídos no ato de leitura pelos receptores²², a apropriação emerge como operação fundamental na constituição e no reordenamento das identidades.

- **Legitimação** — Na era da informação, ocorre principalmente através da mídia. A inovação, já alvo da apropriação de grupamentos sociais distintos, ganha projeção nos meios de comunicação, seja na narrativa mítica dos cronistas esportivos, seja num programa de auditório de TV aberta. Em décadas recentes, vem antecedendo mesmo a apropriação, concorrendo em última instância para que a inovação expanda seus horizontes além de seu grupamento de origem. A legitimação jamais será unânime. Como os institutos de pesquisa e agências de publicidade descobriram há décadas, os segmentos sociais se comportam de formas distintas e, dentro deles, há grande variação identitária, com base em faixas etárias, gênero, escolaridade, afinidades etc. (daí o esvaziamento de técnicas de marketing baseadas em tabelas de Vals²³). Pelo contrário, a legitimação da mídia sempre provoca reações contrárias de uma percentagem, expressiva ou residual, do tecido social, seja por componentes étnicos, religiosos ou sociais. Quando um jornal estampa a manchete tautológica “Romário é rei”, um percentual variável dos leitores reagirá negativamente, rejeitando o jogador ou até o veículo de comunicação, mesmo que de modo temporário.
- **Esgotamento** — A alta exposição na mídia, conferindo-lhe legitimação, pode levar ao esgotamento da fórmula de inovação. No período da política industrial do *high volume*²⁴, era comum que um artista alçado ao estrelato graças a uma única música caísse em desgraça após o período de esgotamento do potencial comercial de seu trabalho. Um jogador que repete sempre a mesma jogada peculiar acaba não surpreendendo mais seus marcadores, nem os torcedores. O artifício esgota-se através da saturação, provocada pela superexposição. É interessante, porém, exercitar a imaginação em torno das razões que ocasionam o esgotamento de uma operação, além da repetição exaustiva geralmente

²² Ver também o artigo de Itania Gomes, “Recepção e mediações — Crítica à filiação crítica dos estudos de recepção”, em Antônio Fausto Neto e Milton José Pinto, *O indivíduo e as mídias*, pp. 208-215.

²³ *Values and life-styles*, conforme teorização do americano Arnold Mitchell, descrita em *The nine american lifestyles*. As tabelas de Vals buscavam enquadrar todos os indivíduos que integram a sociedade em nichos específicos a serem explorados pela publicidade, conforme características socioeconômicas, psicológicas e culturais. Sobre o tema, ver Cecília P. Lima, “Um modelo composto de segmentação”, em Raimar Richers e Cecília P. Lima (org.), *Segmentação: opções estratégicas para o mercado brasileiro*, pp. 51-83.

²⁴ Ver Renato Ortiz, *Mundialização e cultura*. Para o autor, estaríamos numa nova etapa do processo industrial, saindo do modelo de *high volume* (grande quantidade) para o de *high value* (grande valor), no campo dos bens de consumo — inclusive os simbólicos.

proporcionada após a legitimação midiática. Há, por exemplo, a possibilidade de esgotamento através da diluição, quando uma fórmula é repetida à exaustão por outros agentes que não o responsável direto pela inovação. Devemos lembrar ainda que, a despeito do grau de inovação que introduzam, todos os jogadores têm uma “vida útil” no esporte, que esgota-se por motivos fisiológicos, sendo, geralmente, seguida pelo ostracismo. Técnicos têm, potencialmente, mais longevidade. O ciclo dos clubes de futebol bem-sucedidos é, por motivos óbvios, bem mais longo e encontra-se regido ainda por fatores econômicos, administrativos e mesmo políticos.

- **Reapropriação** — Após o período de esgotamento, alguns protagonistas de operações de inovação podem ser resgatados, mediante um novo deslocamento de sentido. É o caso de atletas que enfrentaram o ostracismo e foram “redescobertos”, ganhando oportunidade em clubes de grande projeção ou em outras praças. Em certos casos, nesse momento de reapropriação está a semente de um novo ciclo, com outra inovação embutida. Segundo Luiz Tatit, referindo-se especificamente ao universo da música popular, este processo reflete um fenômeno que ele classifica como permanência: embora, muitas vezes, as carreiras musicais venham surgindo e definhando num ritmo vertiginoso, é crescente o número de artistas que encontram seu espaço ao Sol graças à segmentação da mídia, a despeito de seus méritos artísticos²⁵. O agenciamento, aqui, é fundamental. No mundo do futebol, ocorre o mesmo: um jogador pode virar xodó da torcida, ser execrado por um erro e retornar ao time, após um período de recesso, tornando-se novamente aclamado. Ou pode encontrar ainda acolhida em um time de outra região ou mesmo tornar-se técnico ou comentarista esportivo.

Esta rede de operações está longe de ser estanque. Talvez devamos incluir na dinâmica a operação de rejeição, uma espécie de descarrilamento de proporções mais ou menos sérias, deflagrada por fatores os mais diversos. A rejeição ocorrerá sempre como uma resposta a uma inovação, seja ela uma idéia, uma manifestação cultural ou mesmo um processo de migração. Pode ter conseqüências mínimas — no caso de um estilo musical, como o funk dos subúrbios cariocas, que foi apropriado por uma parcela da classe média, mas permaneceu rejeitado por outro segmento de maior poder aquisitivo — ou assumir

²⁵ Ver Luiz Tatit, “A cumplicidade do público”, artigo publicado no caderno Mais!, da *Folha de S.Paulo*, em 12 de abril de 1998.

proporções dramáticas — como no caso de trabalhadores de outras regiões ou estrangeiros que chegam para disputar empregos com a população local em tempos de recessão.

Como vimos, somos sujeitos que produzem sentidos. Percebemos, reconhecemos e decodificamos mensagens e, no ato de leitura, as ressignificamos, construindo nossa própria coleção de significados, nas mais diversas instâncias de mediação.

Os sujeitos, no entanto, não exercem esta liberdade o tempo todo. Historicamente, as sociedades humanas consagram lideranças — e não estamos aqui falando diretamente do universo da política. Há quase 50 anos, Paul Lazarsfeld cunhava a expressão “formadores de opinião”. Estes personagens têm as mais diversas origens e são “eleitos” das mais variadas formas. São políticos, artistas, atletas, intelectuais, especialistas, representantes de entidades de classe ou comunitárias. Em escala micro, pode ser alguém da nossa família, um amigo, um vizinho, um chefe de torcida.

Nos mais diferentes graus, todos parecem exercer poder moderador sobre os demais sujeitos sociais. Este papel fica mais claro se considerarmos o processo de recepção de um telejornal, por exemplo. A construção dos sentidos a partir das mensagens veiculadas se dá não apenas no momento da recepção, mas também depois, quando os conteúdos são reprocessados pelos sujeitos, em diálogos com outros sujeitos de seu círculo de relações sociais e também na mediação dos formadores de opinião, numa interação face a face ou não.

A demanda por este tipo de mediação já foi percebida há décadas pela indústria da comunicação. Em suas versões mais sofisticadas, um telejornal, para usar o mesmo exemplo, não oferece apenas notícias: freqüentemente, traz um comentarista, que oferece sua opinião pronta para os receptores, como um cômodo ponto de partida para que estes elaborem as suas próprias opiniões sobre os fatos relatados — a visão do comentarista sempre terá um enquadramento particular, subjetivo, por mais que seja envolta no manto ilusório da objetividade jornalística. Evidentemente, os meios se utilizam deste tipo de operação para buscar uma “conformação” da chamada “opinião pública”, estratégia que terá maior ou menor eficácia de acordo com o poder relativo das mediações sociais para cada indivíduo ou segmento da população.

Para Thompson, no mundo mediado de hoje, os indivíduos contam com um amplo leque de recursos simbólicos para seus próprios projetos de construção do Eu. Os meios de comunicação, hipertrofiados, trazem a possibilidade de enriquecimento de uma reflexão crítica da existência de um indivíduo, mas podem ter conseqüências negativas, quais sejam: a intrusão mediada de mensagens ideológicas, a dupla dependência mediada, o efeito desorientador da sobrecarga simbólica e a absorção do Eu na interação quase mediada²⁶.

Ideologia é, aqui, lida de modo mais pragmático, com foco na maneira como as formas simbólicas servem, em determinadas situações, para estabelecer e sustentar relações de domínio. As mensagens midiáticas, na visão de Thompson, podem tanto estabilizar e reforçar as relações de poder, como rompê-las ou enfraquecê-las.

Na dupla dependência mediada, para o autor, a disponibilidade dos produtos oferecidos pela mídia ajuda a enriquecer a organização reflexiva do Eu, mas simultaneamente o torna dependente de sistemas que estão além de seu controle, ou mesmo de sua mais remota influência.

Quanto ao efeito desorientador da sobrecarga simbólica, não cabem explicações mais detalhadas: o acesso a um universo quase infinito de narrativas dificulta sua assimilação de forma coerente, levando o indivíduo a desenvolver sistemas de filtragem das informações recebidas — sistemas estes que podem reforçar ou enfraquecer os elos com indivíduos de seu convívio.

Já na absorção do Eu numa interação quase mediada, os materiais simbólicos deixam de ser simplesmente um recurso para a formação do *self* e passam a ser sua preocupação central. São exemplares da operação deste mecanismo o comportamento dos fãs, em sua relação de intimidade a distância com seu ídolo, dos seguidores de um líder político ou religioso extremista, que *compram* todo um estilo de vida, e dos torcedores que fazem dos campeonatos que seus times do coração disputam seus principais eventos sociais e culturais.

Transferir o foco dos meios às mediações não é uma panacéia universal. O processo de construção das mediações, com a análise da materialidade da produção industrial das mensagens, representa uma chave para a apreensão do processo de comunicação. Mas não devemos negligenciar e perder de vista a estruturação dos meios, que vêm apresentando

²⁶ John B. Thompson, *A mídia e a modernidade*, p. 187 e seguintes.

crecente concentração empresarial, o que restringe a diversidade da oferta de bens simbólicos.

Nos EUA, de acordo com Mattelart, o fechado clube dos grandes proprietários de emissoras de rádio e televisão controlava, em 1976, 58% dos jornais, 77% das estações de TV, 27% das radioemissoras AM e 20% das emissoras FM americanas. Dados mais recentes, de 1990, apresentados por Bagdikian, dão conta de que o grupo das 23 corporações hegemônicas no mercado americano já controlava 80% das atividades de TV, jornais, revistas, cinema e editoras.

Para Dênis de Moraes, a concentração de propriedade e a ampliação das áreas de influência dos conglomerados coincidem com a escalada do capitalismo global num ambiente de desregulamentação e privatização de serviços públicos amparada na “ideologia do mundo sem fronteiras”²⁷. Os grandes grupos de mídia e entretenimento se disseminam principalmente através do uso comercial das novas tecnologias digitais, da aquisição de companhias menores em áreas de interesse estratégico e também da compra de direitos correlatos.

Ao adquirir a CBS, por exemplo, a Sony assumiu o controle de uma empresa que detinha os direitos de exclusividade sobre cerca de 35 mil canções. A Time Warner também atacou no mercado do *copyright* e possui milhares de músicas, entre as quais a tradicional *Happy birthday (Parabéns pra você)*. A Microsoft criou uma empresa, a Corbis, que, em menos de 10 anos, compilou um acervo de 23 milhões de imagens digitais, incluindo obras de arte, para comercialização — 1,3 milhão delas acessíveis via internet²⁸.

No mercado fonográfico, outro braço fundamental da indústria do entretenimento, também fica evidente a concentração. Cinco grandes gravadoras detinham 85,28% do mercado mundial, que totalizou 2,21 bilhões de CDs vendidos em 1997: Universal (23,1%, incluída a PolyGram), Warner (20,68%), Sony Music (15,14%), EMI (14,4%) e Bertelsmann (no Brasil, BMG — 11,96%)²⁹.

²⁷ Ver Dênis de Moraes, *O planeta mídia: tendências da comunicação na era global*, pp. 63-64.

²⁸ Dênis de Moraes, op. cit., p. 158.

²⁹ Fonte: *Financial Times* e Federação Internacional de Indústria Fonográfica (IFPI). A única das cinco a não integrar um conglomerado de comunicação e entretenimento é a EMI, alvo de diversas ofertas de aquisição pelas rivais. Até 1998, eram seis as grandes gravadoras, panorama que mudou com a compra da PolyGram pela Seagram, dona da Universal. Ver Ivan Finotti, “BMG quer comprar EMI e ser a n° 1 das gravadoras”, *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 19 de dezembro de 1998, p. 5; e também “Seagram anuncia a compra da Polygram por US\$ 10,6 bi”, *O Globo*, 22 de maio de 1998, p. 28.

No mercado editorial, a acumulação também é acelerada. Nos EUA, seis grandes editoras (cinco das quais pertencentes a conglomerados) dominam a edição e comercialização de livros. O maior grupo mundial é o alemão Bertelsmann, que detém 10% do mercado americano, através das marcas Random House (incluindo a tradicional Alfred A. Knopf), Doubleday e Bantam Books, entre outras editoras, responsáveis pela publicação das obras de autores como James Joyce, William Faulkner, Truman Capote, Norman Mailer, John Updike e o *best-seller* Michael Crichton. O conglomerado associou-se em 1998 à Barnes & Noble, formando também a maior rede de livrarias do planeta e a segunda em termos de vendas através da internet³⁰.

No Brasil, Moraes aponta a concentração em torno de empresas de origem familiar, com ramificações regionais controladas geralmente por clãs ligados à política. Os principais conglomerados são as Organizações Globo (TV, internet, editora, jornais), o Grupo Abril (editoras, operadoras de TV por assinatura, multimídia, vendas por catálogo, locação e venda de vídeos, internet) e o Grupo Sílvia Santos (o Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, controla 91 emissoras, além de atuar nas áreas de comércio, serviços, finanças, seguros, previdência, capitalização, revenda de automóveis e acesso à internet).

Em suma, devemos ter cautela ao relativizar o papel dos meios no processo da comunicação. Embora tenhamos agora uma nova visão da autonomia relativa do receptor, é necessário permanecer em alerta quanto à estrutura e à diversidade dos emissores. Quanto menor a diversidade da oferta de bens simbólicos, maior o risco de veiculação de visões totalizantes.

É preciso levar em consideração, ainda, a mediação estatal, hoje muitas vezes relegada a segundo plano pelos teóricos da globalização, que propagam a idéia de que os Estados-nação perderam importância frente às grandes corporações industriais e aos organismos multilaterais (Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio, Banco Mundial, Organização das Nações Unidas etc.). A constituição de imaginários de âmbito nacional, que às vezes abrangem populações de grande dispersão geográfica, como a brasileira, deve ser entendida também a partir das ações estatais, por exemplo através de

³⁰ Ver Wilson P. Dizard Jr., pp. 256-257; “Bertelsmann: a maior livraria do mundo”, João Bosco Lodi, seção Giroscapitais, *CartaCapital*, 11 de novembro de 1998, p. 41.

narrativas heróicas sobre a pátria — hoje, quase sempre relacionadas à cultura, à guerra ou aos esportes.

Arjun Appadurai projeta as “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson em âmbito nacional nos processos contemporâneos de diáspora, em que muitas vezes comunidades se reconstituem em outros Estados-nação, reproduzindo seus estilos de vida em ambientes os mais diversos³¹.

Appadurai ajuda a desconstruir as pretensões nacionalistas a um “isomorfismo”, ou seja, a idéia de que uma nação é constituída por uma identidade étnica, lingüística, religiosa etc. O contraponto curioso é que, por trás da nacionalidade, como aponta Stuart Hall, não haveria nenhuma essência perdida (tribal, provincial, local), mas apenas outras identidades idealizadas, igualmente construídas no campo do imaginário, numa estratégia retórica para formular mitos fundadores das nações contemporâneas.

A relação de “pertencimento” a uma nação — ou a um grupo étnico com aspirações territoriais — é, portanto, socialmente construída e pode ser entendida também a partir do conceito de mediações. Em torno da “identidade nacional”, articulam-se diversos mediadores, desde as esferas do poder público até o campo cultural. A mediação estatal figura como uma das chaves para a compreensão do processo de recepção, quer ocorra de forma direta, quer de forma indireta, por vezes instrumentalizando ou se aliando aos meios de comunicação com objetivos espúrios.

Um novo entendimento da recepção e do próprio processo de comunicação deve, portanto, passar não apenas pela compreensão da formação de subjetividades, mas também pela análise da estrutura dos meios e de suas formas de veiculação de mensagens e, sobretudo, pela constituição das mediações. Periodicamente, a intolerância, socialmente construída, leva a tragédias e massacres. Não estamos hoje olhando de longe para um momento passado, superado, do qual estamos livres. As mediações são cruciais para a preservação diária do tecido social. Seu enfraquecimento, esgarçamento ou instrumentalização pode incentivar ódios fratricidas, como veremos mais adiante.

Como sugere Guillermo Orozco Gómez, um seguidor do trabalho educacional do brasileiro Paulo Freire, é fundamental “educar” os receptores, proporcionando-lhes a

³¹ Ver “Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional”, *Novos Estudos*, n. 49. Nov/97. SP.

construção de uma “leitura crítica” própria das mensagens veiculadas pelos meios³². Não apenas, como quer o autor, para despertar “consciência de classe”, mas também para “vacinar” os receptores contra o vírus do totalitarismo e dar-lhes subsídios para o exercício pleno de sua cidadania.

³² Ver “*Notas metodológicas para abordar las mediaciones en el proceso de recepción televisiva*”, *Diálogos de la Comunicación*, n. 2. Lima: Felafacs, 1990; e “*Recepción televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudio*”, *Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales*, n. 3. México: 1992.

A criação do jornalismo esportivo

Antes de entrarmos na análise dos cronistas esportivos, precisamos reconstituir a própria formação do jornalismo moderno e de suas escrituras características.

A versão corrente entre os pesquisadores da história do jornalismo no Brasil aponta um amordaçamento no período colonial, que só vai sendo afrouxado a partir do momento em que a família real portuguesa se muda para o país, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, no início do século 19. Juntamente com a comitiva, veio um prelo, que permitiu a publicação do primeiro jornal em território nacional, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808 — mero porta-voz da corte recém-instalada na temporária capital do império. Devemos ressaltar que a imprensa, àquela altura, já festejava seu bicentenário, espalhando-se da Europa rumo aos diversos continentes e chegando a outras colônias, como o México, mais de cem anos antes do que no Brasil.

Em seus primórdios no Brasil, o jornalismo dividia-se entre a política, numa escrita cravejada de opiniões, e as “belas letras”. Os primeiros jornais locais, contudo, rapidamente se alimentaram da experiência francesa, publicando não apenas relatos de cerimônias oficiais e poemas clássicos, mas também novelas e anedotas.

A impressora de Koenig, surgida em 1814, permitiria uma tiragem de 1.100 páginas por hora e abriria caminho para os primeiros jornais ilustrados, em 1821. Entre 1836 e 1837, surgem quase simultaneamente, na França, os primeiros classificados, passo primordial rumo à moderna publicidade, e o folhetim, espécie de cruzamento entre o romance burguês e as narrativas fantásticas populares. Todas estas mudanças, apesar do considerável atraso, vão gerar forte impacto no cenário da imprensa brasileira das últimas décadas do século 19, pavimentando a trilha de sua popularização.

Até os idos de 1870, a imprensa se mantém como atividade semiprofissional. A partir deste período, no entanto, começam a surgir as empresas jornalísticas, que investem pequenas fortunas para importar equipamentos de impressão e se organizam como empreendimentos capitalistas modernos. O Império vivia seus momentos derradeiros e crescia uma pequena burguesia urbana, que reivindicava maior representatividade política,

acompanhada de uma camada média de servidores públicos e de um número crescente de trabalhadores livres.

Os saltos tecnológicos propiciariam o crescimento da imprensa e a formação de um espaço discursivo para a nova classe média emergente. A modernização do conteúdo da imprensa seria lenta, embora sua organização, com toda a mitologia de atividade pouco rentável, já saltasse aos olhos de observadores externos na última década daquele século. Um jornalista francês veria “alguns grandes jornais muito prósperos, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública”. Estes grandes jornais já superavam em representatividade social outros periódicos políticos ou de partidos, que “só são lidos se o homem que os apóia está em evidência ou é temível”³³.

A despeito da intenção de angariar mais e mais leitores, os jornais, graficamente, permaneciam pouco ou nada atraentes, com oito colunas de texto de corpo diminuto e, na maioria dos casos, sem qualquer ilustração. A opção era pelo reconhecimento do público através de uma operação de prestígio. Comprar o jornal, num país com 80% de analfabetos, era fator de distinção, mais do que necessidade de informação. Só nas últimas décadas do século 19, a sátira política, com suas charges características de personagens da época, passaria a ganhar destaque gráfico.

O jornalista era uma figura amadora, ainda ligada ao beletismo. Assim seriam também os primeiros repórteres, que na virada para o século 20 iriam às ruas em busca de notícias — uma sintomática mudança de mentalidade dos editores, numa época em que as grandes cidades se reconfiguravam e crescia a demanda por informações que não fossem procedentes apenas de fontes oficiais.

O repórter, contudo, surgiria mais como um cronista, quase um *flâneur* em busca de fatos inusitados que pudessem chocar a moralidade vigente e, assim, ajudar a vender mais jornais. Como Paulo Barreto, o João do Rio, segundo um perfil traçado anos mais tarde:

³³ O jornalista francês é Max Leclerc, citado por Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, s/d.

“O cronista por excelência de 1900 brasileiro seria Paulo Barreto. E uma das principais inovações que ele trouxe para a nossa imprensa foi a de transformar a crônica em reportagem — reportagem por vezes lírica e com vislumbres poéticos. Aos literatos, jamais lhes passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a de repórter, do homem que, freqüentando os salões, varejava também as baiúcas e as tavernas, os antros do crime e do vício. Subia o morro de Santo Antônio pela madrugada com um bando de seresteiros e ia aos presídios entrevistar sentenciados”³⁴.

João do Rio adaptaria recursos literários ao espaço jornalístico, tornando-se, por excelência, um cronista de sua época. Sua linguagem, no entanto, era rebuscada e entremeada de juízos de valor, bem distante do que se convencionou chamar de linguagem jornalística contemporânea, com pretensões objetivas. Cremilda Medina assinala a presença constante em seus textos de personagens “anônimos, caracterizados por uma presença mais ficcional do que jornalística”, que, muitas vezes, “ficam semi-identificados como tipos sociais, sem perfeita individualização”.

Justamente neste período, na primeira década do século 20, ganham espaço nos jornais de maior circulação as notícias relacionadas ao esporte e às ocorrências policiais, com todas as implicações de sua abordagem pela linguagem jornalística corrente. José Moraes dos Santos Neto apresenta um modelo de texto esportivo paulistano da época, introduzido pelo jornalista, dirigente e jogador Mário Sérgio Cardim — autor de *Guia de foot ball*, de 1904, referência durante as duas décadas seguintes. A linguagem é repleta de expressões britânicas, algumas já em processo de tropicalização:

“Perante numerosa assistência, realizou-se no campo x, mais um jogo do campeonato entre os valorosos *elevens* dos clubes A e B. O tempo estava ótimo, vendo-se nas arquibancadas muitas senhoras, senhoritas e inúmeros *sportsmen*. A saída coube ao clube A. O jogo foi bem disputado com o Team B praticando belíssimos *driblings* até a linha das 12 jardas. Ahi o sr. X *shootou* com força para o *goal*, provocando aplausos das senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade e *hurrahs* dos senhores”³⁵.

³⁴ Afonso Lopes de Almeida, “João do Rio”, *O Estado de S. Paulo*, 11 de agosto de 1941, citado por Cremilda Medina, *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial*, p. 58.

³⁵ *Visão do jogo — Primórdios do futebol no Brasil*, p. 91

Não havia qualquer noção de *lead* (ou lide, como preferem alguns autores), fio condutor jornalístico que orienta a leitura de uma notícia a partir do fato mais importante, no caso o vencedor da partida entre os times A e B — embora talvez a simples realização do *match* fosse um acontecimento social mais relevante para a elite de então.

O jornalismo da *Belle Époque* permaneceria como referência estilística apesar de todas as mudanças políticas e econômicas que viriam com o esvaziamento da chamada República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O conteúdo político seria esvaziado pela instalação do Estado Novo, a partir de 1937, com seu braço armado jornalístico, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O órgão público passaria a administrar a importação de papel-jornal, limitando-a para todos os que publicassem textos desfavoráveis ao governo e não se curvassem às pressões do novo regime.

Os novos meios, como o telégrafo e o rádio, e o conseqüente fortalecimento de agências internacionais de notícias surgidas no século 19 (como Havas, Reuters, Associated Press e United Press International) ampliariam dramaticamente o volume de informações a que os jornais brasileiros teriam acesso. A manifestação política seria, cada vez mais, confinada às páginas de opinião, espaço ainda privilegiado para os polemistas dos célebres confrontos do século 19. Com o crescente número de páginas dos principais diários, alimentados pela publicidade de massa, manuais de redação e estilo das agências noticiosas foram adaptados a partir dos anos 40, inicialmente por jornais como *Diário Carioca*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, para racionalizar a utilização do espaço editorial.

O *lead* passava a ser uma imposição industrial. Estruturavam-se as notícias a partir dos fatos mais importantes, respondendo às questões-chave atribuídas pelos manuais ao leitor: o que, quem, quando, onde, como, por quê. A técnica era justificada pela intenção de proporcionar ao leitor a possibilidade de determinar, rapidamente, se um texto era ou não de seu interesse, apenas lendo as primeiras linhas. Segundo Alberto Dines, “nossos jornais, banhando-se na experiência da objetividade e dependendo fortemente do noticiário telegráfico, apreenderam um novo estilo, seco e forte, que já não tinha qualquer ponto de contato com o belezismo”³⁶.

³⁶ *O papel do jornal*, p. 26.

O estilo direto e de pretensões objetivas seria tratado por diversos autores como um gênero literário emergente, só que regido por uma busca da “verdade” de caráter supostamente científico.

No esquema de comunicação de Jakobson, o texto jornalístico se daria no terreno da função referencial. “A retórica da notícia é referencial, por definição. Nisto ela se opõe à publicidade, que tem retórica conativa. O modo verbal da notícia é, portanto, o indicativo, enquanto, nos anúncios, predomina o imperativo, ainda que por variantes estratégicas”, define Nilson Lage³⁷.

O jornalista deveria, então, buscar uma “ancoragem” no real, por meio da transmissão de “informações exatas”, como a hora precisa do acidente, o número de vítimas fatais etc. A aura de verdade da narrativa seria proporcionada pela riqueza de detalhes, como a placa e a cor do carro, os nomes completos e idades das vítimas, declarações identificadas de autoridades responsáveis pela apuração das causas do acidente e outros itens.

Para Lage, o “*lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. Em sua forma clássica, e impressa, é uma proposição completa no sentido aristotélico”, ou seja, dotada de sintagmas nominais (sujeitos), verbais (predicados) e circunstanciais (citações a tempo, lugar, modo, instrumento, causa, consequência).

A adoção da estrutura do *lead* servia ainda aos jornais de elite ansiosos por distinguir-se dos diários populares, espaço emergente que privilegiava a fusão entre narrativas jornalísticas e francamente ficcionais. Estabelecia-se o mito do fato objetivo, que deveria ser reproduzido, fielmente, pelo repórter.

“A objetividade é outro traço natural do jornalismo, como gênero literário. O importante é manter o contato com o *fato*. Tudo mais deriva daí: a informação do fato; a formação pelo fato; a atualidade do fato; o estilo determinado pelo fato. O fato, o acontecimento, é a medida do jornalista. Como a obra é a medida do crítico. Como o homem é a medida do biógrafo, o interlocutor do conversador, o auditório do orador, o destinatário do missivista. São todas formas de literatura (...) A preocupação da verdade desempenha um papel capital em todos esses gêneros literários, que os põe mais em contato com o espírito científico do que a literatura de ficção e esta do que a poesia em sentido estrito (...) O primado do objeto, pois, é soberano no jornalista. O jornalista que divaga em torno do fato

ou o deturpa, toma-o apenas como pretexto, generaliza facilmente, ou está mal informado, não é um bom jornalista’³⁸.

A ilusão da verdade jornalística fez com que parte da própria imprensa se atribuísse a condição de historiadora do cotidiano. Ana Paula Goulart Ribeiro aponta a convergência entre os saberes jornalístico e histórico, lembrando que muitos historiadores passaram, em meados do século 20, de uma posição de ceticismo frente aos conteúdos veiculados pela imprensa para uma postura de absorção acrítica das fontes jornalísticas. Esta abertura ao conteúdo dos jornais se deve, de acordo com a pesquisadora, à superação da noção positivista de documento histórico, proporcionada pela influência marxista e pela Escola dos Annales, mas também ao flerte do jornalismo com a ciência, por meio dos mitos da neutralidade e da objetividade.

Para ela, ao longo desse processo, a história foi perdendo para a imprensa o papel central na construção da memória oficial nas sociedades industriais. “Hoje, cada vez mais, são os meios de comunicação o *locus* principal em que se realiza o trabalho sobre as representações sociais. A mídia é o principal *lugar de memória e/ou de história* das sociedades contemporâneas’³⁹.

A noção de objetividade do texto jornalístico põe em segundo plano a angulação do assunto de acordo com o sistema de crenças do próprio repórter ou de seu editor responsável. O estilo direto dá a grande parte dos leitores uma ilusão de verdade, ocultando as subjetividades dos jornalistas mesmo em relação a episódios aparentemente objetivos, como um acidente automobilístico, que pode ser retratado tanto como uma fatalidade, sem atribuição de responsabilidades, quanto como uma imprudência de um motorista que descumpriu as leis do trânsito.

Mesmo esta pretensa objetividade, contudo, não se aplicaria indiscriminadamente a todo o tipo de jornalismo. Nos textos esportivos, seria permitida certa “liberdade estilística”, com a subjetividade do repórter permeando indisfarçavelmente as notícias, até as relacionadas ao dia-a-dia da preparação das equipes. A utilização das modernas técnicas editoriais no noticiário esportivo acabaria criando um subgênero — não no sentido de inferioridade aos

³⁷ *Estrutura da notícia*, pp. 24-25.

³⁸ Ver Alceu Amoroso Lima, *O jornalismo como gênero literário*, pp 65-66. Primeira edição publicada em 1958.

demais subgêneros jornalísticos, mas em termos de uma linguagem própria, híbrida, mais floreada, mais analítica, mais ligada ao lúdico do que ao racional.

Com a nova racionalidade industrial, os grandes jornais, numa estratégia de maximizar a organização do espaço e das estruturas administrativas, passariam a distribuir suas coberturas em editorias, como política, cidade, negócios e internacional. Os cadernos contemporâneos de cultura só viriam após o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, nos anos 60. Assuntos esportivos permaneceriam confinados a uma página diária (ou menos) na maioria dos jornais, exceto em ocasiões especiais como Copas do Mundo, como veremos nos próximos capítulos.

A formação de mão-de-obra ainda era irregular, já que a profissão de jornalista só seria regulamentada em fins dos anos 60. O repórter não era necessariamente dono de um bom texto: a redação final, na indústria da informação, já não era sua função. A tarefa cabia a um redator, que reorganizava seu relato a partir das novas normas técnicas estabelecidas pelos manuais. Neste cenário, quem apresentasse dotes literários, se dispusesse a escrever sobre o tema e tivesse boas relações numa redação de jornal já gozava de todos os requisitos necessários para trabalhar numa editoria de esportes. Poucas eram as publicações que mantinham coberturas jornalísticas esportivas profissionalizadas.

Como vimos, Mario Filho começou a mudar a história deste gênero jornalístico, com sua militância pelo reconhecimento oficial da importância da atividade esportiva para a formação da cidadania. Mesmo assim, os esportes só se tornariam um assunto relevante para a grande imprensa com a crescente politização do futebol e sua utilização como instrumento de construção de identidade nacional pelo governo Getúlio Vargas e seus sucessores, como veremos mais adiante.

No fim dos anos 50 e início dos anos 60, com a conquista do primeiro título mundial pela seleção brasileira, os grandes jornais passariam a dedicar mais páginas ao tema, que tinha seu caráter comercial crescentemente fortalecido. Paralelamente, a racionalização do espaço devido a fatores industriais chegaria às editorias de esportes, forçando uma separação mais clara entre notícias (cobertura pretensamente factual sobre campeonatos,

³⁹ Ver “A mídia e o lugar da história”, em *Mídia, memória & celebridades*, de Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (org.), p. 97.

preparação de equipes etc.) e opinião (reservada aos cronistas, que ocupam espaços graficamente delimitados).

A formação da mão-de-obra se sofisticou ao longo dos anos 70 e 80, com a exigência de diploma para o exercício do jornalismo, embora a cobertura esportiva, devido a seu baixo fator de distinção social em relação a áreas como política e economia, tenha permanecido uma atividade subalterna em grande parte da imprensa de elite. Ainda hoje, há uma hierarquização não declarada dentro das próprias redações, nas quais editores e até repórteres atribuem aos jornalistas esportivos, com raras exceções, uma qualificação inferior à dos demais.

A partir dos anos 90, contudo, a crescente importância dos esportes e seu imbricamento com a política e o mundo dos negócios levaram a um fortalecimento destas editorias. Atualmente, há diários esportivos de grande circulação em todo o mundo. No Rio de Janeiro, são pelo menos dois de razoável penetração (o tradicional *Jornal dos Sports* e o recente *Lance!*) — sem falar na revista *Placar*, importante especialmente nos anos 70. Além disso, jornais de grande circulação, como *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*, mantêm cadernos diários dedicados ao tema.

A crônica também se especializa e ganha novas feições. O time dos cronistas, geralmente formado por jornalistas de larga experiência profissional, ex-jogadores e técnicos temporariamente desempregados, passa a ser integrado também por acadêmicos, escritores, celebridades ou mesmo jogadores em atividade⁴⁰.

Paralelamente, as pautas vão se sofisticando: a cobertura não se limita mais ao dia-a-dia dos principais clubes de futebol, abrangendo também a política esportiva (disputas de poder nas federações e confederações, escolha de sedes de grandes eventos), o mundo dos negócios (patrocínios, exploração de marcas, licenciamento de produtos), os grandes escândalos (desvios de recursos públicos, irregularidades na transferência de atletas, suborno, manipulação de resultados) e os dramas humanos (contusões graves, suspeitas de doping, ascensão e queda de estrelas).

⁴⁰ A comunidade de cronistas é ampliada especialmente em tempos de coberturas especiais. Nas Copas de 1998 e 2002, o atacante Romário, ainda atuando em clubes, mas alijado de participar das competições (na primeira, por contusão; na segunda, por opção da comissão técnica), acabou assinando colunas em jornais diários do Rio. Também comentaram estes mundiais articulistas sem tradição na área de esportes, como o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos (ligado ao jornalismo cultural) e a cantora Paula Toller, do grupo pop Kid Abelha.

Vale ressaltar que, no Brasil, a grande imprensa foi eficaz no processo de incorporar os esportes ao núcleo editorial do jornal, minando o potencial de expansão das publicações segmentadas. Em países europeus, onde a imprensa demorou a acordar para a realidade do peso cultural do futebol, quer por inoperância, quer por elitismo, alguns jornais esportivos tornaram-se os veículos de maior circulação nacional.

Mas, a despeito da incorporação pela grande imprensa brasileira, o fator de distinção do subgênero esportivo permanece baixo. Um exemplo deste status inferior atribuído às editoriais de esportes é a ausência de uma categoria voltada para este nicho nos principais prêmios jornalísticos concedidos no país. O Prêmio Esso, mais tradicional do jornalismo nacional, contempla da política à economia, passando por áreas como meio ambiente, informação científica, artes gráficas e fotografia — os esportes ficam de fora, como se grandes reportagens sobre o tema não fossem produzidas.

Concluído esse breve histórico da imprensa e do gênero jornalístico esportivo, vamos nos voltar agora para os mecanismos que propiciaram o fortalecimento do futebol como instrumento de construção de identidades nacionais e terreno fértil para o exercício de rivalidades e conflitos ritualizados, na esteira da formação dos Estados modernos.

Modernidade e redesenho de identidades

O futebol foi normatizado e encontrou sua feição moderna no século 19, paralelamente a uma série de desenvolvimentos político-econômicos que culminariam na formação dos Estados-nação contemporâneos. No continente europeu, na segunda metade do século, forjavam-se as chamadas “relações internacionais” (conjunto de práticas diplomáticas que consolidariam o reconhecimento de fronteiras e buscariam mediar disputas territoriais); eram fechados acordos de unificação de entregas postais; surgiam conferências sanitárias internacionais (estabelecendo princípios como o da quarentena); padronizava-se o tempo, mediante arbítrio de meridianos a partir de Greenwich; expandiam-se as malhas ferroviárias, que integrariam o continente não apenas do ponto de vista comercial, mas também da comunicação, com as redes de telégrafo.

Como explica Anthony Giddens:

“A consolidação da soberania do Estado moderno, desde o seu início, depende de um conjunto de relações reflexivamente monitoradas entre os Estados. Tanto a consolidação da soberania do Estado quanto o universalismo do Estado-nação surgem por meio de uma ampla expansão das operações de vigilância permitindo que as ‘relações internacionais’ sejam realizadas. As ‘relações internacionais’ não são conexões realizadas entre Estados preestabelecidos, que poderiam manter seu poder soberano sem eles: elas são a base sobre a qual o Estado-nação existe como um todo”⁴¹.

Estes Estados-nação modernos, de acordo com Giddens, surgiriam de forma desigual, após processos mais ou menos bem-sucedidos de pacificação interna, estabelecimento de redes de comunicação e armazenamento de informações burocráticas, mediante expansão do poder administrativo. Diversas nações se redefiniriam frente a Estados dominantes a partir do estabelecimento de idiomas, literaturas e mídias próprias. Devido à corrida imperialista, muitas destas nações permaneceriam subordinadas ou englobadas por outras mais fortes. Disputas territoriais, mediadas com grau maior ou menor de sucesso, acabariam

⁴¹ Giddens, *O Estado-nação e a violência*, p. 279.

redesenhando fronteiras, principalmente ao cabo das guerras mundiais que se sucederiam no século 20.

Charles Taylor suscita visão peculiar da formulação destas identidades nacionais, relacionando-a a um fenômeno ocorrido quase um século antes: a guinada expressivista, que desaguaria no romantismo. Ele aponta a influência do conceito de originalidade de indivíduos introduzido no pensamento moderno pelo alemão Johann Gottfried Herder a partir do fim do século 18, logo estendido para coletividades delimitadas de forma arbitrária, que, mediadas por líderes locais, passariam a ambicionar sua autodeterminação.

“Essa foi uma idéia tremendamente influente. A individuação expressiva tornou-se um dos pilares da cultura moderna. Tanto que mal a percebemos, e achamos difícil aceitar que seja uma idéia tão recente na história humana e que teria sido incompreensível em épocas anteriores. Além disso, essa noção de originalidade como vocação não se aplica somente aos indivíduos. Herder também a usou para formular uma noção de cultura nacional. Diferentes *Völker* têm sua forma própria de ser humanos e não devem traí-la macaqueando os outros (...) Essa é uma das idéias originadoras do nacionalismo moderno”⁴².

Esta noção de originalidade nacional levaria simultaneamente à ênfase na criação artística inovadora e ao chauvinismo, espécie de nacionalismo exacerbado, instrumentalizado pelas forças políticas emergentes, no processo de consolidação de identidades nacionais. Haveria, nessa visão de mundo, uma “essência” nacional, uma identidade comum, que passaria pelo compartilhamento de um idioma, uma tonalidade de pele, uma forma de vestir, além de símbolos como canções “tradicionais”, bandeiras, flâmulas etc. Quem não compartilha destas “marcas” é o Outro, o Estrangeiro, um inimigo em potencial — ou, em outras ocasiões, a “minoría”, aquele que manteve seu dialeto e sua cultura regional, que lhe confere fator mais baixo de distinção social.

Na Europa, em muitos casos, o Estado-nação nasce antes do acirramento desse processo, mediante estabelecimento de fronteiras por relações de vassalagem e implementação de redes de coleta de impostos. Em muitos destes países, sobrevivem, até hoje, idiomas e identidades regionais. Em Portugal, o mirandês, da remota região de

⁴² Taylor relaciona essa guinada expressivista à nova posição assumida pela criação artística nas sociedades modernas. O mimetismo academicista, dominante na pintura européia, por exemplo, começa nesse período a perder prestígio para as obras revestidas de alguma “originalidade” — processo que, 100 anos depois, desaguaria no modernismo do século 20. Ver *As fontes do self*, pp. 482-483.

Miranda do Douro, se mantém vivo após quase mil anos de unificação nacional. Na França, levantamento feito nos anos 90 pelo Instituto Nacional da Língua Francesa, a pedido do governo, constatou a utilização de 75 dialetos, como o bretão, o occitan, o flamengo, o corso e o alsaciano, embora com influência declinante — em 1999, o presidente francês Jacques Chirac criou polêmica ao não assinar a Carta Européia de Línguas Minoritárias e vetar seu uso nas máquinas administrativas regionais⁴³. Na Espanha, as culturas regionais catalã e basca resistiram a séculos de tentativas de assimilação e erradicação pelo governo central de Madri.

Cada Estado lidou de forma distinta com as diferenças regionais, mas a maioria tentou construir um sentido de pertencimento, que possibilitasse a própria unificação nacional. Em alguns casos, a estratégia foi tentar sufocar as manifestações locais de identidade, como a Inglaterra fez na Irlanda e na Escócia, estabelecendo uma hegemonia que colocaria estas nações sob tutela — a Irlanda posteriormente seria dividida ao meio, com uma parte autônoma e outra permanecendo como *home nation*, como os britânicos costumam chamar estas nações subordinadas.

Na Espanha, durante décadas, o uso dos dialetos foi proibido pelo governo central, numa estratégia de fortalecimento do poder madrilenho, que acabou deflagrando movimentos separatistas, dos quais o basco ETA tornou-se o mais conhecido, ao empreender ações terroristas a partir dos anos 60 do século 20.

O monopólio estatal da violência, ao contrário do que apontam diversos autores, acabou não sendo suficiente para estabelecer um território soberano. Nações sem Estado permaneciam subordinadas, em situação de permanente conflito com o poder central, enquanto Estados emergentes nem sempre conseguiam estabelecer sua rede de influência em todos os campos sociais.

Daí certos Estados empreenderem uma busca por uma identidade nacional, com características próprias em termos lingüísticos, religiosos, étnicos, que reverberasse em todo o território. A idéia, amparada por pensadores influenciados por Herder, era costurar o tecido social em torno de pontos de homogeneidade, aplainando as diferenças. Esta

⁴³ Ver Haroldo Ceravolo Sereza, “Chirac vera uso de línguas regionais”, *Folha de S.Paulo*, 11 de julho de 1999, p. 23.

construção retórica, da “pretensão ao isomorfismo”⁴⁴, é bem mais recente do que a própria constituição da maioria dos Estados modernos.

Em suas versões extremadas, esta busca pelo isomorfismo levou a nacionalismos exacerbados, com estratégias de encerramento do desviante. As sociedades que se deixam pautar pelo chauvinismo tornam-se mais fechadas, mais impermeáveis à diferença.

No Brasil, a noção de originalidade dos povos também seria tremendamente influente. Só que a questão da identidade nacional orbitou sempre em torno do (longo) período escravagista e de suas conseqüências sociais. O tráfico de escravos africanos e a assimilação de populações indígenas pelo branco europeu desenharam, até o século 19, um cenário de crescentes tensões étnicas, com forte hierarquização social. Entre as elites locais, teve grande repercussão o pensamento do anatomista e naturalista alemão Johann Friedrich Blumenbach, autor do livro *De generis humani varietate nativa* (1775-1776). Blumenbach criou uma escala racial, na qual figurava, no topo, o tipo caucasiano, para ele, “a mais bela raça de homens”⁴⁵.

Essa linha de pensamento racialista colocava a geografia e a biologia como fator de constituição racial. A idéia vigente era de que o branco europeu, por sua “superioridade racial”, esmagaria os elementos negro e índio. A partir de 1850, quando ficou evidente que a escravidão não perduraria, a elite branca brasileira transformou a imigração numa política pública de “branqueamento”. A entrada de negros seria vetada; a de brancos, estimulada.

“A idéia de ‘embranquecimento’ foi elaborada por um orgulho nacional ferido, assaltado por dúvidas e desconfianças a respeito do seu gênio industrial, econômico e civilizatório. Foi, antes de tudo, uma maneira de racionalizar os sentimentos de inferioridade racial e cultural instilados pelo racismo científico e pelo determinismo geográfico do século XIX”, assinala Antonio Sérgio Alfredo Guimarães⁴⁶.

Segundo Lesser, contudo, o fluxo de migração de outras regiões, acompanhado pelas transformações econômicas e sociais, reordenaria as populações de grandes áreas

⁴⁴ Ver Arjun Appadurai, “Soberania sem territorialidade: Notas para uma geografia pós-nacional”, *Novos Estudos / Cebap*, n. 49, novembro de 1997 (trad. Heloísa Buarque de Hollanda), op. cit., e também *Modernity at large*, University of Minnesota Press, e “*Global ethnoscapas: Notes and queries for a transnational anthropology*”, em *Recapturing anthropology*. Santa Fé: School of American Research Press, 1991.

⁴⁵ Para essa discussão, valho-me principalmente do trabalho de Jeffrey Lesser, *A negociação da identidade nacional*.

⁴⁶ Ver *Racismo e anti-racismo no Brasil*, p. 50.

brasileiras. Os “imigrantes desafiavam os conceitos simplistas de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade. Todos os 4,55 milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre 1872 e 1949 trouxeram consigo uma cultura pré-migratória e criaram novas identidades étnicas”. Para o pesquisador, os 400 mil asiáticos, árabes e judeus, considerados não-brancos e não-negros, foram os que mais embaralharam as idéias da elite sobre identidade nacional⁴⁷.

Com a proclamação da República, em 1889, um dos primeiros decretos do novo governo foi o veto à entrada de asiáticos — uma resposta à crescente “importação” de trabalhadores livres chineses — e africanos. Mas o problema de falta de mão-de-obra persistia e seria objeto de políticas eventuais de Estado para estimular a imigração de não-negros.

Os conflitos territoriais, étnicos, políticos e religiosos ligados à reordenação dos Estados-nação fizeram do século 20, não apenas o século da guerra industrializada, mas também o século das diásporas. Centenas de milhões de seres humanos migraram em busca de refúgio contra a intolerância ou à procura de melhores oportunidades. Árabes e judeus entrariam em grande número no Brasil identificando-se como turcos, já que o governo brasileiro mantinha relações comerciais e diplomáticas com a Turquia, mas não com diversos outros países do Oriente Médio. Com o tempo, como mostra Lesser, seria construída pelos árabes uma identidade sírio-libanesa, hifenizada, que ajudaria na integração desta comunidade à identidade brasileira em processo de construção.

Os imigrantes estabeleceriam relações sociais dos mais diversos tipos, alternando estratégias de assimilação (tentando apagar as marcas identitárias trazidas do estrangeiro) e de aculturação (inserção na sociedade, mediante a negociação de uma identidade híbrida, mas conservando elementos da cultura de origem), para usar expressões emprestadas da antropologia.

⁴⁷ Lesser, op. cit., p. 25. Guimarães prefere o termo “raça” para tratar do racismo, descartando “etnia” por considerá-lo excessivamente abrangente. Preferimos o uso de “etnia”, posto que, como veremos adiante, esta é socialmente construída, e não intrínseca ao indivíduo. O conceito de “negro”, por exemplo, abarca diversas etnias de origem africana, muitas delas francamente hostis entre si, devido a fatores históricos, religiosos ou sociais. Além disso, estudos recentes sobre o genoma humano comprovaram que as raças são mitos: a variação genética é tão pequena que devemos, obrigatoriamente, tratar a humanidade como uma única espécie, apesar dos fenótipos diversos encontrados mundo afora.

Uma análise da história recente das migrações mostra que não há padrões claramente discerníveis para a integração de populações que enfrentaram diásporas. Em linhas gerais, no entanto, é possível perceber que três caminhos predominam.

- As populações migrantes se integram à sociedade local, incorporando parte de seus traços e adicionando elementos de sua própria cultura — muitas vezes, como milhares de italianos e japoneses (principalmente nos anos 30) em São Paulo e portugueses no Rio de Janeiro, a integração leva diversas gerações, variando de acordo com características próprias de cada núcleo familiar e de seu grau de abertura ao novo ambiente.
- As populações migrantes se integram à sociedade local, deixando de lado sua própria cultura e negociando uma nova identidade — no início dos anos 90, muitos dos exilados econômicos do governo Collor foram para os Estados Unidos, onde buscaram se integrar de modo a passar despercebidos; passaram a vestir-se como americanos médios e tentavam falar com o mínimo de sotaque, buscando distância da colônia brasileira já estabelecida⁴⁸.
- As populações migrantes transportam sua cultura para outro território, integrando-se minimamente à sociedade local e buscando a “preservação” de sua cultura — muitos ciganos, judeus, japoneses, chineses, armênios, ucranianos, alemães e outros grupos étnicos vivem hoje no Brasil, em comunidades mais ou menos isoladas, mantendo parte de suas tradições; no Sul, há cidades em que são falados dialetos alemães do século 19 e as marcas culturais vão sofrendo desenvolvimentos singulares, com o processo de encerramento em microcosmos identitários.

Em todos os casos citados, a integração dependerá tanto das populações migrantes (e de sua própria capacidade de aceitar as diferenças culturais e negociar) quanto da sociedade local (seu grau de abertura ao Outro, sua história cultural e outras variáveis).

⁴⁸ Não há números exatos sobre a migração de brasileiros no período, mas as estimativas giram em torno de 300 mil emigrações no período logo após o Plano Collor, que confiscou a poupança da população e foi responsável por uma profunda recessão econômica. Em 2000, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 1,9 milhão de brasileiros viviam legalmente em 30 países no exterior. A maioria nos Estados Unidos (799.203), no Paraguai (454.501) e no Japão (224.970). Ver Luciana Nunes Leal, “1,9 milhão de brasileiros vivem no exterior”, *O Estado de S. Paulo*, 30 de dezembro de 2003, p. A7. Não há estimativas oficiais sobre os emigrantes em situação ilegal, mas relatos da imprensa mostram que a maioria busca os Estados Unidos. Ainda segundo o levantamento do IBGE, com base no Censo Demográfico de 2000, o Brasil era o quinto país mais populoso do planeta (169,799 milhões de habitantes) e abrigava 510 mil estrangeiros em situação regularizada, na maioria portugueses, (175.794), japoneses (52.496), italianos (43.718), espanhóis (35.809) e argentinos (20.823).

Mas, antes de tentarmos entender os mecanismos que levam à rejeição, à assimilação ou à agregação, precisamos aprofundar a questão da alteridade, que não passa apenas pela etnicidade.

O século 20, como falamos há pouco, foi pródigo em genocídios. A noção positivista, de que o mundo caminha numa espiral progressista, e a idealização de uma humanidade naturalmente propensa ao bem ruíram, abafadas pelo chauvinismo fratricida. Nazistas, stalinistas, seguidores do Khmer Vermelho, fundamentalistas religiosos — a mídia, e mesmo muitos acadêmicos, se dedicaram a tratá-los como monstros nas últimas décadas. Torná-los não-humanos é menos perturbador que afirmar sua banalidade, movida por uma lógica que defende sua identidade como *a* única adequada e que não admite a diferença.

Ao longo da segunda metade do século 20, as discussões em torno de identidade, da alteridade e da intolerância ganharam corpo. Muitas explicações foram buscadas, em geral economicistas e políticas, mas poucos foram os que se dedicaram a analisar as raízes da intolerância que levou às tragédias dos campos de extermínio. Vimos como os Estados modernos empreenderam sua retórica do isomorfismo, mas compreender os mecanismos precisos que deflagram o ódio numa população não é tarefa simples e nos obriga a embarcar numa jornada que engloba vários campos de conhecimento, das relações internacionais à filosofia moral, passando pela lingüística, pela comunicação, pela psicologia e até pela religião.

Stuart Hall, ao estudar a diferença e a identidade, vai buscar quatro vertentes de análise: duas delas com origem na lingüística, uma antropológica e a outra psicanalítica. Recorrendo a Saussure, o pesquisador britânico lembra que a diferença importa porque é essencial para o sentido, sem ela este não poderia existir. Sentido é sempre relativo a algo. Daí as oposições binárias preto-branco, homem-mulher, nacional-estrangeiro etc.

Ainda no terreno da linguagem, mas desta vez se utilizando das teorias do russo Mikhail Bakhtin, Hall mostra que só podemos construir sentidos através do diálogo com o Outro. Por isso, o que alguém entende por “britânico” ou “russo”, por exemplo, não é jamais algo fixo, mas sempre algo negociado, construído no diálogo entre indivíduos.

Na vertente antropológica, a argumentação caminha na direção de que a atribuição dos sentidos se dá mediante sua inserção num sistema classificatório. “A marcação da diferença

é, portanto, a base de uma ordem simbólica que nós chamamos de cultura.⁴⁹ Os problemas surgem, como aponta Mary Douglas, quando algo não se encaixa numa categoria discernível para um determinado sistema classificatório. No que ela chama de “culturas estáveis”, coisas fora do lugar devem, portanto, ser eliminadas, jogadas fora. Para Kristeva, o recuo de muitas culturas em direção ao “encerramento” diante de estrangeiros, intrusos, imigrantes e “outros” em geral é parte desse mesmo processo de “purificação”⁵⁰.

A quarta explanação se refere ao papel da diferença no aspecto psicológico de nossas vidas. “O argumento aqui é que o Outro é fundamental para a constituição do Eu, para nós como sujeitos, e para a identidade sexual”, aponta Hall, recorrendo a Freud e seus estudos sobre os complexos de Édipo e Elektra, além de Lacan e seus sucessores. Embora algo redutoras, estas noções são complementares e se apresentam como pistas de um processo histórico, de formação do que entendemos hoje como *self*.

A diferença é, portanto, “ambivalente”: pode ser tanto positiva quanto negativa. É necessária para a produção de sentido, a formação da linguagem e da cultura, as identidades sociais, e ao mesmo tempo ameaçadora, um espaço para hostilidades no campo do discurso ou mesmo de agressões concretas contra o Outro.

Para a psicanalista Míriam Chnaiderman, há um lugar-comum segundo o qual “a questão atual do mundo é a dificuldade de conviver com a diferença e aceitá-la, de suportar a alteridade”⁵¹. Citando pensadores como Sibony, ela discorda e afirma que “a intolerância não é a dificuldade de suportar o outro (como a diferença), mas surge quando não se consegue ver o outro como outro”. Ela lembra ainda um artigo de Luiz Nazário, do Centro de Estudos Judaicos, publicado no *Jornal da USP*, em que o pesquisador vê três estágios de dificuldade de convivência, numa sociedade intolerante: o isolamento, o encarceramento e o extermínio da diferença.

Essa gradação remete diretamente às sociedades da tradição judaico-cristã. Há diversos trechos das escrituras bíblicas que ordenam toda uma série de sacrifícios para “expição” dos “pecados”, ou seja, a punição do desviante. No caso de lepra — que na *Bíblia* tem um sentido mais abrangente, referindo-se tanto a alergias como a doenças graves —, a prescrição é o isolamento, até que o sacerdote permita o retorno ao convívio social. Para

⁴⁹ Stuart Hall, “*The spectacle of the other*”, p. 236 e seguintes, em *Representation*.

⁵⁰ *Ibidem*.

delitos de certa gravidade, em que a oferta em sacrifício de algum animal ou o envio de um “bode expiatório” ao deserto não seja suficiente, o indivíduo deve ser encarcerado por período indeterminado. E, em situações extremas, a morte é a punição.

Nos três casos, há uma gradação nítida, na qual o indivíduo, que faz parte ou convive com a comunidade, perde temporária ou permanentemente o status de membro — de “nosso” irmão, pai, filho, primo, passa a ser “aquele” delinqüente, desviante, doente e, nos casos extremos, um “Outro desumanizado”, que não merece mais consideração e servirá de “exemplo”, para enquadrar os demais membros da comunidade a um dado código de conduta.

Esse sentimento de alteridade radical, em que o Outro deixa de ser humano aos olhos de um sujeito ou mesmo de uma comunidade, está na base de todas as religiões que têm como um de seus fundamentos a noção de “povo escolhido”. E este conceito, que perpassa grande parte das sociedades pré-modernas, vai ser reciclado com maior ou menor sucesso para amparar a construção retórica dos Estados-nação modernos.

Charles Taylor mostra, ao destrinchar as origens do expressivismo, a emergência da idéia da nação com uma “missão” ou um “destino”. Os românticos fizeram escola na Alemanha, onde autores como Herder reprocessaram as idéias de Rousseau e Shaftesbury sobre a voz interior e a reconexão com a natureza. Estes conceitos vão desaguar numa ênfase no sentimento (contra a razão despreendida), na reconstrução de um panteísmo focado na natureza (abrindo espaço, no século seguinte, para uma busca do esoterismo centrado num Oriente imaginado) e também na noção de que cada indivíduo é original e tem capacidade de expressão própria, algo bem mais abrangente do que a noção puritana de vocação.

Herder extrapolou o conceito de originalidade individual para as nações, na época preocupado em afirmar uma identidade alemã livre da influência francesa. Paradoxalmente, como vimos há pouco, esta mesma virada expressivista que transformou a criatividade artística num espaço privilegiado de construção de identidades nas sociedades modernas serviria à formação das mitologias características dos nacionalismos exacerbados. A chave destas ideologias chauvinistas seria a deturpação da noção de originalidade, identificando-a

⁵¹ Debate publicado na revista *Atrator estranho*, publicada pela ECA/USP, n. 34, p. 9.

com uma suposta unidade nacional, a partir de características étnicas, lingüísticas ou mesmo ideológicas, supostamente superior a todas as demais.

Giddens aponta a necessidade dos governantes de construir, ao longo do século 19, comunidades relativamente homogêneas, para impor ou tentar legitimar sua autoridade (processo no qual, décadas depois, o rádio teria papel de destaque, auxiliando na construção de um imaginário e de uma cultura “nacionais”). Daí a construção de toda uma historicidade, com seus mitos fundadores.

Geralmente, estes mitos surgem a partir de personagens reais que lutaram pela unificação de comunidades com pontos de afinidade, mas também nascem de heróis míticos, de batalhas imaginárias. Na Europa, é comum se encontrar uma guerra na origem de um Estado. Em nações que foram colônias em sua origem, o processo de construção dessa nacionalidade foi geralmente distinto, embora também calcado em mitos fundadores. Só que, em algumas destas ex-colônias, não havia mártires ou heróis modernos, sendo necessário recorrer a personagens pré-coloniais ou simplesmente criá-los do nada.

No Brasil, por exemplo, a deliberada intenção de remover da História oficial os resquícios monarquistas levou à produção de mitos fundadores como os inconfidentes mineiros. É neste cenário que Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, seria guindado ao posto de mártir da independência nacional, que só viria mais de um século depois. O verde e o amarelo da bandeira nacional, com a proclamação da República, passariam a ser relacionados ao verde das matas e ao reluzir do ouro das Gerais, quando inicialmente eram apenas as cores da Casa de Bragança.

Tratamos aqui da constituição das chamadas identidades, sejam elas nacionais, regionais ou mesmo locais. Nas últimas décadas, ganhou força o conceito de que a globalização vem abalando as estruturas destas identidades, homogeneizando a cultura e esvaziando as tradições. Não compramos esta versão.

Devemos lembrar que o próprio conceito de tradição é vago. Tradições são socialmente construídas, às vezes há muito menos tempo do que possamos imaginar. Não raro, coincidem com a consolidação dos Estados-nação modernos. John B. Thompson vê quatro aspectos no fenômeno: o hermenêutico (pressupostos de fundo, ou seja, um “conjunto de suposições aceitas-como-verdadeiras-sem-exame-prévio”), o normativo (práticas

“naturalizadas” que “devem” ser seguidas), o legitimador (que estabelece relações de poder e autoridade) e o identificador (do sentido de pertencimento)⁵².

As tradições, à medida que são socialmente estabelecidas, podem funcionar tanto como um espaço de contraposição às mudanças nos campos econômico, político e social, quanto reordenar a forma como nos posicionamos no mundo e na sociedade. Em sociedades mais abertas, em que os aspectos normativos e legitimadores não prevalecem sobre as mudanças, as tradições são permanentemente atualizadas. Assim, à luz da noção de originalidade dos povos, cria-se uma tradição nacional num determinado esporte ou numa manifestação artística.

Num mundo em permanente reordenação, as identidades emergem como projetos de construção do *self*. O indivíduo as estabelece a partir das tradições nas quais está imerso e das mediações exercidas pela família, pela escola, pela religião, pela comunicação e por diversas outras instâncias, inclusive o Estado. Estas identidades, portanto, não são fixas, como se imaginava décadas atrás. Um mesmo indivíduo pode, por exemplo, construir para si identidades múltiplas, encenando, em diferentes momentos de seu cotidiano, os papéis de pai, empresário, torcedor, adepto de uma religião e membro de um grupo de fãs de uma manifestação cultural (um estilo musical, um seriado de TV etc.).

Mas as identidades não são necessariamente tão fluidas. De acordo com a força das mediações estatal e comunicativa, pode-se estabelecer uma espécie de supra-identidade: uma identidade nacional, que enfileira indivíduos e segmentos sociais os mais diversos numa única sintonia. Em outros casos, as mediações fortalecem mais a construção de identidades regionais (como em áreas que reivindicam autonomia em relação ao Estado) ou mesmo locais (identificação com a cidade, com o bairro ou com o clube, por exemplo).

Estas identidades nacionais contemporâneas estão em constantes processos de negociação e recriação, acirrados com as descolonizações e o avanço das migrações, especialmente no século 20. Hall, ele mesmo jamaicano emigrado para a Inglaterra, cita como exemplo a construção de uma imaginária negritude caribenha, que está muito longe da homogeneidade que intelectuais da região tentam afirmar, embora os negros de lá tenham efetivamente raízes africanas.

⁵² Ver *A mídia e a modernidade*, op. cit., pp. 160-166.

“As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante. Longe de fixas eternamente em algum passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo *jogo* da história, da cultura e do poder. As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples *recuperação* do passado, que espera para ser descoberto e que, quando o for, há de garantir nossa percepção de nós mesmos pela eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado.”⁵³

Gilroy vai na mesma direção, mas separando níveis distintos de construção identitária:

“Identidade como igualdade pode ser distinguida de identidade como subjetividade porque parte da negociação de uma formação e uma localização dos sujeitos e de sua individualidade histórica para pensar sobre identidades coletivas e comunais: nações, gêneros, classes, gerações, grupos étnicos e ‘raciais’ (...) Linguagens faladas e escritas, memória, rituais e governança têm, todos eles, se mostrado importantes mecanismos produtores de identidade na formação e na reprodução da comunidade imaginada”⁵⁴.

Não podemos deixar em segundo plano também o fato de vivermos num mundo em constantes transformações, de velocidade acelerada pela industrialização e pelo encurtamento das distâncias via transportes de massa. Neste cenário, muitos indivíduos buscam em grupos de identidade, nacionais, regionais ou locais, uma espécie de refúgio, um sentido de pertencimento. Em casos de enfraquecimento da narrativa comunitária, estes sujeitos podem embarcar em retóricas de intolerância, de grupos que relacionam todas as dificuldades, ligadas a processos contemporâneos de desenraizamento, a um Outro estereotipado.

Este movimento fica mais evidente entre os jovens, que, à procura de afirmação individual, tornam-se propensos a desafiar autoridades familiares ou educacionais, adotando condutas socialmente desviantes — como a participação em grupos de delinquentes ligados a torcidas organizadas de futebol, como veremos mais adiante neste trabalho.

A pulsão pela exclusão do Outro é, portanto, algo socialmente construído e não apenas dirigido por governantes autocráticos oportunistas, como dita o senso comum. Assim, se um

⁵³ Stuart Hall, “Identidade cultural e diáspora”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996.

ditador afirma, publicamente, que homossexuais deveriam ser condenados à morte ou expulsos do país, como ocorreu recentemente na Namíbia, tal declaração funciona evidentemente como uma cortina de fumaça para problemas de ordem econômica, política, social, mas também encontra ressonância em segmentos da comunidade, que vêem então uma oportunidade de focar um Outro que lhes sirva, mesmo que de modo efêmero, para “expição”.

O racismo moderno surge como uma derivação do chauvinismo, uma particularização da questão nacional. Considerando-se a escala industrial do tráfico de escravos até meados do século 19, pode-se deduzir que se trata apenas de um discurso de legitimação da exploração de grupos étnicos militarmente subjugados, que seriam considerados inferiores.

Há mais, no entanto, do que interesses meramente mercantilistas. A emergência dos discursos de suposta base biológica, com destaque para a eugenia, mostra ora a intenção de estabelecer relações de poder, ora de legitimar a exploração, o encarceramento e mesmo a eliminação do Outro.

Mas nem tudo nos leva à beira do abismo da intolerância. Os mesmos mecanismos que podem levar à exclusão do Outro podem servir também para costurar o tecido social, limitando a oposição das diferenças ao campo simbólico e possibilitando o estabelecimento de comunidades imaginadas positivas, em constante negociação da alteridade.

Martín-Barbero lembra que o processo de formação dos Estados-nação modernos traria alterações profundas ao campo da cultura. Ao longo do século 19, ocorre “um deslocamento da legitimidade burguesa ‘de cima para dentro’, isto é, a passagem dos dispositivos de submissão aos de consenso”⁵⁴.

A oposição entre uma alta cultura, das elites, e uma cultura popular, de raízes folclóricas, começa a perder força, com a acelerada migração rumo aos centros urbanos e o surgimento de uma cultura de massa — que, para Martín-Barbero, bem como para Walter Benjamin e mais recentemente Edgar Morin, não deve ser pensada como perda de autenticidade, degradação cultural ou estratégia de dominação, mas sim como cultura em movimento.

⁵⁴ Paul Gilroy. *British cultural studies and the pitfalls of identity*, em James Conran, David Morley e Valerie Walkerdine, *Cultural studies and communications*, p. 40. Tradução nossa. Ver também, sobre o tema, Benedict Anderson, *Imagined communities*, Londres: Ed. Verso, 1983.

⁵⁵ Ver *Dos meios às mediações*, pp. 167-168.

Essa cultura híbrida vai se realimentar, no século 19, com a expansão da imprensa escrita, por meio dos folhetins e da moderna publicidade, que vão criar um “lugar” de consumo diferente das formas mais tradicionais.

“*Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto no que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demanda e aspirações de democratização social. E de massa será a chamada cultura popular. Isso porque no momento em que a cultura popular tender a converter-se em cultura de classe, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura de massa*”, explica Martín-Barbero.

“Sabemos que essa inversão vinha sendo gerada há muito tempo, mas ela não podia tornar-se efetiva senão quando, ao se transformarem as massas em classe, a cultura mudou de profissão e se converteu em espaço estratégico da hegemonia, passando a *mediar*, isto é, encobrir as diferenças e reconciliar os gostos. Os dispositivos da mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos *movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura*: uma sociabilidade que realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no *imaginário*, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída *acionando e deformando* ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e *integrando* ao mercado as novas demandas das massas”⁵⁶.

A imprensa e o futebol terão papel decisivo nesse processo. Ambos serão instrumentalizados por interesses diversos, que abrangem do Estado a segmentos intelectuais, para costurar uma nova identidade popular, ligada simultaneamente às nações então em formação e às novas relações urbanas (de bairro, cidade, classes sociais). Clubes tornam-se um novo espaço de expressão, em que se imbricam o público e o privado — algumas instituições, mais aristocráticas, resistem à nova modalidade esportiva ou tentam mantê-la na esfera de distinção dos *gentlemen* (cavalheiros); outras angariam maior popularidade, embora isto não se traduza necessariamente em um maior número de sócios.

O futebol e a mídia têm, assim, a dupla capacidade de forjar consensos no âmbito do imaginário coletivo e também profundos dissensos, acirrando rivalidades locais, regionais, nacionais e mesmo religiosas, que muitas vezes não podem ser solucionadas no campo simbólico e acabando desencadeando conflitos reais. Ao longo dos próximos capítulos, veremos os discursos que vão mediar estas relações sociais, especialmente no Brasil. Antes, contudo, vamos mapear a história da normatização do futebol, que nos será útil para explicitar as ambiguidades e a influência social, cultural e mesmo política do esporte.

Identities, como vimos há pouco, são socialmente construídas. Neste processo, inventa-se uma tradição, seja ela nacional, regional ou mesmo local, costurando-se diversos símbolos e práticas culturais⁵⁷. Com isso, constitui-se uma comunidade de fronteiras e práticas sociais imaginadas e partilhadas por um determinado número de participantes; uma abstração que ganha coerência e, eventualmente, se desenvolve em direções inusitadas, com desdobramentos políticos e culturais.

A normatização do futebol coincide com a reordenação de diversas fronteiras nacionais. A necessidade de afirmação dos novos Estados-nação passará, portanto, pela constituição de imaginários nacionais (ou regionais), em oposição ao dos vizinhos. Neste aspecto, o esporte terá papel preponderante, operando como um teatro das nacionalidades emergentes, ao menos em tempos de paz. Não será coincidência que, ao fim do século 19, em meio às tensões entre nações com ambições imperialistas, sejam promovidas as primeiras Olimpíadas da era moderna.

Os gramados seriam palco dos confrontos entre identidades nacionais, inicialmente, por meio de torneios regionais, e posteriormente continentais. No Brasil, seleções estaduais seriam formadas para competições que teriam a dupla função de extravasar rivalidades e de consolidar a idéia de uma nacionalidade comum. Torneios como o Rio-São Paulo levariam as rivalidades estaduais ao nível dos clubes, atraindo ainda mais os torcedores. Paralelamente, surgiriam campeonatos sul-americanos, reunindo ora seleções nacionais, ora times de prestígio de países da região.

⁵⁶ Idem, p. 169.

⁵⁷ Sobre o tema, ver também Hobsbawn e Ranger, *The invention of tradition*.

Mas, antes de analisar essa proliferação de torneios, devemos nos deter nas origens do esporte, que ainda têm muito a nos dizer, especialmente em relação às construções míticas usadas na “fundação retórica” das identidades.

Diferentemente do que defendem diversos pesquisadores, a origem do futebol não deve ser atribuída aos clubes sociais do século 19. Seu nascimento estaria ligado diretamente a uma política educacional britânica, de íntima relação com os interesses do Estado.

Giulianotti aponta o combate às revoltas estudantis no início do século 19 na Grã-Bretanha como um dos catalisadores para a introdução do esporte moderno no âmbito escolar. Em 1828, Thomas Arnold, diretor de uma escola de elite da cidade inglesa de Rugby, adotaria um conceito de educação física que rapidamente se disseminaria por todo o país.

“Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*. Os novos ‘cavalheiros cristãos’ deveriam manter a ordem política e econômica no lar e, mais tarde, dar sustentação à expansão do império (*britânico*) no exterior”⁵⁸.

O jogo de bola, que tinha raízes medievais e antes era disputado principalmente durante o carnaval, ganhava regras e regulamentos, tornando-se uma extensão da formação dos embaixadores do império britânico mundo afora. Em 1854, uma cisão entre jovens universitários deu origem a dois esportes distintos. Os estudantes de Harrow proibiram os pontapés e o uso das mãos (exceto para o goleiro). Tempos depois, em 1863, com a adesão de Cambridge, fundariam a Associação de Futebol, entidade que organizaria, em 1872, o primeiro torneio entre escolas inglesas. Reza a lenda que os times foram padronizados com 11 jogadores devido ao time de Cambridge, formado por 10 alunos e um bedel. Antes, o número de participantes era flutuante, muitas vezes com intervenção direta de espectadores nas partidas.

Do outro lado, ficaram os alunos de Rugby, que formalizariam as regras do esporte homônimo, embrião do futebol americano e ainda hoje um esporte popular em ex-colônias britânicas.

Em 1877, as regras do futebol foram estabelecidas de modo simples e detalhado. O jogo se firmava em toda a Grã-Bretanha. Em 1880, os ingleses já contavam com três

⁵⁸ Giulianotti, *Sociologia do futebol*, p. 18. Sobre o período, ver também John Hargreaves, *Sport, power and culture*, Cambridge: Polity Ed., 1986.

jornais esportivos de circulação nacional — *Sporting Life*, *Sporting Chronicle* e *Athletic News* —, que ajudariam na disseminação da nova modalidade. Em 1888, a média de público nas partidas era de 4.600, saltando para 13.200 na virada do século e 23.100, às vésperas da Primeira Guerra Mundial. O futebol vinha preencher uma lacuna no lazer da população, em grande parte desenraizada de suas origens rurais e empurrada para as cidades pelo processo de industrialização acelerada. Segundo Hutchinson⁵⁹, essa massa de trabalhadores, que antes passava o tempo em brigas de galos, adestramento de cães de caça, apostas e jogos de bola “primitivos” será o principal público nos primórdios do futebol organizado, para alívio das autoridades municipais, ávidas por impor uma ordem moralizante e evitar diversões “incivilizadas”.

Embora fosse esporte de “cavalheiros”, ou mais precisamente de jovens estudantes submetidos a um rígido código disciplinador, o futebol logo conquistou a massa turbulenta, não apenas na Grã-Bretanha, mas também no continente europeu, nas colônias além-mar e em países com os quais os ingleses mantinham estreitas relações comerciais. Estudantes levariam de volta para suas casas, nos quatro cantos do planeta, livros de regras e uniformes, disseminando o jogo — caso de Suíça, Holanda, Escandinávia. Escolas inglesas ajudariam a levar o esporte à Alemanha e à Rússia. Marinheiros disputariam as primeiras partidas em territórios espanhol, italiano e brasileiro. Migrantes estenderiam as pelezas à Hungria, à Áustria, à França, à Argentina e ao Uruguai.

Na versão mais amplamente difundida, o Brasil teria contado com o pioneirismo decisivo de Charles Miller, um brasileiro filho de escocês⁶⁰. De fato, Miller foi responsável direto por uma transição do jogo de colégio para o dos clubes de elite de então. Santos Neto esvazia o mito do “pai do futebol no Brasil” e levanta hipóteses plausíveis:

“Várias hipóteses podem explicar a origem do mito segundo o qual Miller seria, além de grande craque e divulgador pioneiro, ‘pai’ do futebol entre nós. A primeira diz respeito à inserção dos jogos entre clubes de elite nos jornais paulistas. Obviamente, enquanto foi uma atividade recreativa restrita a colégios, o futebol não mereceu qualquer atenção da

⁵⁹ J. Hutchinson, *The football industry*, Glasgow: Richard Drew Ed., 1982. Apud Giulianotti.

⁶⁰ Miller, jovem paulistano, trouxe na bagagem, em 1894, após estudar na Inglaterra, duas bolas de couro, chuteiras, calções e camisas, sendo aclamado como responsável pela introdução do esporte no país. Mas há quem aponte que, já entre 1875 e 1876, ingleses disputavam animadas partidas no Rio de Janeiro, bem como informações de que o esporte já era praticado na década de 1880 em colégios jesuítas

imprensa. Além disso, deve-se ter em conta a força cultural desses grupos socialmente dominantes, contumazes inventores de tradições, bem como o fato de os primeiros arquivos sistematizados serem provenientes dos clubes e das ligas que os reuniam⁶¹.

Os fatos de Miller ter bom trânsito na imprensa paulista e de o esporte emergir como novo fator de distinção, por suas raízes européias, contudo, não explicam por que o futebol se disseminaria com tamanha velocidade. A resposta mais corriqueira assinala que, em todo o mundo, ecoava a revolução industrial e os novos trabalhadores, desenraizados e propensos a rebeliões, eram compelidos aos estádios numa ampla estratégia de monitoramento orquestrada pelos poderes constituídos. Giulianotti foge dessa explicação, lembrando que, em cada país, o moderno futebol remetia a jogos tradicionais, como o *cad celta*, o *calcio* italiano, o *soule* francês. Além disso, o Estado ainda carecia de mecanismos sofisticados de controle para atribuímos a popularização do esporte a uma “manipulação das massas” — noção que decididamente não encampamos neste trabalho.

Mais do que atualizar práticas centenárias, o futebol moderno parece se organizar pelo contraste, afirmando identidades locais, regionais e, por último, nacionais. Os clubes vão se estruturar inicialmente em nível municipal, atraindo públicos específicos, por vezes claramente identificados com um bairro ou uma região da cidade. Nos grandes centros do esporte, as questões da alteridade, muitas delas anteriores à própria prática esportiva, se manifestam claramente, seja em termos de classe, políticos, étnicos ou religiosos.

Em Londres, por exemplo, Arsenal e Tottenham tornaram-se hegemônicos na área Norte, enquanto West Ham e Millwall atraem principalmente os trabalhadores da área Leste. Em Glasgow, o Celtic foi criado para dar voz à colônia irlandesa (católica) na Escócia, enquanto os Rangers assumiriam uma identidade nacionalista, anticatólica — o confronto entre os dois clubes, chamado “clássico” no jargão futebolístico, seria batizado de Old Firm⁶². Em Roma, a Lazio capitaliza a simpatia dos torcedores da periferia e da zona rural, enquanto a Roma tem raízes na área urbana central. Em Milão, a Internazionale

de São Paulo (mais precisamente em Itu e Itaici) e do Rio de Janeiro. Ver Aquino, *Futebol, uma paixão nacional*, pp. 24-26, e Santos Neto, *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*, pp. 27-37.

⁶¹ Santos Neto, op. cit. pp. 30-32.

⁶² Em excursão para uma série de jogos amistosos pelos Estados Unidos, nos primórdios do esporte, os dirigentes do Celtic exigiram a execução do hino irlandês, e não do escocês. Agostino, *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, pp. 25-27. A rivalidade era tamanha que só em 1989, após mais de um século, os Rangers contrataram o primeiro jogador católico de sua história, Maurice

representa o centro da cidade, enquanto o Milan tem maior penetração nos subúrbios operários.

No Rio de Janeiro, caso raro, consolidaram-se quatro clubes de torcida expressiva. O Flamengo, mais ligado às classes populares, o Fluminense, de raízes mais aristocráticas, o Botafogo, ímã de contestadores, intelectuais e supersticiosos — estes três nascidos na Zona Sul —, e o Vasco, da colônia portuguesa e dos subúrbios. São Paulo também não fica muito atrás, com três times de grande torcida — Corinthians (mais popular), São Paulo (classe média) e Palmeiras (originalmente da colônia italiana) —, assim como Recife, com Sport, Náutico e Santa Cruz, e Curitiba, com Atlético Paranaense, Coritiba e Paraná Clube dividindo as atenções dos torcedores⁶³. Há rivalidades também entre cidades (times do Rio e de São Paulo) e regiões (equipes do Sul, onde há forte identidade regional, em relação ao resto do país).

Em nações européias, onde times construíram hegemonias no coração e nas mentes das torcidas locais, também há oposições entre grandes cidades de uma mesma nação. Casos de Portugal (Benfica x Porto), Holanda (Ajax x Feyenoord) e Espanha (Real Madrid x Barcelona).

O que está em jogo numa partida de futebol, portanto, é muito mais do que os três pontos da vitória; é a honra do bairro, da cidade, do país. Evidentemente, este aspecto competitivo se molda como uma luva às características sociais de países capitalistas modernos — nos países do bloco socialista, como veremos mais adiante, o esporte funcionou muitas vezes como instrumento de pacificação interna e de propaganda externa dos regimes.

A alteridade por oposição é sempre socialmente construída. Em tribos indígenas brasileiras onde o futebol foi introduzido, as regras do jogo foram adaptadas inicialmente para que todas as partidas acabassem empatadas, visto que, culturalmente, nenhum time se sentia confortável em sobrepujar o outro, encenando um ritual de igualdade e não de diferença.

Johnston. Ver Antonio Missiroli, “*European football culture and their integration: The ‘short’ twentieth century*”, em *Culture, Sport, Society*, n. 1, primavera de 2002, pp. 1-20.

⁶³ Outras capitais brasileiras mantêm oposições binárias, como em Porto Alegre (Grêmio e Internacional), Salvador (Bahia e Vitória), Belo Horizonte (Atlético e Cruzeiro), Belém (Paysandu e Remo). Em alguns estados, times de fora das capitais ganharam projeção, caso do Santos (de São Paulo), que se tornaria

Na outra face da moeda, países que passaram por processos de modernização tardia realizaram outros tipos de adaptação às regras do esporte. No Japão, por exemplo, nos primórdios da liga nacional, o empate não era tolerado. Um dos times, necessariamente, tinha que ganhar a disputa e, para isso, foi instituída cobrança de pênaltis sempre que o placar persistisse em apontar o equilíbrio⁶⁴.

Há sinais também de que o futebol invade o campo da religião, em alguns casos preenchendo a lacuna de experiências místicas de torcedores desenraizados. Não há regras claras nesse terreno, mas há relatos na crônica esportiva que remetem ao êxtase religioso, seja pela congregação de milhares de torcedores num momento favorável a seus times num grande estádio, seja pela experiência mediada via TV ou mesmo via rádio.

Além disso, jogadores alimentam essa fonte de identidade exercendo suas próprias religiosidades como marcas de conduta. Caso dos Atletas de Cristo, no Brasil, grupo que reúne jogadores evangélicos, alguns com passagens pela seleção nacional. Não são raros os que seguem o sacerdócio ao final de suas carreiras. Foi o que aconteceu com o atacante Muller (titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 90), que trocava os gramados pelo púlpito, exercendo nova atividade profissional, como pastor protestante.

As críticas intelectuais mais recorrentes ao futebol, disseminadas particularmente entre os anos 60 e 70, são de que o esporte se tornou ópio do povo, instrumento de dominação política e desorganização social. Efetivamente, o jogo serviu a interesses diversos, mas nos parece claro reducionismo traduzir a questão nestes termos. Se seleções nacionais serviram a ditaduras, outras instilaram desejos de mudança na sociedade, operando como catalisadores de identidades sufocadas por regimes totalitaristas. Há casos de clubes que aglutinaram e potencializaram resistências políticas, contrapondo-se a outros patrocinados pelo poder estabelecido⁶⁵.

um dos mais famosos clubes de todos os tempos, graças a Pelé e aos títulos conquistados principalmente nos anos 60.

⁶⁴ O futebol nunca foi o primeiro esporte na preferência dos japoneses, talvez porque sua introdução no país esteja ligada à criação de equipes por conglomerados industriais, e não por clubes sociais. No Japão, o sumô, modalidade de luta estreitamente relacionada à constituição da identidade nacional, é a principal atividade esportiva. Mesmo assim, o futebol japonês movimentou cifras milionárias e atrai craques de todo o mundo, muitas vezes em vias de aposentadoria. O país chegou a sediar, em conjunto com a Coreia do Sul, a Copa do Mundo de 2002.

⁶⁵ O Spartak, de Moscou, representou durante anos a crítica ao regime comunista, em oposição ao Dínamo (patrocinado pela KGB, o serviço secreto soviético), o CDKA (rebatizado CSKA, ligado ao Exército Vermelho), o Lokomotif (Ministério das Ferrovias) e o Torpedo (indústrias automobilísticas estatais). Na Hungria, o Honved, de Budapeste, embora reunisse uma constelação de craques,

A relação entre torcedores e clubes ou seleções nacionais e as construções retóricas que as permeiam, a despeito do preconceito com que o tema é tratado nos meios acadêmicos, podem nos dizer mais sobre uma sociedade do que muitas fontes historiográficas convencionais.

A seguir, vamos tentar mapear como se formulou esta “paixão nacional”, recorrendo aos cronistas da chamada era clássica do futebol, sempre traçando paralelos com o desenvolvimento do esporte no exterior.

principalmente nos anos 50, era alvo de torcedores contrários ao regime comunista. Sobre o futebol húngaro e sua relação estreita com a política de Estado, ver Taylor e Jamrich, *Puskas, uma lenda do futebol*.

A era clássica: mídia impressa e o discurso racial

A partir da normatização do esporte, surge a maior parte dos grandes clubes ainda hoje existentes. A documentação sobre o período é limitada, mas tentaremos estabelecer a cronologia da instalação do jogo, especialmente no Rio de Janeiro, então capital federal, e em São Paulo, a partir dos relatos de historiadores e cronistas da época.

Herschmann e Lerner lembram que na virada do século 19 para o século 20, o Rio vivia sua versão tropical da *Belle Époque*, em que a cidade pelejava contra o incômodo passado recente de monarquia escravocrata. A abolição viera tardiamente, só em 1888, e a República, no ano seguinte. Na visão da elite local, era preciso construir um novo Rio, de feições européias, cujo modelo seria Paris. Este projeto, configurado no período que viria a ser conhecido como Velha República, tinha caráter etnocêntrico, autoritário e contraditório, amparando-se nas oligarquias rurais e buscando alijar do convívio social a nascente população de trabalhadores urbanos, fossem eles escravos libertos ou não.

“Assim, como parte da ‘regeneração’ do homem brasileiro, procurou-se melhorar a imagem do Rio de Janeiro. Era preciso criar um modelo físico, concreto, no qual a sociedade se espelhasse. Era preciso ‘intervir’ para ‘regenerar’, deixar para trás a ‘cidade indígena’ e erigir uma cidade ‘civilizada’ à européia”⁶⁶.

No Brasil republicano pós-1889, o modo de vida aristocrático dos tempos do Império daria lugar, não à cultura do trabalho, mas sim à do especialista. Cresce o status dos doutores, dos bacharéis (médicos, engenheiros), e segue em baixa o dos trabalhadores. O baixo valor de distinção da emergente classe operária se reforçaria por meio de uma série de reformas arquitetônicas (que expulsaria do Centro da cidade as camadas mais pobres da população), sanitárias e educacionais.

De 1902 a 1906, durante o governo Rodrigues Alves, a Prefeitura do Rio de Janeiro foi entregue a Francisco Pereira Passos, que empreendeu a chamada Regeneração, popularmente apelidada de Bota-Abaixo. Milhares de habitações populares foram

⁶⁶ Ver Herschmann e Lerner, *Lance de sorte, o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*, p. 29.

demolidas para dar lugar a amplas avenidas. Seus moradores seriam empurrados para bairros distantes ou buscariam refúgio nos morros.

Há quem acredite que os terrenos baldios inicialmente deixados pelas obras de Pereira Passos foram fundamentais para a disseminação da prática do futebol entre as camadas mais pobres da população. Esta versão não se sustenta, embora os campos de várzea tenham tido papel importante na democratização do esporte. Parece mais verossímil a noção de que, no processo de redesenho urbano, práticas culturais antes populares tiveram seu raio de ação subitamente reduzido.

Joel Rufino dos Santos atribui parte do avanço do futebol aos desdobramentos da Revolta da Vacina, em 1904, quando o governo determinou a inoculação de toda a população carioca contra a varíola. Os violentos protestos deflagrados foram liderados, em vários bairros, por conhecidos capoeiristas. Muitos acabariam na cadeia, e suas maltas, desarticuladas.

“Quem venceu esta rebelião de 1904? O futebol. Atribuindo o comando da rebelião aos capoeiristas, a polícia matou a capoeira, que reinava absoluta desde o século anterior — o Rio dividia-se em ‘maltas’, com suas cores e insígnias, como mais tarde nos times de futebol e escolas de samba (capoeiristas como o Boca-Negra, o Cá-te-espere, o Trinca-Espinhas, o Cabeleira, o Lindinho da Saúde foram os primeiros ídolos da cidade). O que restou para aquela gente? A bola, nos terrenos baldios que a remodelação da cidade oferecia. Diversas maltas se transformaram em times de futebol”⁶⁷.

Paralelamente à perseguição policial empreendida contra a capoeira, jornais e revistas, voltados particularmente para o público de elite, davam crescente espaço a atividades esportivas européias, consideradas mais “civilizadas”. Em 1896, a cultura esportiva havia ganhado forte impulso, com a realização dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, na Grécia. Consolidava-se a cultura dos *sportsmen*, inicialmente focada nos colégios das elites⁶⁸ e nos clubes de remo.

“Os jornais falavam mais de remo. Dedicavam uma página inteira para o *rowing* em dia de regata. Nesse dia não havia lugar para o noticiário do futebol, sempre mais escasso,

⁶⁷ Ver Santos, *História política do futebol brasileiro*, pp. 25 e 26.

⁶⁸ Já em 1882, o então deputado Rui Barbosa, a pedido do imperador Pedro 2º, remodelou parcialmente o sistema educacional com a meta de reduzir o analfabetismo (que atingia mais de 80% da população),

espremido, numa coluna. Nada de manchetes, de crônicas, de fotografias”, descreve Mario Filho. “O fotógrafo da *Revista da Semana* ou da *Careta*, quando ia a um campo de futebol, era para bater um grupo de moças. De time, só encomendando, como uma fotografia de formatura”⁶⁹.

Mas o jogo não demoraria a virar para a turma da bola. Clubes das colônias inglesa, italiana e alemã foram fundados no rastro da crescente imigração e surgiam como espaços privilegiados para reprodução do *football*, antes limitado às peladas entre marinheiros de passagem pelo Rio de Janeiro e outras cidades portuárias, além das partidas recreativas em colégios da elite nacional. No Rio, Paissandu e Rio Cricket promoviam *matches*, com suas escalações repletas de Murrays, Pullens, Robinsons e outros sobrenomes britânicos, já fim do século 19. A maioria, *old boys* oriundos de escolas inglesas onde o esporte era praticado há anos. Brasileiros, desde que *gentlemen* reconhecidos, completavam os *teams*.

O jornalista e escritor Paulo Barreto, o João do Rio, retrata o crescente interesse pelo futebol, já em 1905 — não sem certa ironia:

“Não há dúvida. Há vinte anos a mocidade carioca não sentia a necessidade urgente de desenvolver os músculos. Os meninos dedicavam-se ao ‘esporte’ de fazer versos maus. Eram todos poetas aos quinze anos e usavam lunetas de míope. De um único exercício se cuidava então: a capoeiragem. Mas a arte de revirar rabos-de-raia e pregar cabeçadas era exclusiva de uma classe inferior. Depois a moda trouxe aos poucos hábitos de outras terras. (...) O futebol (...) se preparava agora para absorver todas as atenções (...) A mocidade (...) fala só de *matches* de futebol, de *goals*, de chutes, em uma algaravia técnica, de que resultam palavras inteiramente novas no nosso vocabulário”⁷⁰.

O jargão futebolístico, todo em inglês, irritaria parte da intelectualidade da época, que formaria, em 1919, uma Liga Contra o Futebol. Entre seus fundadores, figurava o escritor Lima Barreto, mulato, pobre, nascido no subúrbio, que considerava o esporte bretão “filho

instituindo a educação física com atividades ao ar livre e introduzindo o conceito de formação não apenas intelectual, mas também desportiva. Ver Santos Neto, op. cit., pp. 13-15.

⁶⁹ Ver Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, p. 48. O autor lembra o grande status do remo na época e cita como exemplo o deslumbramento de Olavo Bilac, em 1890, com a vitória de Vesper, um quatro com patrão do Botafogo de Regatas. O poeta remete o feito dos remadores a uma épica batalha da Grécia antiga: “Meninos! foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina!” O remo, de fato, exige treinamento duro e proporciona privilegiada condição atlética a seus praticantes, diferentemente do futebol, que, nos seus primórdios, podia ser praticado virtualmente por qualquer um.

⁷⁰ Crônica publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, em 26 de junho de 1905, apud Aquino, op. cit., p. 33.

do imperialismo”, trazido por “rubicundos caixeiros de bancos ingleses, ali, da Rua da Candelária e arredores”⁷¹.

Não era um completo exagero. Até os anos 20, os clubes, incluindo os de maior prestígio fundados por brasileiros, trataram de fazer sua parte no processo de exclusão social das camadas menos favorecidas da população. Negros, nos times principais, não tinham vez, a menos que integrassem a elite socioeconômica local, com direito a todos os sinais de distinção requeridos. Futebol era jogo para cavalheiros, amadores-amantes do esporte, gente de amplos recursos financeiros e “boas famílias”, de preferência estudantes de Direito ou Medicina.

O linguajar futebolístico, repleto de expressões inglesas que tanto incomodavam Lima Barreto, seria deglutido aos poucos nos campos de pelada. *Football* viraria futebol, *goal* viraria gol; *goalkeeper*, goleiro; *fullback*, beque; *centerforward*, centrefô, e depois centroavante; *referee*, refe, e depois simplesmente juiz; *linesman*, bandeirinha. Mas, na época de Lima Barreto, jogador ainda se desculpava de uma *foul* (falta) oferecendo *apologies* (desculpas).

A própria expressão “torcedor” surge com a tropicalização de um gesto para lá de aristocrático: os simpatizantes de um time levavam lenços para os estádios e, com o calor, enxugavam-se e torciam os panos — o que, é claro, se tornaria um cacoete, sintoma de tensão diante do desenrolar da partida.

Os principais clubes nascerão como ilustres representantes da elite carioca de então, à exceção do The Bangu Athletic Club, cujo time seria formado por operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, fábrica de tecidos instalada na proletária Zona Oeste do Rio⁷².

O Fluminense nasceria pelas mãos de Oscar Cox, que, apesar do nome, era carioca. Seus sócios na empreitada seriam jovens grã-finos do bairro das Laranjeiras, Zona Sul do Rio. Como o Botafogo, que foi formado em oposição ao Fluminense, por rapazes de alto poder aquisitivo, em torno do campo da praça do Largo dos Leões, na divisa com o bairro vizinho do Humaitá.

⁷¹ Ver Aquino, op. cit., p. 34.

⁷² O Bangu foi fundado por sete ingleses, um italiano e um brasileiro (branco). Negros conquistariam vaga no time rapidamente, segundo Mario Filho, desde que demonstrassem igual habilidade com a bola nos pés e no trabalho na fábrica.

O Flamengo viria mais tarde, fruto de uma dissidência que levou à saída de quase todo o time principal do Fluminense⁷³. Os três times, vizinhos e aristocráticos, se revezariam como campeões durante os primeiros anos de campeonato do Rio, a partir de 1906. Nas arquibancadas, moças de família, de vestidos longos e elegantes chapéus ornados por flores, frutas ou plumas, saudando os finos jogadores com acenos de lenços bordados.

Para jogar nestes clubes, era preciso ser de “boa família”, como já vimos. No prisma de Mario Filho, ser branco também era requisito, mas é preciso ressaltar que o jornalista faz toda a história dos primórdios do futebol girar em torno da questão racial. Negros e mulatos, na sua versão, deveriam procurar times pequenos, que surgiam nos subúrbios, nas zonas Norte e Oeste, e mesmo no Centro, como Mangueira e Riachuelo, sempre prontos a serem goleados por Fluminense, Botafogo e Flamengo, uma espécie de “comprovação” perversa da superioridade dos ricos e brancos rapazes da Zona Sul. Esta narrativa ignora que os brancos de baixo poder aquisitivo atraídos pelo futebol também seguiam o mesmo trajeto, indo parar em times da periferia.

O América, formado na Tijuca, também tinha suas regras de convívio social, descritas como claramente racistas por Mario Filho. Negros só seriam tolerados no segundo time, de acordo com o jornalista, e mesmo assim sem frequentar os salões do clube. O problema, na versão do cronista, é que não havia brancos em profusão, dispostos a jogar futebol mais do que como um hobby. Por isso, alguns clubes teriam começado a recorrer a mulatos habilidosos, vindos de times menores. Caso de Carlos Alberto, jogador saído do segundo time do América diretamente para o aristocrático Fluminense.

“No Fluminense foi para o primeiro time, ficou logo em exposição. Tinha de entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moças na arquibancada, parar um instante, levantar o braço, abrir a boca num *hip, hip, hurrah*”, lembra Mario Filho. “Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó-de-arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção”.

O pó-de-arroz de Carlos Alberto serve para Mario Filho construir toda uma mitologia em torno do caráter aristocrático do clube das Laranjeiras. Quando o Fluminense ia

⁷³ O Clube de Regatas do Flamengo já existia, mas se dedicava ao remo, modalidade esportiva na qual até hoje se destaca.

enfrentar o América, conta o jornalista, a torcida do estádio da Rua Campos Sales, na Tijuca, gritava: “Pó-de-arroz, pó-de-arroz”. Um dia, Carlos Alberto não jogou, e a torcida adversária gritou do mesmo jeito. O “pó-de-arroz” tivera seu sentido deslocado, virando metáfora do clube. “O Fluminense era ‘Pó-de-arroz’, muito cheio de coisa, querendo ser mais do que os outros, mais chique, mais elegante, mais aristocrático. O ‘Pó-de-arroz’ pegou feito visgo”⁷⁴.

O Fluminense aristocrático, na versão de Mario Filho, era o retrato do futebol de então, pouco ou nada receptivo às camadas menos favorecidas da população, particularmente negros e mulatos. No estádio do clube, áreas reservadas nas arquibancadas para sócios e moças de família; aos demais, a concessão de um espaço nas gerais. “O pessoal do morro podia, no máximo, torcer pelo Fluminense. Brigar por ele, como Chico Guanabara, Fluminense do lado de fora, um valentão de chapéu de aba cortada, do alto da cabeça, lenço no pescoço, navalha no cinto, tamanco saindo do pé. Ninguém falasse mal do Fluminense perto dele. Chico Guanabara ia logo tocando o braço, passando rasteira, puxando a navalha. Um capanga do Fluminense”, descreve Mario Filho⁷⁵. “Até como torcedor ele conhecia o seu lugar. Na geral, olhando de longe a arquibancada, cheia de moças, uma *corbeille* segundo a comparação de um cronista mundano. A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro (...) Tal qual num baile, numa festinha, num arrasta-pé, os pares dançando. Gente dentro da sala, olhando, gente fora da sala, espreitando, gente fora de casa, na rua, o sereno, espiando”.

Verossímil à primeira vista, esta visão de apartheid social pouco nos diz sobre a popularização do esporte, já naquele período anterior à era do rádio. Antonio Jorge Soares ressalta o fato de que, embora Mario Filho enfatize um futebol dos primórdios “restrito às elites, logo não-negro”, logo o jornalista lista “uma série de negros, pretos e mulatos que povoavam os clubes de elite”⁷⁶.

De fato, Santos Neto traça, sobre as origens do futebol em São Paulo, panorama bem diverso. O jogo se desenvolve, sim, em clubes de prestígio, como São Paulo Athletic Club, Associação Atlética Mackenzie College, Sport Club Germania, Sport Club Internacional e

⁷⁴ Ver Mario Filho, op. cit., p. 60.

⁷⁵ Op. cit., p. 41.

Clube Atlético Paulistano, todos nascidos por volta de 1900. Só que as partidas concentravam-se em campos coletivos, principalmente na várzea do Carmo. Lá, times de operários brancos, mulatos e negros enfrentavam, sem maiores litígios, equipes de distintos acadêmicos de Direito e Medicina. Só posteriormente, dirigentes do Paulistano, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, transformariam o Velódromo em campo próprio, enquanto as colônias inglesas e alemãs abririam seus gramados em outras freguesias.

As tensões raciais, é claro, não devem ser minimizadas. Analisando jornais da época, como *O Estado de S. Paulo* e as *Folhas*, Santos Neto identifica resistências da elite em relação aos times varzeanos, com seus jogadores chamados sintomaticamente de “canelas negras” — o que parece não só uma referência a negros e mulatos, mas também a brancos que integravam estas equipes e saíam das partidas recobertos de terra dos campinhos sem grama. Em fins de 1901, os clubes de elite formariam uma liga, isolando-se dos times de várzea. Em poucos anos, contudo, a alta competitividade dos times populares levaria um de seus maiores representantes, o Ypiranga, a forçar sua entrada na prestigiosa liga. Não há, portanto, evidências de segregação racial neste instante fundador do futebol paulista, embora tenha ocorrido um claro conflito de classes⁷⁷.

Em relação ao Rio, a versão de Mario Filho ganhou profundo alcance, talvez por se amoldar ao discurso de intelectuais dos anos 30 e 40 em prol da democratização racial. O subtexto, aponta Soares, é que o Brasil só se descobre brasileiro graças à ascensão do negro, e principalmente do mulato, via esporte. O mulato seria a síntese do caldeirão das raças, razão de ser do “jeito brasileiro” de jogar futebol e de viver. Um jeito “malandro”, com “jogo de cintura”. O jornalista, na visão do pesquisador, colocaria excessivo destaque na questão racial, relegando as evidências de um confronto profissionalismo-amadorismo a segundo plano.

De qualquer forma, não devemos ignorar que a discussão amadorismo-profissionalismo pode ter servido de desculpa para excluir as camadas menos favorecidas da população — entre as quais, uma grande maioria de negros e mulatos — das competições oficiais. Esta contradição entre um esporte voltado para as elites e um jogo de livre acesso a todas as

⁷⁶ “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, op. cit., p. 18.

⁷⁷ *Visão de jogo*, op. cit., pp. 39-67.

camadas sociais se acirraria nos anos seguintes, como veremos adiante, à medida que outros países optavam pelo profissionalismo nos gramados.

A força narrativa de Mario Filho seria a principal responsável pela visão racista dos primórdios do futebol, tendo seu discurso reproduzido de forma acrítica por diversos pesquisadores do tema. De fato, o jornalista retrata com riqueza de detalhes os valentões das gerais, que evocam os malandros capoeiristas das extintas maltas, defendendo o nome do clube e dos atletas com unhas e dentes, às vezes partindo para agressões físicas — um painel de personagens tão turbulentos que justificariam, por si, a exclusão dos quadros sociais dos clubes da elite. Estes primeiros torcedores, despossuídos, na etnografia mítica do jornalista, nem cogitariam atuar nos gramados por seus times de admiração. Nesta versão, o elitista América, com a audácia de efetivar um negro no time principal (o craque Manteiga), teria enfrentado um boicote de sócios e jogadores.

Exageros narrativos à parte, o caráter efetivamente aristocrático do Fluminense talvez tenha ajudado na formação de seu maior rival, o Clube de Regatas do Flamengo, que só passaria a disputar partidas de futebol em 1911. Até então, eram apenas clubes vizinhos, ambos com jovens ricos em seus quadros. Alberto Borgerth, por exemplo, remava no Flamengo de manhã e jogava futebol no Fluminense de tarde. Após se desentender com a diretoria do Fluminense, justamente Borgerth lideraria uma rebelião de jogadores e levaria a trupe para o sobrado da Praia do Flamengo 22 (hoje número 66).

“Não foi exatamente de braços abertos que os remadores do Flamengo receberam os jogadores de futebol do Fluminense. Não fosse o fato de Borgerth ser um dos seus, as portas do 22, como ficou conhecida a primeira sede do Flamengo, provavelmente não se abririam aos dissidentes tricolores. Por Borgerth, foi aceita a criação provisória de um departamento terrestre no Flamengo. Se a experiência desse certo, eles ficariam. Caso contrário, seriam despejados”, conta Cláudia Mattos⁷⁸.

Embora fossem todos rapazes de “boa família”, era bem diferente o ambiente no Flamengo. A vida na garage dos remadores, que também funcionava como república, alterou profundamente a concepção de “boas maneiras” dos ex-jogadores tricolores. “O Flamengo estava longe de ser um clube familiar, como o tricolor. Era, acima de tudo, uma república de homens. Ninguém precisava de fraque e cartola para frequentar a sede. Pelo

contrário, era comum ver os remadores do Flamengo andando pelados no pequeno quintal do 22, para desespero das freiras que dirigiam um colégio interno vizinho ao Flamengo. O clima era de vestiário masculino (...)⁷⁹.

As freiras ergueram um muro, mas os jogadores subiam em árvores para se exhibir, e o colégio acabou sendo fechado e vendido, para o próprio Flamengo. Até o vizinho Palácio do Catete, sede do governo federal, na narrativa da pesquisadora, era alvo dos atletas, que sempre escalavam seus muros para recuperar bolas chutadas em direção a seus jardins e começaram a dar sumiço em pavões e mutuns (que, evidentemente, iam parar nas panelas da improvisada cozinha do sobrado).

Constrói-se, portanto, uma imagem de irreverência do Flamengo, que remete aos seus primórdios, em oposição à aristocrática postura do Fluminense. Imagem esta que será reproduzida e amplificada com o passar dos anos por diversos narradores.

Mattos aponta que mesmo as vitórias eram comemoradas de forma bem distinta. Antes, os atletas do remo rubro-negro promoviam festas no sobrado em que “moças de família” não passavam nem perto. Homens acabavam dançando com homens e, por isso, os eventos passaram a ser chamados jocosamente de “reco-recos”⁸⁰. Com os jogadores egressos do Fluminense, as comemorações ganharam as ruas do bairro e se transformaram em pequenos blocos carnavalescos que, na maioria das vezes, seguiam em procissão até o tradicional restaurante Lamas, a poucas quadras de distância.

Campo próprio, no Flamengo não havia. Nos primórdios, o time treinava num campo de peladas na Praia do Russell, atraindo pequenas multidões. A versão de que o Flamengo ganhou popularidade nesta época, por ser obrigado a treinar diante das vistas de todos, não se sustenta sozinha, embora o clube tenha conquistado centenas de torcedores no bairro. O rubro-negro de então era ainda um passatempo de jovens endinheirados, embora com uma imagem de irreverência e alegria em plena fase de construção.

Cláudia Mattos relaciona esse espírito à chamada “pobreza turbulenta”, com a qual a equipe se identificaria. Seu caráter arruaceiro, argumenta, desarticulava a utopia de uma

⁷⁸ Ver Cláudia Mattos, *Cem anos de paixão — Uma mitologia carioca no futebol*, op. cit., p. 67.

⁷⁹ Idem, p. 68.

⁸⁰ Num sinal do deslocamento do sentido nas narrativas constantemente atualizadas, Cláudia Mattos se apropria de Mario Filho, sem perceber que os “reco-recos” não se referiam aos instrumentos musicais, mas sim, de modo grosseiro, à fisiologia do bailado entre homens. Uma referência velada de Mario ao

cidade europeizada, polida e ordeira. Acreditamos, no entanto, que a efetiva popularização do rubro-negro viria somente anos depois, com a integração de astros da bola, incluindo a primeira celebridade do esporte, o goleador Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”.

O Flamengo de então não diferia radicalmente do Fluminense, a despeito de seu espírito irreverente. O rubro-negro campeão de 1914 e 1915 era formado quase que exclusivamente por acadêmicos de Medicina. Brancos e de “boa família”. O Botafogo seguia a mesma trilha — apesar de contemporâneo do rival Fluminense, o clube só será objeto de análise mais adiante, devido a fatores que projetariam uma imagem singular de seus torcedores, classificados pelos rivais (e às vezes por eles mesmos) como “do contra”, supersticiosos, masoquistas.

Mario Filho apontaria como momento crucial de desarticulação do processo de exclusão social do negro a ascensão de um pequeno time patrocinado pela colônia portuguesa: o Vasco da Gama. Sem grandes recursos e situado longe das elites abastadas, no subúrbio de São Januário, o time mesclava brancos e negros pobres, selecionando jogadores por sua habilidade e não por sua árvore genealógica. Com essa mistura de raças, dá a entender Mario Filho, o clube conquistaria o título da segunda divisão e chegaria em 1923 à elite do futebol carioca.

O Vasco ganhava todas as partidas com folgas e, segundo o jornalista, se tornou ameaça aos aristocratas dos grandes times, que até então tinham mantinham o hábito de jantar juntos, vencedores e vencidos, após os *matches*. Mario Filho identifica uma intolerância operada por estas elites contra a colônia portuguesa, supostamente mais aberta à miscigenação:

“Tornou-se quase uma questão nacional derrotar o Vasco (...) Pouco importava que o time do Vasco, com os seus brancos, seus mulatos e seus pretos, fosse brasileiríssimo. Os jogadores de Moraes e Silva perdiam a nacionalidade, viravam portugueses. Para que ninguém pudesse dizer que os grandes clubes estavam contra os pequenos, contra os pretos. Estavam contra o português, que tinha alterado a ordem natural das coisas”⁸¹.

Ao título inédito do Vasco, campeão em seu primeiro ano na divisão de elite, sucedeu um racha. Os grandes clubes fundaram uma associação metropolitana, na qual o

suposto homossexualismo dos atletas do remo vira mais uma “evidência” do caráter irreverente e carnavalesco dos jogadores do Flamengo.

profissionalismo era terminantemente proibido. Jogador, além de saber ler e escrever, não podia ser empregado subalterno, trabalhador braçal. Para não caracterizar o apartheid completo, narra Mario Filho, times como o do Bangu, com seus operários negros e mulatos, eram tolerados, já que supostamente não ofereciam maiores riscos às principais equipes.

Soares aponta erros históricos nesta versão. De início, o Vasco, que segundo o jornalista ficaria limitado a disputar títulos com times pequenos, na verdade foi fundador da liga e só acabou rompendo com os clubes de elite por não concordar com seu menor peso nas votações dos dirigentes. No ano seguinte, em nova cisão de clubes, o Vasco se aliaria definitivamente aos grandes⁸².

O segredo do Vasco, longe de ser a mistura das raças, era o regime profissional de treinamento e a remuneração indireta dos jogadores, o chamado bicho. Autores relacionam a expressão ao jogo do bicho, mas a ligação nos parece incorreta. Em 1923, estava em vigor o amadorismo, e os jogadores não poderiam receber salários para atuar. A direção do Vasco criou, então, uma forma de driblar as restrições e aproveitou o sistema de apostas dos comerciantes portugueses para estabelecer uma fórmula de premiação aos atletas, de acordo com o desempenho.

“Nos mercados de secos e molhados da Saúde e da Rua do Russel, os portugueses tinham o hábito de apostar nas vitórias do Vasco. Como quase sempre venciam, decidiram dividir o lucro com os jogadores. (...) Criou-se, então, uma tabela que rendia uma premiação de animal, de acordo com a importância do adversário que o Vasco vencia. O América, o campeão em 22, valia uma vaca com quatro pernas. O Flamengo, bicampeão em 20/21 era merecedor de uma vaca com três pernas. Uma vitória sobre o tricolor carioca era trocada por duas ovelhas e um porco. Vencer o Botafogo e outros times também rendia algum animal, sempre de galo para cima”, lembra o site oficial do Vasco da Gama.

Os animais eram convertidos em dinheiro, formando uma tabela, em que, por exemplo, um galo equivalia a 50 mil-réis e uma vaca de uma perna, a 100 mil-réis — daí, provavelmente, a expressão “fazer uma vaquinha”. A prática rapidamente se disseminou pelos demais clubes. No jogo do bicho, o galo é o número 13, nada a ver, portanto, com o

⁸¹ Op. cit., p. 122.

⁸² “O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”, op. cit., pp. 106-113.

valor de 50 mil-réis da premiação. Ainda hoje, o galo, transplantado para as grandezas das moedas nacionais mais recentes (cruzeiros, cruzados, cruzeiros novos, reais etc.), sobrevive como gíria carioca de 50, embora a maioria não tenha mais lembrança de sua origem — da mesma forma como os mil-réis, aposentados nos anos 40, ainda são lembrados como unidade monetária.

Vale lembrar que a fórmula de ênfase na preparação física, com sistemas de remuneração indireta, seria repetida pelo São Cristóvão, campeão carioca em 1926, e, já nos estertores do amadorismo, pelo Bangu, que ficou com o título em 1933.

Uma das maiores exigências impostas aos vascaínos pela liga era a de um estádio próprio com capacidade mínima de torcedores. Isto foi resolvido pela colônia portuguesa, que se cotizou para construir o maior estádio do país até então, superado apenas pelo paulistano Pacaembu, em 1942, e pelo Maracanã, em 1950. O estádio de São Januário seria inaugurado em 1927 e se tornaria palco de diversos momentos da política nacional, como veremos adiante. São Januário, portanto, figuraria como exemplo do poderio econômico dos imigrantes portugueses e símbolo de orgulho de sua identidade cultural. Até então, o maior estádio do país era o das Laranjeiras, remodelado e ampliado para abrigar 18 mil torcedores no Sul-Americano de 1919, graças a um empréstimo do Banco do Brasil levantado pelo patrono do Fluminense, Arnaldo Guinle⁸³.

Foi justamente neste campeonato de 1927, em que o Rio ganhava São Januário, que se originou a lenda de que o uniforme do Flamengo joga sozinho. Com um time tecnicamente inferior, diziam os cronistas, o rubro-negro se superou e ergueu a taça, criando a mística de sua camisa, apelidada posteriormente de “manto sagrado”. Mario Filho, sempre ele, narra o feito:

“O Flamengo foi o campeão da força de vontade. Não tinha time para competir com o Vasco, o América e o São Cristóvão, tinha a camisa. Onze cabos de vassoura, com a camisa do Flamengo, vermelha e preta, ganhariam o campeonato da mesma forma — era o que se dizia em Paissandu. O Flamengo reconhecia a superioridade dos outros times, dos

⁸³ Ver Cláudia Mattos, p. 50. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) financiaria a competição, adiada de 1918 para 1919 devido à Gripe Espanhola, mas acabou admitindo não ter recursos suficientes e apelou à aristocracia carioca para ratear os custos. Uma versão bem diferente das narrativas totalizantes que põem o futebol como assunto de Estado já a partir de seus primeiros anos. A reinauguração das Laranjeiras foi uma festa pomposa, em que dirigentes adentraram o gramado trajando fraque e cartola.

times de brancos, mulatos e pretos. Contra essa superioridade lutava com a camisa, com o coração (...) O campeonato da força de vontade, como os jornais não se cansavam de repetir. O Vasco ficava atacando dois tempos, tomava conta do campo, quando acabava Flamengo vencia de três a zero⁸⁴.

Dadas as imprecisões históricas cometidas por Mario Filho, é possível pôr em dúvida seu retrato do suposto racismo dos dirigentes esportivos brasileiros, que teriam vetado jogadores negros e mulatos na seleção nacional. A própria seleção já nasce, em 1914, com o mulato Arthur Friedenreich — astro com passagem tanto por clubes da elite de São Paulo, como Germânia, Paulistano e Mackenzie, quanto pelo pioneiro time de várzea Ypiranga — como titular absoluto. Um dos maiores artilheiros do futebol em todos os tempos, com mais de mil gols, Friedenreich era filho de um branco alemão e de uma brasileira negra. Apesar de seu papel de relevo, não contava com a simpatia de Mario Filho, que o acusava de tentar “branquear-se”, esticando seus cabelos crespos. Para o jornalista, não poderia ser considerado, portanto, o primeiro ídolo mulato do futebol brasileiro.

Na prática, esta seleção embrionária não passava de um time combinado de jogadores cariocas e paulistas, convocado para uma série de jogos amistosos com um clube inglês (Exeter City) e que acabaria disputando e vencendo um recém-criado torneio argentino (Copa Roca) — feito expressivo, dada a rivalidade geopolítica entre Brasil e Argentina e também considerando que o futebol havia chegado ao país vizinho praticamente três décadas antes.

Santos Neto lembra o caos administrativo no futebol brasileiro dos anos 10. Em São Paulo, dirigentes formaram em agosto de 1915 a Federação Brasileira de Futebol, enquanto, em novembro do mesmo ano, cariocas fundavam a Federação Brasileira de Esportes. No ano seguinte, o jornalista-dirigente Mário Cardim, de São Paulo, e Lauro Müller, do Rio, selavam a paz provisória com a criação da Confederação Brasileira de

Há versões de pesquisadores dando conta de que foi a partir daí que os dirigentes de times de futebol passaram a ser chamados, ironicamente, de “cartolas”.

⁸⁴ Op. cit., p. 155. É curioso que essa garra de 1927 tenha se transformado numa das marcas da própria identidade da torcida rubro-negra, assumindo contornos étnicos nos anos seguintes, com a inclusão de grandes jogadores negros e mulatos no time. No Flamengo, a expressão “raça” ganharia novo sentido, representando simultaneamente a garra de 1927 e a identidade híbrida de atletas e torcedores. Hoje, quando o time vai mal em campo, a torcida grita “Queremos raça”, buscando mexer com os brios dos jogadores.

Desportos (CBD). Durante os períodos de trégua, Friedenreich brilharia na seleção brasileira e seria, por exemplo, o autor do gol da vitória por 1 a 0 sobre a equipe do Uruguai, na final do Sul-Americano de 1919, considerada por pesquisadores a primeira grande conquista internacional do futebol verde-e-amarelo.

Na versão de Mario Filho, no entanto, foi a escalação de um negro (Gradín) na seleção uruguaia, nos anos 10, que serviu como catalisador para negros e mulatos brasileiros, enfim, aspirarem a ocupar posições de destaque em clubes e seleções locais: “(...) era um grande jogador, um preto podia ser um grande jogador, como Gradim. Foi uma praga de Gradins pelo Brasil afora. Todo preto que jogava um pouco de futebol virava um Gradim”⁸⁵.

O Uruguai se ufana de ser o primeiro país a escalar brancos e negros em sua seleção, jogando lado a lado. Em 1916, no primeiro Sul-Americano, os uruguaios golearam o Chile por 4 a 0 e, no dia seguinte, os adversários pediram a anulação da partida, alegando que “dois africanos” haviam jogado. Eram Isabelino Gradín, autor de dois gols, e Juan Delgado, ambos uruguaios bisnetos de escravos⁸⁶. A essa altura, no entanto, Friedenreich já havia defendido as cores brasileiras, inclusive em excursão pela Argentina.

Na lógica de Mario Filho, se os uruguaios tinham um negro na seleção e venciam, por que não adotar a mesma “tática”? Tudo bem, alfineta o jornalista, desde que negros e mulatos fossem exceções em times de brancos, e mesmo assim escalados apenas em disputas continentais. Em 1920, quando o Rio foi embelezado para receber o rei Alberto, da Bélgica, no entanto, o cronista sustenta que negros e mulatos ficaram de fora da seleção que representou o Brasil para não “prejudicar a imagem” do país no exterior. No ano seguinte, o presidente Epitácio Pessoa interferiria pela mesma razão na convocação de atletas negros e mulatos para o Sul-Americano da Argentina, segundo o jornalista.

Levantamento realizado nos principais jornais da época, contudo, não assinala qualquer interferência presidencial na escalação da seleção — o que não quer dizer que ela não tenha existido; apenas significa que não encontramos quaisquer evidências documentais sobre o episódio, além do relato do jornalista. O projeto de um Brasil europeizado, branco, permanecia de pé, pelo menos na narrativa racialista de Mario Filho.

⁸⁵ Ver Mario Filho, op. cit., pp.108-110.

⁸⁶ Ver Eduardo Galeano, *Futebol ao sol e à sombra*, p. 42. Segundo o autor, outro uruguaio, José Leandro Andrade, seria o primeiro negro a brilhar nos gramados europeus, durante a Olimpíada de 24.

Pesquisas posteriores poderão apontar outras explicações para a não convocação de determinados atletas para a competição, reavaliando o impacto das constantes disputas entre dirigentes cariocas e paulistas, que viriam a prejudicar também o desempenho da seleção brasileira nas primeiras Copas do Mundo.

De acordo com o jornalista, o fato de a seleção brasileira contar com Fausto, a “Maravilha Negra”, campeão carioca pelo Vasco no ano anterior, na primeira Copa do Mundo, em 1930, se devia exclusivamente ao fato de a competição ser realizada no vizinho Uruguai, onde negros já figuravam em posições de destaque. A justificativa étnica passa ao largo do cabo-de-guerra entre dirigentes, que acabou levando à proibição do embarque dos atletas de São Paulo, como o mulato Friedenreich. Só Araken Patuska, rompido com o Santos, viajaria com a delegação brasileira⁸⁷. Pelo menos, Mario Filho não atribui ao então presidente Washington Luís qualquer responsabilidade pela não participação de Friedenreich nesta competição específica.

Paralelamente, o esporte se organizava em nível internacional. A Football Association, autoridade máxima do futebol britânico, já havia reconhecido o profissionalismo desde 1885 e começava a colher os resultados, com sucessivos recordes de público em suas competições. Já em 1901, a final do campeonato reuniu 110 mil espectadores.

Os ingleses, contudo, em sua postura isolacionista, tentaram manter as rédeas do jogo em nível internacional, o que levou à criação, em 1904, da Fédération Internationale de Football Association (Fifa, curioso nome híbrido franco-britânico), que representaria inicialmente os interesses de sete países europeus. Apesar da oposição continental, o domínio inglês se materializaria nos gramados nos jogos olímpicos de 1908 e 1912⁸⁸.

Fora da Europa, o esporte se desenvolvia de forma acelerada na América Latina, especialmente na Argentina e no Uruguai. Em 1916, enquanto a Primeira Guerra Mundial devastava nações européias, levando à suspensão das Olimpíadas, era criada a

Fez tanto sucesso que acabou ficando um longo período em Paris após o fim da competição, mas veio a morrer pobre, de tuberculose, em Montevideu.

⁸⁷ Na convocação original, eram 24 jogadores, dos quais 15 paulistas e nove cariocas. Sem os atletas de São Paulo, formou-se às pressas outro time, cuja base seria o Botafogo do Rio. Ver Aquino, op. cit., pp. 56-58.

⁸⁸ O futebol seria admitido Jogos Olímpicos em 1900, mas apenas com equipes formadas por atletas amadores. O profissionalismo, e mesmo assim com limitações, só seria admitido em 1984. Nas últimas Olimpíadas, só três jogadores acima dos 23 anos de idade podiam atuar em cada seleção. E amadurece, na cúpula do Comitê Olímpico Internacional (COI), a idéia de excluir a modalidade dos próximos Jogos.

Confederação Sul-Americana de Futebol, que promoveu naquele mesmo ano seu primeiro campeonato — reunindo Argentina, Uruguai, Brasil e Chile e vencido pela equipe uruguaia.

Em 1920, a Inglaterra sofreria duro golpe ao ser eliminada pela Noruega nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, numa evidência de que, no futebol, não havia time imbatível. A sétima edição das Olimpíadas seria vencida pela equipe local da Bélgica, que derrotou a seleção da Tchecoslováquia numa partida de apenas 39 minutos, na qual os visitantes abandonaram o campo por discordarem das decisões da arbitragem. O futebol dava ali uma mostra de seu potencial como catalisador de identidades e rivalidades nacionais numa Europa cujas fronteiras vinham sendo redesenhadas.

Nas edições seguintes das Olimpíadas, em 1924 e 1928, o selecionado uruguaio dominaria, despertando a atenção dos europeus para o avanço do esporte na América Latina. Com a proliferação de torneios regionais, a Fifa decidiu tentar organizar uma primeira competição mundial, independente dos jogos olímpicos. A proposta foi apresentada pelo presidente da federação, Jules Rimet, e pelo primeiro-secretário, Henri Delaunay, no congresso da Fifa em Amsterdã. Holanda, Suécia, Áustria e Itália foram cotadas para sediar o evento, mas a quebra das bolsas de valores em 1929 mudaria o cenário econômico internacional e levantaria dúvidas sobre a realização do torneio.

Correndo por fora, o governo uruguaio apresentou proposta ousada para sediar o evento, que cobria todos os gastos, inclusive a construção de um grande estádio para abrigar os principais jogos. A competição seria uma forma de comemorar o centenário da independência do país e, assim, marcar posição frente aos rivais platinos — a vizinha Argentina. Devido à distância, que na época só poderia ser coberta de navio, diversas seleções relevantes no cenário europeu acabaram não participando da disputa, entre elas Alemanha, Tchecoslováquia, Hungria e Suíça, além da Inglaterra, na ocasião rompida com a Fifa. A federação, no entanto, teria papel diplomático decisivo, conseguindo a adesão de Iugoslávia, Bélgica e Romênia, além da França, onde ficava sua sede.

A seleção brasileira chegaria ao evento enfraquecida pelas disputas de dirigentes cariocas e paulistas. A derrota para o selecionado da Iugoslávia por 2 a 1 na estréia eliminaria a equipe da disputa do título e seria comemorada por torcedores de São Paulo, que promoveriam um enterro simbólico da CBD no Viaduto do Chá, escancarando o clima de rivalidade com a então capital federal — ambiente que culminaria, dois anos depois, no

movimento constitucionalista, revolta armada na qual até o ídolo Freidenreich pegaria em armas, angariando a patente de tenente paulista, antes de retornar aos gramados⁸⁹.

De qualquer forma, a Copa do Uruguai constituiria um primeiro exemplo bem-sucedido de projeto de Estado-nação traduzido no esporte — sem contar, é claro, com os britânicos, criadores e conseqüentemente hegemônicos nos gramados durante os primeiros anos de futebol. A final, entre o time da casa e o da Argentina, seria uma batalha feroz. Os uruguaios venceriam por 4 a 2, fazendo estremecer as estruturas do recém-inaugurado Estádio Centenário. O presidente Cimpisgueti decretaria feriado nacional. A Embaixada do Uruguai no país vizinho seria apedrejada⁹⁰.

O sucesso uruguaio, tanto nos Jogos Olímpicos de 24 e 28 quanto na primeira Copa do Mundo, despertaria o interesse de dirigentes europeus, onde os campeonatos começavam a se tornar negócios rentáveis. Logo, jogadores da Argentina e do Brasil também passariam a ser recrutados, ao se destacarem em excursões de suas equipes no Velho Mundo. Nos anos 30, o crescente êxodo de jogadores rumo aos mercados italiano e espanhol, entre outros, forçaria a adoção do profissionalismo no futebol brasileiro, embora a estrutura da maioria dos clubes do país tenha permanecido semimoderna.

O cenário do esporte sofreria alterações radicais nos anos seguintes, devido também a eventos políticos e novidades no campo da comunicação. Na Europa, o futebol seria transformado por alguns governantes em representação de nacionalismo e de ambições geopolíticas, com reflexos em todo o planeta, inclusive na América Latina. Além disso, chegava a era do rádio. Com o novo meio, o jogo de bola se transmutaria em confrontos épicos, com alcance inaudito na constituição de imaginários nacionais.

Veremos, a seguir, como se deu esta operação, ao sabor dos resultados da seleção brasileira nas competições internacionais e na projeção da imagem das principais equipes da capital federal para todo o país, via transmissões radiofônicas.

⁸⁹ Ver Gilberto Agostino, *Vencer ou morrer*, pp. 140-142.

⁹⁰ *Idem*, pp. 50-51.

O rádio e a projeção do imaginário nacional

Como vimos no capítulo anterior, os times de futebol já eram populares quando o rádio se tornou um meio de comunicação representativo. A questão é como esta popularidade foi socialmente construída, tijolo por tijolo, juntamente com os estádios e as pomposas sedes dos clubes mais abonados.

Cláudia Mattos identifica nos quatro grandes clubes cariocas construções narrativas que sintetizam tipos característicos da cidade. O Fluminense representaria o Rio aristocrático, hoje decadente mas ainda orgulhoso de suas cores e dos vitrais franceses de sua elegante sede nas Laranjeiras⁹¹; o Flamengo seria o símbolo da pobreza turbulenta, dos malandros, da molecagem, da irreverência, dos morros; o Botafogo, por sua vez, constituiria refúgio de intelectuais, opositores, supersticiosos, sofredores, irresponsáveis, capazes de perder a própria sede devido a dívidas milionárias; o Vasco, por fim, representaria a miscigenação, a cultura da ascensão social pelo trabalho.

Cláudia lança a bola ao chão, mas derruba suas próprias narrativas míticas com dados estatísticos. Pesquisa do Ibope encomendada pela revista esportiva *Placar* em 1997 mostrava que o Flamengo liderava as preferências dos torcedores do Rio, com 41,9% do total, seguido por Vasco (18,4%), Fluminense (16%) e Botafogo (10,1%). Considerar que o Fluminense atraía apenas uma elite aristocrática torna-se inadmissível, visto que a parcela de maior poder aquisitivo da população, mesmo que integralmente tornada tricolor, não cobriria a terça parte do número de torcedores do clube. Nem o Flamengo é mais popular entre as camadas menos favorecidas: nas classes A e B, detém 44,3% das preferências, contra 42% na classe C e 40% nas classes D e E.

Além disso, há uma projeção nacional de certos times do Rio e de São Paulo, como o Flamengo, que detinha 16,5% das preferências dos torcedores de Norte a Sul do país, contra 13,6% do paulistano Corinthians. Pesquisa mais recente do mesmo Ibope, feita em

⁹¹ Vitrais que já foram tantas vezes alvo do vandalismo de torcedores revoltados com derrotas que, da França, hoje, só resta o projeto. Sempre que há danos, restauradores de Barra do Piraí, interior do Rio de Janeiro, se encarregam do serviço. Não parece por acaso que a ira da torcida tenha se voltado repetidamente contra estas peças, símbolo do Fluminense de sangue azul, atualmente cercado por uma

2003, por encomenda da Rede Globo de Televisão, apontava números semelhantes. O Flamengo seguia líder na preferência nacional, com 15%, seguido pelo Corinthians, com 11% — São Paulo era o terceiro, com 7%, Palmeiras, o quarto, com 6%, o Vasco, o quinto, com 5%, seguido por Grêmio e Cruzeiro, com 4%, e Atlético Mineiro e Santos, com 3%. Como a margem de erro era de 2 pontos percentuais, os dados apresentavam certa estabilidade, seis anos depois da mencionada pesquisa para a *Placar*.

A projeção nacional de alguns times fica evidente ao analisarmos a preferência das torcidas nas diversas regiões. O Flamengo, que conta com 12% dos torcedores da Região Sudeste, atinge 24% nas regiões Norte e Centro-Oeste, 23% no Nordeste e 4% no Sul. A penetração do Corinthians é menor, embora ainda expressiva: 16% no Sudeste, 9% no Norte e no Centro-Oeste e 7% no Nordeste e no Sul. São Paulo, Palmeiras e Vasco também figuram com bom número de torcedores em todas as regiões — ver gráfico ao final deste volume.

Ou seja, há algo mais por trás das preferências dos torcedores que os estereótipos criados no âmbito das cidades de origem dos times, embora muitos se identifiquem ocasionalmente com estas construções retóricas. A resposta, além dos resultados obtidos em campo (títulos, vitórias heróicas, revelação de craques), atribuímos aos cronistas da época, que ajudaram a cristalizar as imagens que as torcidas fazem de si e de seus rivais, tanto na imprensa escrita quanto nas ondas do rádio, conferindo-lhes uma amplitude que extrapola, de longe, suas narrativas míticas primordiais.

Nos anos 30, sob o governo Getúlio Vargas, um outro projeto de país emerge, titubeante, para substituir o do Brasil europeizado. Era preciso integrar uma nação fraturada por revoltas regionais durante os 100 anos anteriores e, para isso, o rádio constituía uma poderosa arma. O novo meio permitiria a formulação de um imaginário comum, aparando as arestas sociais que poderiam redundar em novas explosões de violência urbana.

A primeira emissora brasileira foi instalada em 1923, por Roquette Pinto: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que 13 anos mais tarde seria doada ao Ministério da Educação e, rebatizada de Rádio MEC, pontapé inicial para a formação da rede nacional

vizinhança de classe média. Especialmente quando o tricolor das Laranjeiras foi rebaixado para a terceira divisão nacional. Sobre o tema, ver *Cem anos de paixão*, pp. 56-58.

de emissoras educativas. O projeto educacional de Roquette Pinto era marcadamente elitista. Sua rádio privilegiaria a música clássica e as palestras de cientistas e autoridades.

“Apesar do interesse de Roquette Pinto em produzir uma programação educativa popular, de acesso fácil à maioria da população, com o rádio ajudando a resolver o problema educacional do País, as condições de acesso existentes na época faziam com que o novo veículo refletisse um nível de cultura compatível com a da elite, os privilegiados ouvintes de então”, assinala Sônia Virgínia Moreira⁹².

Mas, nos anos 30, o novo meio de comunicação se disseminaria, na esteira do avanço das emissoras comerciais, que passaram a levar ao ar cantores populares, novelas e programas humorísticos. Em 1932, o governo autorizou a veiculação de anúncios e surgiu o primeiro jingle, o que fez avançar a profissionalização dos artistas do rádio, com pagamento de cachês⁹³. Com o crescente uso de rádios de galena (aparelhos artesanais, que usavam cristais de galena na recepção dos sinais das emissoras), os fabricantes, enfim, começaram a vender receptores a preços mais baixos, possibilitando o acesso ao meio por uma parcela mais ampla da população. O rádio ganhava as salas de estar das famílias brasileiras, conquistando um espaço em seus corações e mentes.

O rádio se tornaria uma ferramenta única de disseminação do futebol, que, como vimos, já arrastava multidões aos estádios. Uma crônica do mineiro Drummond, de 1931, quando o meio de comunicação permanecia um luxo para poucos, dá a dimensão do interesse pelo esporte nos primórdios do novo meio:

“Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (...), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena (...) Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na Capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro, dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

“Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que

⁹² Ver *O rádio no Brasil*, p. 17.

palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

“Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

“(…) A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: ‘O Sr. está vendo que pouca-vergonha? Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada’. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade, vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi”⁹⁴.

Nas ondas do rádio, a imaginação teria papel-chave na conquista de milhares de torcedores de Norte a Sul do país. Partidas épicas, que antes eram atualizadas por narrativas de pai para filho, de irmão mais velho para irmão mais novo, agora ganhavam tintas mais vivas nas vozes dos locutores. Construía-se histórias de heroísmo: o jogador que foi a campo gravemente enfermo, a partida decisiva que durava uma eternidade.

Para consolidar uma identidade nacional, faltava, no entanto, um mito fundador, uma vitória de sangue, suor e lágrimas, um título internacional — não sul-americano, sobre nossos vizinhos, com quem nos desentendíamos desde os tempos de colônias ibéricas; mas sim frente a europeus, exemplos de eugenia perseguidos por nossas elites até então.

A profissionalização veio na marra. Os times de elite do Rio e de São Paulo perdiam grande parte de seus craques para o exterior. Só em 1931, 39 atletas brasileiros partiram para atuar em clubes da Itália, naturalizando-se italianos, por vezes assumindo identidades

⁹³ O autor do jingle, feito para uma padaria, foi o compositor e cartunista Nássara. Ver Sônia Virgínia Moreira, op. cit, pp. 22-24.

⁹⁴ Ver Drummond, *Quando é dia de futebol*, pp. 23-24.

falsas para serem considerados *oriundi*⁹⁵. Os paulistas instituíram o profissionalismo em 33; os cariocas só conseguiram fumar o cachimbo da paz em 37, com a unificação das ligas⁹⁶.

O profissionalismo tardio em relação aos demais países, tanto da Europa quanto da América do Sul, pesou nos resultados em campo. Em 1934, na Copa da Itália, a seleção brasileira também seria eliminada, ainda nas oitavas-de-final. Os campeões seriam os donos da casa, movidos pela ruidosa máquina de propaganda fascista. Três *oriundi* vindos da Argentina, Orsi, De Maria e Guaita, teriam atuação decisiva pela *squadra azurra*, como já era chamada a seleção italiana. O técnico italiano, Vittorio Pozzo, rebateria as críticas em seu país à escalação dos *oriundi* com um vocabulário que revelava a crescente militarização do esporte: “Se eles podem morrer pela Itália, podem jogar pela Itália”⁹⁷.

Em 1938, já sob a ditadura do Estado Novo getulista, a Copa da França se transformaria em alvo do ufanismo brasileiro. Futebol agora era assunto de Estado.

“Cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo, após a implantação do Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na disseminação do projeto político que planejava implementar — intensificado e dando um sentido mais claro ao interesse que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo”⁹⁸.

A torcida teria pela primeira vez notícias do front em tempo real. Acompanhando a delegação, seguia o locutor esportivo Leonardo Gagliano Neto, pioneiro na transmissão de uma Copa do Mundo para o Brasil via rádio.

“Suas transmissões tinham tons dramáticos e também cômicos. A torcida brasileira, que o ouvia, ria e chorava de emoção pelo seu linguajar vibrante e patriótico. (...) Até nas vitórias, Gagliano Neto recriminava a arbitragem e o povo acreditava em todas as suas palavras”⁹⁹.

⁹⁵ O campeonato italiano, patrocinado pelo governo fascista, era o mais rico, mas não admitia estrangeiros. Para atuar por uma equipe do país, só *oriundi*, ou seja descendentes de italianos. Os paulistanos que se enquadravam nessa categoria partiram, em busca de fama e dinheiro. Quando escassearam, formou-se uma indústria dos passaportes falsos. Ver Mario Filho, op. cit., pp. 181-183, e Agostino, pp. 59-61.

⁹⁶ Ver Aquino, op. cit., pp.48-49.

⁹⁷ Por terem se naturalizado, os atletas *oriundi* poderiam ser convocados para lutar também nos campos de batalha, o que de fato acabaria acontecendo durante a Segunda Guerra Mundial. Um brasileiro, Filó, também jogaria naquela equipe italiana. Ver Agostino, op. cit.

⁹⁸ Ver Leonardo Afonso de Miranda Pereira, *Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, p. 335, apud Aquino, op. cit.

⁹⁹ Loris Baena Cunha, *A verdadeira história do futebol brasileiro*, p. 136, apud Aquino.

A seleção brasileira, também pela primeira vez, se considerava séria candidata ao título. Para prosperar, o futebol requer ídolos, e craques como Leônidas, o “Homem-borracha” ou “Diamante negro”, e Domingos da Guia, o “Doutor” ou “Mestre”, estavam no auge de suas carreiras. Leônidas seria artilheiro da competição, mas, contundido, não jogaria as partidas decisivas. Atletas e dirigentes, movidos por excessiva auto-confiança, festejaram antecipadamente a esperada vitória sobre os italianos nas semifinais e reservaram passagens de avião para a capital, onde seria disputada a final. Resultado: Itália 2 x 1 Brasil.

Os italianos bateriam os húngaros por 4 a 2 e se sagrariam bicampeões, estimulados por um bilhete sintomático de *il duce* Mussolini em pessoa, que conclamava: *Vincire o morire!* (“Vencer ou morrer!”)¹⁰⁰.

A derrota da seleção brasileira não chegou a frustrar a torcida, que foi levada a acreditar que o time teria sido injustiçado pela arbitragem. Leônidas fora artilheiro da Copa e a máquina de propaganda do Estado Novo trabalharia com o conceito de “campeão moral”. Getúlio Vargas faria questão de receber os jogadores no Palácio do Catete, então sede do governo federal, parabenizando-os pelo desempenho nos gramados europeus.

Getúlio estava atento aos desdobramento político-militares das tensões na Europa e a crescente instrumentalização do esporte como fator de coesão nacional. O ditador, ou Chefe, como a ele se referia a imprensa adesista e/ou amordaçada da época, inspirava-se em Mussolini, que tivera papel central no mundial de 34. Segundo Agostino, “cada disputa da *Squadra Azzurra* era representada como uma guerra ritualizada em que a presença dos emblemas nacionais — uniformes, bandeira, hino — e o próprio *Duce* ganhavam posição de destaque. Este assistiu a todas as partidas, comemorando com os camisas-negras cada vitória”.

“Aclamado aos gritos de DU-CE, DU-CE, DU-CE, Mussolini compareceu ao estádio juntamente com todo o Ministério e fez questão de entregar o troféu da vitória ao capitão dos *azzurri*. A vitória foi saudada como reflexo de uma Nação forte e preparada para

¹⁰⁰ Ver Agostino, *op. cit.*, p. 65. O pesquisador ressalta a instrumentalização do esporte por Mussolini, que, ao descobrir a popularidade do futebol, surge em fotografias com uma bola nos pés. “Desde 1922, momento em Mussolini chegou ao poder, os fascistas aproveitaram-se de toda força que o espetáculo esportivo podia vir a representar em uma sociedade de massas, conferindo inúmeras possibilidades de ritualização da fidelidade nacional e da legitimação da ordem vigente. Afinal, a cultura física era um aspecto fundamental para a consolidação da ideologia guerreira, um dos componentes inestimáveis para o conjunto de valores que iria prevalecer nos países totalitários” (p. 56). Aquino, *op. cit.*, p. 58, no entanto, refere-se ao episódio do bilhete ameaçador de Mussolini como referente à Copa anterior.

enfrentar os inimigos, em um momento em que os planos governamentais se inclinavam cada vez mais para a invasão da Etiópia, que seria concretizada nos próximos meses”¹⁰¹.

O teatro da nacionalidade protagonizado por Mussolini inspiraria também o ditador nazista Adolf Hitler, na organização das Olimpíadas de 1936, que seria promovida como uma peça de propaganda da pretensa superioridade ariana sobre os demais povos. Em Berlim, contudo, Hitler não seria tão feliz quanto seu aliado italiano. Os Jogos Olímpicos seriam pródigos em desmistificar as pretensões de superioridade ariana. O negro americano Jesse Owens, neto de escravos, ganhou quatro medalhas de ouro no atletismo (100m, 200m, revezamento 4 por 4 e salto em distância), diante do ditador alemão e das câmeras da cineasta Leni Riefenstahl — diretora de *O triunfo da vontade*, que, sob encomenda do 3º Reich, rodava *Olympia, the festival of beauty, the festival of people*, documentário talhado para retratar a suposta superioridade estética dos atletas germânicos. As medalhas de Owens teriam alcance simbólico internacional, amplificado pelo fato de, naquele mesmo ano, começarem as transmissões regulares de televisão na Inglaterra¹⁰².

Getúlio percebia o potencial do esporte em sua própria projeção política e na constituição do imaginário nacional. O governo brasileiro começaria ali a cortejar a Fifa para sediar uma Copa do Mundo, numa estratégia para fortalecer sua posição no cenário internacional e driblar a oposição interna.

A Segunda Guerra Mundial adiaria os planos do regime, levando ao cancelamento das Copas de 1942 e 1946, mas a ação do Estado na constituição do imaginário nacional se faria evidente em outro front: a estatização da Rádio Nacional, em 1940. Com seu potente sinal, a emissora, fortalecida pelas verbas públicas e ainda livre para captar anúncios, chegaria a grande parte do território brasileiro, atingindo milhões de ouvintes, e seria o palco principal dos artistas da nascente Música Popular Brasileira (MPB)¹⁰³.

¹⁰¹ *Vencer ou morrer*, op. cit., pp. 61-62.

¹⁰² A rivalidade geopolítica entre Estados Unidos e Alemanha já se manifestara anos antes, quando o boxeador alemão Max Schmeling conquistou o título mundial de pesos-pesados, em 1930, ao nocautear o americano Jack Sharkey em Nova York. Com a ascensão do nazismo, Schmeling foi pressionado a se separar da mulher e a demitir o treinador, ambos judeus. Recusou-se, mas, em troca, virou garoto-propaganda do regime. Sua vitória por nocaute sobre o também americano Joe Louis, em 1936, elevou o boxeador à condição de herói ariano. Em 1938, no entanto, Schmeling seria nocauteado em 124 segundos pelo próprio Louis, acirrando a rivalidade entre os dois países no campo simbólico. Durante a guerra, Schmeling usaria sua influência para salvar judeus de campos de concentração. Os dados sobre a trajetória do boxeador são do serviço noticioso Deutsche Welle.

¹⁰³ Sobre o tema, ver Luiz Carlos Saroldi e Sônia Virgínia Moreira, *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*, Rio de Janeiro: Funarte, 1985. Interessante observar que a chamada MPB é uma categoria recente e sua

Em convergência direta com o novo regime e sua política cultural, consolidava-se um discurso do caldeirão das raças, do orgulho da miscigenação. Em artigo num jornal de Recife, Gilberto Freyre teceria loas à seleção derrotada de 38, considerando-a uma síntese do Brasil moderno:

“Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux. Respondi (...) que uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros”, sintetiza o sociólogo, que reforça a narrativa da originalidade nacional e o ideal neo-eugenista do mulato, uma espécie de desdobramento da ideologia do branqueamento e do discurso racista vigentes até então.

“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha, que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. (...) há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo o malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil”¹⁰⁴.

Anos mais tarde, Freyre voltaria a resumir esta visão eugenista às avessas, com a busca pelo ideal mulato, híbrido, em algum ponto entre o passado escravocrata e a superação por meio de um esporte trazido do Primeiro Mundo, mas de algum modo “tropicalizado”:

definição, absolutamente vaga. Abrange desde o samba urbano nascido na virada do século 19 para o século 20, no Rio, quanto o frevo e o maracatu pernambucanos, o samba de roda baiano e outras manifestações musicais regionais. O rótulo MPB parece ter a função de minimizar as diferenças de estilos, subordinando-as, no entanto, a uma releitura de classe média do samba carioca, tratado por grande parte da imprensa cultural como “a cara do Brasil”. Ver, sobre o tema, José Ramos Tinhorão, *História social da música popular brasileira*, São Paulo: Ed. 34, 1998; e, do mesmo autor, *Música popular: Um tema em debate*, São Paulo: Ed. 34, 1997.

¹⁰⁴ “*Foot-Ball mulato*”, publicado em 17 de junho de 1938, no *Diário de Pernambuco*. Citado por Soares, “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, op. cit., pp. 30-31. Guimarães, op. cit. atribui esta nova escala eugenista invertida a um discurso de negação das raças, que aponta o preconceito racial como algo importado.

“O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios — os floreios barrocos tão do gosto do brasileiro — um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos*. (...) Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca”¹⁰⁵.

A nova identidade nacional híbrida, auto-proclamada de forma positiva, fazia parte de uma tentativa de consolidação da imagem de um Brasil grande, cujas diferenças regionais se somavam para formar o todo, sem se anular. Um Brasil que, por ser mulato, se pretendia superior.

Soares relaciona esta narrativa freyrista-popular a uma construção assemelhada ao conto, na visão de Vladimir Propp, guindando o negro à condição de herói. Nessa estrutura, impõe-se uma situação de dano ou privação ao herói. Com o tempo, no entanto, o herói supera as barreiras que lhe são impostas. Depois, é submetido a novas privações, mas obtém um objeto ou qualidade mágicos que o ajudam a superar as adversidades. O dano ou privação são, enfim, superados e o herói retorna à comunidade de origem, angariando reconhecimento de seus pares.

Nesta leitura, os negros e mulatos eram vítimas de uma estrutura de evidente exclusão no âmbito do esporte em seus primórdios, versão propalada por Mario Filho, mesmo sem provas documentais. A posição de inferioridade social, nesta narrativa, seria vencida através dos gramados. O racismo dos dirigentes esportivos, contudo, imporia novo afastamento, alijando negros e mulatos dos clubes de elite e da seleção brasileira. A posição de destaque

¹⁰⁵ Ver prefácio à primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*, datada de 1947, op. cit. É curioso que a brasilidade afirmada no período remete sempre a manifestações culturais características de um

só seria reconquistada graças à qualidade mágica da habilidade destes jogadores, que então, ao obterem títulos de campeões, ganhariam o reconhecimento dos torcedores e de seus círculos sociais. Novos danos ou privações só viriam reforçar esta narrativa, servindo como mais uma reviravolta narrativa antes da vitória definitiva do herói.

Esta narrativa coloca a questão do racismo como algo superado, graças ao espaço privilegiado do esporte, que abriria uma porta para negros e mulatos ascenderem econômica e socialmente.

Este retrato de democracia racial em construção passaria, na ótica de Mario Filho, pelo fato de os grandes clubes, elitizados, começarem a contratar craques a despeito da cor da pele. Negros e mulatos não apenas ganhavam as cobiçadas vagas de titulares de suas equipes como também alcançavam projeção internacional.

Um dado concreto sobre o período: o mercado da bola estava em ebulição, devido ao intenso movimento de transferência de atletas. Com o amadorismo ainda predominante, nada prendia os craques aos clubes brasileiros. Bastava se despedir dos colegas e embarcar para o exterior¹⁰⁶.

Pressionados, os times aderiram ao profissionalismo, passando a ser amparados pela lei do passe e selando contratos para tentar criar vínculos mais sólidos com seus jogadores. Segundo Mario Filho, “com o profissionalismo não fazia mal o Fluminense botar um mulato, um preto no time, contanto que fosse um grande jogador. Melhor branco. Mulato ou preto, só grande jogador”¹⁰⁷.

“Era a vez do preto, o agora sim. Ia-se a um treino de um Fluminense, de um Flamengo, de um América, de um Vasco, os pretos se amontoavam na pista. O Fluminense preferindo ver os brancos primeiro. (...) O Flamengo, não, cedeu logo, botou no time o mulato Roberto, do São Cristóvão, o preto Jarbas, do Carioca”¹⁰⁸.

Nesta versão, os jogadores negros e mulatos, por seu passado idealizado de dificuldades socioeconômicas, seriam “naturalmente” superiores aos brancos, especialmente

punhado de grandes centros, notadamente Rio, Salvador e Recife.

¹⁰⁶ Diversos autores citam, sem maiores detalhes, a existência de uma liga pirata na Colômbia, país que entre os anos 40 e 50 não era filiado à Fifa. Para lá, rumaram dezenas de jogadores argentinos, rompidos com a federação local devido à falta de acordo sobre os termos do profissionalismo nos clubes do país. Há informações de que craques europeus e brasileiros também embarcaram no sonho do *El Dorado* colombiano. Os salários eram aparentemente altos, o que ajudou a reforçar o êxodo de atletas, mesmo que de modo indireto. Sobre o assunto, ver Agostino, op. cit., p. 166-168.

¹⁰⁷ Mario Filho, op. cit., p. 193.

os de maior poder aquisitivo. A tendência lógica, então, seria a inexorável prevalência do negro e do mulato no esporte, onde suas “aptidões naturais” poderiam se manifestar. Vale ressaltar o caráter perverso dessa afirmação da superioridade de negros e mulatos, que se refletiria numa atividade física, como o futebol — e também nas artes, onde o samba ganhava contornos de música popular brasileira —, mas não se traduziria em outros campos, como a ciência, os negócios e a política.

O discurso do caldeirão das raças e da ascensão do negro através do esporte prosperava, mas o próprio Mario Filho ainda apontava sinais claros de exclusão social, embora com uma construção mais sofisticada do imaginário étnico. Para o jornalista, o dinheiro ganho por meio do recém-instaurado profissionalismo ajudava a *branquear* certos jogadores de futebol negros e mulatos.

Ilustrando sua visão, Mario Filho conta história impressionante, supostamente ocorrida com o jogador Robson, do Fluminense. Certa noite, ele estaria de carona no Cadillac de um amigo, nas imediações do estádio das Laranjeiras, quando um casal de negros, aparentemente embriagados, teria atravessado a pista subitamente, escapando por um triz de ser atropelado.

Orlando, outro jogador do Fluminense que estava no carro, logo teria esbravejado: “Seus pretos sujos!”. Robson, então, teria buscado acalmá-lo com uma frase emblemática: “Não faz, Orlando. Eu já fui preto e sei o que é isso”¹⁰⁹.

Mario Filho deixa subentendido que o Flamengo emerge, nesse período, como um time efetivamente de massa, não por treinar ao ar livre, à vista dos garotos da Praia do Russell, mas por despertar para o potencial de retorno dos jogadores talentosos e carismáticos, mesmo que negros e mulatos.

E cita como evidência dessa abertura do rubro-negro o episódio da contratação de Leônidas pelo Botafogo, em 1935. Na ocasião, segundo o cronista, a diretoria alvinegra se dividiu. Dirigentes não tolerariam a idéia de ver um negro com a camisa do clube. O “Diamante negro” assinaria contrato, mas, aos olhos do jornalista, jamais ficaria à vontade em General Severiano. Acabaria sendo vendido, por uma quantia considerada irrisória, para o rival Flamengo.

¹⁰⁸ Idem, p. 198.

¹⁰⁹ Idem, p. 308.

Leônidas se tornaria no Flamengo, efetivamente, o primeiro grande ídolo moderno do futebol brasileiro. Carismático, sabia manobrar as circunstâncias em seu favor e atraía para si os *flashes* dos fotógrafos. Atribuía a si mesmo a invenção da “bicicleta”, jogada de grande plasticidade na qual o atleta salta e, como numa meia-cambalhota, chuta para o gol — na América hispânica, no entanto, o lance é chamado “chilena”, uma referência a um jogador daquela nacionalidade que teria sido o pioneiro no malabarismo.

O caráter irreverente mas elitizado do rubro-negro ganhava feições populares-populistas, a “cor ajudando Leônidas, tornando-o mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro. (...) Coisa que o Flamengo aproveitou. Queria ser o clube mais popular, mais querido do Brasil, não podia deixar o preto de fora. Indo em busca do preto, o Flamengo ia de encontro ao gosto do povo. Escolhendo Fausto, Leônidas e Domingos, já escolhidos pelo povo, como ídolos. Fazendo sua transfusão de popularidade”¹¹⁰.

Leônidas encarnaria não só o papel de artilheiro, mas também de artista da bola, celebridade de uma cultura de massa ainda nascente. Passeava com desenvoltura pelas redações, aumentando as tiragens de jornais com a publicação de suas fotos; virou garoto-propaganda, batizou até marca de chocolates (Diamante Negro) e, com o tempo, passou a ganhar mais dinheiro comparecendo a inaugurações, conferências e festas do que com a bola nos pés.

Foi o precursor de toda uma geração de estrelas do esporte afeitas à vida de celebridade, às badalações noturnas. Com o astro, o “povo sentiu-se Flamengo. Gente de todas as classes ia para o campo como para uma batalha de confete, como para uma festa de São João”¹¹¹.

O craque freqüentava assiduamente o Café Rio Branco, na esquina de São José com Chile, a poucos metros da avenida homônima, no coração do Centro do Rio. Lá, como num escritório informal, recebia amigos e fechava negócios. Foi um dos primeiros atletas a se beneficiar da mobilidade proporcionada pela aviação comercial. Com o passar dos anos, extremamente carismático e adorado pelos torcedores, se colocaria numa posição de superioridade em relação aos demais atletas, faltando a treinos devido a compromissos

¹¹⁰ Idem, p. 209.

¹¹¹ É curioso também assinalar o contraste com seu companheiro de equipe Domingos da Guia, também um dos maiores jogadores de todos os tempos, que era tratado pelos torcedores de forma muito mais

publicitários. O Flamengo puniria o jogador com multas irrisórias diante de sua remuneração, o que só reforçaria sua imagem de astro acima do bem e do mal. A situação persistiria até 1942, quando o São Paulo pagou uma fortuna para contratá-lo.

O Botafogo que rechaçou Leônidas exercitava, então, sua vocação de clube “do contra”, que o levou a romper diversas vezes com os demais e disputar torneios paralelos. Em 33, quando a maioria dos grandes clubes do Rio se rendia ao profissionalismo, o alvinegro rejeitava a mudança e optava por disputar o chamado Torneio da Pedreira, só com clubes de pequena expressão. O caráter folclórico do alvinegro merece um parêntesis.

O Botafogo, como vimos, já nasceu em oposição ao Fluminense. Mas boa parte do espírito supersticioso de seus torcedores, no entender de cronistas esportivos e historiadores, pode ser atribuída à influência de Carlito Rocha, presidente alvinegro entre os anos 40 e 50, que era capaz de deixar um táxi se o motorista engatasse marcha-a-ré — segundo ele, “andar para trás” dava azar.

Quando Carlito assumiu, o Botafogo não era campeão há 15 anos. Isso mudaria, segundo a crença dos torcedores, dinamizada pela imprensa, graças a um cachorro vira-latas, apelidado de Biriba. O cão foi adotado pelo dirigente, segundo Cláudia Mattos, quando invadiu o campo de General Severiano e urinou na trave defendida pelo goleiro do Bonsucesso, que se distraiu com a inusitada situação e levou um gol decisivo.

Biriba tinha sido levado para o estádio pelo ex-zagueiro alvinegro Macaé, que havia sido negociado com o Bahia, mas deixou Salvador fugido, segundo a lenda, depois de marcar três gols contra num único jogo, um recorde absoluto. Morando numa pensão em Copacabana, o jogador acabou adotando o vira-latas, chamado Joá, que infernizava os vizinhos e estaria correndo o risco de virar sabão. Com a atuação decisiva, Macaé seria “reintegrado” ao clube, mas apenas para cuidar de Biriba. Em toda partida que o Botafogo ia mal, Carlito chamava o zagueiro e mandava soltar o vira-latas no gramado.

A superstição era levada tão a sério, inclusive pelos adversários, que Biriba foi alvo de um atentado, a tiro de espingarda, na véspera da decisão do campeonato carioca, contra o Vasco. O cão escapou e o Botafogo venceu por 4 a 3, conquistando o título¹¹².

parcimoniosa, como “Mestre”, “Professor”. Enquanto Leônidas explorava a proximidade imaginária com os torcedores, Domingos, reservado, impunha distância. Ver Mario Filho, *op. cit.*, pp. 210-227.

¹¹² Ver Mattos, *op. cit.*, pp. 114-117. Macaé ganhou nova atribuição após o atentado: virou provador da comida de Biriba. O cão seria sócio honorário do clube e ganharia enterro de benemérito, anos depois. O

Os cronistas foram pródigos em estender a personalidade peculiar do dirigente alvinegro para toda a torcida, pintando-lhe como uma minoria renitente, sofredora, mesmo nas vitórias. Como exemplifica Nelson Rodrigues, em seu estilo marcado pelas hipérboles:

“Todos os torcedores de futebol se parecem entre si como soldadinhos de chumbo. Têm o mesmo comportamento e xingam, com a mesma exuberância e os mesmos nomes feios, o juiz, os bandeirinhas, os adversários e os jogadores do próprio time. Há, porém, um torcedor, entre tantos, entre todos, que não se parece com ninguém e que apresenta uma forte, crespa e irresistível personalidade. Ponham uma barba postiça num torcedor do Botafogo, dêem-lhe óculos escuros, raspem-lhe as impressões digitais e, ainda assim, ele será inconfundível. Por quê?

“Pelo seguinte: — há, no alvinegro, a emanção específica de um pessimismo mortal. Pergunto eu: — por que vamos ao campo de futebol? Porque esperamos a vitória. Esse otimismo é o impulso interior que nos leva a comprar ingresso e vibrar os noventa minutos. E, no campo, o otimismo continua a crepitar furiosamente. Não importa que nosso time esteja perdendo de 15 x 0. Até o penúltimo segundo, nós ainda esperamos a virada, ainda esperamos a reação. Pois bem: — o torcedor do Botafogo é o único que, em vez de esperar a vitória, espera precisamente a derrota.

“Os outros comparecem na esperança de saborear como um Chica-bon o triunfo do seu clube. Mas o torcedor do Botafogo é diferente: — ele compra o seu ingresso como quem adquire o direito, que lhe parece sagrado e inalienável, de sofrer. Eis a verdade: — ele não vai a campo ver futebol. O futebol é um detalhe secundário e, mesmo, desprezível”¹¹³.

Enquanto o Botafogo se enredava em sua própria narrativa de superstição e sofrimento, o Flamengo buscava para si outra construção mítica, tornando-se efetivamente um dos maiores times de futebol da história, ao combinar atletas (negros) da qualidade do polêmico Leônidas, de Domingos da Guia, de Fausto, de Friedenreich (este em fim de carreira).

Essa popularização do rubro-negro certamente correspondia a interesses de Estado. No governo de Getúlio, o Flamengo ganharia um terreno na Gávea para instalar sua sede, onde

Botafogo chegou ao cúmulo de não contratar o craque Zizinho porque o vira-latas rosnou para ele quando foram “apresentados”. É por causa de Biriba que torcedores de clubes rivais chamam os torcedores botafoguenses de “cachorrada” e que cronistas esportivos não se cansam de dizer que há “coisas que só acontecem com o Botafogo”.

¹¹³ Ver Nelson Rodrigues, *A pátria em chuteiras*, pp. 25-26. Trechos de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, em 4 de agosto de 1956.

inauguraria, em 1938, seu primeiro estádio próprio. Posteriormente, o aterro de parte da Lagoa Rodrigo de Freitas ampliaria a área do clube em quase 50%. Um gigantesco complexo de edifícios na Praia do Flamengo também seria construído para abrigar uma segunda sede em terreno doado pelo poder público¹¹⁴.

No mesmo período getulista, como lembra Kasznar, institucionalizava-se o esporte brasileiro, com a criação da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde (1937, não por acaso ano da instalação do chamado Estado Novo, quando Getúlio deixou cair a máscara ditatorial), e do Conselho Nacional de Desportos (1940-41)¹¹⁵.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) tomaria o espaço das encenações de rivalidades nacionais, relegando o futebol aos torneios regionais intranacionais ou demonstrações de resistência política. Enquanto a Espanha era banhada em sangue pela Guerra Civil e o general Franco bombardeava a república com apoio de Hitler e Mussolini, o time basco, Euskadi, excursionava pela França e outros países europeus, tentando angariar apoio e recursos para o conflito contra as tropas franquistas. Simultaneamente, o Barcelona, representando as cores da Catalunha, viajava para a América do Norte para uma série de partidas amistosas, também com vistas à difusão da causa republicana¹¹⁶.

O esporte, embora relegado a segundo plano pelos conflitos armados, não teria seu valor simbólico esvaziado. Pelo contrário, a guerra seria terreno fértil para o surgimento de diversas narrativas míticas. No confronto com o totalitarismo nazista, Galeano cita a heróica história dos 11 titulares do Dínamo de Kiev, da Ucrânia, que teriam sido fuzilados, ainda

¹¹⁴ Ver Cláudia Mattos, *op. cit.*, pp. 70-71. Não é lícito imaginar, porém, que a popularização do Flamengo se deve ao apoio do poder público, embora este tenha sido determinante para manter os principais clubes de elite na informalidade, acumulando dívidas milionárias, seja na área trabalhista, seja em impostos ou contas de concessionárias de serviços públicos, como água, luz e, até 1998, telefone. O Estado, nitidamente, se movimentou para amparar os clubes por causa de sua popularidade, e não o contrário. Vale lembrar que o Vasco construiu sua sede com recursos próprios, mas o Fluminense contou com empréstimo do Banco do Brasil e o Botafogo, que ocupou o terreno de General Severiano em 1912, também foi agraciado com sua doação, em 1925.

¹¹⁵ *Op. cit.*, p. III.

¹¹⁶ Galeano lembra que a Fifa, avalizando a vitória dos franquistas, banuiu posteriormente os jogadores bascos e catalães. Muitos foram se refugiar na América Latina, onde se manteriam no esporte. O clube Espanha, recém-criado no México, reuniria parte dos bascos do Euskadi, enquanto o San Lorenzo, da Argentina, abrigaria outros atletas, como Isidro Lángara e Ángel Zubieta. Enquanto isso, na Espanha, o time do coração de Franco, o Real Madri, não encontrava adversários. Giulianotti e Agostino, *op. cit.*, vão na mesma direção ao abordar o período.

uniformizados, logo após uma partida amistosa em que tiveram a audácia de derrotar a seleção alemã, em 1942, em pleno período de ocupação nazista¹¹⁷.

Agostino conta história bem diversa, embora não menos trágica. A seleção alemã, na verdade, era um time da Luftwaffe, a Força Aérea germânica. O Dínamo, assim como o Lokomotif ucraniano, havia sido desmontado pelos nazistas durante a ocupação. A partida, apelidada de Jogo da Morte, seria contra o Start, time formado por ex-jogadores do Dínamo e do Lokomotif, então empregados numa padaria de Kiev, do comerciante Iosif Kordik, posteriormente chamado de Schindler da Ucrânia. A padaria seria abrigo de atletas das mais diversas categorias esportivas, proibidos de atuar profissionalmente pelas tropas invasoras, que impuseram um retorno ao amadorismo.

Em agosto de 42, os ucranianos teriam sido desafiados para um amistoso contra os alemães. O árbitro teria exigido dos jogadores locais a saudação nazista, que foi trocada na hora da partida pela saudação esportiva soviética *FitzcultHura*, numa clara provocação aos invasores. O Start venceria por 5 a 1. Os alemães exigiriam uma revanche, mas voltaram a ser goleados, por 5 a 3. Dias mais tarde, a padaria seria confiscada e muitos dos jogadores, presos. Oito morreriam executados meses depois¹¹⁸.

O número é contestado pelo jornalista Andy Dougan¹¹⁹, segundo o qual seriam quatro os jogadores mortos. Esvaziando possíveis ligações entre a partida e as execuções, o autor lembra que Kiev tinha 400 mil habitantes antes da guerra e que apenas 80 mil restaram na cidade após a ocupação — não há números exatos distinguindo quantos perderam a vida em campos de concentração e quantos tiveram a oportunidade de escapar.

Além disso, Dougan aponta relações entre um dos executados e o serviço secreto soviético e sustenta que os outros três morreram numa retaliação aleatória contra prisioneiros, motivada por um ataque da resistência ucraniana a tropas alemãs. A máquina de propaganda soviética seria a responsável pela disseminação da dramática imagem dos jogadores uniformizados sendo mortos a tiros logo após o jogo. Em Kiev, um monumento a estes atletas é objeto de peregrinação e veneração dos ucranianos¹²⁰.

¹¹⁷ Ver Eduardo Galeano, *Futebol ao sol e à sombra*, pp. 38-40.

¹¹⁸ Ver Agostino, op. cit., pp. 89-90.

¹¹⁹ *Dynamo: Defending the honour of Kiev*, Londres: Ed. Fourth Estate, 2001.

¹²⁰ Segundo Dougan, o Dínamo de Kiev acabaria operando como peça de resistência da identidade nacional não apenas contra os nazistas, mas também contra a ocupação soviética, encerrada apenas nos anos 90, quando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi desmembrada em Estados

No Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, a articulação entre esporte e interesses de Estado seria reforçada. Getúlio escolheria, por exemplo, São Januário para anunciar, em 1940, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), legislação trabalhista de inspiração fascista que permanece em vigor até hoje, com ligeiras modificações. O estádio do Vasco também seria palco para a disputa da partida de despedida dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que foram lutar na guerra¹²¹.

O Flamengo trocaria o desenho de sua camiseta, conhecida como “cobra-coral”, devido à lembrança da bandeira alemã que suscitava em algumas pessoas — há controvérsias sobre o período exato em que esta decisão foi tomada; alguns autores, como Agostino, apontam a mudança num período anterior, ainda na Primeira Guerra Mundial. Clubes identificados com colônias de países do Eixo, como os Palestra Itália de São Paulo e Belo Horizonte, trocariam de nome para se “abrasileirar”. No caso, respectivamente, para Palmeiras e Cruzeiro (este, no entanto, permanecendo com sua camisa azul, idêntica à da seleção italiana)¹²².

Giulianotti identifica nos movimentos geopolíticos relações diretas com a evolução das táticas no futebol. Assim, o WM britânico (concepção *fordista* adotada por Herbert Chapman, que escalava três atacantes, dois médios-volantes ofensivos, dois médios-volantes defensivos e uma linha de três zagueiros), popular nos anos 20 e 30 e pródigo em goleadas, foi perdendo terreno para *Il metodo*, esquema de maior proteção à defesa, rapidamente adotado por times italianos e espanhóis¹²³.

Nesse período, com o fortalecimento dos sistemas defensivos, também cresceu a violência nos gramados e a rivalidade entre os times fora das quatro linhas. Não raro jogadores tinham pernas fraturadas em disputas de bola corriqueiras. O então técnico do

nacionais autônomos. A narrativa heróica, portanto, é constantemente atualizada, e seu sentido, deslocado.

¹²¹ Ver Cláudia Mattos, op. cit., pp. 88-90.

¹²² Ver Agostino, op. cit., 145-146. O autor cita, equivocadamente, o Coritiba como outro Palestra Itália que teria trocado de nome. Na verdade, o Palestra Itália paranaense, embora nos últimos anos não disputasse mais o campeonato estadual, só deixou de existir em 1971, ao fundir-se com o Britânia e o Ferroviário, dando origem ao Colorado Esporte Clube. Em 1989, o Colorado se uniria ao Esporte Clube Pinheiros (por sua vez, fruto da fusão de Água Verde e Esporte Clube Brasil, mais Savóia), formando o Paraná Clube. O Coritiba (assim mesmo com “o”, apesar da grafia atual de Curitiba) era, na verdade, um clube da colônia alemã paranaense. Os dados foram extraídos dos sites oficiais de Coritiba e Paraná Clube.

¹²³ Op. cit., pp. 166-171. Giulianotti cita De Biasi e Lanfranchi (1997, p. 89) para assinalar que *Il metodo* centrava-se “na noção fascista de que os jogadores de futebol eram os guerreiros sem armaduras da nação”.

Fluminense, Ondino Viera, dava o tom das disputas interclubes em 1945: “O campeonato é uma guerra”¹²⁴. Goleadas escassearam e vitórias por 1 a 0 ou empates sem gols tornaram-se mais corriqueiros.

O Pós-Guerra traria uma nova geopolítica internacional, com o mundo rapidamente se alinhando em torno de dois blocos, o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o comunista, com a União Soviética à frente. As duas novas potências, munidas de armas nucleares com poder de destruição inaudito, mediriam forças nos anos seguintes, em diversas crises diplomáticas, no período que ficaria conhecido como Guerra Fria e só acabaria com a dissolução do império soviético após a queda do muro de Berlim, em 1989.

O futebol no Pós-Guerra, segundo Giulianotti, vai se dividir entre correntes ofensivas, como o 4-2-4 (esquema com quatro zagueiros, dois médios e quatro atacantes, usado com sucesso pelo Brasil) e o Raio Suíço (embrião do futebol total holandês dos anos 70, em que os jogadores não tinham posições fixas em campo), e táticas defensivas, como o *catenaccio* (“ferrolho”, lançado pelo Barcelona, mas rapidamente disseminado entre os clubes da Itália), que funcionaria como espelho da Guerra Fria, com sua rígida estrutura que priorizava o desarme dos atacantes adversários.

A Segunda Guerra Mundial adiaria os planos do governo de projetar a imagem do Brasil no exterior, já que levaria ao cancelamento da Copa do Mundo de 1946. Mas acabaria servindo indiretamente a esse propósito, pois o país, sem rivais numa Europa devastada, conseguiria apoio internacional para sediar o mundial em 1950. Getúlio não capitalizaria o feito, pois havia sido deposto ao final da guerra, sendo substituído pelo general Eurico Gaspar Dutra.

Para driblar a precária infra-estrutura e, simultaneamente, impor o marketing nacional, o governo brasileiro construiria o maior estádio do mundo, o Maracanã, para ser o palco principal do evento — a obra faraônica levaria dois anos para ser concluída. Era a hora do país que forjava sua imagem de caldeirão das raças mostrar força, poder de organização e coesão social.

¹²⁴ Ver Mario Filho, op. cit. p. 250. O jornalista relaciona a esse momento de beligerância internacional o uso intenso de fogos de artifício pelas torcidas, numa estratégia para intimidar os jogadores do time adversário. Os atletas que jogavam fora de casa, muitas vezes, eram acuados pelos estrondos, que se assemelhavam às bombas utilizadas nos campos de guerra da vida real, especialmente na Europa. Bombardeios que eram acompanhados em detalhes pela imprensa escrita e pelo rádio da época.

A taça só poderia ser conquistada pela seleção do Brasil, alegavam os especialistas no esporte. Os resultados eram favoráveis. O *scratch* (ou escrete) havia conquistado o Sul-Americano de 49, goleando o Uruguai por 5 a 1, e tinha uma constelação de craques, como Zizinho e Ademir.

A competição foi iniciada em plena corrida eleitoral. Getúlio foi escolhido candidato do PTB à Presidência no dia exato da inauguração do Maracanã. Seus adversários, o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, e Cristiano Machado, do PSD, lançariam suas candidaturas no dia seguintes à estréia da seleção, com uma goleada de 4 a 0 sobre a equipe mexicana.

A seleção brasileira foi superando os adversários, como Iugoslávia e Espanha, jogando diante de 180 mil pessoas, um recorde mundial até então. Diante da equipe espanhola, a torcida, eufórica, não parava de cantar *As touradas de Madri*. Nelson Rodrigues lembraria, anos depois, que “o Brasil apresentou um trio atacante como nunca se vira desde o Paraíso”.

“Zizinho, Ademir e Jair justificavam o título. (...) Contra a Suécia, foi um show encantado, com sílfides, repuxos, fundo musical, o diabo. Mas o grande momento do Brasil aconteceu contra a Espanha. Os cronistas estrangeiros, na sua admiração, davam arrancos de cachorro atropelado. E como se não bastasse o futebol em campo, houve outro espetáculo incomparável: — o da torcida. Com gente até no lustre, o Maracanã viveu a sua tarde de touros.

“Éramos 180 mil brasileiros cantando e dançando ‘Touradas em Madri’. Depois disso, quem podia duvidar, por um instante, da vitória brasileira na decisão?

“Na véspera da final contra o Uruguai, eu ouvi o espíquer Gagliano Netto jurar: — ‘O Brasil vai ganhar de 8 x 0’”.

Não fazia por menos. Não era, porém, um otimismo isolado, solitário. Milhões de brasileiros tinham a mesma certeza fanática. O *já ganhou* instalara-se na alma do povo. E não queríamos uma vitória apertada. O escore pequeno seria humilhante para o nosso orgulho. Queríamos a goleada faraônica”¹²⁵.

¹²⁵ Ver Nelson Rodrigues, *A pátria em chuteiras*, pp. 116. Trechos de crônica originalmente publicada na revista *Realidade*, em junho de 1966.

Bastava um empate contra o Uruguai para arrebatarmos o título. Aquino retrata o clima de já-ganhou citando manchetes de jornais não identificados, supostamente publicadas no dia da final: “Hoje o povo vai comemorar o título!”, “Brasil, campeão do mundo!”, “Hoje é o dia da glória suprema!”¹²⁶.

Um dos erros capitais apontados pela imprensa posteriormente seria a troca da concentração no distante Joá, próximo à Barra da Tijuca, para São Januário na véspera da partida decisiva. Políticos fizeram romaria para serem fotografados ao lado dos atletas virtualmente campeões, como lembra Zizinho em entrevista ao programa de TV *Globo repórter*:

“São Januário passou a ser a sede da política nacional. Aqueles que queriam um pouco de prestígio iam para lá. No dia do jogo, um dia sagrado, chegaram a nos tirar da mesa do almoço e fomos levados à sala de troféus do Vasco para ouvir discursos dos políticos da época, como Cristiano Machado, Ademar de Barros e suas comitivas (...) Era um tal de discursos e promessas que ninguém agüentava mais”¹²⁷.

Mario Filho retrata em cores vivas o cenário daquele dia fatídico:

“Era assustadora aquela massa humana que se comprimia no Maracanã. Dependia deles (*os jogadores*), só deles, que aquelas 220 mil pessoas vivessem o dia mais feliz ou mais desgraçado de suas vidas. E não só aquelas 220 mil que tinham conseguido entrar no Maracanã. Não havia um brasileiro lá fora, no Rio, em São Paulo, em Minas, no Rio Grande, na Bahia, em Pernambuco, em qualquer Estado ou Território do Brasil, que não estivesse ao pé de um rádio para ver, também, com os ouvidos, o Brasil ser campeão do mundo”¹²⁸.

Não cabe nesta tese analisar porque o Brasil deixou aquele título escapar, na derrota por 2 a 1 para o Uruguai, naquele 16 de julho de 1950. O que nos interessa é o impacto

¹²⁶ Ver Aquino, op. cit., p. 68. Não é o que encontramos ao pesquisar exemplares de jornais daquele fim de semana. A manchete “Brasil, campeão do mundo”, é citada originalmente por Mario Filho, que a atribui ao segundo clichê de “um vespertino”. Parece ser mais um sinal das narrativas mitológicas, desta vez com outro fundo: o de qualificar o resultado da seleção na Copa de 50 como fruto de um condenável clima de “já-ganhou”, e não como uma fatalidade, decorrente de falhas táticas ou técnicas. O título mais próximo deste clima localizado nos arquivos da Biblioteca Nacional foi “A um passo do título mundial”, estampado pelo *Diário da Noite*, no dia da partida. Mas este nem era o principal título da primeira página: a manchete, “Extorsão organizada contra a bolsa do povo”, tratava da venda de ingressos por cambistas a preços exorbitantes — tratamento jornalístico bem mais crítico do que as narrativas míticas nos fazem crer.

¹²⁷ Aquino, p. 69.

¹²⁸ Op. cit., 284.

daquele fracasso no imaginário nacional. Nelson Rodrigues classificaria o resultado de “humilhação pior que a de Canudos”¹²⁹ e de “irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima”¹³⁰.

É sintomático também que Mario Filho, na segunda edição de *O negro no futebol brasileiro*, tenha introduzido profundas alterações de conteúdo. Como aponta Soares, trechos que na edição de 1947 decretavam o fim do racismo nos gramados nacionais foram suprimidos.

Em 1947, no capítulo “A ascensão social do negro”, de acordo com Mario Filho, no “*foot-ball* não havia mais o leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e seus pretos. Um preto marca um *goal*, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco”. Na edição de 1964, este trecho foi suprimido¹³¹.

Para Soares, Mario Filho aproveita a segunda edição de seu livro para narrar uma nova situação de dano para os negros, que teriam sido crucificados pela derrota frente ao Uruguai. O goleiro Barbosa, um dos melhores do país em todos os tempos, eleito por jornalistas estrangeiros o destaque da Copa na posição, seria acusado de falhar no segundo gol, marcado por Ghiggia¹³².

Durante décadas, os racistas das comissões técnicas de importantes clubes de futebol diziam, à boca pequena, que “negro não dava pro gol”, por não ter “caráter”¹³³. Só recentemente, a seleção se libertou deste preconceito, graças ao sucesso do negro Dida, hoje goleiro do Milan, da Itália.

¹²⁹ À *sombra das chuteiras imortais*, p. 102. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 18 de novembro de 1963.

¹³⁰ *A pátria em chuteiras*, pp. 116. Trecho de crônica originalmente publicada na revista *Realidade*, em junho de 1966.

¹³¹ Ver Soares, “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, op. cit., pp. 22-23.

¹³² Barbosa seria barrado ao tentar visitar a seleção brasileira que disputaria a Copa de 94, para “não dar azar”, como alegariam dirigentes da CBF. Na ocasião, afirmou: “No Brasil, a pena maior por um crime é de 30 anos. Há 43 anos pago por um crime que não cometi”. Ver Galeano, *Futebol ao sol e à sombra*, p. 101. Quando veio a falecer, de causas naturais, em abril de 2000, o fato foi noticiado na primeira página de um grande jornal do Rio com o seguinte título: “Barbosa, do gol de 50, morre pobre”. Para a trajetória e o drama de Barbosa, ver Sérgio Montero Souto, “O nascimento da paixão e a gênese da derrota: Um estudo de caso sobre o drama de Barbosa, o goleiro da Copa de 50”, trabalho apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, realizado na Bahia, em setembro de 2002, e promovido pela Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

¹³³ Esta constatação não foi documentada, mas está longe de ser uma narrativa mítica. É resultado de informações colhidas em conversas com jornalistas esportivos. A regra não está escrita, mas funciona como “filtro” para os “olheiros”, profissionais incumbidos de garimpar os talentos nas divisões de base.

Na Grã-Bretanha, onde o preconceito racial é menos velado, Giulianotti aponta a pouco sutil atribuição de vocações aos jovens atletas por supostas qualidades étnicas intrínsecas. Vince Hilaire, primeiro grande ídolo negro do futebol inglês, nos anos 70, era insistentemente encaminhado por professores de educação física ao atletismo, em seus tempos de estudante¹³⁴.

Na versão de Mario Filho, não apenas Barbosa seria responsabilizado pela derrota da seleção em 50, mas também outros negros da seleção, como Bigode e Juvenal. Curiosamente, como lembra Soares, os demais negros do time, Zizinho, Bauer e Jair da Rosa Pinto, escapariam do papel de bodes expiatórios sem maiores explicações do jornalista¹³⁵.

De acordo com diversos cronistas brasileiros, paradoxalmente, a Copa de 50 fabricara um ídolo adversário: o mulato Obdulio Varela, *el gran capitán* uruguaio. Tudo que na seleção brasileira era criticado (a suposta fraqueza de caráter, a falta de garra) nele era enaltecido. Galeano, de sua perspectiva distinta da brasileira, lembra que “a vitória do Uruguai diante da maior multidão jamais reunida numa partida de futebol tinha sido sem dúvida um milagre, mas o milagre foi acima de tudo obra de um mortal de carne e osso chamado Obdulio Varela”.

Galeano reforça a qualidade mítica do herói uruguaio, conferindo-lhe algo insuspeitado para os brasileiros naquele dia 16 de julho: humildade e solidariedade com os derrotados.

“Obdulio tinha esfriado a partida, quando a avalanche nos caía em cima, e depois carregou toda a equipe nos ombros e com pura coragem impeliu-a contra ventos e marés. No final daquela jornada, os jornalistas acoessaram o herói. E ele não bateu no peito proclamando *somos os melhores e que não há quem possa com a garra nacional*: ‘Foi casualidade’, murmurou Obdulio, abanando a cabeça (...) Passou aquela noite bebendo cerveja, de bar em bar, abraçado aos vencidos. Os brasileiros choravam. Ninguém o reconheceu”¹³⁶.

Todo o projeto de um Brasil orgulhoso de seu caldeirão de raças, pretensamente superior aos demais por sua mestiçagem, estava jogado por terra. Durante anos, as balizas daquele lado do Maracanã, à direita da Tribuna de Honra, seriam chamadas de “gol de

¹³⁴ Ver Giulianotti, op. cit., pp. 204-207.

¹³⁵ Ver Soares, “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, op. cit., pp. 24-25.

Ghiggia”. Depois daquele chute, lembra Galeano, “explodiu o silêncio no Maracanã, o mais estrepitoso silêncio da história do futebol, e Ary Barroso, o músico autor de *Aquarela do Brasil*, que estava transmitindo a partida para todo o país, decidiu abandonar para sempre o ofício de locutor de futebol”¹³⁷.

A frustração do projeto de uma brasilidade positiva levou à busca de novos exemplos externos nos gramados. Brios, segundo os cronistas esportivos da época, tinham os jogadores uruguaios. Depois, os eleitos seriam os argentinos e, em seguida, os húngaros.

A Hungria despontava pouco depois como franca favorita para a Copa de 54. Ao Brasil brasileiro, para os críticos, restaria a honra duvidosa de erguer taças continentais, como o Pan-Americano de 52, no Chile, conquistado numa batalha campal contra os mesmos uruguaios, vencida por 4 a 2. A “vitória menor”, contudo, não impediu que a seleção nacional fosse recebida como uma legião de heróis no desembarque no Aeroporto do Rio.

“Foi uma vitória que lavou o peito de todo o Brasil. Daí a recepção aos heróis do Pan-Americano: de campeões do mundo. Maior do que a dos pracinhas quando voltaram da guerra”, exagera Mario Filho. “Havia tanta gente no Galeão que se tinha a impressão, diante daquele mar humano, se agitando em ondas de ressaca, de que todo o Rio estava lá. Não se vira, ainda, nada parecido. (...) Pouco importava, naquele momento, que (*a vitória*) tivesse vindo quase dois anos depois. E que, sobretudo, não modificasse nada”¹³⁸.

No ano seguinte, os húngaros faziam história derrotando a seleção inglesa, pela primeira vez em casa, em pleno estádio de Wembley e ainda por cima de goleada: 6 a 3. A seleção da Hungria também conquistara, em 52, a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos — começava um longo reinado das equipes de futebol do bloco socialista nas Olimpíadas, pois estas eram consideradas amadoras pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Não havia dúvida, para os cronistas brasileiros, de que seriam os principais adversários da seleção na Copa da Suíça.

Aquino lembra que, para apagar o fantasma da “falta de brios” dos brasileiros em 50, “a preparação (*dos jogadores*) passou a incluir o culto à bandeira e a obrigação de cantar o hino nacional”.

¹³⁶ Ver Galeano, op. cit., p. 100.

¹³⁷ Idem, pp. 98-99.

¹³⁸ Op. cit., pp. 303-304.

“Os jogadores foram orientados a serem verdadeiros ‘Obdúlios Varelás’, cuja fibra em 1950 fora exemplo a ser imitado. Não mais ‘jogadores desfibrados’, mas sim ‘guerreiros’ dispostos a tudo. Era a ‘pátria em chuteiras’, chegando-se até a invocar o exemplo dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive recordando os que morreram na Segunda Guerra Mundial e foram enterrados em Pistóia, cemitério na Itália”¹³⁹.

O confronto, de fato, viria a ocorrer nos gramados suíços, mas o resultado seria bem diferente do esperado pelos mais ufanistas. O Brasil perderia a “batalha de Berna” para a Hungria por 4 a 2, num dos jogos mais tumultuados de todas as Copas. Jogadores trocaram pontapés e houve expulsões de parte a parte. Depois da partida, brasileiros invadiram o vestiário dos adversários e ocorreram agressões, com direito a garrafadas. O árbitro brasileiro Mário Vianna, que comentava o jogo para uma emissora de rádio, culpava o juiz da partida, o inglês Arthur Ellis, a quem chamava de “ladrão, comunista, covarde, rateiro”. O próprio Ellis daria anos depois sua visão sobre o conflito, trazendo um olhar inusitado:

“Depois de todos esses anos de reflexão, estou convencido de que a infame ‘batalha de Berna’ foi política e religiosa. Da política dos húngaros comunistas e da religião dos brasileiros católicos. Meu sangue continuou a ferver por um bom tempo depois do jogo. Não porque uma mulher brasileira bateu na janela do meu carro quando eu estava saindo do estádio em Berna, nem porque fui chamado aos gritos de ‘comunista’. O comitê disciplinar da Fifa lamentavelmente desconsiderou o princípio da arbitragem ao não dar o devido tratamento aos dois brasileiros e ao húngaro expulsos sumariamente e ao transferir os registros de seus casos para suas respectivas associações de futebol”¹⁴⁰.

Qualquer que seja a versão, brasileira ou húngara, a atitude da seleção canarinho foi considerada um novo vexame. A “pátria de chuteiras” liderada por Nílton Santos, a “Enciclopédia do futebol”, acabou fragorosamente derrotada, na bola e no braço, pelo time de Puskas (que não jogou devido a uma contusão, mas entrou na briga) e Kocsis. Um prato cheio para os cronistas repisarem a idéia de “falta de caráter” dos brasileiros, que, apesar de sua qualidade, sucumbiam diante dos adversários — não apenas no campo esportivo, numa metáfora da frustrada ambição de projeção internacional. Nelson Rodrigues

¹³⁹ Op. cit., p. 74.

¹⁴⁰ Ver Ellis, *The final whistle*, Londres, 1962, apud Taylor e Jamrich, op. cit., pp. 124-126.

ressaltaria a “superioridade técnica” dos jogadores verde-e-amarelos, mas atacaria sua suposta instabilidade emocional em ocasiões decisivas.

“Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse ‘perdemos’ e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: — fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. (...) quem ganha e quem perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai. (...) só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele”¹⁴¹.

Os húngaros bateriam ainda o time do Uruguai na semifinal, mas enfrentariam o imponderável na hora da decisão do título: uma forte chuva deixou o campo encharcado e pesado, favorecendo a seleção da Alemanha Ocidental, que acabou vencendo por 3 a 2 e erguendo a taça de 54.

A derrota húngara também teria reflexos no imaginário brasileiro. Não bastava ser melhor, interpretaram os cronistas; era preciso método e aplicação germânicos. O futebol deixava de ser arte e ia parar nos laboratórios. Surgia, ali, a era dos cientistas da bola. Jogadores passariam a enfrentar avaliações médicas, nutricionais e psicológicas, além de dura preparação física e exaustivos treinos táticos. Estratégias de ênfase defensiva prevaleceriam nos anos seguintes entre as principais seleções do cenário internacional.

O desmonte da equipe húngara, alvo de protestos anticomunistas, esvaziou a narrativa mágica em torno da chamada Seleção de Ouro. De volta ao país, a delegação foi enviada diretamente para um remoto campo de treinamento, devido às tensões na capital. Nas ruas, os jogadores estavam sendo acusados pela torcida de entregar o jogo aos alemães. O ministro do Interior recebeu jogadores e comissão técnica. “A certa altura ele disse: ‘Você está nervoso? Não se preocupe, vamos defender sua família e seu apartamento dos ataques’. Fiquei nauseado enquanto ele me contava que tinham ocorrido manifestações em

¹⁴¹ Ver Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, pp. 53-54. Trechos de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, 7 de abril de 1956.

todo o país, principalmente na capital, que se transformaram em revoltas contra o governo, com milhares de pessoas em frente aos escritórios do Nepsport (*Ministério Popular dos Esportes*) e à secretaria de imprensa do Partido (*Comunista*)”, lembra o técnico Sebes¹⁴².

Um dos atletas, Grocsis, de postura mais crítica diante do regime, acabaria preso poucos meses depois da Copa, acusado de espionagem e traição. “Minutos antes do pontapé inicial de um jogo do campeonato nacional — eu estava fazendo aquecimento em campo —, recebi uma ordem para voltar ao vestiário, onde me disseram, sem maiores explicações, que eu não podia mais jogar futebol na Hungria”, conta o jogador¹⁴³.

“Foi uma experiência terrível, aterradora. Quem não viveu naqueles tempos não pode entender como era a situação. Nessa época, havia julgamentos públicos, confissões forçadas, execuções sumárias. Se quisesse a AVH (*polícia política húngara*) podia simplesmente espancá-lo até a morte; ninguém ficaria sabendo”, lembra Grocsis, que seria liberado 15 meses depois por falta de provas, mas amargaria um exílio forçado num time de mineiros da longínqua cidade de Tatabanya, durante sete anos.

A derrota húngara deflagraria uma série de distúrbios que funcionariam como um ensaio geral do movimento que, 15 meses depois, levaria à queda do ditador stalinista Matyas Rakosi, antecipando em 10 anos a Primavera de Praga, na vizinha Tchecoslováquia. O sonho de auto-determinação, alimentado pelos ventos reformistas que vinham de Moscou, onde Nikita Krushev reconhecia as atrocidades do stalinismo, duraria pouco. Em 1956, tropas soviéticas reprimiriam o levante, depois que o primeiro-ministro Imre Nagy anunciou a saída do Pacto de Varsóvia, a libertação de presos políticos e o fim do sistema de partido único.

Em meio ao levante, os jogadores do Honved, base da Seleção de Ouro e equipe ligada ao Exército húngaro¹⁴⁴, se recusaram a retornar ao país após uma excursão na América do Sul. A equipe esteve no Brasil durante a viagem, acompanhada do técnico convidado Bela Guttman, que acabaria ficando no país. Segundo Taylor e Jamrich, a recepção foi excepcional. Os “jogadores húngaros se consideravam como os ‘brasileiros’ do futebol

¹⁴² Taylor e Jamrich, op. cit., p. 133.

¹⁴³ Idem, pp. 135-136.

¹⁴⁴ Num exemplo de como política e esporte se misturavam no período, um dos jogadores do Honved, Bozsik, mais alinhado ao governo, havia sido nomeado deputado, embora raramente comparecesse ao Parlamento nacional. Idem, p. 157.

européu (embora o contrário talvez fosse mais plausível) e havia muito queriam visitar o país que produzia jogadores tão hábeis”¹⁴⁵.

Na excursão, o Honved enfrentaria o Flamengo no Maracanã, numa partida usada por cronistas para levantar a auto-estima do torcedor brasileiro. Narra Nelson Rodrigues:

“Quando o serviço de audiodifusão anunciou a equipe do Flamengo, o público ficou sem saber se ria, se chorava. De fato, a formação rubro-negra era, a um só tempo, cômica e pungente. Que espécie de chance poderiam ter os Babás, os Henriques, os Moacir, contra os Puskas do Honved? O Flamengo atirava garotos contra o *métier*, a classe, o virtuosismo dos húngaros. Era uma aventura pânica, uma experiência, se assim posso dizer, suicida. Pois bem: — começa o jogo. E, com surpresa e quase com irritação geral, esfarela-se, à vista de todos, o maciço favoritismo dos visitantes. Sim, amigos: — o Flamengo, com seus aspirantes, é que parecia o Honved, é que parecia o escrete húngaro. Os Babás, os Henriques é que pareciam os Puskas. (...) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: — somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem. Mas certas vitórias merecem um total respeito. Por exemplo: — a de sábado. A garotada rubro-negra deu-nos uma lição maravilhosa, que é a seguinte: — o futebol brasileiro, jogando o que sabe, observando as suas verdadeiras características, é o melhor do mundo”¹⁴⁶.

O Honved foi visto no Brasil em uma das últimas formações clássicas. O time seria desmontado pelas ofertas de times espanhóis e italianos aos jogadores, que sofriam pressões para voltar para casa, onde já haviam sido informados de que seriam “severamente punidos” pelo prolongamento não-autorizado da excursão.

No Brasil, como mostra a narrativa de Nelson Rodrigues, nos espelhávamos em escretos estrangeiros, aos quais nos assemelhávamos na hora das vitórias. A derrota na Suíça tinha sido mais um duro golpe em termos de auto-imagem. A referência, apesar das proclamações dos cronistas sobre a superioridade técnica do jogador brasileiro (jamais concretizada nos momentos decisivos), continuava a ser externa. Favoritos, para a Copa da

¹⁴⁵ Op. cit., p. 161.

¹⁴⁶ Ver Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, pp. 53-54. Trechos de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, em 26 de janeiro de 1957. Vitória do Flamengo por 6 a 4.

Suécia, em 1958, eram os russos, que tinham método, um exército de cientistas a amparar qualquer decisão da comissão técnica, e até *videotape*¹⁴⁷ para analisar os adversários.

Os especialistas fizeram dossiês sobre cada jogador de cada seleção que os russos enfrentariam na competição. Entre eles, o ponta-direita brasileiro Garrincha, reserva de Joel na seleção, considerado pelos soviéticos jogador de um drible só (sempre igual, ameaçando puxar a bola em direção à área e correndo rumo à linha de fundo para o cruzamento), além de inapto fisicamente (tinha uma perna quase dez centímetros mais curta do que a outra).

O Brasil sofreu para vencer a Áustria e só arrancou um empate contra a Inglaterra. Reza a lenda que os principais jogadores da equipe (Nilton Santos, Bellini e Didi) pediram mudanças ao técnico Feola. Joel, Dino Sani e Dida saíam, dando lugar a Garrincha, Zito e o novato Pelé, de apenas 17 anos. A terceira partida seria justamente contra os favoritos russos, e a seleção brasileira, em plena Europa, entrava em campo com mais mulatos e negros do que nunca. Logo na primeira bola que recebeu, Garrincha atordoou os russos com um drible para a esquerda e um forte chute na trave, inspirando uma nova onda de narrativas heróicas.

“Creiam, amigos: o jogo Brasil x Rússia acabou nos três minutos iniciais. Insisto: nos primeiros três minutos da batalha, já o ‘seu’ Manuel, já o Garrincha, tinha derrotado a colossal Rússia, com a Sibéria e tudo o mais. (...) Amigos: a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? (...) Antes de começar o jogo, o seu marcador havia de olhá-lo e comentar para si mesmo, em russo: ‘Esse não dá nem pra saída!’ E, com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui, em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, é gostoso ser brasileiro”¹⁴⁸.

É preciso relevar as hipérboles dos cronistas esportivos, mas não há como negar a materialidade dos dribles desconcertantes de Garrincha, que arrancavam risadas do público

¹⁴⁷ A televisão já existia, mas era para poucos, e as partidas ainda eram transmitidas com atraso, por não haver satélites de telecomunicações. A demanda por imagens dos jogos era suprida pelo cinema: os principais lances eram exibidos antes das sessões, tornando-se tão concorridos quanto os filmes em si. Essa prática atingiu seu ápice com os documentários de curta-metragem do Canal 100, exibidos nas salas de cinema entre os anos 60 e 70.

sueco, registradas em imagens de nostálgico preto-e-branco e também pelas transmissões via rádio. Os especialistas do mundo da bola, não importa a nacionalidade, listam a seleção brasileira de 58 como uma das maiores de todos os tempos, do ponto de vista técnico.

A despeito da objetividade das qualidades daquela equipe, cumpre-nos analisar as narrativas construídas em torno de seu sucesso. Como a de Mario Filho, que introduz o conceito de “futebol-arte”:

“Os que amavam o esporte mais popular do mundo saudaram a vitória do Brasil contra a Rússia como a salvação do futebol-arte. Que laboratório poderia produzir um Didi, um Garrincha, um Pelé? Ou um Nilton Santos, um Zito, um Zagalo?”, questionava o jornalista, atribuindo as qualidades técnicas destes craques a fatores “mágicos” e “naturais”.

“Aqueles artistas nasciam nos campos livres, nas peladas, pelo amor à bola, ao futebol. (...) Willy Meisl, grande cronista internacional, austríaco dos tempos do *Wonderfull Team*, naturalizado inglês, fez questão de agradecer pessoalmente à crônica brasileira:

“— Vocês salvaram o futebol como arte.

“‘Vocês’ não eram os cronistas brasileiros. Eram os brasileiros. O povo que tinha produzido um Pelé, deus do estádio aos dezessete anos”¹⁴⁹.

Ou seja, o negro Pelé e o mulato Garrincha eram a redenção de milhões de negros e mulatos brasileiros. Não apenas isso, mas também a volta por cima de todo o país — justamente a transformação operada no campo do imaginário que nos interessa. A negociação de uma brasilidade hesitante, que só se firmaria com uma conquista inquestionável, em terras estrangeiras, encontrava enfim o seu desfecho, com um título arrancado mediante goleada de 5 a 2 sobre os anfitriões suecos. A partida, realizada a milhares de quilômetros de distância dos torcedores, se projetava através das ondas do rádio, reverberando em todo o território nacional, com o efusivo agenciamento da mídia.

Na entrega da taça, o Brasil-nação seria legitimado pelas congratulações do rei Gustavo, da Suécia, a cada um de nossos jogadores, brancos, mulatos e negros. As profundas desigualdades sociais e as mazelas do país ficavam em segundo plano, chegando mesmo a ser objeto de fina ironia. Como transparece da crônica de Nelson Rodrigues:

¹⁴⁸ Ver Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, pp. 53-54. Trechos de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, em 21 de junho de 1958.

¹⁴⁹ Op. cit., p. 325.

“Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: — a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com ‘x’ iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do ‘lance a lance’ da partida até os anúncios de missa. (...) Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, (...).

“Já ninguém tem vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana D’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. (...) diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. (...) o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: — o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro”¹⁵⁰.

O Brasil superava o complexo de vira-latas, a que tanto se referia Nelson Rodrigues, tornando-se simultaneamente menos africano e mais europeu, pelo que se pode depreender de sua crônica. A vitória nos gramados suecos se transplantava para o teatro geopolítico. Os meios de comunicação convenciam-se, com seus loas ao triunfo do escrete canarinho, de que o país deixava para trás toda a desigualdade social e étnica, as ocasionais recaídas políticas rumo ao autoritarismo, a ineficiência da burocracia estatal e a fragilidade das redes de proteção (saúde, educação e previdência públicas).

¹⁵⁰ Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, pp. 60-61. Trechos de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, em 12 de julho de 1958.

O ufanismo embriagava os mais desavisados e proporcionava sonhos inéditos de grandeza nacional, que ganhariam asas no projeto do presidente Juscelino Kubitschek de construir, no coração do país, uma moderna capital federal. Se éramos os melhores do mundo no futebol, por que não sê-los também em outros campos? Nos esportes, a tenista Maria Esther Bueno conquistava seu primeiro título no tradicional torneio de Wimbledon e o pugilista Éder Jofre arrebatava o cinturão de campeão mundial na categoria peso-galo. Na música, a bossa-nova entrava em cena, trazendo elementos do jazz para a trama de ritmos da MPB, e conferindo-lhe feições mais nítidas de classe média branca da Zona Sul carioca.

A vitória nos campos de futebol era motivo de comemorações e manifestações ufanistas, mas também suscitava debates sobre a necessidade de uma mudança de comportamento do povo, da classe política do país. Como sugere Carlos Drummond de Andrade, ao detectar um inédito “entrosamento de forças sociais, a máquina burocrática do esporte deixando de operar suas porcas e parafusos de intriga, ambição, politicagem”:

“Não me venham insinuar que o futebol é o único motivo nacional de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. (...) Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há 30 anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou de muitas tristezas. Já tem caminhos abertos à sua frente e já sabe abri-los, por conta própria, quando não é assistido pelos serviços oficiais ou de classe a que cumpre melhorar as condições de vida coletiva. O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao auto-conhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo”¹⁵¹.

Outro fator decisivo para operar estas transformações era a entronização de ídolos, guindados a uma posição superior em relação aos antecessores fracassados, que não trouxeram troféus na bagagem em suas disputas de títulos internacionais. Garrincha, o anti-herói, foi aclamado, fazendo brotar sorrisos no rosto dos torcedores, com seus dribles

¹⁵¹ Ver *Quando é dia de futebol*, op. cit., pp. 37-39. Trechos de crônica originalmente publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 1 de julho de 1958.

singulares. Mas, pelo conjunto da obra que viria, Pelé, ainda aos 17 anos, talvez tenha sido o destaque daquele grupo, conciliando habilidade extrema com a bola nos pés aos gols numerosos e decisivos.

Nelson Rodrigues revela um pouco deste processo de assunção ao trono de “atleta do século”, iniciado por Pelé naquela Copa de 58.

“Um conhecido meu veio protestar: — ‘Pelé não pode ser craque! Com 17 anos, ninguém pode ser craque!’. Na minha cólera, tive vontade de subir pelas paredes como uma lagartixa profissional. Mas o meu consolo foi que, ao mesmo tempo, saía no *Paris-Match*, que é uma revista mundial, uma vasta erudita e compacta reportagem sobre Pelé. Lá vinha escrito: — ‘Pelé, rei do Brasil’. Enquanto, aqui, o brasileiro achava exagerado o próprio entusiasmo, uma revista parisiense punha o garoto nas nuvens”¹⁵².

Ou seja, por que duvidar da qualidade de nosso jovem herói nacional, se uma das mais lidas revistas do mundo o legitimava e coroava? E uma revista européia, anote-se. Até o Primeiro Mundo se curvava ao talento brasileiro. No caso, o talento de um negro brasileiro, o que levava a narrativa mítica de brasilidade positiva a um patamar inédito.

A Copa de 62, no vizinho Chile, veio ratificar os sonhos de grandeza nacional. A seleção do Brasil sairia campeã, mesmo sem Pelé, contundido, com atuação decisiva de Garrincha, o “Anjo das pernas tortas”. Mais uma vez, o rádio mostrava sua força na constituição de um imaginário nacional, desta vez erigindo uma sucessão de vitórias avassaladoras que não encontrava eco na realidade das partidas, vencidas de forma sofrida, como revelavam as imagens que chegavam ao país com atraso de dias.

Nelson Rodrigues ironiza o descolamento entre as narrativas e os fatos, fazendo sua opção pessoal pela ficção: “E o patético é que, quinta-feira, o *video-tape* de Brasil x Inglaterra nos dera uma versão deprimente do escrete. O povo não sabia conciliar as duas coisas: — o delírio dos locutores e a exata veracidade da imagem. Após a batalha de ontem, eu vi tudo. A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: — a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. (...) Disseram os locutores que o

¹⁵² Ver *A pátria em chuteiras*, p. 55. Trecho de crônica originalmente publicada na *Manchete Esportiva*, em janeiro de 1959. Curiosamente, Nelson Rodrigues destaca que a reportagem da revista francesa trazia uma série de fantasias sobre a “entronização” de Pelé, que estaria até batizando “ruas, praças e obeliscos”, por todo o país. Um flagrante de narrativa mítica assinada pela imprensa européia, que também construía sua própria visão da brasilidade que emergia da vitória no futebol.

Brasil fizera, contra a Inglaterra, uma exibição deslumbrante. Pura imaginação e, por isso mesmo, altamente veraz. O *video-tape* demonstrou o contrário. Azar da imagem”¹⁵³.

Mesmo com muito suor, a equipe canarinho chegaria às finais da competição. A vitória por 3 a 1 sobre a Tcheco-Eslováquia na partida decisiva daria o título à seleção brasileira e reforçaria o discurso ufanista de 58, agora com pretensões maiores de afirmação nacional entre as potências mundiais. “Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: — a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões”¹⁵⁴.

A era das Copas do Mundo ao pé do rádio acabou-se em 66, na Inglaterra, com o título conquistado pelos donos da casa em meio a múltiplas acusações de favorecimento pela Fifa, supostamente para manter aceso o interesse pelo esporte na Europa, após duas vitórias brasileiras consecutivas. O Brasil, já sob o regime militar, seria eliminado de forma melancólica pelos portugueses, num jogo marcado pela violência — a seleção de Portugal, aliás, contava com o maior ídolo de sua história até então: o negro Nakulo, que se tornaria mundialmente conhecido como Eusébio, nascido na então colônia africana de Moçambique.

A seleção canarinho ostentaria todos os defeitos que eram atribuídos aos dirigentes brasileiros pelo senso-comum jornalístico, tanto no esporte quanto na política: desorganização administrativa (durante a preparação, foram formadas quatro equipes diferentes, depois mescladas para a competição), apadrinhamento (o preparador físico, especialista em judô, era genro do então presidente da CBD, João Havelange) e autoritarismo (com o golpe de 64, começava o processo de militarização da comissão técnica).

No plano internacional, enquanto a guerra fria entre as potências nucleares capitalistas e comunistas seguia de vento em popa, o futebol configurava-se como catalisador de identidades e projetos de nacionalismo em outros países periféricos, na África, na Ásia e na América Central, muitos dos quais enfrentavam sangrentos processos de descolonização.

¹⁵³ Ver Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 90. Trechos de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 14 de junho de 1962.

¹⁵⁴ Idem, p. 94. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 18 de junho de 1962.

A Fifa ganhou poder político, sancionando a criação de confederações continentais, a ela subordinadas. Os europeus fundaram a Uefa, em 1954, com o objetivo de organizar campeonatos mais rentáveis, entre seleções e clubes de seus países membros, e também para fazer frente ao crescimento da influência da Confederação Sul-Americana. No mesmo ano, nascia a Confederação Asiática de Futebol. Três anos depois, no mesmo período em que Gana proclamou sua independência da Grã-Bretanha, era fundada a CAF (Confederação Africana de Futebol). Em 1961, as Américas do Norte e Central se uniram em torno da Concacaf (Confederación Norte-Centro-americana y del Caribe de Fútbol). Em 1966, surgiu a Confederação de Futebol da Oceania.

O futebol seria um palco de importância estratégica para a afirmação das nacionalidades emergentes. As narrativas míticas permaneceriam em franca formulação e atualização, só que agora com maior abrangência, aceleradas pela tecnologia de telecomunicações.

As eliminatórias da Copa de 70, no México, apresentariam um dos episódios mais romanceados da história do futebol. Em 1969, Honduras e El Salvador disputavam as semifinais da Concacaf, decidindo quem enfrentaria o vencedor de Estados Unidos e Haiti, disputando uma vaga no mundial. Em 8 de junho, jogando em casa, no Estádio Nacional, a equipe de Honduras venceu a primeira partida por 1 a 0, com um gol no último minuto. Moradores da capital Tegucigalpa infernizaram o sono dos jogadores da seleção adversária, prejudicando, segundo cronistas esportivos, seu desempenho em campo.

Houve protestos em El Salvador e um caso, amplamente noticiado pela imprensa local, chocou a população: uma adolescente, Amelia Bolaños, revoltada com o resultado do jogo e o tratamento dado aos salvadorenhos, suicidou-se com um tiro de revólver do pai. Seu funeral teve cortejo militar, num sinal claro de que o episódio ganhava contornos chauvinistas.

No jogo de volta, no Estádio Flor Blanca, em San Salvador, dia 15, o ambiente era de grande tensão e a equipe hondurenha teve de ser transportada até o local num veículo blindado. Bandeiras do país eram queimadas nas ruas e nas arquibancadas. Retratos de Amelia eram usados como símbolos. Dois torcedores de Honduras morreram em choques de rua. Em campo, a seleção de El Salvador venceu por 3 a 0. O técnico hondurenho, Mario Griffin, teria afirmado depois que “graças a Deus” sua equipe havia perdido a

partida. Em resposta, em Honduras, milícias paramilitares realizaram violentos ataques contra salvadorenhos, que começaram a fugir do país aos milhares.

Com uma vitória para cada lado nos gramados, foi realizada uma terceira partida, em terreno neutro, no México, em 27 de junho, vencida por El Salvador, por 3 a 2, na prorrogação. Dias antes, o governo salvadorenho rompeu relações diplomáticas com Honduras e denunciou o país vizinho à ONU por genocídio. O presidente, Fidel Sanchez Hernandez, em discurso no rádio, exortou o povo “a cumprir as responsabilidades que a pátria exige, pois os poderes públicos estão de acordo com vossos propósitos de salvaguardar a todo custo a soberania, a integração territorial e a honra de El Salvador”¹⁵⁵.

No dia 14 de julho, a Força Aérea salvadorenha bombardeou quatro cidades do país vizinho, que retaliou prontamente, com ataques por terra e ar. Cerca de quatro mil pessoas morreram no conflito, que ficou conhecido como Guerra do Futebol e durou apenas quatro dias, até que a Organização dos Estados Americanos (OEA) obtivesse um cessar-fogo.

Em função de sua duração, muitos estudiosos preferem chamá-la de Guerra de Cem Horas. Além disso, o conflito estava longe de ter se originado nos gramados. Os dois países nutriam uma rivalidade de fundo econômico, que se estendia da disputa pela demarcação de fronteiras — El Salvador ambicionava uma saída para o mar — até a ocupação de terras cultiváveis.

Honduras tinha apenas 18 habitantes por quilômetro quadrado, contra 240 do vizinho, enfrentando portanto uma onda de migração e abrigando, legal ou ilegalmente, cerca de 300 mil salvadorenhos, em busca de empregos e moradia. Desde 1963, o governo hondurenho proibia as empresas do país de contratar mais de 10% de estrangeiros, aumentando a tensão social contra os migrantes. As autoridades do país também acusavam 14 famílias salvadorenhas de comandarem o contrabando, pondo em risco a economia nacional. E, para completar o cenário de hostilidades, uma reforma agrária promovida em Honduras exatamente naquele ano de 1969 ameaçava expulsar do campo milhares de salvadorenhos.

Apesar de todo esse histórico, muitos pesquisadores costumam relacionar o conflito aos resultados diretos dos campos de futebol. Como aponta Boniface: “Para alguns, a situação era clara: dois países, cujos habitantes eram obviamente tão subdesenvolvidos no aspecto mental quanto no econômico, foram à guerra devido a um estúpido jogo de futebol. Mas

acreditar que esta partida de futebol, não obstante a partida eliminatória para a Copa do Mundo que teria lugar no vizinho México, foi ‘responsável’ pela guerra é tão preciso quanto dizer que o assassinato do arquiduque Ferdinando, em Sarajevo, em 1914, causou a Primeira Guerra Mundial. Nos dois casos, isto seria misturar o evento deflagrador com as verdadeiras causas históricas, sociais e políticas”¹⁵⁶.

Em campo, a seleção de El Salvador venceria a do Haiti e se classificaria para o mundial, mas chegaria mal preparada, sendo eliminada logo na primeira fase. Os estragos deixados pela formação de milícias paramilitares, tanto em território salvadoreño quanto em Honduras, deixariam marcas profundas durante toda a década seguinte. Só em 1980, os governos dos dois países reatariam relações diplomáticas. A disputa de fronteiras acabaria apenas em 1992, com a mediação da Corte Internacional de Haia.

Não podemos embarcar na versão mitológica de que o futebol moderno é tão relevante do ponto de vista social, com suas simulações de conflitos, que ocasionou uma guerra de verdade. É importante, contudo, ressaltar os mecanismos de mediação social que ajudaram a transformar uma metafórica disputa nos gramados numa carnificina nos campos de batalha. Mais uma vez, a imprensa, com a veiculação de mensagens de intolerância de políticos movidos por agendas obscuras, assume papel decisivo.

Sob outro ponto de vista, a atribuição da guerra ao resultado de um jogo de futebol, como aponta Boniface, tem estreita ligação com uma visão etnocêntrica de parte da mídia e dos pesquisadores, posto que ressalta o subdesenvolvimento dos países em conflito.

Se a tardia descolonização e a tentativa dos novos governos de afirmar as nacionalidades emergentes davam o tom do esporte na África e na Ásia, o cenário se alterava profundamente também na América do Sul, palco de instabilidades políticas que levariam à proliferação de ditaduras — muitas apoiadas diretamente pelos Estados Unidos, em sua política de contenção do avanço do comunismo na região, após a revolução cubana, em 1959. A narrativa da pátria de chuteiras viveria seu grande momento nos anos seguintes, não apenas no Brasil, mas em outros países sob regimes não-democráticos, como a Argentina.

¹⁵⁵ Ver Agostino, op. cit., p. 193.

¹⁵⁶ Op. cit., p. 8.

Consolidado, o regime militar brasileiro voltaria ao ataque com o objetivo de apagar o fracasso na Copa de 66. Para isso, lançaria mão de uma intensa campanha de propaganda, em torno da primeira Copa do Mundo que seria transmitida ao vivo pela televisão, no México, em 1970, provocando uma corrida às lojas de aparelhos eletroeletrônicos — o total de televisores no país atingiria, naquele ano, 4,25 milhões de unidades, o equivalente a uma penetração de 24,1% da população¹⁵⁷. O esporte era assunto prioritário para o Estado há décadas, mas agora tinha também a incumbência de servir ao regime, minimizando o dissenso político e sufocando as oposições, como veremos no próximo capítulo.

¹⁵⁷ *Mídia Dados 97*, do Grupo de Mídia de São Paulo, com base em dados do IBGE.

A era do espetáculo via satélite: mediação da TV

Nunca uma campanha de marketing fora tão agressiva em favor da seleção brasileira. O jingle composto por Miguel Gustavo funcionaria como uma extensão da campanha “Brasil, ame-o ou deixe-o”, com toda a população sendo conclamada a participar de uma só “corrente”, marcadamente ufanista:

“Noventa milhões em ação / Pra frente, Brasil, do meu coração / Todos juntos, vamos / Pra frente, Brasil / Salve a seleção! / De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão / Todos ligados na mesma emoção / Tudo é um só coração / Todos juntos, vamos / Pra frente, Brasil! Brasil! / Salve a seleção!”

A ditadura deixava cair o manto da provisoriedade e se assumia, nítida, com o Ato Institucional nº 5, em 1969. Adversários políticos sofriam torturas nos porões do regime, que adotava a truculência e, logo, a eliminação como tática de combate.

Enquanto isso, um comunista de carteirinha, surpreendentemente, dirigia a seleção brasileira. João Saldanha, comentarista esportivo de gênio forte, com passagem como técnico pelo Botafogo, resistiria até quase a Copa de 70, no México. “Como explicar que, na época mais repressora, da ditadura militar, fosse convidado um indivíduo conhecido por seu posicionamento comunista?”, pergunta-se Aquino. “Essa escolha torna-se compreensível se levarmos em conta que a CBD vinha sendo alvo de críticas contundentes. Os erros e o fracasso na Copa do Mundo de 1966 vieram à tona e deixaram a cúpula da CBD em posição difícil. Como Saldanha era um comentarista de grande prestígio nos meios esportivos e bastante popular entre os amantes do futebol, a CBD apelou para tal jogada política”¹⁵⁸.

O técnico, porém, não chegaria à Copa de 70 no comando da seleção. Muitos atribuem a saída de Saldanha, não à política, mas ao temperamento explosivo que o levou a rebater críticas do general Emílio Garrastazú Médici, então no poder. O escrete canarinho colecionou diversos tropeços, como a derrota para o Atlético-MG por 2 a 0 num amistoso em Belo Horizonte. O general-presidente sugeriu, então, via imprensa, a convocação do

¹⁵⁸ Aquino, op. cit., p. 90.

artilheiro atleticano, Dario, o Dadá Maravilha. Saldanha rebateu, também por meio dos jornais: “Vamos fazer um acordo. Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete na minha seleção”¹⁵⁹.

Nelson Rodrigues, notório conservador e simpatizante do regime militar, ligaria as críticas da imprensa à seleção a um estratagema para derrubar Saldanha. “Passaram para o povo jogos que só existiam na imaginação dos bons colegas. O escrete estava uma vergonha, ninguém jogava nada. Lembro-me de um locutor vociferando: — ‘Assim o Brasil não passa da estréia’. (...) Todavia, o *video-tape*, com sua veracidade burra, serviu para desmascarar toda a fraude”¹⁶⁰.

Há versões que dão conta de que a demissão de Saldanha se deveria à preocupação dos militares em relação a uma possível divulgação no exterior, pelo técnico, de dossiês denunciando torturas, assassinatos e perseguições a militantes políticos. Mas é preciso lembrar que, com seu temperamento imprevisível, Saldanha se desgastou ao ameaçar barrar Pelé, que supostamente estaria com problemas de visão, jamais comprovados.

Para o lugar de Saldanha, às vésperas da Copa, foi escalado o ex-jogador Mário Jorge Lobo Zagallo. Pelé estava garantido no time, junto a Jairzinho, Tostão, Rivelino, Gérson e outros craques.

Vale ressaltar que Pelé seguia em processo de canonização, com uma carreira vitoriosa no Santos, apesar de não ter participado diretamente da conquista da Copa de 62 e a despeito da derrota da seleção brasileira no Mundial de 66. “Pelé não tinha um pingão de sofreguidão. Era tamanha a superioridade técnica, tão notável a força física e mental, que, dentro ou fora da área, atemorizava todo mundo. Daí ter feito todo tipo de gol que alguém possa imaginar”, descreve Armando Nogueira, erigindo uma imagem mítica do craque infalível e imbatível¹⁶¹.

Em 1969, o craque havia feito seu milésimo gol, num evento minuciosamente programado pela CBD. O palco escolhido foi o Maracanã, e o adversário, o Vasco. Jogada de Pelé, pênalti para o Santos. A multidão, como relatam os cronistas, exigiu que o próprio ídolo convertesse a cobrança.

¹⁵⁹ Idem, p. 91.

¹⁶⁰ À *sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 161-164. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 1 de maio de 1970.

¹⁶¹ *A ginga e o jogo*, op. cit., p. 49.

“Muitos lamentam que tenha sido de pênalti. Meu Deus do céu, e daí? Na sua penetração fulminante, tinha batido toda a defesa adversária. Ia entrar com bola e tudo. E sofreu o pênalti. Não foi um companheiro, mas ele próprio quem foi derrubado. Não queria cobrar. Mas seus companheiros fizeram uma greve linda contra o pênalti. Ninguém tocava na bola. E, então, 100 mil pessoas, na gigantesca cadência coral, começaram a exigir: — ‘Pelé, Pelé, Pelé!’”, narra Nelson Rodrigues.

“Quando a bola foi colocada na marca do pênalti, criou-se um suspense colossal no estádio. O meu colega e amigo Villas-Bôas Corrêa, que não tem nada de passional, estava comovido da cabeça aos sapatos. (...) Ao que íamos assistir já era História e já era Lenda. Imaginem alguém que fosse testemunha de Waterloo, ou da morte de César, ou sei lá. No ex-Maracanã, fez-se um silêncio ensurdecedor que toda a cidade ouviu. No instante do chute, a coxa de Pelé tornou-se plástica, elástica, vital, como a anca de cavalo. Mas havia alguém contracenando com ele no quinto ato da batalha. Era o formidável goleiro argentino Andrada. Em qualquer hipótese, ele ia se tornar uma figura histórica: — defendendo ou não. E quando Pelé estourou as redes, o Estádio Mário Filho voou pelos ares. Desde Pero Vaz de Caminha, nenhum brasileiro recebera apoteose tamanha. De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco co-autor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Cem mil pessoas, de pé, aplaudiam como na ópera. Depois, assistimos à volta olímpica. Pelé com a camisa do Vasco. Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros”¹⁶².

O agenciamento do ídolo pela mídia e pelas autoridades fica patente. O gol mil, uma cobrança de pênalti, transformado num feito épico — com direito a hesitação do craque em fazer da simples penalidade seu momento grandioso. Cabe assinalar que Nelson Rodrigues, pródigo em chamar Pelé de “divino crioulo”, tinha perfeita noção de que aquele instante já estava, simultaneamente, inscrito na história e no terreno da mitologia.

¹⁶² À *sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 158-160. Trechos de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 21 de novembro de 1969. Villas-Bôas Corrêa é um dos maiores cronistas políticos do país, com trajetória marcante no *Jornal do Brasil* — reservado, jamais revelou suas convicções políticas, constituindo um raro espécime de jornalista que legitima a imagem de isenção que grande parte da população tem da imprensa. À época do milésimo gol de Pelé, o Maracanã já havia sido rebatizado com o nome do jornalista Mario Filho, falecido poucos anos antes, o que leva Nelson Rodrigues a chamar o estádio de “ex-Maracanã”. De qualquer forma, apesar do nome oficial, o estádio continua sendo mundialmente conhecido como Maracanã.

Não há exagero na afirmação de que a partida contra o Vasco foi interrompida. Isto de fato ocorreu, por longos dez minutos, em que Pelé, cercado de repórteres, companheiros de equipe, dirigentes e convidados de honra deu a volta olímpica no gramado do Maracanã e discursou de forma fragmentária, dedicando seu milésimo gol às crianças pobres de todo o Brasil.

Vale reproduzir trecho de outra crônica, do poeta Carlos Drummond de Andrade, que também confere ao craque dimensões mágicas e artísticas, como se os mil gols não fossem fruto de intensos treinamentos e condicionamento físico exemplar, mas sim algo “natural”, obtido sem maior esforço:

“O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. (...) Que adianta escrever mil livros, como simples resultado de aplicação mecânica, mãos batendo máquina de manhã à noite, traseiro posto na almofada, palavras dóceis e resignadas ao uso incolor? (...) A obra de arte, em forma de gol ou de texto, casa, pintura, som, dança e outras mais, parece antes coisa-em-ser na natureza, revelada arbitrariamente, quase que à revelia do instrumento humano usado para a revelação. (...) O Rei chega ao milésimo gol (sem pressa, até se permitindo o charme de retificar para menos a contagem) por uma fatalidade à margem do seu saber técnico e artístico. Na realidade, está lavrando sempre o mesmo tento perfeito, pois outros tentos menos apurados não são de sua competência. Sabe apenas fazer o máximo, e quando deixa de destacar-se no campo é porque até ele tem instantes de não-Pelé, como os não-Pelés que somos todos”.

O poeta, ao falar de revisão da contagem, referia-se à polêmica de que, na verdade, o milésimo gol teria sido feito numa partida no Nordeste, contra um pequeno time do interior. Há suspeitas de que o gol mil tenha sido meticulosamente programado para o Maracanã, pela CBD, para maximizar seu impacto na mídia. Na mesma crônica, Drummond vai além na mitologia em torno do ídolo, traçando paralelo entre uma fome metafórica das camadas mais pobres da população e o alimento simbólico proporcionado por Pelé, engendrando novas formas de consumo.

“O mundo é feito de consumidores, servido por alguns criadores. O desequilíbrio é dramático, e só não determina a frustração universal porque não nos damos conta de nossa impotência criadora, e até nos iludimos, atribuindo-nos uma potência imaginária. Ainda por absurdo desajuste, a criação, em muitas áreas, nem sequer é absorvida pelos consumidores

em carência. Muitos seres não sabem consumir, vegetando em estado de privação inconsciente. Para o consumo, sim, é necessário aprendizado. Mas os milhões de analfabetos, subnutridos e marginalizados, dos mundos ocidental e oriental, não desconfiam sequer de que há alimentos fascinantes para fomes não presentidas.

“Afortunadamente, no caso de Pelé, a comida de arte que ele oferece atinge o paladar de todos. O futebol é desses raros exemplos de arte corporal e mental que promovem a felicidade unânime, embora dividindo a massa, pois a fusão íntima se opera em torno da beleza do gesto, venha de que corpo vier.

“Os mil gols de Pelé são um só, multiplicado e sempre novo, único em sua exemplaridade. Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, que se deixou fazer por Pelé, recusando-se a tantos outros. Ou ao gênio do gol, que se encarnou em Pelé, por uma dessas misteriosas escolhas que a genética ainda não soube explicar, pois a ciência, felizmente, ainda não explicou tudo neste mundo”¹⁶³.

Mesmo contando com Pelé, um ídolo ao qual era atribuída uma dimensão sobre-humana, a seleção brasileira viajaria desacreditada para a Copa do México, no ano seguinte. Havia, mais uma vez, desavenças entre cariocas e paulistas, devido à exclusão de jogadores dos dois estados no escrete. E os cronistas desfiavam um rosário de queixas sobre a escalação da equipe — um hábito que se repetiria em todas as Copas desde 50, numa possível estratégia dos jornalistas para antecipar e elaborar fracassos no nível do imaginário, angariando posteriormente maior credibilidade, ao rememorar os alertas publicados.

Nelson Rodrigues, no entanto, relaciona estas críticas dos cronistas a um antipatriotismo e a uma suposta subserviência à alegada superioridade das equipes européias, exemplificando o chauvinismo que dava o tom nos campos da política nacional:

“O escrete parte hoje. Termina o seu exílio e, se não ouvirem bem, repito: — o seu exílio era o Brasil. Os nossos jogadores são tratados como se fossem estrangeiros. Ou pior. Porque os estrangeiros merecem, não raro, uma polidez convencional, sim, um mínimo de cerimônia. (...) Cada cronista há de ter uma palavra final para o time nacional. Já vimos que

¹⁶³ *Quando é dia de futebol*, op. cit., p. 113. Crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*. A data, em 28 de outubro de 1969.

um dos colegas escreveu, a título de juízo final: — ‘Não somos os melhores’. Esse tom de catástrofe é de quase toda a imprensa brasileira. (...) Quem quer que tenha um mínimo de isenção, de objetividade, de apreço aos fatos, sabe que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Não sou eu que o digo, mas o óbvio, sim, o óbvio ululante”¹⁶⁴.

A delegação seguiria para o México com feições militarizadas. A chefia cabia ao brigadeiro Jerônimo Bastos; a segurança, ao major aviador Roberto Câmara Lima Ipiranga dos Guarany's; na equipe de preparação física, assessorando o preparador Admildo Chirol, quatro oficiais do Exército, incluindo Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho, que depois seria técnico da seleção em 1978 e conquistaria títulos à frente do Flamengo.

Na primeira fase, a seleção superou as equipes da Tchecoslováquia, da Inglaterra e da Romênia. O país se transplantava no imaginário para o México, vitória após vitória. Pela primeira vez, milhões de brasileiros podiam assistir às imagens das partidas em tempo real, via satélite, mesmo que em preto-e-branco. Experiência viabilizada pela instalação, em 1969, da estação receptora de sinais de satélite da então estatal Embratel, em Itaboraí, no Grande Rio. A transmissão ao vivo fortalecia a mediação da TV, que ainda engatinhava no Brasil. Drummond, já saudosista do tempo em que as partidas eram construídas pela imaginação, com a ajuda dos locutores de rádio, relata a mudança e traça uma nova oposição rádio-TV, só que agora entre TV preto-e-branco e em cores:

“No momento, somos milhões de brasileiros vendo a Copa do Mundo em preto e branco, e algumas dezenas vendo-a colorida. Faço parte da primeira turma, porém, não protesto contra o privilégio da segunda. Talvez até sejamos nós, realmente, os privilegiados, pois nos é concedido o exercício livre da imaginação visual, esse cavalinho sem freio. Podemos ver o estádio de Jalisco recoberto das tonalidades mais deslumbrantes, os atletas mudando continuamente de matiz, fusões e superposições cromáticas, efeito de luz que só o cinema e os crepúsculos classe extra do Arpoador têm condição de oferecer-nos. Pelé, o mágico, vira arco-íris, na instantaneidade e gênio de suas criações. E tudo é *ballet* de cor a que vamos assistindo ao sabor da inventiva, na emoção das jogadas, desde que sejamos capazes de inventar. Ao passo que nossos poucos colegas aparentemente mais afortunados,

¹⁶⁴ À *sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 165-168. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 1 de maio de 1970. O jornalista critica duramente a falta de apoio da torcida carioca, que vaiou os jogadores, principalmente o atacante Paulo César Caju. É de Nelson Rodrigues a famosa expressão: “No Maracanã, se vaia até minuto de silêncio”.

reunidos a convite da Embratel diante da TV em cores, já têm o espetáculo pintado, bandeiras e uniformes dos jogadores com seus tons intransferíveis, os grandes painéis de publicidade com as tintas que apresentam nos muros do mundo inteiro. Levam desvantagem perante nós, os de imaginação solta. Não podem conceber cores novas, todas já estão carimbadas. Sinto vontade de convidá-los a vir para junto de nós, os preto-e-brancos, será que aceitam?”¹⁶⁵

Com a seleção classificada para as quartas-de-final, no quartel da Barão de Mesquita, na Tijuca, Zona Norte do Rio, um torturador avisava sua vítima: “Se não falar em dez minutos, vai morrer hoje. Eu não quero perder o jogo”¹⁶⁶. Horas depois, a milhares de quilômetros dali, em Guadalajara, no México, o escrete canarinho bateria o time do Peru.

Na semifinal, seria a vez de vencer a seleção uruguaia, por 3 a 1, num jogo violento que foi tratado pela imprensa brasileira como uma vingança da Copa de 50, exatos 20 anos depois. O Brasil sairia campeão do estádio Azteca, com um placar favorável de 4 a 1 sobre a Itália, conquistando a taça Jules Rimet — sua posse era transitória, mas, antes da competição, a Fifa estabeleceu que o troféu seria entregue em definitivo ao país que acumulasse três títulos mundiais¹⁶⁷.

A TV via satélite ajuda a explicar porque a seleção canarinho de 70 é considerada a maior de todos os tempos por uma legião de torcedores, não só no Brasil mas em todos os pontos do planeta. A despeito da qualidade técnica dos jogadores brasileiros, há também uma “memória afetiva”, uma espécie de epifania trazida por uma primeira experiência de conexão mundial. Também não será mera coincidência que, até hoje, uma das mais vendidas camisas de seleções nacionais, mesmo no exterior, seja justamente a do Brasil de 70.

É a era do futebol-espetáculo via satélite que se anuncia. E, nesse primeiro momento, a parceria entre esporte e política surge como a maior vitoriosa. “Graças a esse escrete, o

¹⁶⁵ *Quando é dia de futebol*, op. cit., p. 113. Crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 16 de junho de 1970.

¹⁶⁶ Ver Maria Helena Malta, *Brasil, um sonho intenso*, p. 144, apud Elio Gaspari, *A ditadura escancarada*, p. 202.

¹⁶⁷ A taça viria a ser roubada no Brasil anos depois. Os ladrões acabariam presos, mas o troféu jamais seria recuperado. Pelos depoimentos dados à polícia, a taça do tricampeonato, esculpida em ouro, teria sido derretida para facilitar a revenda. O caso teve repercussão internacional e forte impacto no imaginário brasileiro — como o país poderia ser respeitado (e respeitar-se) se deixava roubar o símbolo de sua maior conquista esportiva?

brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de espora e penacho, como os Dragões de Pedro Américo”, ufanava-se Nelson Rodrigues¹⁶⁸.

A TV não sepultaria o rádio, apesar de esvaziá-lo comercialmente. Tratava-se apenas de mais uma instância de mediação entre a população e os eventos esportivos. Um mediador que não requeria tanta imaginação e locutores criativos, é certo, mas de qualquer forma um poderoso instrumento para interligação de um país cujo governo aspirava transformar em nação. É sintomático que, naquele mesmo junho de 1970, fosse inaugurado um símbolo da integração nacional, a rodovia Transamazônica, ligando Maranhão ao Acre.

Cultivar um olhar crítico à exploração política do futebol era ser contra a pátria de chuteiras. “Imaginem vocês que os *entendidos* quiseram destruir a seleção e quase o conseguiram (...) Por motivos que variam de caso para caso o *entendido* não gosta do Brasil. Em 66, na Inglaterra, torceu pelo inglês, pelo alemão, pelo russo, pelo búlgaro — menos pelo brasileiro. Voltou da Inglaterra anunciando a falência do futebol artístico que era o nosso. Parece impossível que alguém seja inimigo da beleza. Pois o *entendido* o era”¹⁶⁹.

Enquanto boa parte da população, anestesiada, gozava a euforia da conquista esportiva, dos porões da ditadura emergiam naquele ano nada menos que 1.206 denúncias de tortura, com 30 mortos. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceria espetaculares 10,4% — no ano anterior, início do “milagre econômico” brasileiro, já havia registrado expansão de 9,5%. Impulsionado pelo crescimento do PIB e pelo tricampeonato, o governo investia na campanha eleitoral que se avizinhava, bipartidária e amordaçada. Drummond ironiza a instrumentalização política do resultado nos gramados do México:

“‘Chute em gol: vote na Arena e ganhe na Loteria Esportiva.’ ‘Bote na Câmara a Seleção da Arena.’ (...) Estes são alguns dos slogans que leremos e ouviremos daqui a pouco, ao abrir-se a campanha eleitoral (não esquecendo os jingles de Miguel Gustavo). A Arena recebeu instruções: deve esforçar-se por motivar o eleitorado, acenando-lhe com as nossas (suas, dela) vitórias esportivas no exterior, que, desta maneira, se transformarão em vitórias políticas no interior”¹⁷⁰.

¹⁶⁸ À *sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 193. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 22 de junho de 1970.

¹⁶⁹ De novo Nelson Rodrigues, *A pátria em chuteiras*, op. cit., p. 153. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 17 de junho de 1970.

¹⁷⁰ *Quando é dia de futebol*, op. cit., p. 115. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 9 de julho de 1970.

Médici, embora, segundo seus biógrafos, não tivesse a menor pretensão em usar o futebol como marketing pessoal, soube capitalizar a imagem do brasileiro comum. Deixou-se fotografar mais de uma vez em estádios, rádio de pilha ao pé do ouvido. Era sua única atividade social, um hábito de antes da Presidência, que não hesitou em manter. Torcia pelo Grêmio, e também pelo Flamengo¹⁷¹.

Acompanhou de perto a evolução do escrete canarinho e bateu bola com assessores, junto à rampa do Palácio da Alvorada, em meio à festa do tricampeonato, importando para o Brasil uma tradição que seria seguida por presidentes civis, anos depois¹⁷².

Pelé, já festejado por atingir a impressionante marca de mil gols na carreira, no ano anterior, viria a ser guindado à condição de maior ídolo do esporte nacional em todos os tempos e acabaria eleito “atleta do século”, título que não cansaria de festejar, em seu estilo peculiar, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa, qual um César dos gramados.

“Pelé, maravilhosamente negro, poderia erguer o gesto, gritando: — ‘Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria’. E, assim, brancos ou pretos, somos 90 milhões de otelos incendiados de ciúme pela pátria”, desmanchava-se Nelson Rodrigues, parafraseando José do Patrocínio¹⁷³.

Não se pode reduzir Pelé, evidentemente, ao seu papel de garoto-propaganda da ditadura. Ele se tornaria bem mais do que isso, uma espécie de ícone mundial, mais famoso do que o próprio Brasil, estrelando filmes em Hollywood e servindo como embaixador do esporte. Mas é certo que seu perfil político acabou sendo instrumentalizado para reforçar a imagem da ditadura como um sistema ideal, imune às supostas falhas da democracia. Sua posterior afirmação de que “o povo não sabe votar”, para defender as eleições indiretas vigentes, é um sintoma claro desta posição a que o craque se submeteu.

O futebol, agora com alcance ampliado em caráter planetário pelas transmissões televisivas via satélite, passava por uma série de modificações. Além de funcionar como instrumento político mais ou menos eficiente, despertava o apetite das grandes corporações.

¹⁷¹ Ver Elio Gaspari, *A ditadura escancarada*, op. cit., p. 128.

¹⁷² Ver “A imagem do sucesso”, revista *Veja*, 1º de julho de 1970, p.20.

¹⁷³ Idem, p. 160. Trecho de crônica originalmente publicada na *Revista Brasileira de Relações Públicas*, em julho-agosto de 1970. Segundo o cronista, José do Patrocínio começava os discursos tímido e tinha que ser agulhado para se inflamar: “Era preciso que os amigos, no meio da multidão, o chamassem de ‘negro’, ‘negro’, ‘negro’ e ‘negro’. E a humilhação racial o potencializava. Dizia então coisas como aquela: — ‘Sou negro, sim! Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria!’”. Ver À

Placas de publicidade tomavam as laterais dos gramados, patrocinadores começavam a disputar espaço nos uniformes dos principais clubes e cotas de apoio negociadas com ligas nacionais e regionais passavam a superar a arrecadação das bilheterias dos estádios — embora, no início, muitos clubes resistissem a permitir o televisionamento das partidas, temendo o esvaziamento das arquibancadas.

Simultaneamente, os maiores astros do esporte tornam-se garotos-propaganda, não mais apenas de regimes políticos, mas de prosaicos produtos de higiene pessoal, bebidas, cigarros etc. A figura do herói nacional ou local se enfraquecia, dando lugar às vezes a pessoas de carne e osso, obrigadas a complementar renda em campanhas de marketing que aviltavam sua aura mítica.

Exemplar desse período é a campanha de marketing de uma marca de cigarros estrelada pelo tricampeão Gérson, que tinha como mote a expressão “Gosto de levar vantagem em tudo”. Entronizado como Lei de Gérson, o controverso lema se tornaria um retrato da mercantilização crescente no esporte. Mais do que isso, com o deslocamento de seu sentido original, a Lei de Gérson acabaria se conformando como uma ideologia das regras burladas, do apadrinhamento, em suma, do vale-tudo político e econômico que tomava conta do país com a suspensão das garantias constitucionais pelo regime militar.

Neste mesmo período, os grandes clubes também fechavam contratos milionários de patrocínio, que incluíam a exigência inédita de veiculação de marcas comerciais em seus uniformes. Este processo de mercantilização não se deu sem reações adversas e retrocessos. Drummond, já nos anos 70, expunha essa perplexidade com uma realidade hoje praticamente “naturalizada”.

“Indaga-se: o torcedor do time deverá também vestir o mesmo anúncio, para identificação de torcida? E os cartolas do clube, será que, solidários com os atletas, precisarão comparecer no estádio com igual estampa nas costas? (...) Locutores e cronistas esportivos passarão a referir-se à partida entre um ‘raro prazer’ e ‘exportar é o que importa’. A ‘marca mundial das três tiras’ dá de 2 x 0 no ‘bonzão’. Goleada de ‘duvidamos que alguém venda mais barato’ na ‘segurança sem limite’. ‘Pelos caminhos do mundo’ fora do segundo turno. O técnico do ‘você sabe onde pisa’ renovou contrato com

o clube do ‘escolha aqui o seu imóvel’. Sucesso absoluto: o time do ‘guarda-chuva’ conquista o campeonato nacional, apesar da guerra movida pelo ‘dinheiro só em janeiro’. (...) Todos nós venderemos alguma coisa, que consumimos ou não, mas de que daremos testemunho trazendo-lhe a imagem na roupa. Testemunho pago. *Uma boa*”¹⁷⁴.

No mesmo período, vão se sofisticar as formas de agenciamento. Os atletas, que muitas vezes tinham seus interesses representados por parentes ou amigos (às vezes, nem isso — mantendo apenas acordos verbais), passariam a fechar contratos com empresários, que intermediariam a exploração de sua imagem em campanhas publicitárias, arbitrando o que seria melhor para a carreira dos jogadores. Posteriormente, os astros do esporte passariam a contar também com assessores de imprensa, que ordenariam sua exposição na mídia, negociando entrevistas com determinados meios de comunicação e rejeitando outros veículos, além de explorar efemérides — a centésima partida por um clube, ou o centésimo gol, por exemplo, configuram pautas que podem render reportagens positivas, com reflexos na imagem pública dos atletas e, depois, nos valores da renovação de seus contratos com os clubes.

Com a vitória em 70, Pelé se aposentaria da seleção brasileira, reforçando a narrativa mítica em torno de si, como o herói que sabe a hora de parar. Exalta o poeta: “Sua municipalização voluntária me encanta. Não é só pelo ato de sabedoria, que é sair antes que exijam a nossa saída. Uma atitude destas indica mais cautela do que desprendimento. É pelo ato de escolha — de escolher o mais simples, envolvendo renúncia e gentileza. As massas brasileiras e internacionais não poderão chamá-lo de ingrato, pois continuarão a vê-lo, aqui e no estrangeiro, em seu jogo de astúcia e arte. Mas ele passará a jogar como particular, um famoso incógnito, que não aspira às glórias de um quarto campeonato mundial. E com isso, dará lugar a outro, ou a outros, que por mais que caprichassem ficavam sempre um tanto encobertos pela sombra de Pelé — a sombra de que espontaneamente se desfaz. Bela jogada, a sua: a de não jogar como campeão, sendo campeoníssimo”¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Op. cit., pp. 143-145. Trechos de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 20 de dezembro de 1977.

¹⁷⁵ *Quando é dia de futebol*, op. cit., p. 201. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 5 de junho de 1971. Pelé ainda jogaria por anos no Santos e, por fim, no Cosmos, dos Estados Unidos, um time formado por craques em vias de aposentadoria que tinha como objetivo a

Sem Garrincha, Tostão e Pelé, e com o milagre econômico de Médici nos estertores, na esteira da disparada dos preços internacionais do petróleo, a seleção brasileira, novamente com sua comissão técnica militarizada, fracassaria na Copa de 1974, na Alemanha Ocidental, vencida pelos donos da casa. Enquanto isso, no Brasil, completava-se a liquidação da guerrilha no Araguaia; no Chile, o Estádio Nacional, palco da Copa de 62, transformava-se em campo de extermínio de dissidentes políticos; e, em Zurique, na Suíça, o brasileiro Jean Marie Faustin de Godefroid Havelange, mais conhecido ao Sul do Equador como João Havelange, assumia o comando da Fifa para um longo reinado, anunciando: “Vim vender um produto chamado futebol”¹⁷⁶.

Paralelamente ao processo de mercantilização do esporte, as ditaduras latino-americanas, em sua maioria, procuravam fazer do futebol seu melhor cartão de visitas. Foi o que fez a Argentina, anfitriã da Copa de 1978. O país seria escolhido pela Fifa para sediar o mundial antes do golpe militar que instituiu uma sangrenta ditadura, mas, apesar de todas as campanhas internacionais, a competição seria mantida pelas autoridades esportivas. Galeano lembra a instrumentalização da Copa pela ditadura argentina:

“Participaram dez países europeus, quatro americanos, Irã e Tunísia. O Papa enviou sua bênção de Roma. Ao som de uma marcha militar, o general Videla condecorou Havelange na cerimônia da inauguração, celebrada no Estádio Monumental de Buenos Aires. A poucos passos dali, estava em pleno funcionamento o Auschwitz argentino, o centro de tortura e extermínio da Escola Mecânica da Armada. E alguns quilômetros além, os aviões lançavam prisioneiros vivos para o fundo do mar.

“Finalmente, o mundo pôde ver a verdadeira imagem da Argentina”, celebrou o presidente da Fifa perante as câmeras de televisão. Henry Kissinger, convidado especial, anunciou:

“Este país tem um grande futuro em todos os níveis”.

“E o capitão da equipe alemã, Berti Vogts, que deu o chute inicial, declarou dias depois:

popularização do futebol entre os americanos. Sua “municipalização” seria, na verdade, “internacionalização”.

¹⁷⁶ Ver Eduardo Galeano, *op. cit.*, pp. 166-167. O autor uruguaio lembra que, posteriormente, foi Havelange quem convenceu a direção da fabricante de artigos esportivos Adidas a bancar a candidatura de seu amigo espanhol Juan Antonio Samaranch à presidência do Comitê Olímpico Internacional (COI). À frente da Fifa e do COI, ambos movimentariam somas bilionárias, sobre as quais não há qualquer transparência nem controle externo.

“A Argentina é um país onde reina a ordem. Não vi nenhum preso político”¹⁷⁷.

Para a festa do autoritarismo argentino, foi montado um luxuoso centro de imprensa, que recebeu cinco mil jornalistas de todo o mundo. Velhos repórteres alemães, de acordo com Galeano, relacionaram todo aquele fausto à pompa nazista das Olimpíadas de 36, em Berlim. O presidente da Sociedade Rural Argentina, Celedonio Pereda, exultava que, com o Mundial, “acabará a difamação que os argentinos desnaturados fazem circular nos meios de informação do Ocidente, utilizando para isto o produto de seus assaltos e seqüestros” — uma referência direta aos grupos de defesa dos direitos humanos que, no exterior, divulgavam as atrocidades cometidas pelo regime e também aos guerrilheiros de esquerda que atuavam no país.

Exemplar das relações incestuosas entre ditaduras e entidades esportivas foi o papel do almirante Carlos Alberto Lacoste, homem-forte do Mundial depois do suposto assassinato por guerrilheiros *montoneros*, em 1976, do general Omar Actis, militar encarregado inicialmente da missão de organizar a competição e autor de austero projeto. Então um simples capitão, Lacoste era o número dois de Actis, ex-interventor na petrolífera argentina YPF. Com a morte de Actis, embora oficialmente o nomeado para sucedê-lo tenha sido o general Antonio Merlo, foi Lacoste quem passou a dar as cartas.

Estimativas dão conta de que o Mundial custou US\$ 520 milhões, dinheiro suficiente para organizar três ou quatro competições do gênero, sustentam estudiosos argentinos. Os gastos foram tão faraônicos e inexplicáveis que Lacoste seria alvo de críticas veladas do secretário de Fazenda, Juan Alemann. Algumas semanas depois, já durante o Mundial, exatamente na hora do quarto gol da seleção argentina sobre a peruana, uma bomba explodiu na casa do secretário, em episódio até hoje não esclarecido. Não houve vítimas, mas o recado estava dado¹⁷⁸.

Nesta partida específica, o time da casa precisava golear por 4 a 0 para se classificar para as finais pelo melhor saldo, eliminando o invicto time do Brasil. Ganhou de 6 a 0, num dos maiores escândalos da história do futebol internacional. Os jogadores peruanos foram agredidos por torcedores ao voltar para casa e há diversos relatos de suborno (o governo

¹⁷⁷ Idem, pp. 175-178. Kissinger foi secretário de Estado americano e teve papel decisivo no estabelecimento das principais ditaduras latino-americanas do período.

¹⁷⁸ Ver Galeano, op. cit., e Mariano Buren, do Centro para la Investigación de la Historia del Fútbol, Buenos Aires, boletim CIHF, n° 9, ano 1, 12 de junho de 2003.

argentino teria doado ao Peru 35 mil toneladas de cereais, além de emprestar, a fundo perdido, US\$ 50 milhões à junta militar do país vizinho) e ameaças de morte a jogadores da equipe.

Lacoste chegaria a almirante e, posteriormente, seria guindado ao posto de vice-presidente da Fifa. Foi acusado formalmente, anos depois, pela morte de Actis, mas nada foi comprovado contra ele.

Sob censura, a imprensa argentina embarcava no ufanismo, usando estratégias de inclusão do público (e de si mesma) nos feitos da seleção. O jornal *El Gráfico*, por exemplo, notabilizou-se por construir reportagens cujas chamadas eram redigidas na primeira pessoa do plural: “Cada vez estamos mais próximos”, “Entramos para a história”¹⁷⁹.

A seleção argentina venceria a equipe holandesa na violenta partida final, por 3 a 1, na prorrogação. Os jogadores holandeses deixaram imediatamente o estádio, recusando-se a receber o troféu de vice-campeões das mãos dos generais argentinos. A mediana equipe do Brasil — dirigida por Cláudio Coutinho e com poucos craques, como os jovens Zico, Reinaldo e Toninho Cerezo — terminaria a Copa sem uma derrota sequer, mas em terceiro lugar, o que ressuscitou a mitologia do “campeão moral”, lançada por Mario Filho em 1938¹⁸⁰. A seleção, novamente sob direção militarizada, do almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, sofreria constantes interferências na escalação¹⁸¹.

Beatriz Sarlo chama a atenção para o fato de grande parte da população argentina ter “comprado” o projeto de Argentina-potência vendido pelo regime em agressivas peças de propaganda. A pesquisadora portenha relaciona ainda a Copa de 78 a uma outra jogada de marketing da ditadura argentina, ocorrida quatro anos depois: a tomada das Ilhas Malvinas,

¹⁷⁹ Ver Agostino, op. cit., p. 181.

¹⁸⁰ Na primeira fase da competição, o time do Brasil empatou em 1 a 1 com o da Suécia numa partida em que foi prejudicado pela arbitragem. Aos 45 minutos do segundo tempo, foi assinalado escanteio para o Brasil. Zico marcou o gol, de cabeça, mas, de forma surpreendente, praticamente no mesmo instante, o árbitro Clive Thomas, do País de Gales, apitava o fim do jogo. Depois deste episódio, uma norma da Fifa estabeleceu que a partida só poderia ser encerrada quando não houvesse jogada de gol — de preferência, com a bola bem longe da área. Ao fim da competição, o técnico Cláudio Coutinho sentenciaria: “Somos os campeões morais”.

¹⁸¹ No jogo contra a Espanha, a CBD impôs a substituição do zagueiro Edinho e dos craques Zico e Reinaldo por, respectivamente, Rodrigues Neto, Jorge Mendonça e Roberto Dinamite. O resultado foi 0 a 0. Zico só voltaria ao time na segunda fase da competição.

controladas pela Grã-Bretanha, que as chamam de Falklands. Em 78 e 82, de acordo com ela, “a ditadura obteve vitórias culturais e políticas, fugazes, mas significativas”.

“O mundial e a Guerra das Malvinas produziram o que a propaganda da ditadura e nem sequer o medo lograram obter, essa arborescência difusa mas vigorosa que havia crescido em quase todos os espaços públicos e privados. O mundial e a Guerra das Malvinas rodearam os ditadores de um povo que não os repudiava. Na festa do mundial, foram suspensos os rancores e os princípios. Teorizou-se que o direito à alegria das pessoas deveria prevalecer sobre o espírito crítico”¹⁸².

Beatriz Sarlo assinala que a ditadura instrumentalizou, com os dois eventos, um nacionalismo territorial dormente, que teve a eficácia de unir, durante breves instantes, um país amordaçado e seus algozes — da mesma forma que havia ocorrido, anos antes, no Brasil. A vitória argentina, instante de glória e afirmação nacional que lhes faltava, transformou o país e ainda hoje reverbera em sua cultura. A pesquisadora lembra que, em 98, as escolas municipais de Buenos Aires foram autorizadas a suspender as aulas regulares em dias de jogos, mantendo apenas lições leves de geografia e história sobre os países cujas seleções se enfrentariam, de modo a despertar seu “espírito crítico”.

“Entre cada partida, poderiam explicar (*aos estudantes*) que em 1978, na Argentina, uma ditadura militar assassinou e encarcerou milhares de homens e mulheres. Esta ditadura foi favorecida pela sorte de que o país sediou o mundial e tratou de aproveitá-la ao máximo. Em primeiro lugar, desacreditou as campanhas internacionais que questionavam que uma festa do esporte fosse realizada num lugar onde existiam campos de concentração e centros de tortura. Os militares tiveram êxito nesta operação e, às denúncias sobre violações dos direitos humanos, responderam com a acusação invertida de que se tratava de uma campanha antiargentina. (...) Durante o mundial, a grande maioria dos argentinos tornou-se enfeitada pelo patriotismo de tribuna e saiu às ruas para festejar as vitórias da equipe local, sem perceber que estes festejos fortaleciam a idéia que a ditadura queria dar de liberdades públicas. A entrega da taça mostrou Daniel Passarella (*capitão da seleção*) junto aos ditadores Videla, Massera e Agosti, frente a um estádio delirante de alegria”¹⁸³.

¹⁸² Ver *Tiempo presente: Notas sobre el cambio de una cultura*, p. 124. Tradução nossa.

¹⁸³ Idem, p. 127. O árbitro foi o italiano Sérgio Gonella, escolhido pelos anfitriões e acusado por diversos cronistas de fazer vista grossa para a violência dos argentinos.

No Brasil, no mesmo período da triste festa argentina, o campeonato nacional criado no ano da conquista do tri inchava ao sabor dos interesses políticos, chegando a ter 94 equipes em 1979. “Onde a Arena vai mal, ponha um clube no campeonato nacional”, ironizavam os opositores do regime militar, como lembra Aquino¹⁸⁴.

O presidente-general Ernesto Geisel transmitia ao sucessor, o oficial de Cavalaria João Baptista Figueiredo, a missão de dar continuidade ao processo de abertura “lenta, gradual e segura” do regime ditatorial. A censura arrefecia na imprensa escrita e novos ventos sopravam também nos gramados. O início dos anos 80 marcaria o surgimento da Democracia Corinthiana, movimento ainda pouco estudado, liderado por craques do Corinthians como Sócrates, Vladimir e Casagrande.

Os jogadores se uniriam para reivindicar maior liberdade e delegação de responsabilidades. Na Democracia Corinthiana, bombardeada pela imprensa conservadora paulistana, os jogadores ganhavam voz e participavam das decisões administrativas. Com o tempo, poriam em questão uma série de regras estabelecidas há décadas no esporte, como a concentração nas vésperas de jogos, a lei do passe e os contratos de direitos de imagem dos atletas. Em 1984, estes mesmos atletas subiriam ao palanque da campanha das Diretas Já, ao lado de políticos que cobravam eleições presidenciais livres. O futebol, que fora usado para tentar anestesiá-la população amordaçada politicamente, agora ajudava na construção de uma resistência cultural¹⁸⁵.

Num cenário de crescente clamor pela redemocratização do país, o técnico Telê Santana assumiu a seleção, preparando uma equipe que seria considerada uma das maiores do mundo de todos os tempos, graças à qualidade de craques como Sócrates, Falcão, Zico, Júnior e Leandro — os três últimos formando a base de um dos mais bem-sucedidos times do Flamengo de todos os tempos, que conquistaria, em 1981, em Tóquio, no Japão, o título inédito de campeão mundial interclubes, vencendo os britânicos do Liverpool. Como em outras ocasiões, no entanto, havia queixas dos cronistas esportivos, especialmente em relação ao goleiro Valdir Peres, à preparação física dos atletas e ao esquema tático europeizado, que dispensava um ponta-direita especialista — pecado mortal para os jornalistas de um país que tivera um Garrincha como referência atuando na posição.

¹⁸⁴ Op. cit., p. 101.

Veio a Copa da Espanha, em 1982, e o Brasil figurava como grande favorito para a imprensa internacional. A mobilização patrocinada pelo Estado incluía ponto facultativo nas repartições públicas, horários especiais para os bancos, recesso parlamentar e outras medidas profiláticas. A Rede Globo de Televisão, líder em audiência, promovia concurso para premiar a rua mais bem decorada com motivos patrióticos, movimentando dezenas de milhares de telespectadores. As rádios martelavam o samba *Voa, canarinho, voa*, cantado pelo lateral-esquerdo titular da seleção e do Flamengo, Júnior.

A economia claudicava após dois choques internacionais do petróleo, sofrendo com inflação e dívida externa crescentes. Com a censura prévia aos meios de comunicação cada vez mais esvaziada, havia algum espaço para dissensão, embora intelectuais preferissem usar de ironia para criticar o fenômeno cultural deste carnaval fora de época, que exilava o debate político e difundia a personificação da nação em um time de futebol, vestindo camisas amarelas com poderes quase mágicos.

“A outra massa, compadre, a mais numerosa, dedica-se a festejar antecipadamente a quarta Copa do Mundo pela nossa Seleção, isto é, pelo Brasil, pois não fazemos por menos. As ruas são uma floresta de faixas e bandeiras, o Rio ficou florido de esperanças que são certezas prévias, é a Pátria em festa agradecendo a seus filhos a vitória espetacular. De repente esquecemos a inflação, a arrastada abertura política, os candidatos a candidatos e só pensamos, sentimos, comemos e dormimos (ou melhor: vigiamos) a Copa. (...) Ainda se um desses candidatos formasse na reserva do time do Telê, tudo bem, seria aclamado como craque defensor da Pátria, com votação garantida e suprapartidária. Mas assim ao relento, como simples políticos, preocupados em salvar as finanças, o abastecimento, a qualidade de vida do pessoal, não dá. O momento é da bola, a ser chutada ou manobrada por pés brasileiros que conhecem as divinas artes de iludir o adversário mais assustador e vencê-lo na raça ou na graça”¹⁸⁶.

Nesse período, pesquisadores como Roberto DaMatta retomam a discussão do futebol no mundo acadêmico, à luz de estudos como os de Geertz e Huizinga¹⁸⁷. DaMatta, em ensaio sobre o esporte, aponta relações entre futebol e fé e introduz interessante discussão

¹⁸⁵ Encerradas as suas carreiras como atletas, Casagrande e Sócrates (que também é médico e, por isso, era chamado de “Doutor”) se tornariam comentaristas esportivos de sucesso.

¹⁸⁶ Ver Drummond, op. cit., pp. 169-170. Trechos de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 10 de junho de 1982.

sobre o lugar do jogo de bola na sociedade. Mas acaba embarcando na teoria freyrista-popular da singularidade do estilo de jogo brasileiro, amplificada ao longo das décadas pelos cronistas esportivos, ao analisar o conceito do “jogo de cintura”:

“É sabido no Brasil que o futebol nativo tem ‘jogo de cintura’; ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores. Em contraste com o futebol brasileiro, que exhibe essa improvisação e ‘jogo de cintura’, o futebol da Europa surge como uma variante ‘quadrada’ e autoritária da prática do mesmo esporte. É evidente que, quando falamos de ‘jogo de cintura’, estamos usando uma metáfora para a chamada ‘arte da malandragem’ como forma básica de ser política e socialmente bem sucedido. Na malandragem, como no ‘jogo de cintura’, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, livrando-se dela com um simples — mas preciso — mover do corpo. Em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando-o de modo inapelável. O bom jogador de futebol e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem. Em poder safar-se nas situações difíceis, fazendo isso com alta dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil”¹⁸⁸.

No entender de DaMatta, portanto, o jogador brasileiro é intrinsecamente superior ao europeu, por apresentar “jogo de cintura”, uma metáfora da malandragem macunaímica que, para ele, projetaria a identidade nacional. Note-se que os títulos angariados por seleções do continente europeu, com todas as suas especificidades e escolas de futebol, são reduzidos ao fruto de muita preparação física e autoritarismo — sem maiores detalhes sobre o fundo deste caráter autoritário, se político, ideológico ou tático.

O autor ignora o esforço de preparação física e tática empreendido pelos dirigentes do futebol nacional, sob inspiração dos métodos chamados científicos, desde os anos 50, ajudando a reforçar o mito do talento inato do jogador brasileiro. Nós jogaríamos futebol-arte; os europeus, futebol-força. Uma fantasia atualizada diariamente pelos cronistas

¹⁸⁷ Ver Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, e Johann Huizinga, *Homo ludens*.

esportivos, que, como vemos, ecoou no mundo acadêmico, da mesma forma que o projeto de afirmação de uma brasilidade positiva através do futebol conquistou intelectuais nos anos 30 e 40.

Curiosamente, enquanto o mundo acadêmico endossava as narrativas míticas dos cronistas, começava a ganhar força, entre alguns jornalistas de peso, um estilo bem menos ufanista, ponderado, que privilegiava a discussão de aspectos táticos do futebol. Um dos principais representantes dessa escola seria justamente João Saldanha, com a experiência de quem já tinha estado à beira do campo, dirigindo uma seleção brasileira. Não que Saldanha buscasse uma objetividade idealizada — suas crônicas eram opinativas, mas a linguagem, popular, era mais acessível do que as narrativas épicas de grande parte de seus colegas.

A poucos meses da Copa, por exemplo, o jornalista preferia discutir problemas táticos da equipe, em vez de enaltecer o futebol-arte supostamente praticado pelos jogadores brasileiros:

“Por que a Seleção, a três meses e meio da Copa, ainda não está definida claramente? Simplesmente porque não há clareza de objetivos táticos. A Seleção até agora formada ainda está em cima do muro. É aquela coisa que o caboclo resumia: ‘Não quero que o veado morra nem que a onça passe fome’. Muito PSD. Mas até o PSD já se transformou. (...) Na Seleção, a mesma política não está dando muito certo. Temos os grandes jogadores, mas não temos o time formado”¹⁸⁹.

Às vésperas da estréia, citando uma bolsa de apostas inglesa que cotava a seleção brasileira como favorita, Saldanha elogiava a equipe, mas alertava: “Temos um grande time que, tudo indica, já está formado. Mas os outros também têm grandes times. Não pensem em moleza. Seria um erro gravíssimo”¹⁹⁰.

A “mágica” seleção brasileira começaria a Copa de 82 com o pé direito, com um futebol que Aquino lembra como “extasiante, de passes precisos, jogadas brilhantes e tentos maravilhosos”¹⁹¹. A equipe brasileira venceu União Soviética, Escócia, Nova Zelândia.

¹⁸⁸ Ver Roberto DaMatta, “Esporte na sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro”, em *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*, pp. 28-29.

¹⁸⁹ Ver *O trauma da bola — A Copa de 82 por João Saldanha*, p. 39. Trechos de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 7 de março de 1982.

¹⁹⁰ Idem, p. 71. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 31 de maio de 1982.

¹⁹¹ Op. cit., p. 102.

Saldanha, no entanto, apontava defeitos no time, batendo na tecla da falta de um pontadireita — situação que a participação de Paulo Isidoro corrigia, mas sempre no segundo tempo das partidas — e na má preparação física da maioria dos jogadores. Na goleada de 4 a 0 sobre a seleção neozelandesa, equipe sem tradição no cenário internacional, o cronista viu, na atuação dos jogadores brasileiros, “muito sapato alto”¹⁹².

Nem a organização da Copa escapava das críticas de Saldanha, que apontou os preços abusivos dos pacotes turísticos e a baixa frequência de torcedores nos estádios. O cronista também atacou duramente o caráter comercial do evento, ressaltando o episódio insólito de tentativa de castração das manifestações de torcedores: “Um jogo hoje em dia mais parece uma corrida de automóvel de Fórmula-1. Cada centímetro custa tanto, pois o concessionário dos bochornosos cartazes que cercam o campo de jogo não foi ao ponto de querer mandar tirar as faixas dos torcedores? Faixas que incentivam seu time e que dão colorido honesto à festa?”¹⁹³

Apesar de todas as dúvidas levantadas, a seleção brasileira seguia vencendo. Na segunda fase, derrubou a forte equipe da Argentina, com Maradona já despontando como astro internacional. Mas a eliminação viria com a derrota por 3 a 2 para a Itália, numa partida que seria chamada por muitos cronistas de “tragédia do Sarriá”, uma referência ao estádio em que foi disputada e também uma evocação da “tragédia do Maracanã”, com o fracasso diante do Uruguai na Copa de 1950.

Saldanha, inflamado, deixaria de lado a discussão tática relativamente ponderada e faria uma compilação de todos os erros da seleção apontados em suas crônicas nas semanas anteriores, em tom acusatório:

“Tantos crimes contra o bom senso, contra o senso comum, não poderiam passar impunemente. O fato de possuímos jogadores extra-série como Zico, Falcão Socrátes, Júnior e Cerezo dava a falsa impressão de que éramos superiores em tudo. Mas uma estupidez siderúrgica rondava nosso propósito de ganhar uma Copa, onde quem nos derrotou passou mal com o país dos Camarões. Inventaram uma tática no Brasil

¹⁹² Op. cit., p. 116. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 24 de junho de 1982.

¹⁹³ Idem, p. 123. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 27 de junho de 1982.

abandonando preciosos espaços de campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimoso poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso”¹⁹⁴.

A derrota foi, de fato, retratada pela maioria da imprensa brasileira como uma tragédia épica, para uma população que projetava no futebol vistoso da seleção nacional um símbolo da liberdade de expressão e da esperança de redemocratização do país.

“Vi gente chorando na rua, quando o juiz apitou o final do jogo perdido; vi homens e mulheres pisando com ódio os plásticos verde-amarelos que até minutos antes eram sagrados; vi bêbados inconsoláveis que já não sabiam por que não achavam consolo na bebida; vi rapazes e moças festejando a derrota para não deixarem de festejar qualquer coisa, pois seus corações estavam programados para a alegria; vi o técnico incansável e teimoso da Seleção xingado de bandido e queimado vivo sob a aparência de um boneco, enquanto o jogador que errara muitas vezes ao chutar em gol era declarado o último dos traidores da Pátria; vi a notícia do suicida do Ceará e dos mortos do coração por motivo do fracasso esportivo; (...) vi a decepção controlada do Presidente, que se preparava, como torcedor número um do país, para viver seu grande momento de euforia pessoal e nacional, depois de curtir tantas desilusões de governo; vi os candidatos do partido da situação aturdidos com o malogro que lhes roubava um trunfo poderoso para a campanha eleitoral; vi as oposições divididas, unificadas na mesma perplexidade diante da catástrofe que levará talvez o povo a se desencantar de tudo, inclusive das eleições”, narra Drummond¹⁹⁵.

A redemocratização viria de forma “lenta, gradual e segura”, com a eleição indireta de Tancredo Neves para a Presidência da República. Tancredo não chegaria a assumir, vítima de uma doença fatal, mas seu vice, José Sarney, acabaria sendo empossado, afastando o

¹⁹⁴ Idem, p. 154. Trecho de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 6 de julho de 1982. Na primeira fase, a seleção italiana tinha empatado com a de Camarões, equipe africana então sem maior tradição no esporte. A primeira participação de uma seleção da África numa Copa tinha sido em 1934, com o Egito. Depois, só em 1970, com a criação de um sistema de eliminatórias, outro time da região participaria da festa: a seleção do Marrocos. Em 1974, foi a vez do Zaire (hoje Congo). Em 1978, a Tunísia representou o continente. Em 82, com a pressão política exercida sobre a Fifa, o mundial teve número recorde de participantes e duas equipes africanas marcariam presença: Camarões e Argélia. O futebol africano continuaria estigmatizado pela imprensa internacional, devido às supostas violência e falta de disciplina tática de seus atletas, bem como pelos regimes ditatoriais a que estavam submetidos. Nas eliminatórias de 1974, o ditador Bokassa, da República Centro-Africana, ordenou uma série de castigos físicos aos jogadores da seleção nacional, que não conseguiu se classificar para a Copa do Mundo. Ver Agostino, op. cit., p. 211.

¹⁹⁵ Op. cit., pp. 179-181. Trechos de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 7 de julho de 1982.

fantasma de um novo golpe. Sarney faria um governo conturbado, marcado inicialmente pelo Plano Cruzado, que elevaria de forma artificial a renda da população, mediante congelamento de preços, mas que terminaria sob o signo da hiperinflação e da estagnação econômica.

No cenário esportivo, a transição também seria lenta, gradual e segura, com Telê Santana novamente no comando da seleção brasileira. Mas na Copa de 86, no México, a equipe do Brasil também fracassaria, apesar da constelação de astros como Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo, Casagrande e Éder. Zico ainda se recuperava de uma grave lesão no joelho esquerdo, após entrada desleal de um zagueiro do Bangu numa partida disputada no ano anterior, no Maracanã, pelo campeonato estadual do Rio. Outro episódio que enfraqueceu a equipe foi o corte do controvertido atacante Renato Gaúcho, que teria escapado da concentração, na Toca da Raposa, em Belo Horizonte, só retornando de madrugada. Em solidariedade ao colega, o lateral-direito Leandro, do Flamengo, que certamente seria titular na competição, acabou não embarcando com a delegação rumo ao México, uma deserção inédita na história da seleção nacional.

A seleção sofreu para superar as equipes de Espanha, Argélia e Irlanda do Norte na primeira fase. Nas quartas-de-final, goleou os poloneses, mas esbarrou na seleção da França nas semifinais, eliminada numa disputa de pênaltis. Zico, ainda sem condições ideais de jogo, entraria no segundo tempo da partida e desperdiçaria uma penalidade, sendo por isso crucificado pelos cronistas esportivos que não eram torcedores do Flamengo¹⁹⁶.

Ronaldo Helal chama a atenção para o fato de Zico ser um ídolo diferente de seus antecessores, construindo em torno de si uma mitologia do esforço e do sucesso por meio do trabalho, bem diferente dos clichês que atribuem o sucesso do atleta brasileiro à ginga e ao jogo de cintura. Zico, que enfrentou duro trabalho de reforço físico devido à sua compleição franzina, encarnaria a narrativa mítica do “bom moço do subúrbio”, que fazia questão de continuar praticando chutes a gol mesmo depois que o treino normal no Flamengo era encerrado, já sem iluminação adequada, praticamente à noite. Para Helal, “a

¹⁹⁶ Para a torcida rubro-negra, Zico não poderia ser responsabilizado pela derrota e permaneceria como maior ídolo da história do clube. De fato, a partida terminaria empatada e acabaria decidida na cobrança de pênaltis, ocasião em que o atacante converteria a sua chance em gol. Sócrates e o zagueiro Júlio César desperdiçariam as penalidades, dando a vitória aos franceses por 4 a 3. A seleção da França seria derrotada na semifinal pelos alemães, que por sua vez perderiam a decisão para os argentinos, sagrados bicampeões.

biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo”:

“Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, ‘oficiais’ — nas quais a mídia é o instrumento legitimador — no Brasil. Aqui, temos freqüentemente um ideal ‘essencializado’ de seres ‘moleques’ e ‘irreverentes’. O ponto que quero chamar a atenção é que a biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão ‘oficial’, também é uma vertente brasileira”¹⁹⁷.

A nova derrota da seleção disseminaria entre muitos cronistas a idéia de que o futebol-arte preconizado pelo técnico Telê estava superado. A solução, pregavam, era adotar as modernas táticas européias. Voltava com força total a oposição entre futebol-arte, teoricamente um atributo das escolas sul-americanas marcadas pela ginga e pelo talento “natural” de seus atletas, e futebol-força, supostamente europeu, duro, de acurada preparação física e tática, acima de tudo pragmático. Ganhar títulos, nessa visão, era mais importante do que proporcionar espetáculos aos torcedores.

O futebol brasileiro viveria, então, um momento particularmente infeliz em termos de resultados. A seleção nacional, descaracterizada, inspiraria pouca ou nenhuma identificação com os torcedores, na Copa de 90, na Itália, sob o comando do prolixo técnico Sebastião Lazaroni, com seu vocabulário repleto de jargões táticos incompreensíveis para a maioria da população, e mesmo para muitos jogadores — cronistas lançariam até a expressão “lazarônês” para ironizar o estilo do treinador.

Esquemas de jogo, como lembra Giulianotti, não têm dono. São apropriados constantemente por equipes adversárias, de acordo com sua eficácia. Não se deve confundir a grande variedade de escolas de futebol com características supostamente intrínsecas à nação. Ao longo dos anos, diversos estilos de jogo foram se conformando, respondendo a evoluções táticas e técnicas. A “escola brasileira”, por exemplo, era considerada pelos vizinhos argentinos e uruguaios, nas primeiras décadas do século, uma mistura de elementos britânicos e sul-americanos. No mesmo período, brilhava a chamada “escola danubiana”, de talentosos jogadores austríacos e húngaros, que, para muitos

¹⁹⁷ Ver Helal, “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: Um estudo de caso”, em Helal, Soares e Lovisoló, *A invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria*, op. cit., p. 147.

estudiosos no exterior, teria sido a principal fonte de inspiração do “estilo brasileiro” — como vimos, o técnico húngaro Bela Guttmann se radicou no Brasil após a Copa de 54, trazendo táticas europeias para times nacionais, mas mesmo antes diversos treinadores estrangeiros já haviam atuado em equipes nacionais. Para outros, o esquema de jogo 4-2-4 (quatro zagueiros, dois meio-campistas e quatro atacantes) adotado e supostamente introduzido pela seleção paraguaia no início dos anos 50 teria apontado o caminho das pedras para o futebol brasileiro conquistar seu primeiro título mundial.

Os elementos característicos de uma “escola nacional” são sempre assumidos arbitrariamente, a partir de experiências anteriores bem-sucedidas. Assim, durante anos após as copas conquistadas pela seleção brasileira, ficou implícito nos textos dos cronistas que o “nosso” estilo de jogo era o do toque de bola, do talento individual, da ênfase no ataque, com espaço reservado também para o drible — uma contradição em termos até então, já que a escola que enfatizava os passes, cuja origem é atribuída à Escócia, se opunha frontalmente à do drible, relacionada aos países às margens do Rio Danúbio.

Daí o momento infeliz do esporte nacional no fim dos anos 80 e início dos 90, na construção retórica dos cronistas. Para a maioria, o futebol brasileiro estava renegando suas raízes ao adotar táticas fortemente defensivas e aumentar o número de jogadores de meio-campo, marcadores, em detrimento dos atacantes. “Já está começando a se formar entre treinadores e críticos — e, por conseguinte, entre o público — a mentalidade medíocre de que não se pode juntar muitos craques em um time, de que craque demais atrapalha”, aponta o cronista Fernando Calazans¹⁹⁸.

Esta noção de que a seleção abria mão de sua brasilidade não se restringia às fronteiras nacionais. Para o editor de esportes do jornal francês *Le Figaro*, Jean-Christoph Papillon, “os jogadores brasileiros não souberam adaptar o talento natural que têm ao rigor físico exigido pelo futebol europeu, passando a jogar como os outros. Deixaram de ser excepcionais e diferentes, embora tivessem talento”¹⁹⁹.

A seleção de 90 marcaria a chamada “era Dunga”, uma referência ao jogador de meio-campo recuado — também chamado cabeça-de-área —, que era mais conhecido pelo seu talento para “destruir” jogadas adversárias do que para municiar o próprio ataque. O

¹⁹⁸ *O Globo*, 21 de novembro de 2000, apud Aquino, op. cit., p. 110.

¹⁹⁹ Ver Aquino, op. cit., p. 110.

técnico Lazaroni adotou um esquema de inédita vocação defensiva, com três zagueiros (conhecido como 3-5-2 e característico das equipes européias). A influência do Primeiro Mundo viria não só dos dirigentes esportivos, mas também de alguns dos próprios jogadores, já que a maioria, com a crescente movimentação no mercado internacional de atletas, atuava em clubes europeus — muitos tinham mais experiência no exterior do que nos próprios times em que foram revelados no Brasil, de onde saíram com pouco mais de 18 anos, acabando por reproduzir disciplinas táticas estrangeiras ao defenderem a seleção.

Num reflexo da crescente influência dos interesses comerciais sobre o esporte, a viagem para a Copa da Itália seria marcada pelas discussões em torno da participação dos jogadores na cota de patrocínio dada à CBF pela fabricante de bebidas americana Pepsi — num dos protestos, os atletas cobririam, durante uma sessão de treinamento, a marca da patrocinadora com fita adesiva.

A equipe, com três zagueiros e um meio-campo formado por Dunga, Alemão e Valdo e o ataque apenas com a dupla Müller-Careca, superaria com dificuldades as seleções da Suécia, da Costa Rica e da Escócia, mas cairia nas quartas-de-final frente aos argentinos liderados por Maradona e Caniggia — os rivais sul-americanos só perderiam na final, para os alemães, por 1 a 0.

O peso da imprensa às crises provocadas na seleção por conta de discussões financeiras refletia o momento de mercantilização do esporte, não apenas no Brasil mas nas principais potências do futebol. Neste mesmo período, o processo de expansão econômica do esporte se aceleraria, especialmente na Europa. Na França, a receita com a indústria da bola saltou de 37 milhões de francos em 1977 para 870 milhões em 1988²⁰⁰. Clubes de base familiar se viram forçados a adotar práticas gerenciais sólidas para não perder terreno frente aos novos concorrentes, turbinados por grandes patrocinadores, que disputavam os espaços nos uniformes das principais equipes. A disseminação da TV por assinatura, com a possibilidade de venda de pacotes para acompanhar todos os jogos do campeonato, também foi decisiva, propiciando aos clubes contratos milionários.

Essa expansão, contudo, se dava de forma assimétrica. Federações e clubes de países do Terceiro Mundo se beneficiaram em menor escala da mudança de cenário. Sem as benesses da ditadura, no mesmo período, os clubes de elite do Brasil enfrentavam sérios

problemas de gestão, agravados pela hiperinflação e pela estagnação econômica, que corroía as receitas publicitárias. Mergulhado em dívidas, o Botafogo perdia sua sede de General Severiano, recuperada só em 1995, e partia para um exílio no subúrbio de Marechal Hermes, e depois no estádio de Caio Martins, em Niterói²⁰¹.

A crise administrativa refletia-se nos gramados, com os jogadores buscando cada vez mais transferências para o exterior, de olho em salários regulares, e ainda por cima em dólar. Os países da comunidade européia, meca do esporte, iam levantando aos poucos as restrições à contratação de atletas, antes limitada pela regra 3 + 2 da Uefa — no máximo, três estrangeiros e dois “assimilados” por equipe²⁰². Em 1995, o chamado caso Bosman levou ao livre trânsito de jogadores entre os países da União Européia, o que ampliou o número de transferências de jogadores de países do Terceiro Mundo em direção às antigas metrópoles²⁰³.

A era Dunga encontraria seu ápice na Copa de 94, nos Estados Unidos, curiosamente com a redenção deste jogador e da própria seleção. O técnico Carlos Alberto Parreira, acompanhado pelo coordenador técnico Mário Jorge Lobo Zagallo, aboliu o esquema de três zagueiros, mas escalou dois jogadores de meio-campo com características claramente defensivas, Mauro Silva e o criticado Dunga, que acabaria sendo capitão da equipe. Graças à dupla Bebeto e Romário, a seleção, em seu engessado esquema tático, foi vencendo com resultados apertados, até chegar à final contra a Itália. Numa demonstração da ditadura das retrancas, a decisão do título veio nos pênaltis pela primeira vez na história das Copas, após

²⁰⁰ Para essa discussão, me sirvo principalmente do trabalho de Giulianotti, op. cit., pp. 116-139.

²⁰¹ A volta do Botafogo à sua tradicional sede exigiria uma operação triangular envolvendo prefeitura, governo estadual e a ex-estatal Companhia Vale do Rio Doce, que assumira a área após a execução das dívidas alvinegras e pretendia erguer ali sua própria sede. O retorno, contudo, só se daria graças à construção de um shopping center, que ocuparia grande parte do terreno. Exemplo claro de como o futebol cada vez mais se articulava com atividades comerciais para sobreviver. Ver Cláudia Mattos, op. cit. pp. 103-109.

²⁰² “Assimilados” eram os atletas que atuavam num país europeu há pelo menos cinco anos, dos quais três nas categorias de base. Ver Giulianotti, op. cit., p. 159.

²⁰³ Bosman era um jogador do Liège, clube da primeira divisão belga. Quando seu contrato expirou, em 1990, os dirigentes ofereceram uma renovação, com redução de 75% de seu salário. Bosman buscou, então, uma vaga no Dunkerque, da França, mas enfrentou dificuldades com seu ex-clube, que reclamava participação no negócio, além de sofrer restrições a sua nacionalidade belga. O atleta recorreu à Justiça Européia, invocando a liberdade de trabalhar em qualquer país da comunidade, sem ser discriminado, com base no Tratado de Roma. Em 1995, a Corte deu-lhe o ganho de causa, revolucionando o sistema de transferências europeu e permitindo a movimentação de cifras bilionárias. Só em 1997, mais de 500 jogadores brasileiros se transferiram para o continente. Regras para obtenção de dupla cidadania, como na Espanha, facilitaram esse movimento. Ver Giulianotti, op. cit. pp. 158-161, Missiroli, op. cit., e Pascal

um enervante 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação de 30 minutos. O atacante italiano Roberto Baggio desperdiçou sua cobrança e a seleção brasileira levou a taça.

Esvaziava-se a dualidade entre futebol-arte e futebol-força. No entender de muitos cronistas, o que importava agora era o “futebol de resultados”. Jogar “feio” ou “bonito” não estava mais em questão: fundamental era vencer, mesmo que por 1 a 0, com gol de canela. O espetáculo ainda era almejado, mas não constituía mais uma finalidade em si — uma tremenda metamorfose em termos de constituição de um imaginário nacional.

Neste sistema, todos os jogadores deveriam voltar ao campo de defesa para marcar os adversários. Surge, em lugar do centro-avante, a figura do “matador”, personagem que “resolve a parada”, aproveitando as raras oportunidades de gol criadas por uma equipe de vocações defensivas. Romário se moldaria a esta função, por suas próprias características técnicas.

A trajetória de Romário nos gramados dos Estados Unidos — país sem tradição no esporte, o que, mais uma vez, põe em evidência as ambições comerciais da Fifa — merece uma análise à parte. Nascido na favela do Jacarezinho e criado na Vila da Penha, subúrbio carioca, Romário encarnava inicialmente o malandro das análises sociológicas. Irreverente, boêmio, indisciplinado e talentoso, meteu-se em confusão com treinadores e construiu uma carreira de polêmicas, com brincadeiras de gosto duvidoso e brigas, dentro e fora de campo. Foi medalha de prata nas Olimpíadas de 1988, em Seul, e devido a uma contusão acabou não jogando a Copa de 90. Em 1992, no auge da forma, recusou-se a ficar na reserva numa partida amistosa contra a Alemanha, o que custou seu afastamento da seleção brasileira.

Em 1993, a seleção enfrentou a primeira derrota de sua história numa eliminatória de Copa do Mundo, frente à Bolívia, na altitude de La Paz. A imprensa, sobretudo a carioca, iniciou uma campanha ruidosa em favor da convocação de Romário. Helal, em análise da cobertura esportiva do período, mostra que o jogador, consciente ou inconscientemente, manobrou para colocar-se como um irreverente salvador da pátria²⁰⁴.

Boniface, “*Football as a factor (and a reflection) of international politics*”, *The International Spectator*, vol. 33, n. 4, outubro-dezembro de 1998.

²⁰⁴ Ver Helal, “*Idolatria e malandragem: A cultura brasileira na biografia de Romário*”, em Alabarces, op. cit., pp. 225-240.

A comissão técnica da seleção brasileira cede às pressões e convoca o jogador, justamente antes da partida decisiva para a classificação, diante do Uruguai. O jornal *O Globo*, em manchete de página, em 8 de setembro, estampa: “Os uruguaios que se cuidem”. O próprio Romário, em entrevista publicada na página seguinte, avisa: “Sei que sou bom e estou em boa fase (...) Eu sempre soube fazer gols e isso é o que todo mundo quer. Em 13 jogos no Barcelona já fiz 17 gols. Na Holanda, em 142 jogos, fiz 148 gols”.

A arrogância, lembra Helal, é amenizada por reportagens que retratavam o “caráter altruísta” do jogador, sempre pronto a ajudar parentes e amigos — a quem chamava de “peixes”. No dia 13, nova manchete de página no mesmo jornal, com o título “Um príncipe do futebol-moleque”, ajudava a cristalizar a imagem mitológica do craque, conciliando seus aspectos negativos e positivos:

“Irresponsável. Irreverente. Irrequieto. Egoísta. Debochado. Abusado. Explosivo. Quase uma bomba que tem pernas. Autoritário. Radical. Parece o dono do mundo. Talentoso. Rápido. Craque. Artilheiro. Faz gol como quem brinca. Baixinho. Pernas arcadas. Língua presa. Biotipo plebeu para um príncipe do futebol-moleque: Romário”.

Note-se a evocação das dificuldades físicas e do caráter lúdico de outro mito do futebol-moleque: Garrincha, o “Anjo das pernas tortas”. As reportagens evidenciam também a má vontade do craque com treinamentos e sua irreverência com os colegas na concentração. Helal aponta ainda a oposição entre Romário e Bebeto. O título de um texto secundário da edição do *Globo* de 15 de setembro assinala: “A dupla dos sonhos não se entrosa fora dos gramados”. Enquanto Bebeto adotava o estilo “bom moço”, cumpridor de seus deveres, “pai de família”, disciplinado, religioso, Romário encarnava sua antítese, fazendo questão de marcar diferença nas brincadeiras durante a preparação.

Romário marcaria os dois gols da vitória sobre o Uruguai, pelas eliminatórias, garantindo a vaga para a seleção e ganhando feições sobre-humanas nas páginas da imprensa carioca: “O futebol agradece a Romário. Os torcedores santificam Romário. Zagalo aplaude Romário. Bebeto quase chora ao lado de Romário. O mundo se rende a Romário. Não é exagero... O pequeno atacante do Barcelona cumpriu tudo o que prometera durante a semana. (...) Romário é craque. Romário é arte. Romário é gol”, canoniza reportagem do *Globo* de 20 de setembro.

Para Helal, “a construção da biografia de Romário é também pontuada por passagens que ‘glamourizam’ a malandragem, a irreverência, o deboche e o relaxamento (não gostar de treinar). É como se estivéssemos diante da vitória construída somente com talento e arte, como se trabalho, concentração, determinação e esforço fossem elementos dispensáveis para o êxito”²⁰⁵.

Curiosamente, devido à fama de “bom moço”, Pelé escaparia das acusações de arrogância que recaíam sobre Romário, embora tenha dado declarações de marcada auto-suficiência desde cedo. “O que nós chamamos realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. (...) Já lhe perguntaram: — ‘Quem é o maior meia do mundo?’ Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: — ‘Eu’. Insistiram: — ‘Qual o maior ponta do mundo?’ E Pelé: — ‘Eu’. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé”, descrevia Nelson Rodrigues, falando de um craque ainda aos 17 anos de idade e que nem sequer havia sido campeão mundial em 1958²⁰⁶.

A ênfase desmesurada no futebol-moleque do “Baixinho” Romário, com suas afirmações de auto-suficiência, obscurece o papel decisivo de seu parceiro Bebeto na competição. Romário era tratado com uma voz dissonante numa equipe disciplinada, comandada dentro de campo pelo capitão Dunga. Ou seja, o talento e a irreverência se chocavam com a ordem instituída, mas acabavam subordinados a um esquema tático de vocação defensiva.

Com o tetracampeonato em 1994, apesar dos gols de Romário e Bebeto, consolidava-se a idéia, nos textos de diversos cronistas, de que o importante é conquistar títulos. O próprio Parreira diria em entrevistas: “A magia e o sonho acabaram no futebol”.

O próprio Parreira mudaria de idéia com o tempo, como demonstrou anos depois ao conquistar o campeonato brasileiro pelo Corinthians com um time francamente ofensivo e talentoso. De qualquer forma, suas palavras reverberariam durante um longo período, instaurando uma nova ética do trabalho e da disciplina, à qual o talento deveria se curvar.

²⁰⁵ Idem, p. 232.

²⁰⁶ Ver *À sombra das chuteiras imortais*, op. cit., p. 43. Trecho de crônica originalmente publicada no jornal *O Globo*, em 8 de março de 1958. Segundo o escritor Ruy Castro, organizador do volume, é a primeira vez que Pelé é chamado de “rei”.

Esta nova narrativa de brasilidade se chocaria com a mitologia do irreverente Romário. Ambos discursos permaneceriam em conflito, intensificado com a construção de ídolos transnacionais, nas asas das crescentes mercantilização e amplitude do esporte. O futebol brasileiro vivia uma nova contradição: sujeitava-se à ética do trabalho e da disciplina, mas não podia prescindir do talento dos artilheiros, que se tornariam a um só tempo heróis nacionais e celebridades midiáticas.

Impulsionado por interesses comerciais, o ídolo midiático assumia papel cada vez mais importante. Ronaldo, o atacante brasileiro que foi à Copa de 94 com apenas 17 anos, repetindo o prodígio de Pelé em 58, rapidamente ganharia o estrelato mundial, figurando como maior exemplo contemporâneo desta nova categoria de herói-celebridade.

O artilheiro, que começou a carreira no São Cristóvão, modesto time do subúrbio carioca, e começou a se projetar no Cruzeiro, de Belo Horizonte, seguiu os passos de Romário rumo à Europa, atuando pelo Barcelona. Em 1996, assinou com a fabricante de artigos esportivos Nike um dos mais espetaculares contratos de patrocínio da história do esporte mundial, que lhe garante uma renda vitalícia²⁰⁷.

A multinacional também selaria, no mesmo ano, contrato de patrocínio com a seleção brasileira, de valor estimado em US\$ 400 milhões e dez anos de duração. Pelo acordo, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF, sucessora da CBD) se comprometia a convocar a seleção nacional para um mínimo de jogos amistosos por ano, em mercados de interesse da Nike. A CBF se recusou, durante anos, a apresentar o contrato, que posteriormente seria objeto de investigação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no Congresso Nacional. Especulou-se na imprensa, na época de sua assinatura, que Ronaldo teria vaga cativa na equipe, devido ao interesse estratégico dos patrocinadores.

A acusação velada se devia ao fato de que, ao longo dos anos anteriores, o futebol se tornara, definitivamente, um negócio estratégico do ponto de vista do marketing. Entre o fim dos anos 80 e a década de 90, uma série de transações mudaria o mapa do esporte, com diversas corporações atrelando suas marcas a clubes tradicionais, ou mesmo abrindo suas próprias agremiações esportivas.

²⁰⁷ Até então, a Nike notabilizava-se por patrocinar times de basquete e jogadores de tênis (Pete Sampras) e golfe (Tiger Woods). O próprio contrato de Ronaldo com a Internazionale de Milão se deu após acordo entre o clube e a empresa, o que evitou conflito de interesses no caso de uma transferência para a Lazio, da rival Umbro, como vinha sendo negociado na época.

O Olympique de Marselha seria assumido por Bernard Tapie, dono da cadeia de produtos esportivos Adidas, e o Paris St. Germain, pela rede de televisão Canal Plus. Na Alemanha, o Leverkusen e o Uerdingen cresceram graças aos recursos da indústria farmacêutica Bayer (seus jogadores figuram como empregados da empresa, que, durante a Segunda Guerra Mundial, integrou o conglomerado IG Faber, responsável pela produção de armas de destruição de massa), enquanto o Hertha, de Berlim, ganharia apoio do conglomerado de mídia Bertelsmann.

Na Itália, a Fininvest do empresário-político Silvio Berlusconi assumiria o Milan e o Parma passaria a ser tutelado pela fabricante de laticínios Parmalat, que nos anos 90 expandiria sua rede de patrocínios a clubes de diversos países (Palmeiras, Santa Cruz e Juventude, no Brasil, Peñarol, no Uruguai, Boca Juniors, na Argentina, Benfica, em Portugal, Dínamo de Moscou, na Rússia, Atlético Chacao, na Venezuela, e Videoton, rebatizado Parmalat, na Hungria). Na Espanha, a rede de televisão Antenne 3 compraria participação no Real Madrid. Na Holanda, a fabricante de produtos eletrônicos Philips ficaria com o PSV Eindhoven.

Na Grã-Bretanha, desde o início do século 20, os clubes de futebol eram constituídos como companhias limitadas, o que facilitou, nos últimos anos, sua abertura de capital, mediante oferta pública de ações. Só em 1997, 19 clubes levantaram 2 bilhões de libras esterlinas no mercado financeiro. Com a fidelidade dos torcedores e o apetite de instituições financeiras, algumas ações, como as do Aston Villa, do Liverpool e do Glasgow Rangers, tiveram valorização superior a 500% num curto espaço de tempo²⁰⁸.

A exposição do futebol aos riscos do mercado financeiro, no entanto, custaria caro em quase todos os países. Assim, em 1998, os mesmos papéis que foram disputados ferozmente pelos investidores-torcedores perderam até metade de seu valor original, em função de relatórios que consideravam o potencial do negócio da bola superestimado. Mas o apetite voltaria com a oferta da rede de mídia BSkyB, do magnata australiano Rupert

²⁰⁸ Ver P. J. Sloane, “*The economics of sport: an overview*”, *Economic Affairs*, n. 17, 1997, e B. McMaster, “*The market for corporate control in professional football: is there an agency problem?*”, *Economic Affairs*, n. 17, 1997, apud Giulianotti, p. 131.

Murdoch, pelo Manchester United, clube inglês de maior valor de mercado em todo o mundo — 683 milhões de libras, o equivalente a R\$ 3,729 bilhões²⁰⁹.

Com o apoio de grandes empresas, a onda de aberturas de capital no mercado de ações e as facilidades na transferência de atletas, os anos 90 marcaram a formação de times verdadeiramente transnacionais. Como a italiana Lazio, que, após captar recursos no mercado financeiro, montou um elenco com craques de países como Chile e a antiga Iugoslávia (Vieri, Salas, Mihajlovic, Stankovic).

Além disso, diversos grandes clubes europeus que permaneceram independentes selaram contratos inéditos com patrocinadores multinacionais, como as fabricantes de aparelhos eletroeletrônicos Sharp e JVC e os fornecedores de material esportivo Umbro (que fechou com o Manchester United, em 1996, um contrato de 10 milhões de libras por ano, durante cinco temporadas), Adidas (Real Madrid) e Nike (Internazionale).

Para Giulianotti, surge um mercado mundial da bola, do qual não seria possível escapar:

“Nenhum torcedor de futebol encontra-se hermeticamente fechado, de modo a impedir a entrada do novo sistema de marketing. A complexidade das relações econômicas significa que todos os ‘torcedores’ estão vinculados a esse processo de mercantilização. Qualquer um, que paga pela televisão por satélite (diretamente, em casa, ou indiretamente, comprando um bebida em um *pub* para assistir ao jogo), está colocando dinheiro nas mãos dos clubes cujos times estão sendo televisionados, não importa quem ele ou ela apóie. Os torcedores que compram mercadorias de seu clube podem contribuir financeiramente para seu time favorito. Eles também estão colocando dinheiro nas mãos da Umbro, Adidas, ou Nike, que pode ser usado para assinar contratos de comercialização maiores com clubes rivais. Um torcedor do Manchester United, que comprou um copo de cerveja Carlsberg em 1996 estava efetivamente pagando ao Liverpool via patrocinador da camisa do clube”²¹⁰.

O autor escocês traça ainda um paralelo entre a mercantilização do futebol e os conflitos de interesses comerciais. Ele lembra episódio envolvendo a empresa argentina T y C, que detinha os direitos de transmissão de campeonatos na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e no Chile. Em 1993, a T y C influenciou diretamente no resultado do campeonato argentino,

²⁰⁹ Dados coletados no serviço Bloomberg News em 6 de fevereiro de 2004. O Índice Bloomberg de Futebol Europeu tinha listadas, na ocasião, 33 ações de clubes do continente, como Manchester United, Lazio, Juventus e Porto, com valor total de mercado de 2,36 bilhões de euros.

²¹⁰ Op. cit., p. 138.

comprando o passe do maior craque do Argentino Juniors e revendendo-o ao rival River Plate, na semana em que os dois se enfrentariam pela partida final da competição. Reforçado na última hora, o River, com o qual a T y C tinha negócios, acabou sendo campeão²¹¹.

Escândalos de corrupção pipocaram por todo o mundo no mesmo período. Em 1994, o Olympique de Marseille, do empresário Bernard Tapie, que tinha vencido a Liga Francesa e a Copa dos Campeões no ano anterior, foi rebaixado no campeonato nacional e acabou falindo, após a descoberta de que os resultados haviam sido armados. Nos anos 80, foram levantadas fraudes também nos campeonatos italiano, belga, húngaro, português e romeno — o craque italiano Paolo Rossi foi um dos jogadores afastados do futebol, mas teve sua punição posteriormente reduzida, o que possibilitou sua participação na Copa do Mundo de 1982.

No Brasil, denúncias de corrupção remontam à época clássica do futebol. É notório nos meios jornalísticos que alguns apresentadores de programas de TV e locutores de rádio recebem certas benesses de empresários para “falar bem” das habilidades de determinados jogadores, possibilitando aos atletas (e seus procuradores) a assinatura de contratos mais rentáveis.

Armando Nogueira, cuja credibilidade nos meios esportivos jamais foi posta em xeque, brinca com um leitor numa crônica sobre o tema:

“Pela Internet, alguém que se assina Coelho me pergunta, quanto me paga, por mês, o Romário, pelos elogios que vivo fazendo a seu futebol. (...) Abrirei o jogo. Romário me paga, sim, e daí, Coelho? Temos um acordo tácito pelo qual ele entra com seus belos gols e eu com os meus adjetivos. É toma-lá-dá-cá. Nada de vil metal. Nem real, nem dólar. É na base do escambo”²¹².

Neste ambiente em que mercantilização e suspeição andavam de mãos dadas, veio a Copa de 98, na França. Romário, contundido, acabaria cortado, por decisão de seu desafeto histórico, Zico, então supervisor da seleção. Mesmo assim, a equipe brasileira, ainda com Dunga mas agora com Ronaldo no comando do ataque, chegaria às finais, após superar as equipes de Escócia, Marrocos, Noruega, Chile, Dinamarca e Holanda (esta, nas

²¹¹ Op. cit., pp. 127-128.

²¹² Ver *A ginga e o jogo*, pp. 41-42.

semifinais, numa dramática decisão nos pênaltis). Horas antes da decisão, um episódio até hoje não inteiramente esclarecido desestruturou a equipe brasileira: Ronaldo, em seu quarto na concentração, teve violentas convulsões diante de outros jogadores e foi levado às pressas para um hospital.

O que de fato ocorreu só é alvo de especulações. Há quem diga que o jogador, sofrendo dores devido a uma contusão, sofreu uma infiltração no joelho, técnica médica condenada por especialistas, mas amplamente adotada no futebol — injeta-se um medicamento no local da lesão, para que o atleta não sinta dor e atue numa partida decisiva, mas pode haver efeitos colaterais, como convulsões, sem falar no agravamento da contusão. Outros, no entanto, acreditam que o jogador teve simplesmente uma crise nervosa.

Liberado de forma surpreendentemente rápida pelos médicos, Ronaldo voltou à concentração e teria pedido ao técnico Zagallo para ser escalado. A lista do time titular já havia sido divulgada para as redes de TV de todo o mundo, com Edmundo em seu lugar. Mesmo assim, Zagallo recuou e mandou Ronaldo a campo. Especula-se nos meios jornalísticos que o atacante teria sido escalado por imposição da Nike, patrocinadora da seleção e do atleta, mas nada jamais foi comprovado.

Helal traça um interessante panorama dos reflexos daquela partida no imaginário brasileiro:

“Rumores e boatos de que o time teria ‘entregue o jogo’ mediante uma quantia fantástica de dinheiro oferecida pela Fifa ou pela França; ou de que a Nike teria forçado Ronaldinho a entrar em campo sem condições físicas, passaram a fazer parte das conversas do nosso cotidiano na semana após a final. No primeiro caso, estamos diante de um raciocínio conspiratório que parece nos dizer que não valeu a pena torcer pela seleção, pois o universo do futebol é formado por dirigentes corruptos e jogadores mercenários. Já no segundo caso, os jogadores são inocentados e fazemos então um apelo aos dirigentes e patrocinadores para pensarem mais nos atletas como seres humanos e não como máquinas. Talvez por ser mais verossímil, esta segunda versão foi a que ganhou espaço na mídia. Porém, em ambas narrativas, fomos derrotados pela comercialização do futebol”²¹³.

²¹³ Ver “Mídia, construção da derrota e o mito do herói”, em *A invenção do país do futebol — Mídia, raça e idolatria*, op. cit., pp. 152-153.

O que se sabe, concretamente, é que a seleção brasileira (da Nike) perdeu de 3 a 0 para a francesa (da Adidas) e Ronaldo teve atuação absolutamente apagada. Seu drama se estenderia pelos quatro anos seguintes: uma grave lesão no joelho direito, transmitida mundialmente pela TV, o afastaria dos gramados durante praticamente dois anos. Sua penosa recuperação fez com que muitos considerassem sua carreira encerrada.

Helal destaca que Ronaldo, eleito melhor jogador do mundo em 96 e 97 e chamado por parte da imprensa de “Fenômeno”, encarnou o papel de ídolo, do qual se esperava, como Pelé em 58 e 70, ou como Romário em 94, que decidisse a Copa em favor do Brasil.

Na vitória sofrida sobre a Holanda, a mídia preparava o terreno para a realização do herói verde-e-amarelo:

“Ao mesmo tempo em que driblava zagueiros, marcava gols e fazia jogadas inesquecíveis, Ronaldinho se acostumou a ouvir todo tipo de crítica. Diziam que o craque estaria acima do peso. Afirmaram que Ronaldinho não estaria jogando na Copa do Mundo o que se espera de um jogador considerado o melhor do mundo. Até intromissões em seu namoro com a modelo Suzana Werner, Ronaldinho teve que ouvir. A resposta aos críticos — muitos deles, exagerados — veio após os 120 minutos jogados contra a Holanda (...) Ronaldinho sabe que sempre esteve ligado a cobranças. O falatório em torno de seu nome aumentou na Copa. Praticamente todas as revistas esportivas da Europa estampam a foto do craque na capa. ‘Aprendi a conviver com cobranças. Foi assim quando fui para o Internazionale. Diziam que eu não me adaptaria ao estilo de futebol italiano, que tem marcação mais dura que na Espanha’²¹⁴.

Ou seja, para Helal, em 1998, preparava-se o terreno para uma nova narrativa mítica de heroísmo, com a descrição de um craque jovem, porém maduro, ciente de suas responsabilidades. O jogador, atualizando um gesto de Romário, em 94, foi fotografado junto a um retrato de madre Teresa de Calcutá, numa ação beneficente que se reverteria em recursos para um hospital na Índia. De acordo com Helal, a leitura implícita era “o ‘herói do

²¹⁴ Idem, pp. 156-157. Trechos de reportagem publicada no *Jornal do Brasil* em 8 de julho de 1998. O craque seria chamado durante anos no Brasil pelo diminutivo, mas adotaria a forma “Ronaldo”, mais inteligível para os europeus. Além disso, Ronaldinho seria também o nome de outro astro da bola que surgiria pouco depois nos gramados do Rio Grande do Sul. A maioria da imprensa passaria a distingui-los como Ronaldo Fenômeno e Ronaldinho Gaúcho — embora, jocosamente, nas redações de jornais do Rio, Ronaldo seja chamado por muitos de “Fenômeno de Marketing”.

penta' repetindo o gesto do 'herói do tetra'. A saga do herói não termina e deve ser continuada por alguns eleitos'²¹⁵.

Derrotado, acusado de estar acima do peso e de “fraquejar na hora da verdade”, o atleta, subitamente, se via na posição de estrela cadente, alvo de cobranças inéditas. O “super-homem”, o “fenômeno”, daria lugar ao “menino desamparado”, nas narrativas de parte da grande imprensa. Como mostra reportagem do *Jornal do Brasil* sobre a viagem de volta do craque ao país:

“Nélio, pai de Ronaldinho e acostumado a só ter boas notícias do craque, teve uma noite de pesadelo. Viu o seu filho, chamado por muitos de Fenômeno e tratado pela mídia como um super-homem cercado de dinheiro e belas mulheres, se transformar de novo no menino desamparado em busca do colo paterno — ele passou em claro a noite da derrota (...) ‘Ronaldo não parava de chorar, só queria ficar abraçado comigo. Dizia: me abraça pai, por favor. Acordava toda hora e pedia mais abraço, mais carinho, ele praticamente dormiu abraçado comigo. Ficava repetindo que queria dar essa Copa ao Brasil, eu queria pai. Foi horrível’, disse o pai do maior jogador do mundo, que viajou no avião da seleção’²¹⁶.

Embora o lado humano do craque derrotado tenha sido enfatizado nas primeiras narrativas, o discurso que imputava a culpa pela derrota à mercantilização do esporte acabaria prevalecendo. A versão seria amplificada pelos mistérios em torno do contrato entre CBF e Nike, cujos detalhes eram desconhecidos do público. O fracasso na Copa de 98 e as relações incestuosas entre o futebol e o mundo dos negócios levariam, então, a uma espécie de cruzada anticorrupção no esporte.

Uma série de denúncias envolvendo grandes nomes do mundo da bola começou a ganhar as páginas de jornais. A mais rumorosa atingia em cheio o técnico Wanderley Luxemburgo. Um dos mais bem-sucedidos treinadores brasileiros, ele foi acusado por sua ex-secretária Renata Alves de convocar para a seleção brasileira atletas cujos principais atributos seriam contratos com empresários com os quais teria ligação. A imprensa mapeou diversas transferências de jogadores para o exterior, todos contratados por grandes clubes estrangeiros após serem convocados pela primeira vez para a seleção nacional por Wanderley.

²¹⁵ Idem, p. 157.

²¹⁶ Idem, p. 159. Trecho de reportagem publicada em 14 de julho de 1998.

Paralelamente, a Receita Federal rastreava uma série de transações irregulares relacionadas à transferência de jogadores para o exterior, encontrando indícios de um grande esquema de lavagem de dinheiro. Contratos eram subfaturados ou pagos por meio de empresas de fachada sediadas em paraísos fiscais. A rede de atos ilícitos exposta pela imprensa atingia desde técnicos, empresários, procuradores e jogadores até dirigentes e políticos, muitos eleitos com os votos de torcedores de grandes clubes de futebol.

Formou-se, então, uma CPI no Congresso Nacional para apurar os fatos. Ao final dos trabalhos, a comissão, apesar das manobras da chamada “bancada da bola” (ou seja, deputados e senadores eleitos com os votos de torcidas de clubes de futebol), recomendou o indiciamento de 17 pessoas, incluindo o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, o presidente e o vice do Vasco na época, Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda, o presidente do Flamengo, Edmundo Santos Silva, os presidentes das federações de futebol do Rio, Eduardo Viana, o Caixa D’Água, de São Paulo, Eduardo José Farah, e de Minas Gerais, Elmer Guilherme, e o próprio Wanderley Luxemburgo, acusado de sonegar R\$ 10 milhões de Imposto de Renda.

Contra Ricardo Teixeira, a CPI do Futebol — apelidada por parte da imprensa de CPI da CBF/Nike, por investigar também o contrato entre a confederação e a multinacional — levantou 13 crimes, de sonegação fiscal à lavagem de dinheiro. Outras 16 pessoas acabaram excluídas do texto final do relatório, que somou mais de 1.600 páginas. Entre elas, Hélio Viana, sócio do ex-craque Pelé na empresa Pelé Sports & Marketing²¹⁷.

O relatório foi encaminhado ao Ministério Público, à Receita Federal e ao Banco Central para aprofundamento das investigações. Até o início de 2004, os inquéritos permaneciam em aberto.

Vale citar que os empresários de Ronaldo, Alexandre Martins e Reinaldo Pitta, acabariam condenados a 11 anos de prisão devido à participação num esquema paralelo de remessas ilegais de dinheiro ao exterior, que foi batizado pelo jornal *O Globo* de “propinoduto”. Os recursos, totalizando US\$ 33,4 milhões, eram fruto de uma rede de

²¹⁷ Para o período, ver, entre outras reportagens, Eduardo Hollanda, “Mutreta Futebol Clube — ‘Seleção de crimes’ faz CPI do Senado indiciar 17 pessoas”, *Istoé*, 13 de dezembro de 2001; e Fabiano Lana, “Relator aponta 13 crimes de Teixeira”, *Jornal do Brasil*, 7 de junho de 2001.

propinas e corrupção envolvendo fiscais da Receita no Rio de Janeiro e foram parar num banco na Suíça²¹⁸.

A CPI do Futebol teve forte impacto sobre a imagem do esporte nacional, ampliando as desconfianças dos torcedores. Um dos reflexos diretos das investigações foi o fato de que grande parte da “bancada da bola” que dificultou os trabalhos da comissão, acabou não se reelegendo, derrotada nas urnas em 2002. Os dribles de Eurico Miranda para evitar sua cassação, contudo, reforçaram o sentimento geral de impunidade.

Ao longo da cruzada anticorrupção, estabelecia-se um jornalismo esportivo de tom mais crítico, menos pautado pelas narrativas míticas, ao menos fora do espaço delimitado para os cronistas. Esta tendência, contudo, não se sustentará durante os períodos em que ocorrem grandes eventos no mundo do futebol, como veremos a seguir.

Para 2002, a Fifa, sempre dedicada a atender interesses comerciais e políticos, elegeu os velhos rivais asiáticos Coreia do Sul e Japão para sediar simultaneamente a Copa do Mundo. No comando da seleção brasileira, foi escalado o técnico gaúcho Luiz Felipe Scolari, que apostaria na volta de Ronaldo, convocando-o apesar de sua má forma física. As especulações sobre os interesses comerciais voltaram com força total, mas Ronaldo, em campo, desta vez correspondeu às expectativas da torcida e terminou a competição como artilheiro.

Autoritário, o técnico, conhecido por defender o uso da força para conter os adversários, formaria a chamada “família Scolari”, um grupo de atletas com “bom comportamento” dentro e fora de campo. Helal e Soares, ao analisar a cobertura da Copa de 2002 pelo *Jornal do Brasil*, detectam a desconfiança da imprensa carioca em relação à “família Scolari”, mas também a constituição lenta de uma metonímia da nação, à medida que a seleção brasileira ia superando os obstáculos e caminhando para o título.

“De uma forma geral, a cobertura da imprensa sobre a Copa do Mundo de 2002 concentrou-se primordialmente em matérias de cunho técnico, escritas para o público aficionado pelo esporte, não levando em consideração a legião de ‘torcedores de Copa do Mundo’. Questões relacionadas à identidade nacional apareceram timidamente na totalidade das matérias selecionadas, muitas delas encontravam-se subjacentes nas crônicas

²¹⁸ Ver Jacqueline Farid, “Empresários Pitta e Martins se entregam à polícia”, *O Estado de S. Paulo*, 21 de dezembro de 2003.

e reportagens que falavam do estilo de jogo da seleção. Entretanto, na medida em que a seleção foi obtendo êxito e foi se aproximando da conquista a tendência a este tipo de narrativa aumentou”²¹⁹.

Não foram poucos os percalços: só nas eliminatórias, a seleção sofreu cinco derrotas, marca inédita. Como Scolari é gaúcho, enfrentou críticas duras tanto da imprensa paulista quanto da carioca, que lembravam seu temperamento difícil e suas instruções para “matar as jogadas” adversárias²²⁰. Pela primeira vez, desde os anos 30, um técnico não prometia o título, mas sim a classificação para as semifinais da Copa. Além disso, recuperou o fracassado sistema de três zagueiros adotado por Lazaroni em 90, acirrando as discussões técnicas e a dualidade entre os estilos “brasileiro” e “europeu”.

Os ataques da imprensa, contudo, arrefeceram com o início da campanha e logo surgiram reportagens mostrando um “outro lado” do técnico, que passou a ser chamado pela maioria dos jornais de “Felipão”, sendo transformado num “paizão”, disciplinador, mas capaz de se “emocionar” e “ser amigo” dos jogadores.

Na Copa, mesmo favorecida pelo sorteio das chaves, a equipe brasileira enfrentaria dificuldades para superar a seleção da Turquia, mas logo em seguida golearia os times da China e da Costa Rica. Em seguida, venceria os belgas e, nas quartas-de-final, se defrontaria com os ingleses, liderados por Beckham, numa partida apontada por muitos cronistas como uma “final antecipada”. Com a vitória, por 2 a 1, voltaria a se encontrar com os turcos, vencendo novamente com dificuldade. Na decisão, o adversário seria a seleção alemã, curiosamente um confronto inédito na história da competição — até então, equipes dos dois países só haviam se enfrentado em jogos amistosos, a despeito de o Brasil ter participado de todas as Copas do Mundo e a Alemanha, de quase todas.

Helal e Soares lembram a crônica laudatória de Armando Nogueira na véspera da decisão, que suspende toda a elaboração racional do confronto com a seleção alemã e evoca velhos clichês sobre a prevalência do “jogo de cintura” verde-e-amarelo, contra o futebol-força supostamente praticado pelos adversários:

²¹⁹ Ronaldo Helal e Antônio Jorge Soares, “O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”, artigo inédito, apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, na Compós 2003, realizada na Universidade Federal de Pernambuco, p. 5.

²²⁰ A expressão “matar a jogada”, disseminada entre os anos 80 e 90, significa interromper o ataque adversário, mesmo que mediante faltas violentas. É alvo das críticas de cronistas, preocupados com o crescente número de faltas nos jogos de futebol, notadamente Fernando Calazans, do jornal *O Globo*.

“(O) futebol brasileiro é isso mesmo: centelha pura. Tal como um verso, que vem de um sopro divino, o drible, o passe de curva ou de calcanhar são invenções que a razão desconhece. Um drible de Ronaldinho Gaúcho é o retrato perfeito do proverbial jeitinho brasileiro, que hoje, mais do que nunca, há de fazer a diferença. Pro bem da fantasia, pro bem do sonho. Amém”²²¹.

No mesmo dia, uma reportagem, intitulada “A grande final das marcas — Na disputa entre Adidas e Nike, partida vai terminar sem perdedores”, antecipava que, ao menos no campo dos negócios, não haveria derrotados, devido à forte exposição que seria conquistada por ambas empresas na mídia internacional durante a decisão do título²²².

Na bola, os brasileiros venceriam os alemães por 2 a 0, sagrando-se pentacampeões mundiais, com atuações decisivas de Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. Ao final da competição, pesquisa Datafolha apontaria o apoio de 90% dos torcedores brasileiros à permanência de Scolari no cargo — o que acabou não acontecendo, já que o técnico preferiu pedir demissão.

Para Helal e Soares, a identificação entre seleção e pátria se esvaziou nos últimos anos, devido à crescente mercantilização do esporte. Da mesma forma, ídolos como Ronaldo seriam pertencentes mais à esfera das celebridades, do que heróis nacionais. Mas a própria análise do tratamento jornalístico da campanha do pentacampeonato feita pelos dois pesquisadores mostra que, no calor das vitórias, suspendem-se a racionalidade e a almejada imparcialidade dos cronistas e repórteres, reforçando-se a construção de narrativas heróicas.

Armando Nogueira, em crônica posterior à vitória, assinala as dúvidas que nutria quanto ao desempenho da seleção, resvalando no campo da fé. E acaba recaindo na tentação do discurso mítico de um talento intrinsecamente brasileiro.

“Tenho a vida repleta de finais. Até hoje, não me lembro de ter parado um instante sequer pra pensar em táticas. Final de Copa, mando solenemente às favas a ciência do jogo. (...) Passei a Copa inteira dividido entre dois pensamentos: ora, acreditava, logo depois, duvidava. A seleção sempre me surpreendia, alternando bons e maus momentos. Desconjugada, coletivamente e, de repente, luminosa, individualmente. Felizmente, o que

²²¹ Idem, pp. 10-11. Trecho de crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 30 de julho de 2002.

sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo. A saga brasileira nos mundiais não fala de outra coisa a não ser do sopro divino que transforma em obra de arte o gesto singelo de chutar uma bola. (...) Pro bem do futebol, fez-se a luz em duas jogadas soberbas de Rivaldo que até então era uma sombra em campo. Em 45 segundos de inspiração, porém, ele selaria a partida com duas centelhas. Contra a luz do segundo gol que ofereceu a Ronaldo a chance de marcar, entra na história da Copa como a mais reluzente jóia da coroa do penta. É a faísca do craque. É o jeitinho brasileiro de ser feliz²²³.

O discurso mítico, contudo, não prevalece a longo prazo. Como num amargo despertar, a imprensa busca logo um equilíbrio, passada a euforia da conquista mundial. Reportagem publicada pela *Folha de S.Paulo*, em 1 de julho de 2002, sob o título “Pentacampeonato ofusca as mazelas do futebol brasileiro”, mostra um religamento do espírito crítico, lembrando a crise de gestão de grandes clubes endividados, a falta de investimentos em divisões de base, o êxodo de jovens jogadores, as investigações de dirigentes e técnicos por corrupção, apropriação indébita e lavagem de dinheiro, a desorganização dos campeonatos nacionais e os pífios resultados em outros torneios, como a Copa América de 2001, em que a seleção acabou eliminada pela equipe de Honduras.

O torcedor contemporâneo tem, diante de si, portanto, elementos suficientes para embarcar numa euforia chauvinista ou construir um ceticismo ambíguo, que pode ser posto em suspensão durante os momentos de festa, mas emerge diante de polêmicas como a oposição futebol-negócios. Muitos parecem dispostos a tolerar o estrelismo dos novos craques, jovens frequentadores do *jet set* nacional e mesmo internacional, desde que estes correspondam às expectativas de proporcionar um bom espetáculo nos gramados.

Os heróis-celebridades contemporâneos vêm conciliando narrativas épicas de suas carreiras com a inserção num Olimpo das estrelas internacionais, que abrange outras atividades, como moda, cinema, TV e música pop. Relacionamentos entre jogadores e modelos ou atrizes ganham as páginas das revistas de fofoca e das editoriais de esportes de forma quase indistinta.

²²² Ver *Jornal do Brasil*, 30 de junho de 2002, caderno Esportes, p. 9. O número de telespectadores estimado para a partida final da Copa superava 1 bilhão, um sexto da população mundial.

²²³ Ver Nogueira, *A ginga e o jogo*, op. cit., pp. 191-192.

Carlos Alberto Messeder Pereira vê nesse Olimpo contemporâneo uma prevalência da cultura da alta visibilidade, em que nem sempre a fama e o mérito caminham de mãos dadas. O corpo masculino, em alta exposição na mídia desde os anos 50, após o surgimento de ídolos pop como Elvis Presley, levaria a um processo de erotização, que, nos anos 90, chega ao campo dos esportes. Uma evidência desta nova realidade, segundo o autor, é a publicação de ensaios eróticos com jogadores de futebol, não apenas em revistas gay, mas também em publicações femininas e/ou de fofocas — Renato Gaúcho parece ter aberto esse filão ao posar para a revista feminina *Íntima*, em 1999²²⁴.

Devemos observar, portanto, que narrativas emergem a partir da trajetória de atletas e equipes — sejam elas bem ou mal-sucedidas —, pois dizem muito sobre as identidades que construímos para nós mesmos e para os Outros, sejam eles torcedores de clubes rivais ou de seleções nacionais. A afirmação de uma contraditória brasilidade positiva, oscilando entre a ética do trabalho e da disciplina e as narrativas de heroísmo midiático permanecem latentes, mas não abarcam toda a dinâmica da mitologia do esporte.

No próximo capítulo, nos deteremos sobre o processo de construção das torcidas contemporâneas e da retórica da violência nos estádios, investigando os riscos de estabelecimento de uma alteridade negativa, de narrativas em que o exercício das diferenças corre o risco de não ser mais encenada nos gramados, transformando-se em conflito real.

²²⁴ Ver “Cultura do corpo em contextos de alta visibilidade”, em *Mídia, memória & celebridades*, Herschmann e Pereira, op. cit., pp. 45-53. Pereira acredita que a erotização dos corpos dos jogadores de futebol e seu livre trânsito por revistas gay — caso do jogador Vampeta, declaradamente homossexual — vêm levando a uma reordenação do próprio universo masculino, antes arraigadamente machista, em particular nos campos de futebol.

Os extremos: do chauvinismo à fragmentação

Parte dos estudiosos do futebol vem relacionando o caráter crescentemente comercial do esporte ao surgimento de violentas torcidas organizadas, uma resposta proletária, marginal, frente à mercantilização. Estas torcidas seriam, paralelamente, ligadas a movimentos emergentes de extrema-direita, cujo objetivo seria disseminar a intolerância e, em última instância, estabelecer (ou restabelecer) regimes políticos autoritários. Investigações mais recentes, no entanto, mostram que não há explicações tão simples para o processo de desagregação social e de acirramento das hostilidades. As torcidas têm múltiplas faces, como as identidades nacionais, regionais e locais. Vamos tentar mapear estas operações, à luz do conceito de mediações e das questões relacionadas à negociação da alteridade, que tratamos no início deste trabalho.

A violência nos estádios é uma preocupação constante para as autoridades européias. No fim dos anos 60, são registrados na Inglaterra os primeiros casos de confrontos entre *hooligans*, torcedores aos quais se atribui violência inaudita²²⁵. Logo depois, em 71, na Itália surgem episódios semelhantes, envolvendo os *ultràs*, espécie de torcida organizada, surgida entre os fãs do Sampdoria e depois espalhada por todo o país e por outras nações européias, como França, Portugal e Grécia. No mesmo período, são registrados distúrbios envolvendo os chamados *barrabravas* na Argentina. No fim desta mesma década, surgem as primeiras torcidas organizadas contemporâneas brasileiras. A pioneira, segundo Carlos Alberto Máximo Pimenta, seria a paulistana Gaviões da Fiel, fundada em 1969 e auto-intitulada “representante da nação corintiana”²²⁶.

O fenômeno do *hooliganism* foi alvo de amplos estudos na Grã-Bretanha e continua suscitando polêmica. O pioneiro nas pesquisas sociológicas foi Ian Taylor, que enquadrrou o

²²⁵ Não há origem claramente determinada para a expressão. Uma versão atribui o termo à substantivação do sobrenome de uma família de desordeiros ingleses, que lideraria outros torcedores, denominados *hooligans* por extensão. Mas não conseguimos rastrear esta versão até documentos concretos. Para o histórico do pensamento europeu sobre o tema, sirvo-me principalmente de Giulianotti, op. cit.

²²⁶ Ver Pimenta, “Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas”, em Alabarces, op. cit., pp. 39-55. Sobre o tema, ver também Luiz Henrique de Toledo, *Torcidas organizadas de futebol*, Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996; e Rodrigo de Araújo Monteiro, *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

caso numa perspectiva marxista. Os jovens desordeiros que tumultuavam as partidas nos estádios seriam uma resposta ao aburguesamento do esporte, até então fundamentalmente operário. Isso teria se dado a partir do instante em que os clubes, movidos por interesses comerciais em transcender os vínculos com suas comunidades vizinhas, passaram a preferir espectadores de classe média, considerados mais rentáveis. Os jovens torcedores mais pobres estariam, portanto, reagindo de forma destemperada à ocupação do palco em que desempenhavam seus papéis identitários: o estádio.

A marginalização destes torcedores, acreditava Taylor, redundaria no surgimento de movimentos de inspiração fascista. Posteriormente, o pesquisador veria ainda nas arquibancadas dominadas pelos *hooligans* “um racismo violento, de um sarcasmo cruelmente sexista e de uma agressividade conduzida pelos grupos de homens brancos jovens de pouca educação e até mesmo menos espirituosos”²²⁷. Seu trabalho, porém, seria considerado por autores contemporâneos meramente especulativo e simplista. De fato, como vimos em capítulos anteriores, o futebol não pode ser reduzido a um esporte operário, projetando-se como representação de imaginários nacionais nas sociedades modernas. Além disso, os clubes constituem suas próprias narrativas identitárias, atraindo desde trabalhadores braçais até empresários, a partir de uma complexa rede de afetividades, cujas marcas podem ser sociais, políticas, religiosas, étnicas ou territoriais.

Pesquisas de campo sobre os torcedores violentos britânicos viriam só a partir dos anos 70, com a observação participativa do psicólogo Peter Marsh e outros acadêmicos. Analisando torcedores do Oxford United, pequeno clube inglês, Marsh desenhou o *hooliganism* de forma fortemente hierarquizada e ritualizada. A “agressividade social” das torcidas seria sujeita a “regras de desordem”, que envolviam encenações de ameaças e insultos, geralmente negações sobre a masculinidade dos rivais.

Na pirâmide social de uma torcida, no entender de Marsh, estariam os Graduados, torcedores mais antigos e que desfrutavam de status privilegiado por enfrentamentos anteriores com adversários. Abaixo destes, figurariam os Valentões, que ainda não tinham adquirido respeito dos companheiros e permaneciam na linha de frente das provocações aos rivais. A base seria formada por jovens inexperientes que orbitariam o núcleo da

torcida, além dos Loucos, personagens de temperamento instável e explosivo, e dos Líderes do Coro.

Neste cenário, a violência real seria esporádica e se explicaria pela “agressividade natural” de todo ser humano, que constituiria parte essencial do instinto de sobrevivência, e também pela “desumanização” dos *hooligans* por parte das autoridades e da mídia, o que provocaria uma “reação”. Para Marsh, portanto, a agressividade é inata ao ser humano e deveria ser canalizada de forma adequada; caso contrário, a sociedade enfrentaria o risco de uma explosão de violência efetiva, não-desejável. O futebol seria, desta forma, uma válvula de escape. E as encenações de violência nos estádios, um fenômeno positivo, desde que dentro de certos limites.

As teorias deste grupo de pesquisadores, embora tragam uma contribuição para o entendimento dos mecanismos da violência das torcidas, acabam minimizando a agressividade socialmente construída, seja pelas histórias que se escondem por trás de toda rivalidade, seja pelos aspectos culturais, étnicos e religiosos. Não há também qualquer menção às formas de comunicação entre os integrantes das torcidas e à mediação social exercida pela imprensa esportiva, o que, para nós, constitui uma falha evidente.

Nos anos 80, não apenas na Grã-Bretanha mas em toda a Europa, a violência entre torcidas se pôs no caminho da expansão do esporte como um bilionário negócio, tornando-se assunto de interesse dos Estados-nação. Neste período, ganhou notoriedade na Inglaterra um grupo de sociólogos da Universidade de Leicester, entre os quais Eric Dunning, John Williams e Patrick Murphy, que receberiam financiamentos (“vultosos”, segundo seus críticos) do Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais e do Football Trust para pesquisar as raízes do problema. A Escola de Leicester, como acabaria conhecida, bebia diretamente na fonte de Norbert Elias, com suas concepções de “processo civilizador” e “figurações”.

Na idéia de figurações de Elias, os relacionamentos humanos se constroem por meio de redes de interdependência social, em que as relações de poder são fluidas e permanecem em constante negociação. Já o processo civilizador seria um fenômeno que vem se desenvolvendo nas chamadas sociedades ocidentais, desde a Idade Média, no qual a

²²⁷ Ver “*English football in the 1990s: taking Hillsborough seriously?*”, em J. Williams e S. Wagg (ed.), *British football and social change*, Leicester: Leicester University Press, 1991, pp.14-15, apud

divisão do trabalho se sofisticava e hierarquizava, o monopólio estatal da violência e da arrecadação de impostos se estabelece e surgem as “boas maneiras” (não cuspir em público, não gritar à mesa etc.).

O processo civilizador de Elias, contudo, é considerado hoje por muitos estudiosos uma concepção etnocêntrica e falha, por colocar a Europa no centro do processo histórico mundial e por considerar guerras ou revoluções como acidentes de percurso, ou seja, meras “explosões descivilizadoras”. A Escola de Leicester tenta justificar o *hooliganism* relacionando-o à crise econômica vivida pela Inglaterra nos anos 60 e à maior presença nos estádios do “grosseiro” proletariado, supostamente à margem do processo civilizador. Evidentemente, parecem respostas muito toscas às muitas perguntas sobre a violência e a construção das identidades no futebol, já que desconsideram a forte participação das classes médias e altas nas torcidas organizadas e ignoram fenômenos semelhantes em países de população multiétnica que dificilmente podem ser enquadrados na concepção de “civilização européia”.

Além disso, segundo pesquisadores como Giulianotti, Armstrong e Lewis, o grupo de Leicester mal se utilizou do conceito de figurações nos estudos sobre *hooligans* e adotou práticas tendenciosas, como eleger um pequeno time inglês de origens operárias como objeto de estudo e lançar mão de entrevistas exibidas por um documentário de TV como argumentação-chave, torcendo ainda mais as teorias de Elias para adaptá-las às suas próprias especulações.

Giulianotti lembra que a pesquisa de campo é uma dificuldade prática, já que o discurso contra o *hooliganism* tornou estes jovens refratários a contatos com acadêmicos, por vezes exigindo dinheiro em troca de entrevistas ou impondo a participação direta em suas atividades como condição para sua “aceitação no grupo”. Nestes casos, adverte, a observação participativa pode transformar o estudioso em *hooligan*. Na contramão desta tendência, segundo o sociólogo, ganhou espaço na academia e na mídia uma geração de “pesquisadores de gabinete”, sem contato com a realidade dos jovens, que muitas vezes são “anteados” e não se enquadram nos perfis de “alienação” ou “pobreza turbulenta” que lhes são imputados.

“A pesquisa de campo não se torna mais fácil quando ‘explicações’ sociológicas anteriores do *hooliganism* são levadas em conta. Muitos *hooligans* são bem familiarizados com o pensamento sociológico estabelecido sobre suas atividades, tendo feito ocasionalmente o curso de estudos sociais na faculdade ou conhecido essas visões acadêmicas por intermédio de jornais ou da televisão. O desdém dos *hooligans* por celebridades ‘especialistas’ não é baseado em um antiliberalismo ou antiintelectualismo teimoso, como se costuma argumentar. Em vez disso, ele é reservado a estranhos, que obviamente identificam e distorcem características espúrias no fenômeno para ajustar a uma ‘teoria favorita’. Alguns acadêmicos atraem o desdém particular por desenvolverem perfis da mídia e carreiras de pesquisador a partir de seu flerte inicial com o assunto. Por isso poucos *hooligans* ficam particularmente animados para encontrar um pesquisador iniciante. Há uma expectativa evidente de que ele vai repetir um outro diagnóstico da patologia social sobre ‘socialização não-civilizada’ ou ‘xenofobia nacionalista’ ou ‘masculinidade problemática’”, critica o sociólogo escocês²²⁸.

Giulianotti faz questão de ressaltar quão pobres ele considera estas teorias diante da realidade corriqueira destes supostos “animais violentos”. Segundo ele, para “qualquer um que tenha um encontro com os próprios grupos de *hooligans*, o que mais surpreende é a trivialidade de tudo. Uma primeira olhada em suas roupas, namoradas, pais, casa, carros, trabalhos, ambiente mais amplo e interesses de lazer comprova bem o estilo de vida comum, e até mesmo banal dos que são incorporados à sociedade convencional do Reino Unido (embora, talvez, não o caráter endógeno polido das aulas acadêmicas e dos jantares de gala)”.

O sociólogo lembra ainda que o *hooliganism* mudou radicalmente ao longo dos anos, com sua origem, na Escócia, remetendo talvez às “gangues da navalha” dos anos 20 e 30 ou, antes ainda, aos *brake clubs*, agremiações de desordeiros da virada do século 19 para o século 20. O estilo *skinhead* dos anos 70, com as populares botinas Doctor Marten e os vários cachecóis entrelaçados, deram lugar nos anos 80 ao visual “descolado”, das roupas esportivas caras, como camisas Lacoste e moletons Fila, ou de grifes famosas, como jaquetas Burberry, suéteres Armani e sapatos Rockport, muitas vezes sem as cores do próprio clube, para dificultar a identificação pela polícia, no estádio ou fora dele.

²²⁸ Op. cit., p. 73.

Mais do que organizações paramilitares, os *hooligans* parecem se estruturar de modo fluido, em redes de amigos que se aglomeram ou se afastam de acordo com o calendário esportivo e com uma escala de rivalidades. Grupos de torcedores, com palavras de ordem e cantos de batalha, ocupam “territórios” às vezes claramente delimitáveis nos estádios. Na Grã-Bretanha e na Itália, os cantos das arquibancadas constituem freqüentemente pontos de referência de afeto — na Inglaterra, as extremidades inclinadas (*ends*) de alguns estádios são chamadas de *kops*, numa homenagem popular às centenas de soldados mortos, quase todos da região de Lancashire, durante um ataque suicida na Guerra dos Bôeres, na localidade de Spion Kop, em 1900.

Os confrontos entre torcidas rivais são, geralmente, ritualizados. Envolvem cânticos com afirmações de masculinidade, truculência, irreverência e ataques à “honra” dos torcedores e dos jogadores adversários²²⁹. Gestos sincronizados também fazem parte do repertório, dando a ilusão de uma organização quase militar, onde há, na maioria dos casos, apenas uma adesão momentânea. Quando saem do campo simbólico, os confrontos têm o claro objetivo de forçar os rivais (sejam eles do time oponente ou outra organizada) a recuar e abrir mão de seu espaço na arquibancada, o que é uma representação de vitória, por vezes absolutamente desconectada do resultado das partidas nos gramados.

No Brasil, Pimenta relaciona a emergência das torcidas organizadas ao regime militar, o que não parece explicação plausível dado o surgimento de fenômenos similares em diversos outros países em que a democracia prevalecia. O pesquisador também aciona a hipótese de que os torcedores violentos são, na maioria, jovens em busca de afirmação de suas identidades e em busca do sentido de pertencimento a um grupo, uma tribo, num momento de “esvaziamento do sujeito social” e da “desarticulação da esfera do público”.

Analisando a trajetória de três organizadas paulistanas, a Gaviões da Fiel (do Corinthians), a Independente (do São Paulo) e a Mancha Verde (do Palmeiras), Pimenta

²²⁹ Giulianotti cita um incrível grito de torcedores do time escocês Aberdeen, que mostra uma bizarra forma de auto-afirmação: “Nós fodemos ovelhas, nós fodemos ovelhas!”. Outro exemplo extremo é a música cantada por uma torcida do também britânico Hartlepool: “Temos a má reputação de aliciar garotinhos / De estuprar velhinhas e quebrar o brinquedo das criancinhas / Somos os perversos da nação, os piores que você já viu / Somos um bando de bastardos de boca suja / E nosso nome é Hartlepool”. Cânticos como esse mostram que grande parte das manifestações de torcidas não pode ser levada a sério, em termos de análise de discurso, constituindo mais uma demonstração de irreverência. Agostino, op. cit., cita ainda o grito de “Foda-se o papa”, entoado por protestantes britânicos numa provocação nada sutil aos torcedores católicos. Fica patente a intenção de chocar o adversário, atacando-o nos pontos considerados mais sensíveis de seu sistema de crenças.

pinta um retrato heterogêneo das torcidas, que reúnem desde “pais de família, mulheres, jovens”, até “pessoas criminosas, viciados”, todos envolvidos numa espécie de experiência comunal. Seus gritos de guerra, relata o pesquisador, têm como principal objetivo atemorizar os rivais:

“No Morumbi, no Pacaembu ou no Chiqueirão, Independente dá porrada de montão!”²³⁰

“Mancha Verde dá porrada em qualquer um, se bobear a Mancha Verde mata um!”²³¹

Pimenta aponta o forte crescimento destas torcidas nos anos 90, embora os dados sejam das próprias organizadas, e não necessariamente confiáveis. A Mancha Verde teria saltado de 4 mil integrantes em 1991 para 18 mil em 1995. No mesmo período, a Independente teria expandido seus quadros de 7 mil para 28 mil filiados, e a Gaviões da Fiel, de 12 mil para 46 mil²³². Levantamento do pesquisador com base em dados divulgados na imprensa mostra que 29 pessoas morreram só em São Paulo em confrontos entre torcedores nos estádios ou em seus arredores, das quais 12 apenas no período entre 1992 e 1994, justamente quando as organizadas mais teriam crescido. Antes, segundo um chefe de torcida, “as brigas eram na mão, não havia armas”. No início dos anos 90, contudo, integrantes das organizadas passariam a levar bombas caseiras e armas de fogo para os estádios.

As organizadas seriam banidas em São Paulo em 1995, depois que torcedores palmeirenses e são-paulinos protagonizaram cenas de guerra, trocando pauladas e deixando um morto (o jovem Márcio Gasparin) diante das câmeras de TV. A Independente e a Mancha Verde seriam alvo de ação judicial que levaria à sua extinção. As demais enfrentariam severa vigilância do Ministério Público e da Polícia Militar, o que reduziria

²³⁰ “Chiqueirão” é o apelido dado pelos torcedores são-paulinos ao estádio do Palmeiras, o Parque Antártica. “Porco” é um tratamento ofensivo dispensado pelos rivais aos palmeirenses. De certa forma, a ofensa se esvaziou quando uma torcida organizada adversária levou para o estádio um porco e submeteu-o a maus tratos. Torcedores palmeirenses, então, enfrentaram os rivais e salvaram o animal das torturas, adotando-o e assumindo-o como símbolo. Operação semelhante ocorreu com o urubu, hoje símbolo do Flamengo, na origem uma tentativa dos adversários de ofender os torcedores e jogadores rubro-negros, que a partir dos anos 30, como vimos, eram em grande parte negros e mulatos.

²³¹ É irônico que a Mancha Verde, conhecida como uma das mais violentas torcidas do país, tenha sido batizada numa referência a um personagem das histórias em quadrinhos infantis de Walt Disney, o vilão Mancha Negra, como mostra depoimento do líder de torcida Paulo Serdan a Pimenta.

²³² A Gaviões da Fiel se transformou também em escola de samba, uma das mais populares de São Paulo, expondo ainda mais a intrincada relação entre futebol e cultura. Posteriormente, a Mancha Verde seguiu seus passos, formando sua própria agremiação carnavalesca, que, em 2004, garantiu vaga na elite do carnaval paulista.

drasticamente o número de incidentes nos estádios paulistas, segundo as estatísticas oficiais (de 1.750, em 1994, em 279 partidas, para 130 em 2003, ao longo de 239 jogos).

Um dos promotores de Justiça responsáveis pelas investigações, Fernando Capez, apontaria números surpreendentes no início de 2003, durante seminário sobre segurança nos estádios, promovido pelos ministérios dos Esportes e da Justiça, em Brasília. Segundo levantamento da Procuradoria Geral de Justiça do Estado de São Paulo, dos quase 21 mil associados da Mancha Verde na época, 3.150 tinham antecedentes criminais. “Descobrimos muita gente ligada ao tráfico de drogas, roubo e latrocínio. As torcidas foram investigadas como organizações criminosas”, afirmou o promotor²³³.

No mesmo seminário, o então ministro dos Esportes, Agnelo Queiroz, avisava: “Queremos que os estádios sejam ocupados como espaços democráticos. Nossa proposta é no sentido de transformar o futebol em espetáculo de civilidade”.

Oito anos depois da exclusão das organizadas em São Paulo, no entanto, as restrições começaram a ser afrouxadas, com a volta de torcidas aos estádios graças a liminares obtidas na Justiça (caso da Torcida Jovem e da Sangue Jovem, do Santos, e da Gaviões da Fiel, do Corinthians), e a Federação Paulista de Futebol já estudava a liberação das uniformizadas, sob a alegação de que integrantes da Independente e da Mancha Verde vinham driblando o exílio forçado e atuando nos estádios com novos nomes²³⁴.

No Rio de Janeiro, embora as organizadas não tenham se tornado foras-da-lei, há um histórico de confrontos entre as torcidas de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. As relações com dirigentes dos grandes clubes levaram a uma espécie de *profissionalização* de grupos de torcedores, que recebem apoio financeiro e ingressos gratuitos para acompanhar as equipes fora da cidade e às vezes até no exterior.

Em maio de 2003, torcedores trocaram tiros dentro da sede do Flamengo, na Gávea, após reunião com o então vice-presidente do clube, Arthur Rocha Neto. O motivo do desentendimento, que terminou sem feridos, foi a partilha dos mil ingressos de cortesia dados pela diretoria para a partida contra o Vitória-BA pela Copa do Brasil — as torcidas exigiam mais ingressos e não foram atendidas. Com o incidente, o então presidente rubro-

²³³ Ver reportagem de José Cruz, publicada na editoria de Esportes do *Correio Braziliense*, 30 de março de 2003.

²³⁴ Ver Eduardo Maluf, “FPF quer a volta das uniformizadas”, *O Estado de S. Paulo*, 11 de dezembro de 2003, p. E1.

negro, Hélio Paulo Ferraz, suspendeu a distribuição de ingressos gratuitos e proibiu a entrada na sede da Gávea de torcedores que não fossem sócios do clube.

O então secretário estadual de Esportes, que acumulava a presidência da Suderj, Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, aproveitou a ocasião para denunciar que, no clássico Vasco x Fluminense, poucos dias antes, dirigentes dos clubes distribuíram 3.500 ingressos cada para suas torcidas. Ele lembrou ainda que, num jogo do Botafogo pelo campeonato brasileiro, no ano anterior, 4.950 torcedores entraram com ingressos de cortesia, contra um número total de 6.000 pagantes.

Os convites servem para angariar apoio político a dirigentes, mas também acabam ajudando as organizadas a fazer caixa. “De todos os ingressos apreendidos com cambistas, cerca de 90% são oriundos de torcidas organizadas”, contabilizava o secretário. Um ex-presidente do Botafogo, Mauro Ney Palmeiro, chegou a afirmar que não cortaria a distribuição de ingressos gratuitos para os torcedores por ter sido ameaçado de morte²³⁵.

Outras práticas corriqueiras no futebol carioca são o pagamento de *mesadas* a torcedores por craques dos principais times. Romário, astro brasileiro na Copa de 94, foi um dos que denunciaram a intimidação destes chefes de torcida que cobravam pelo apoio e para dissuadir seus afiliados de criticar o atleta. Na Argentina, jogadores de renome, como Maradona, passaram por situação idêntica.

No país vizinho, aliás, um famoso chefe de torcida, José Barrita, *El Abuelo*, foi preso em 1994, por extorsão de dinheiro de dirigentes e associação ilícita. A relação incestuosa entre cartolas e organizadas levou à concessão de vantagens com claro caráter político-eleitoral. O presidente do clube Nueva Chicago, Luis Barrionuevo, ligado ao ex-presidente argentino Carlos Menem, por exemplo, pagou as despesas de pelo menos dez torcedores do time que embarcaram para assistir à Copa da França, em 1998. Integrantes da torcida de outro clube, Defensores Belgrano, contaram com recursos do partido ultranacionalista Nueva Argentina para também torcer pela seleção nacional no Mundial, mas pagaram com algo mais do que simples votos: distribuíram pelas ruas de Saint Etienne panfletos reivindicando a posse argentina das Ilhas Malvinas²³⁶.

²³⁵ Ver “Marginais trocam tiros na Gávea”, 8 de maio de 2003, p. 41, e Ary Cunha, “A cortesia que custa caro”, 9 de maio de 2003, p. 40, ambos no jornal *O Globo*.

²³⁶ Estes *barrabravas* foram recepcionados na França por integrantes da Frente Nacional, do líder da extrema-direita local, Jean Marie Le Pen. Ver Agostino, op. cit., pp. 243-258.

Como vimos, é difícil determinar as raízes da violência dos torcedores. Há várias respostas possíveis, desde a infiltração de criminosos nas organizadas até a noção de válvula de escape para tensões sociais. De todo modo, uma hipótese ainda a ser explorada é a do enfraquecimento das mediações sociais convencionais. Não apenas a mediação exercida pela família, pela escola, pelo ambiente de trabalho, mas especialmente pela imprensa.

Um sintoma deste fenômeno é a constituição de meios próprios de comunicação, fragmentários e livres das amarras éticas do jornalismo moderno. Utilizando recurso disseminado pelos *punks* britânicos nos anos 70, *hooligans* de todo o mundo mantêm fanzines próprios, publicações inicialmente mimeografadas mas hoje facilmente produzidas em computadores domésticos, que trazem informações sobre calendário das partidas, encontros de torcedores, excursões para eventos internacionais etc. Mais recentemente, vários fanzines se transformaram em revistas e páginas de internet. A criação desta rede autônoma de comunicação, herança do lema *do-it-yourself* (“faça você mesmo”, dos *punks*), esvazia a mediação operada pela chamada grande imprensa, chave no processo contemporâneo de socialização.

A despeito de toda a onda de desmistificação do processo de recepção das mensagens veiculadas na mídia, não se deve desprezar o potencial da incitação ao ódio contra o Outro, dada a história recente, especialmente em comunidades nas quais a população ainda não dispõe de mecanismos plenamente desenvolvidos de filtragem das mensagens. Em alguns países, a intolerância não transita apenas pelas redes autônomas de comunicação mantidas por torcedores, perpassando mesmo os conteúdos veiculados pela imprensa regular.

Não é necessário recuar até o nazismo, ainda hoje considerado por muitos um mero surto descivilizador, inexplicável em termos racionais. Em dezembro de 2003, em Ruanda, na África, três jornalistas e empresários da mídia foram condenados a penas que variam de prisão perpétua a 35 anos de detenção, por um tribunal das Nações Unidas. Motivo: utilizaram a rede Rádio e Televisão Livre de Mil Colinas (RTL) e o jornal *Kangura* para incitar o ódio dos hutus contra a minoria tutsi, durante a guerra civil, em 1994.

“As transmissões da RTL eram toques marciais de tambores que incitavam os ouvintes a exterminar os tutsis”, assinalou, na sentença, o juiz Navethen Pillay. A rádio do grupo, chamada no país de “rádio do ódio”, usava abertamente expressões como “faça a limpeza”

e “as sepulturas ainda não estão cheias”, além de emitir boletins alertando grupos paramilitares hutus sobre os locais de concentração de tutsis. O princípio de que a propaganda belicosa e o ódio étnico eram crimes foi estabelecido no Tribunal de Nuremberg (1945-1949), que julgou os líderes nazistas, mas até então nunca jornalistas tinham sido condenados por responsabilidade direta em genocídios. A guerra civil que devastou Ruanda custou a vida de 500 mil a 800 mil pessoas, de acordo com a fonte²³⁷.

Se não está presente em Ruanda, a conexão entre o ódio étnico e o esporte surge claramente na Europa, em países como a Holanda, a Itália, a Hungria, a Polônia e a antiga Iugoslávia. Nos três primeiros, como relata Agostino, citando Paul Hockenos, emerge nos anos 90 um “anti-semitismo sem judeus”, a bordo de rivalidades entre clubes²³⁸. O autor relaciona a explosão de uma bomba de fabricação caseira na tribuna do Ajax Amsterdam, atribuída a torcedores do Feyenoord Rotterdam, à identidade do Ajax com a comunidade judaica holandesa — 19 pessoas saíram feridas deste atentado.

Na Hungria, torcedores do Ferencvaros entoavam cânticos para ofender os rivais do MTK, também identificado com a comunidade judaica, embora esta tenha sido virtualmente exterminada nos campos de concentração nazistas instalados no país durante a Segunda Guerra Mundial: “Ciganos conduzem os judeus! / Ciganos conduzem os judeus! / Eles são cúmplices! / Eles são cúmplices! / Eles merecem! / Eles merecem! / Câmaras de gás! / Câmaras de gás!”.

O anti-semitismo volta à tona também na Polônia, onde, em 2000, torcedores neonazistas do LKS gritavam slogans contra os rivais do Widzew, em Lodz, iniciando uma série de distúrbios pelas ruas da cidade: “Widzew é uma aldeia judaica / E nós, do LKS, somos a tropa SS”.

Na Itália, em 2001, a Lazio teria seu estádio interditado após torcedores estenderem faixas com inscrições como “Equipe de negros, corja de judeus”, para atacar atletas brasileiros da rival Roma — o mulato Cafu e o negro Aldair, ambos com passagens na seleção nacional. A disputa identitária entre torcidas da Lazio, equipe identificada nos anos 20, 30 e 40 com o ditador Mussolini, tornou-se tão acirrada que dirigentes interessados em

²³⁷ Ver “Jornalistas são condenados por genocídio”, *Folha de S. Paulo*, 4 de dezembro de 2003, p. A14.

²³⁸ Ver Agostino, op. cit., pp. 245-246.

desvincular o clube dos neofascistas chegaram a anunciar a contratação de um jogador negro e outro judeu.

Mas o exemplo mais extremo ocorreu na antiga Iugoslávia, onde torcidas organizadas de clubes sérvios e croatas foram instrumentalizadas por políticos separatistas e virtualmente transformadas em grupos paramilitares, num fenômeno ainda mal estudado fora de suas fronteiras²³⁹. Um dos líderes da torcida do Estrela Vermelha, Zeljko Raznatovic, posteriormente conhecido como “comandante Tiger Arkan”, se tornaria um influente chefe de milícia, recrutando entre seus colegas de arquibancadas os soldados da Guarda Voluntária Sérvia, acusada de diversas atrocidades.

O Estrela Vermelha, de Belgrado, e o Dínamo de Zagreb protagonizaram, em 13 de março de 1990, um episódio considerado por muitos estudiosos o estopim da guerra civil na antiga Iugoslávia. A partida entre as duas equipes, pelo campeonato nacional, foi interrompida em meio a um confronto generalizado envolvendo torcedores, jogadores e policiais, no qual mais de 60 pessoas saíram feridas. O conflito, televisionado ao vivo, teria ampla repercussão política, tanto no país quanto no exterior.

“Imediatamente depois (*da partida*), nós nos organizamos. Aquele jogo em Zagreb me fez entender que haveria uma guerra, eu podia ver tudo e sabia que a faca dos *ustashi* (*fascistas croatas da Segunda Guerra Mundial*) cortaria novamente as gargantas de mulheres e crianças sérvias”, disse o “comandante Tiger Arkan” em entrevista ao *Jornal do Partido da Unidade Sérvia*, publicada em novembro de 1994²⁴⁰.

É mais cômodo relacionar esta explosão de intolerância a fatores históricos, que remontam à unificação da Iugoslávia num único reino, entre 1919 e 1920, agregando sérvios, croatas, eslovenos, montenegrinos, além das minorias húngara, turca, romena e albanesa. Ou à forma como a proclamação da República, após a libertação do jugo nazista, entre 1944 e 1945, levaria o marechal comunista J. Broz Tito ao comando da nação,

²³⁹ Sobre o tema, além de Boniface e Missiroli, op. cit., ver D. Lalic, *Torcida: pogled iznutra*. Zagreb: Ed. AGM, 1993; e também S. Vrcan, *Dal tifo aggressivo alla crisi del pubblico calcistico: Il caso jugoslavia*, artigo publicado na *Ressegna Italiana di Sociologia*, n. 33, em 1992, pp. 131-144, apud Giulianotti.

²⁴⁰ Ver Boniface, op. cit., tradução nossa. O autor cita outra partida, naquele mesmo ano, em que os torcedores do Hadjuk, de Split, invadiram o campo em que seu time enfrentava a equipe do Partizan, de Belgrado, e queimaram uma bandeira da Iugoslávia. O ato simbólico, para muitos, marcaria o início do fim do país, mais do que o pugilato envolvendo o Estrela Vermelha e o Dínamo, meses antes. A destruição de um símbolo da unidade nacional seria um indicador de que as diferenças entre os grupos étnicos do país não poderiam mais ser solucionados nas arenas políticas ou esportivas.

estabelecendo um frágil sistema federativo, mantido por sua mão-de-ferro e sua liderança carismática.

Com a morte de Tito, as pressões por autodeterminação das etnias constitutivas do país começaram a prevalecer. Em 1991, eclodiram conflitos entre a minoria sérvia e a maioria albanesa no Kosovo. Eslovênia e Croácia declararam independência, seguidos logo por Macedônia e Bósnia-Herzegovina. Os sérvios iniciaram, então, uma ofensiva militar para garantir, se não a sobrevivência da antiga Iugoslávia, ao menos a expansão das fronteiras da Grande Sérvia ambicionada pelo presidente Slobodan Milosevic, que anos depois seria julgado por crimes contra a humanidade. Resta ainda estudar, em detalhes, como se deu este acirramento das rivalidades étnicas, por meio das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, especialmente por políticos inescrupulosos.

Da mesma forma que Estados-nação modernos encontraram no futebol um espaço de construção de identidade, de formulação de um imaginário coletivo, na Iugoslávia o esporte serviu de instrumento para fomentar a desagregação. Sintomaticamente, o Estrela Vermelha, embora identificado com a etnia sérvia, era um retrato de uma Iugoslávia múltipla. Seu elenco de craques, que levaria o último título da Copa Européia conquistado por um time do Leste, em 1991, tinha como suas maiores estrelas o macedônio Pancev, o montenegrino Savicevic e o croata Prosinecki. Os três, com a guerra, buscariam refúgio, respectivamente, na Internazionale, no Milan e no Barcelona. Não havia mais espaço para o exercício de uma alteridade positiva no futebol iugoslavo.

Também é digno de nota que o Dínamo de Zagreb, logo após a fragmentação da Iugoslávia, tenha sido rebatizado como Croácia, a pedido do recém-empossado presidente croata Franjo Tudjman. Uma afirmação da nacionalidade nascente e, ao mesmo tempo, uma estratégia para erradicar da história o passado comunista associado ao nome do clube — o nome nacionalista duraria só até a morte do político, em 1999. O mesmo Tudjman diria, em 1998, que “o futebol é meramente uma continuação da guerra por outros meios”, parafrazeando o célebre general e historiador militar prussiano Karl von Clausewitz, que, em seu clássico livro *Der krieg (A guerra)*, escreveu: “*Der Krieg ist eine bloÙe Fortsetzung der Politik mit anderen Mitteln*” (“A guerra é meramente uma continuação da política por outros meios” — tradução nossa).

Outro fato relevante é a inclusão do futebol nas sanções impostas à Iugoslávia, agora reduzida praticamente à Sérvia. Responsabilizado pela guerra pela comunidade europeia, o país enfrentou boicote econômico e esportivo, sendo banido quase simultaneamente da ONU e do campeonato europeu.

As rivalidades étnicas, por si, não sustentam a narrativa da desagregação que ocorreu nos anos seguintes. Devemos pensar na hipótese de que o ódio tenha sido constituído socialmente, mediado pelos senhores da guerra locais, em aliança com setores da grande imprensa nacional. Outro detalhe raramente lembrado pelos que relacionam a violência das torcidas a movimentos de extrema-direita é o fato de toda a ideologia da Grande Sérvia ser construída por comunistas, como o próprio Milosevic, o que não se encaixaria na explicação totalizante dos acadêmicos.

Nesse mesmo aspecto, Boniface chama a atenção para a simpatia angariada pela Croácia na Copa de 1998, ao representar “o papel de um pequeno país bravamente desafiando grandes países, um país que mal consegue ficar sobre os próprios pés após um difícil parto em meio à guerra e já está em posição de destaque no palco mundial”. Com o aval da Fifa, portanto, o governo croata conseguiu pôr em segundo plano, segundo o pesquisador, a “natureza extremamente não-democrática de seu regime político”.

A Fifa, como já se tornou lugar comum entre pesquisadores do tema, representa papel crucial na projeção de jovens nações no cenário geopolítico, já que seu número de filiados é maior do que o de países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas — segundo Boniface, em 1998, enquanto a Fifa reunia 198 membros, a ONU somava 186. Na ONU, é considerada a existência da Grã-Bretanha, enquanto na Fifa são reconhecidas as *home nations* subordinadas à Inglaterra, ou seja, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales.

O universo do futebol também sanciona a identidade nacional de protetorados como Porto Rico (praticamente um estado americano), Macedônia (região da antiga Iugoslávia), Palestina (nação sem Estado, cujo território projetado é ocupado militarmente por Israel, mas se estende também à Jordânia e à Síria), Hong Kong (região devolvida pelos britânicos à China na virada do século), Taiwan (ou Formosa, cinco décadas após sua criação ainda considerada província rebelde pela China), além de Suíça (tradicionalmente adepta de uma política isolacionista, que a manteve neutra ao longo da Segunda Guerra Mundial) e de uma constelação de paraísos fiscais, como Ilhas Cayman, Bermuda e Ilhas Virgens.

Por outro lado, certos projetos de nacionalidades não são legitimados pela Fifa, caso, por exemplo, das identidades regionais espanholas — num exemplo da força da identidade catalã, a partida amistosa entre a seleção brasileira e uma equipe da Catalunha, na preparação para a Copa do Mundo de 2002, teve a presença de todas as autoridades regionais no Estádio Nou Camp, com direito a execução do hino catalão; esta seleção regional só tem sinal verde das autoridades espanholas para se reunir uma vez por ano.

Thompson nos dá pistas, com foco no projeto de construção do Eu num mundo mediado, de como podem se construir cenários de intolerância nas sociedades modernas. As mensagens midiáticas de ódio a etnias rivais e suas conseqüências sociais aproximam de forma preocupante a fronteira entre regimes de terror e democracias modernas. A garantia, muitas vezes constitucional, como no Brasil, à liberdade de expressão põe na mesa a possibilidade de veiculação de mensagens simbólicas intolerantes, o que leva a um impasse: como impedir a propagação da intolerância sem impingir alguma restrição legal a estes tipos de discurso?

Quando a intolerância parte de governos totalitaristas, integrando um projeto de Estado, sua amplitude ganha muitas vezes contornos trágicos, haja vista os massacres de 20 milhões de russos durante a era Stálin, de seis milhões de judeus pelos nazistas, dentro da frustrada “solução final” de Hitler, ou de dois milhões de cambojanos pelo Khmer Vermelho de Pol Pot. A história mostra que qualquer segmento social pode se tornar alvo da intolerância, especialmente se esta for potencializada pelo Estado, via imprensa.

Nem sempre o “inimigo” é facilmente discernível. Na Segunda Guerra Mundial, no Brasil, imigrantes e descendentes de estrangeiros, particularmente alemães, japoneses e italianos chegaram a ter bens confiscados, enfrentaram restrições ao direito de ir e vir e foram proibidos de se comunicar em outros idiomas que não o português em locais públicos ou mesmo em jornais de sua comunidade. Pelo caráter totalizante da medida, jornais judaicos, escritos em iídiche, também acabaram sendo banidos. No auge da história com o conflito, um grupo de japoneses chegou a ser confinado a uma versão amena de um campo de concentração, instalado no Acre, onde muitos permaneceriam após a guerra por falta de recursos para retornar aos estados de origem, na maioria dos casos, São Paulo.

Para Giddens, o totalitarismo — com todos os problemas que a expressão traz embutida — “é uma tendência do Estado moderno”²⁴¹. O surgimento do totalitarismo, na Itália dos anos de 1920, com a supressão de partidos de oposição ao governo, dissolução do Parlamento, a instituição de campos de concentração e de pena de morte para crimes de caráter político e a cooptação de organizações sindicais e intelectuais, vai dar origem a uma generalização da expressão, como se ela tivesse autonomia em relação às chamadas democracias ocidentais modernas, que Giddens prefere chamar de poliarquias (*poder de muitos*).

Os campos de concentração são os exemplos extremos do totalitarismo, com a eliminação metódica e organizada do(s) desviante(s) — na Alemanha nazista, não apenas judeus, mas também ciganos, homossexuais e dissidentes políticos foram para as câmaras de gás em grande número, e o Estado estimulou a elaboração de técnicas de execução em massa com baixo custo, para “otimizar” a “solução final” da “questão judaica”.

As características desses regimes, com toda sua gama de sistemas de vigilância, culto à personalidade do líder e instrumentalização dos meios de comunicação, são bem conhecidas e estudadas. O que pouco se tem analisado é a persistência com que tais regimes voltam à ordem do dia, com as mais diversas características locais (ditaduras militares latino-americanas, fundamentalismo islâmico, comunismo de linha maoísta na Coreia do Norte), sempre com a intenção de submeter as populações a uma “autoridade total”, inquestionável.

Giddens acredita que toda sociedade moderna tem um componente totalitário devido à sombra constante do coletivismo e à sua própria origem, na construção de identidades nacionais mediante guerra e pacificação de comunidades regionais de maior ou menor autonomia — processo que está longe de ser concluído, mesmo no Velho Mundo, como aponta o recrudescimento do terrorismo separatista em diversos países.

Os Estados tirânicos parecem voltar de forma cíclica, ora devido ao enfraquecimento dos laços de solidariedade entre os membros da sociedade, ora por conta da ascensão ao poder de um grupo que promova discursos totalizantes, excludentes, mistificadores, intolerantes.

²⁴¹ Anthony Giddens, *O Estado-nação e a violência*, p. 308.

Nesse aspecto, o futebol surge como espaço privilegiado para aferir o grau de tolerância em relação ao Outro em grande parte das comunidades contemporâneas. O exercício de enfrentamento, no âmbito esportivo, com projeção direta no campo do imaginário, permite o estabelecimento de uma negociação da alteridade, proporcionando harmonização de diferenças sociais, étnicas ou religiosas. Mas também, como acabamos de ver, pode servir para acirrar as rivalidades e esgarçar o tecido social.

Torcidas organizadas, portanto, constituem apenas uma ponta do iceberg, um retrato desfocado da intolerância socialmente construída em determinadas comunidades, seja ela política, econômica, étnica, religiosa, de classe ou mesmo simplesmente geográfica, inclusive no plano micro — haja vista a rivalidade ritualizada entre os lados A e B, arbitrariamente estabelecidos, ao longo de uma linha imaginária, em muitos bailes funk do Rio.

Não há notícia de evidências estatísticas dando conta de que a violência tenha se tornado mais relevante ao longo das décadas, em particular após a chegada dos *hooligans* modernos. Uma explicação para a crescente preocupação das autoridades talvez seja a chegada da era do espetáculo, em que as partidas de futebol passam a ser televisionadas em escala continental e mesmo planetária. A interação da mídia televisiva, longe de distanciar os torcedores, aproximou-os das partidas e amplificou, não só o potencial mercadológico do espetáculo, mas também a repercussão dos ocasionais desastres.

Foi o que aconteceu na final da Copa dos Campeões, em 1985, no estádio Heysel, em Bruxelas, na Bélgica. Antes mesmo do início da partida entre Liverpool e Juventus, *hooligans* ingleses atacaram torcedores italianos, provocando correria. Com a pressão da massa humana, um muro desabou, esmagando centenas de pessoas. Resultado: 39 mortos e 454 feridos. No episódio, houve uma clara espetacularização da violência, via satélite. Imagens deste e de outros conflitos foram usadas em documentários de TV, que, embora condenassem a atuação dos torcedores do Liverpool, acabaram se transformando em objetos de desejo de *hooligans*, achados nas prateleiras de videolocadoras por toda a Grã-Bretanha.

Na era da TV, as partidas de futebol se transformaram em eventos que atraíam multidões tão numerosas que os estádios tradicionais não eram capazes de suportar. Tragédias se multiplicaram entre os anos 70 e 90, mundo afora, e a maioria não pode ser relacionada à violência das torcidas, mas sim à falta de infra-estrutura adequada nos palcos

do espetáculo. Em 1971, no Ibrox, na Escócia, 66 morreram pisoteados na escadaria de acesso às arquibancadas e 145 saíram feridos, ao final de uma partida entre Rangers e Celtic. Em 1982, em Moscou, 340 morreram esmagados na escada de acesso no estádio do Spartak, em partida contra o Haarlem, da Holanda, pela Copa da Uefa. Também no Reino Unido, em 1985, no Bradford's Valley Parade, 56 torcedores morreram quando as velhas arquibancadas de madeira pegaram fogo, enquanto os portões do estádio permaneciam trancados.

As autoridades britânicas, transferindo aos torcedores a maior parte da responsabilidade por estes desastres, adotaram uma série de medidas regulatórias, proibindo a venda de bebidas alcoólicas nos estádios e, posteriormente, também o fumo. Policiais à paisana foram infiltrados entre as torcidas e instalaram-se sofisticados circuitos internos de TV, para acompanhar toda a movimentação de possíveis *hooligans*, que seriam detidos, identificados e, eventualmente, proibidos de entrar nos estádios. As grades que desde os anos 20 separavam as torcidas, no entanto, foram mantidas.

Mesmo com todas estas medidas de segurança, em 1989, no Sheffield Hillsborough, 96 morreram esmagados nas arquibancadas, na semifinal do campeonato inglês, entre Liverpool e Nottingham Forest, porque uma multidão se comprimiu diante do estádio e a polícia decidiu abrir os portões. A massa humana invadiu, então, a arquibancada, que já estava lotada. Há informações de que os policiais no controle do circuito interno de TV acompanharam todo o desastre, mas hesitaram em liberar os portões internos e as áreas de escape “com medo de que os torcedores ‘invadissem’ o gramado e atacassem os jogadores ou torcedores rivais”²⁴².

A tragédia de Hillsborough, considerado um modelo de boas instalações, levou a novas regras e à imposição de reformas tardias nos estádios ingleses. Todos os lugares deveriam passar a ser numerados. Depois, essa exigência seria parcialmente relaxada, mas os principais palcos do futebol na Grã-Bretanha acabaram adequando suas instalações. Mudanças do gênero foram adotadas em diversos países, inclusive no Brasil, onde as tradicionais arquibancadas do Maracanã, que ostenta o epíteto de “o maior do mundo”, ganharam cadeiras de plástico (embora não numeradas).

²⁴² Giulianotti, op. cit., p. 104.

Estas reformas reduziram a capacidade dos estádios e, conseqüentemente, encareceram o preço do ingresso dos torcedores, afastando os mais pobres e trazendo de volta às arquibancadas famílias de classe média. Em São Paulo, pesquisa do Instituto Datafolha mostrou que, em 2003, os pobres moradores da periferia eram os que menos torciam para clubes de futebol: 74% têm renda inferior a cinco salários mínimos, insuficiente para cobrir os R\$ 20 do preço dos ingressos e o gasto com transporte até os distantes estádios. Do total dos entrevistados, 20% não tinham preferência por nenhum time, contra 12% em levantamento idêntico realizado dez anos antes. Curiosamente, os “sem-time” eram também os que menos tinham preferências políticas claras²⁴³.

Paralelamente, sofisticaram-se, na Europa e em países como o Brasil, as técnicas de identificação dos desordeiros. As autoridades europeias, hoje, trocam informações e fotos de *hooligans* fichados, para que um torcedor violento banido num país não consiga ter acesso aos estádios de outras nações integrantes da comunidade continental.

Na Grã-Bretanha e em outras nações, houve uma pacificação forçada dos torcedores. Hoje, em diversos países europeus, o ato de xingar jogadores ou dirigentes em campo, mesmo que a centenas de metros de distância, pode levar à censura por autoridades policiais e até à detenção. A assistência de uma partida ganhou ares de platéia de espetáculos teatrais: aplausos nas horas certas e silêncio respeitoso. Tudo com a incômoda presença de um Grande Irmão eletrônico, muitas vezes invisível, a vigiar, panóptico, cada movimento e cada reação dos espectadores. O palavrão liberador é contido; a vibração catártica do gol, disciplinada.

Surge uma preocupação de estabelecer entre torcedores e clubes uma relação de consumo, coberta por códigos de conduta. Em 2003, no Brasil, a Câmara dos Deputados aprovou o Estatuto do Torcedor, que obriga as federações a divulgarem as tabelas e os regulamentos dos campeonatos com 60 dias de antecedência. Inspirado na legislação britânica, o estatuto determina que os ingressos sejam numerados e tenham lugares marcados, além de obrigar a instalação de circuito interno de TV nos estádios com

²⁴³ Ver “Cidade torce cada vez menos”, caderno Esporte, da *Folha de S. Paulo*, 25 de janeiro de 2004. A pesquisa mostra que, quanto mais próximo dos estádios, maior o índice de entrevistados que se declararam torcedores, num sinal da força da interação constituída nos palcos de identidade esportiva. Outro dado relevante é a forte popularidade dos times entre os torcedores de maior poder aquisitivo e escolaridade (respectivamente, 93% e 90% declararam preferências), o que derruba a tese simplista de que o futebol é o ópio das massas despossuídas.

capacidade para mais de 20 mil torcedores. Quem participar de distúrbios no estádio ou num raio de cinco quilômetros de seu entorno poderá ficar de três meses a um ano impedido de assistir a uma partida de seu time — um ouvidor, nomeado pelas autoridades, terá a incumbência de julgar e condenar os torcedores, determinando sua apresentação no dia e horário dos jogos e garantindo que o “brigão” punido não esteja nas arquibancadas²⁴⁴.

Uma estratégia para escapar das restrições comportamentais surge com o torcedor carnavalesco. Irreverente, aparece nos estádios vestindo fantasias as mais diversas, ora de super-heróis, ora de personagens do cenário político. Na visão de Giulianotti, este tipo de torcida teria surgido na Escandinávia só nos anos 80, reforçando o caráter teatral do espetáculo — o que foi logo assimilado pelas redes de televisão, que empregam suas imagens para inculcar nos telespectadores a noção de que o “esporte é uma festa”, da qual as famílias de classe média podem perfeitamente participar, como num saudável carnaval fora de época. Ciente deste papel, o torcedor carnavalesco muitas vezes se utiliza das câmeras para enviar mensagens, sejam elas de paz, fé no time ou mesmo saudações a parentes e pessoas amadas.

Vale ressaltar que este tipo de torcedor já existia no Brasil pelo menos desde os anos 40, quando surgiu a Charanga Rubro-Negra, banda que acompanhava as partidas do Flamengo, tocando marchas carnavalescas incessantemente, estivesse o time perdendo ou ganhando. Mas sua clara intenção de interagir com a mídia parece um fenômeno bem mais recente, fruto de uma mudança na forma de transmissão televisiva das partidas, que pôs mais ênfase nos detalhes de jogadas, mostradas em diversos ângulos, e nos fatos curiosos extra-campo.

A proteção do Estatuto do Torcedor, contudo, ainda não é suficiente para dar segurança a todos os que se interessam pelo esporte nem parece ter tornado o futebol um espetáculo burguês convencional, coberto pelo Código de Defesa do Consumidor. Uma das torcidas carnavalescas mais singulares, a Fla-Gay, que se tornou famosa no fim dos anos 70 e início dos anos 80, adiou sua volta aos estádios, em 2003, após ameaças de *skinheads* neonazistas. “Que poder que eles têm para dizer quem vai ao estádio?”, questionou, na

²⁴⁴ Ver Evandro Éboli, “Câmara aprova lei que pune brigões”, *O Globo*, 20 de fevereiro de 2003, p. 34. A legislação prevê ainda limites aos preços praticados dentro dos estádios e a orientação dos torcedores até seus assentos por funcionários, como num teatro. O dispositivo que previa a indenização dos torcedores por erros do juiz, no entanto, acabou sendo vetado e retirado do projeto de lei.

ocasião, o presidente da torcida, Raimundo Pereira, que, apesar das garantias de segurança dadas pelas autoridades, preferiu “evitar transtornos”.

As ameaças geraram reações, mediadas pela imprensa, com foco na inclusão dos torcedores homossexuais. “Todos têm que torcer sem violência, isso não leva a nada. A Fla-Gay também tem o objetivo de incentivar o Fla. Deixa todo mundo ser feliz. A galera não deve ter esse tipo de preconceito”, defendeu na ocasião o atacante rubro-negro Edílson²⁴⁵.

A questão da alteridade permanece em aberto, embora grande parte dos pesquisadores contemporâneos costume reduzi-la à etnicidade, à luta de classes, ao gênero ou ao extremismo político. No futebol mundializado, os estereótipos emergem de forma às vezes sutil. Em competições internacionais ou nos campeonatos europeus com suas equipes multinacionais, os cronistas e os locutores esportivos repetem constantemente clichês sobre a “instabilidade emocional” dos latinos, a “ginga” dos negros africanos, a “disciplina” germânica, a “criatividade” dos iugoslavos, a “velocidade” dos asiáticos.

Esses estereótipos se reproduzem em campo, através do trabalho de técnicos e gerentes de futebol, ordenando de forma perversa a exportação dos craques de países pobres rumo aos grandes centros. Podem parecer simples elaborações de identidades étnicas, mas representam, também, embrionárias representações de alteridade negativa, capazes de projetar imaginários fora dos gramados, com desdobramentos sociais imprevisíveis.

É necessário, portanto, manter atenção redobrada aos conteúdos veiculados pela mídia esportiva, por mais que pareçam mensagens inócuas de afirmação de identidades nacionais, regionais ou locais. As mensagens dos meios de comunicação exercem papel chave no estabelecimento de alteridades positivas ou negativas. Neste aspecto, a pluralidade das mediações da indústria da informação deve ser uma bandeira e uma preocupação constante, proporcionando espaços para o exercício das representações identitárias e das diferenças. Um teatro para encenação de enredos de inclusão social, e não de fragmentação e chauvinismo.

²⁴⁵ Para o episódio, ver nota da agência Lancepress!, publicada em 19 de setembro de 2003.

Conclusão

No início do século 21, com a maioria dos principais times brasileiros de futebol atingindo seus centenários de fundação, o discurso dos cronistas esportivos é permeado por um profundo saudosismo de supostas tradições perdidas, de heróis de um tempo em que o esporte seria mais clássico, elegante, envolvente. Esconde-se neste tipo de narrativa uma típica armadilha de memória: trata-se com nostalgia de Copas do Mundo acompanhadas pelo rádio, de craques cujos dribles mágicos foram construídos pela imaginação e só dias depois ratificados (ou não) pelas imagens nas telas de cinema, editadas com o objetivo de maximizar o impacto dos melhores momentos das equipes nacionais.

Armando Nogueira brinca com o tema da memória, mergulhando assumidamente numa nostalgia essencialista:

“Escreve-me um leitor descontente com os temas nostálgicos que volta e meia entram nesta coluna. Acha ele que vivo a remoer antigas lembranças esportivas. Que a ele nada importam as emoções de que se fez o meu passado. Não compreende ele que eu seja, aos olhos dele, um eco de pretéritos fantasmas que a mão do tempo já aplacou. Em suma: sou um saudosista de marca maior. (...) Que não daria eu pela memória daquelas partidas em que Garrincha tecia os dribles mais singelos que já conheci. (...) Que não daria eu pela memória de ver Pelé a tramar com a bola o desespero e a desdita de defesas impenetráveis. Que não daria eu pela memória de me ver, em soluços, a celebrar o límpido triunfo da seleção, em pleno sol da meia-noite: junho de 58, na Copa da Suécia. (...) Desavisado leitor. Mal sabe ele que o gol que restou no passado não se desfez de mim; perdura em mim e certamente há de me transcender como uma dádiva do tempo, de cujo mistério somos feitos”²⁴⁶.

Evidentemente, não se põe em jogo aqui o talento dos craques brasileiros que construíram a história do esporte. A articulação da memória tem como pano de fundo o concreto retrospecto das seleções nacionais, que acumulam cinco títulos mundiais, contra três de seus principais adversários, Itália e Alemanha. A questão-chave é tomar consciência

²⁴⁶ Ver *A ginga e o jogo*, pp. 19-20.

do caráter afetivo desta memória, sua parceria com a mais livre imaginação, a mesma que dificulta um relato idêntico de um lance de jogo por torcedores diferentes. Os ardis da memória residem, não na afetividade em si, mas em sua construção de um passado essencial, que nos dá forma imaginária, nos molda a uma narrativa de brasilidade que partilhamos, seja ela positiva ou negativa.

Há sempre algo mais por trás desta nostalgia. Mario Filho apontava, no fim dos anos 40, o estranho saudosismo dos anos 10 e 20 e apresentava a explicação: os aristocráticos torcedores de então estariam apenas lamentando a popularização do esporte, a crescente presença de negros e mulatos pobres nas arquibancadas e o papel de destaque assumido por jogadores negros e mulatos nos clubes de elite, outrora formados por jovens estudantes de “boa família”, brancos, elegantes e de “bons modos” à mesa.

A maior parte da imprensa esportiva parece hoje congelada por um fenômeno semelhante, só que focada num passado menos remoto, que guardaria a essência de uma brasilidade positiva, de um país que, como na canção de Ataulfo Alves, “era feliz e não sabia”²⁴⁷. Seus cronistas se ressentem da mercantilização do futebol, do esvaziamento da condição heróica dos craques de outrora, que, em sua imaginação, representavam a pátria com suas chuteiras. A mídia entronizou Didi como “príncipe”; Pelé, como “rei”. Estes e outros atletas personificaram uma nova narrativa do ser brasileiro. Uma narrativa nacionalista que extraía do caldeirão de raças sua força, ajudando a cristalizar a idéia da ginga e da capacidade inventiva do brasileiro, que, apesar de todas as adversidades, emerge vitorioso e legitimado — especialmente após conquistas em terras estrangeiras.

Paralelamente ao saudosismo de nossos cronistas, apesar de todos os títulos acumulados pelo esporte nacional, o discurso corrente na imprensa em relação ao futebol é o de grave e profunda crise. O senso comum aponta para o declínio do esporte no Brasil, com a crescente exportação de craques, muitas vezes antes mesmo de terem desenvolvido sua plena capacidade. Sem ídolos, teorizam os colunistas esportivos, teremos cada vez menos torcedores nos estádios e, portanto, a identificação com os times será prejudicada.

²⁴⁷ O samba de Ataulfo Alves, falecido em 1969, é *Meus tempos de criança*, que traz os versos saudosistas “Eu daria tudo que tivesse / Pra voltar aos dias de criança / Eu não sei por que a gente cresce / Se não sai da gente essa lembrança / (...) Eu igual à toda meninada / Quanta travessura que eu fazia / Jogo de botões sobre a calçada / Eu era feliz e não sabia”.

Este discurso parece confundir uma crise de gestão no futebol com uma crise do futebol. Se times surgidos nos tempos do aristocrático esporte bretão, como Fluminense, Botafogo e Palmeiras, sofrem seguidas derrotas e acabam rebaixados para a segunda divisão do campeonato nacional, isto é um sintoma de que estas equipes enfrentam dificuldades administrativas, num momento de profissionalização crescente — sem falar no caráter imprevisível do esporte, no qual times supostamente imbatíveis são frequentemente derrotados por outros de menor expressão.

A crise de gestão está intimamente relacionada à tutela do Estado e seu uso político do esporte. Os principais clubes cariocas vivem imersos em dívidas e grande parte se refere a impostos e contribuições não recolhidas aos governos federal, estadual e municipal. Em 2003, o Flamengo devia R\$ 195 milhões, dos quais metade para os mais diversos órgãos públicos — R\$ 37,418 milhões só ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) —; o Fluminense, R\$ 80 milhões (só à Previdência Social, R\$ 17,692 milhões); o Botafogo, R\$ 120 milhões (ao INSS, R\$ 14,966 milhões); e o Vasco, R\$ 108 milhões (R\$ 2,586 milhões à Previdência). Juntos, 429 clubes de futebol deviam, só ao INSS, R\$ 341,8 milhões (um quarto do total se referia aos cariocas). Direitos trabalhistas também são frequentemente desrespeitados, sob a vista grossa das autoridades. “Por causa do Botafogo, estou com meu nome sujo no SPC, no Serasa e em pelo menos três bancos. Tenho (...) 42 cheques devolvidos, muitos deles que usei para comprar frutas e esparadrapo para o time”, contabiliza o ex-administrador do Estádio Caio Martins Lourinaldo Malta²⁴⁸.

Na contramão desta crise, contudo, surgem clubes jovens, com boa infra-estrutura e excelentes resultados, como o São Caetano, que em apenas 20 anos de existência chegou à primeira divisão e foi vice-campeão nacional duas vezes. E mesmo clubes tradicionais que investiram na profissionalização da gestão vêm colhendo frutos — caso, entre outros, do Goiás e do Cruzeiro, este último campeão brasileiro em 2003 e responsável por um amplo projeto de preparação de atletas, que inclui desde alfabetização até ensino supletivo de 1º e 2º Graus.

Como vimos no início deste trabalho, as identidades não são fixas, permanecem em constante negociação. A fidelidade do torcedor está em permanente processo de ratificação

²⁴⁸ Ver Ary Cunha e Fábio Juppá, “Depois do suor, o desamparo”, *O Globo*, 14 de dezembro de 2003, p. 68.

ou esvaziamento. No futebol, há, no entanto, mecanismos que travam esta fluidez identitária. O torcedor que troca de clube como quem troca de camisa recebe logo a pecha de “vira-casaca” e tem seu caráter questionado. Com clubes centenários, cristaliza-se a “transmissão” hereditária da fidelidade. O pai inculca no filho o amor pelas cores do time desde cedo — o que decerto não impede rupturas — e este atualiza este sentimento, passando-o para a geração futura.

A força da mediação social de um clube deve ser constantemente reiterada por resultados dentro de campo, sob pena de esvaziamento. Equipes tradicionais podem ver suas torcidas envelhecerem, sem renovação. O Botafogo, por exemplo, que nos anos 60 reuniu craques da importância histórica de um Garrincha, passou décadas sem conquistar títulos expressivos, sendo rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro em 2002, assistiu a uma radical mudança de perfil de seus torcedores. Enquanto detém 4% das preferências dos torcedores brasileiros de 50 anos de idade ou mais e 3% dos que têm entre 35 e 49 anos, na faixa dos 16 aos 34 anos o alvinegro é citado como time do coração de apenas 1%²⁴⁹.

Há, porém, um código social não escrito que reforça a fidelidade aos clubes de tradição em tempos de dificuldade. Quando o Fluminense foi rebaixado para a segunda divisão e, logo depois, para a terceira divisão, nos anos 90, passada a revolta inicial dos torcedores que apedrejaram os vitrais da sede das Laranjeiras, ocorreu um movimento de resgate do clube. As torcidas lotaram os estádios e deram apoio à equipe, que acabou vencendo nos gramados e voltando à segunda divisão — numa jogada dos dirigentes nos gabinetes das federações, o tricolor foi “convidado” a participar da primeira divisão no mesmo ano.

No caso do Fluminense, embora em parte devido a uma “virada de mesa”, o clube encarnou a categoria mítica da ave fênix, ressurgindo das cinzas. Sua epopéia foi narrada em detalhes pela imprensa, que buscou saber quem eram seus adversários na terceira divisão, retratando-os como “time de bombeiros” ou “jogadores que ganhavam menos de um salário mínimo”. O título de campeão da terceira divisão foi intensamente comemorado pelos torcedores tricolores, numa espécie de atualização de glórias passadas. A “virada de

²⁴⁹ Pesquisa realizada pelo Ibope entre novembro e dezembro de 2003, op. cit. O Botafogo sagrou-se vice-campeão da segunda divisão e voltou à elite do futebol brasileiro neste mesmo ano de 2003, após a profissionalização de sua gestão, tendo o dirigente Bebeto de Freitas à frente.

mesa” para a volta à primeira divisão, contudo, foi um constrangimento para as torcidas, que viram os jornais estampando os dirigentes brindando a manobra com champagne.

Se o Fluminense renasceu das cinzas, o mesmo não ocorre com outras equipes, que acabam se desmantelando por problemas de gestão ou ficam condenadas a disputar divisões inferiores. Caso do América, do Rio, que já foi um dos melhores times do país e hoje vive relegado ao campeonato estadual e à terceira divisão do campeonato nacional.

O América serve também para ilustrar outro fenômeno curioso: há barreiras para um torcedor transplantar fidelidade para outro clube, mas há também uma forma de identificação menos visceral, a do “segundo time”.

Durante décadas mergulhado em crises administrativas, o América se tornou o “segundo time” de muitos cariocas, que torciam pela equipe rubra em confrontos com outros adversários. Este mesmo mecanismo de identificação fluida opera hoje em nível mundial, com os torcedores formulando fidelidades momentâneas a equipes estrangeiras, devido à crescente exposição de campeonatos de outros países na TV, nos canais abertos ou por assinatura.

Equipes transnacionais, como Milan e Real Madrid, ajudam a projetar estas identidades, mesclando atletas das mais diversas origens. No campeonato de 2003, no clássico espanhol Real Madrid x Barcelona, menos da metade dos jogadores eram espanhóis: todos os demais eram “estrangeiros” ou tinham dupla cidadania — o Real ganhou por 2 a 1, com gols dos brasileiros Ronaldo e Roberto Carlos, enquanto o holandês Kluivert descontou para o time catalão.

O mesmo mecanismo ocorre em competições internacionais, como a Copa do Mundo, quando a seleção brasileira não está jogando. Na Copa de 2002, por exemplo, a imprensa saudou a vitória da equipe do Senegal sobre a da França, que, no Mundial anterior havia derrotado o escrete nacional na decisão. A vitória senegalesa, uma equipe africana, projetava uma identificação com uma brasilidade negra frente a um time europeu, que, ainda por cima, havia tirado do Brasil o pentacampeonato quatro anos antes. Por mais que a seleção francesa fosse ela mesma um exemplo de narrativa multiétnica, o confronto evocava uma disputa entre metrópole e colônia, em que o torcedor brasileiro, consciente do papel da nação no cenário geopolítico, tomaria partido do subordinado.

Este tipo de identificação a distância ganha forças em tempos de crises de credibilidade, seja da seleção nacional, seja do clube do coração do torcedor. Não há nada mais falso do que o bordão de um locutor da TV Globo que, numa estratégia para envolver emocionalmente o telespectador, defende que o “time A é o Brasil na Taça X”. Há, de fato, redes de relações entre torcidas organizadas, mas na maioria dos casos as rivalidades suplantam as simpatias e, não raro, torcedores do Flamengo, por exemplo, torcem contra o Vasco em competições internacionais — e vice-versa.

Dirigentes do futebol carioca ajudaram a apequenar a mediação social de seus clubes levando partidas importantes para seus antigos e modestos estádios, como o Fluminense nas Laranjeiras, o Vasco em São Januário e o Botafogo em Caio Martins, atribuindo a medida aos altos custos de manutenção do Maracanã. Esta decisão ganhou contornos trágicos na final do campeonato brasileiro (batizado naquele ano de Taça João Havelange), disputada em 30 de dezembro de 2000 em São Januário, entre Vasco e São Caetano: o estádio não comportou a massa de torcedores e um alambrado cedeu, deixando 168 feridos²⁵⁰.

O Flamengo, com sua projeção nacional e sem um estádio próprio em condições de abrigar jogos de grande porte, fez algo ainda mais inusitado: ao sabor de cotas de patrocínio, levou partidas das quais detinha o mando de campo para outras praças, como Juiz de Fora, em Minas Gerais, ou capitais das regiões Norte e Nordeste. Curiosamente, esse estratagema é adotado sempre que o time vai mal no campeonato e, portanto, pelo menos ao nível do discurso sustentado por seus dirigentes, os jogadores são mais bem recebidos longe de casa do que seriam no próprio Maracanã. Os cronistas esportivos alimentam essa manobra ao afirmar que, em qualquer lugar do país, o Flamengo parece ser

²⁵⁰ A partida foi interrompida com o placar de 1 a 1, e os dirigentes do Vasco, pateticamente, declararam-se campeões, com o campo repleto de torcedores feridos e a tragédia transmitida pela TV para 17 milhões de brasileiros e mais 26 países. Pouco antes, o então vice-presidente do Vasco, Eurico Miranda, ainda tentou forçar o reinício da partida, mas o árbitro Oscar Roberto de Godói suspendeu o jogo depois de um telefonema do então governador Anthony Matheus, o Garotinho, para o comando da Polícia Militar, responsável pela segurança no estádio. A CBF acabou determinando a realização de um novo jogo, já em 2001, que foi vencido pelo Vasco, por 3 a 1. Eurico Miranda, na época deputado federal eleito com o lema “vascaíno vota em vascaíno”, foi um dos principais alvos da CPI do Futebol. Ver Celina Côrtes, Francisco Alves Filho, Isabela Abdalla e Sonia Filgueiras, “Vilão de cartola — Eurico Miranda chega ao limite da arrogância no desastre de São Januário, na final da Copa João Havelange, e pode receber cartão vermelho na Câmara dos Deputados”, revista *Istoé*, 10 de janeiro de 2001.

o time da casa — o que, definitivamente, não é verdade na Região Sul (ver perfil da torcida rubro-negra, traçado pelo Ibope, ao final deste volume).

Qualquer que seja o grau de dificuldades que atravessam os grandes clubes, a narrativa identitária ganha força quando está em campo a seleção brasileira, espécie de amálgama de todas as diferenças regionais do país, personificando a um só tempo suas singularidades e suas similaridades.

Com os sucessos das seleções brasileiras nos gramados mundo afora, principalmente a partir dos anos 50, os cronistas esportivos construíram, no entanto, uma expectativa de novas vitórias, com a obrigação de espetáculos vistosos. Se éramos os melhores do mundo, tínhamos que prová-lo a cada competição. E os adversários deveriam tremer diante da camisa amarela. Esta mitologia de uma brasilidade superior, incontestável, é responsável direta por uma espécie de ciclotimia do discurso jornalístico na cobertura do futebol, com reflexos políticos. Os cronistas esportivos alternam momentos de tremenda euforia com outros de profundo desalento, ao sabor dos resultados da seleção nacional nos gramados.

Na carona da conquista do pentacampeonato, em 2002, o então presidente Fernando Henrique Cardoso, sociólogo conhecido por seus trabalhos ligados à teoria da dependência, disse que aquele era “um dia de glória para o futebol e para o Brasil”. Em entrevista, trajando camisa amarela e jaqueta verde, projetou em si mesmo parte dos méritos da conquista ao afirmar, usando a primeira pessoa do plural, que “o mundo inteiro viu a garra do povo brasileiro e que nós temos capacidade de vencer com organização. Na economia é a mesma coisa. Havendo organização na casa, também vamos vencer”. Uma tentativa evidente de transposição dos resultados nos campos asiáticos para o econômico, após sucessivas crises financeiras levarem o país à menor taxa de crescimento em três décadas.

Em nota oficial, Cardoso reforçaria o discurso do ufanismo e trataria técnico e jogadores da seleção com uma familiaridade inusitada:

“O Brasil inteiro vibra com a conquista do penta.

“As lágrimas de Ronaldo, do Felipão e dos demais jogadores na hora do apito final são as lágrimas de emoção e alegria de todo o povo brasileiro.

“Vocês mostraram com talento, garra e espírito de equipe, que o nosso futebol continua a ser o melhor do mundo.

“Como todos os brasileiros, senti orgulho e me emocionei com esta vitória histórica, que coroou uma campanha brilhante nos campos da Coréia e do Japão. Meus parabéns a todos vocês, que deram esta grande alegria ao povo brasileiro”²⁵¹.

Numa demonstração do peso do futebol nas relações internacionais, o presidente recebeu cumprimentos do rei Juan Carlos, da Espanha, e dos presidentes da Argentina, Eduardo Duhalde, do Chile, Ricardo Lagos, do Uruguai, Jorge Battle, e de Moçambique, Joaquim Chissamo. Em sua mensagem, Duhalde traduzia o espírito de redenção via esporte ao considerar a vitória brasileira uma vitória do próprio Mercosul, bloco comercial formado por países sul-americanos: “Nestes dias difíceis para nossos povos, vitórias esportivas se constituem em feitos singularmente auspiciosos no coração de cada um de nossos compatriotas”.

Reproduzindo práticas que remontam ao regime militar, Cardoso decretou ponto facultativo em Brasília e em todas as capitais em que a delegação brasileira passaria em seu retorno triunfal. E, repetindo o gesto do general-presidente Emílio Garrastazú Médici, em 70, recebeu os jogadores na rampa do Palácio do Planalto, onde posou para fotógrafos e câmeras de TV, inclusive erguendo a taça.

Apesar da capitalização da vitória pelo governo, há indícios de que parte da população e mesmo alguns dos jogadores não engoliram o discurso ufanista. Rivaldo, um dos destaques da seleção, agradeceu aos elogios, mas lembrou as críticas de Cardoso à equipe durante a acidentada campanha das eliminatórias.

O mais impressionante, porém, é a virada de humor de torcedores que esperavam pela seleção no Rio, onde os jogadores chegaram exaustos e acabaram dormindo no ônibus. As principais vias da Zona Sul tinham sido interditadas para o carnaval fora de época, mas a delegação não passou de Botafogo, onde fez meia-volta em direção ao aeroporto. A decepção pela impossibilidade de ver os ídolos levou dezenas de pessoas a atirarem pedras na comitiva²⁵².

²⁵¹ Ver Martha Beck, Cristiana Lôbo e Marcelo Senna, “FH comemora Copa com discurso otimista”, *O Globo*, 1 de julho de 2002, p. 8.

²⁵² Ver “Multidões reverenciam seus heróis — Povo lota ruas de Brasília e do Rio, mas jogadores, cansados, não vão a Copacabana”, *Jornal do Brasil*, 3 de julho de 2002, 2ª edição, p. 1. O incidente não foi destacado em títulos de reportagens, por não ter tido maiores conseqüências, além do susto para os atletas.

O peso do futebol na identidade nacional transparece também das metáforas esportivas do sucessor de Cardoso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em seus discursos, Lula relaciona os sucessos e estratégias do Brasil a situações comuns nos gramados. O interesse do presidente eleito pelo Partido dos Trabalhadores no esporte é tamanho que uma das marcas de seus primeiros meses de gestão foram as peladas disputadas no campo da Granja do Torto, sua residência oficial. Nas partidas, ministros e políticos de partidos aliados procuram desempenhar os papéis que Lula espera deles fora do gramado: aplicação tática (na gestão da máquina administrativa) e resultados (sucesso nos programas de governo a que estão ligados)²⁵³.

Não por acaso, o Flamengo contratou, no início de 2004, o mesmo publicitário que ajudou a construir a imagem do presidente Lula durante a campanha eleitoral. Duda Mendonça assumiu o Departamento de Comunicações, com o desafio de revitalizar a marca rubro-negra, e destacou a força da mediação social exercida pelo clube: “Há dois focos envolvendo o Flamengo que mexem comigo. O primeiro deles é o ‘vencer, vencer, vencer’, que tem a ver com a busca por resultados e com a idéia de se manter a cabeça erguida. O outro é o ‘Flamengo até morrer’, essa relação visceral com o clube e que envolve muita emoção”²⁵⁴.

O amplo destaque dado pela imprensa à cobertura esportiva mostra, além do potencial mercadológico do futebol, o peso da atividade na constituição do imaginário e o risco de sua instrumentalização política. Devemos avaliar aqui não apenas os conteúdos publicados, mas os elementos paralingüísticos, ou seja, a forma como as reportagens foram enquadradas, se ganharam o alto das páginas, se tiveram destaque de manchete, se foram acompanhadas de fotos etc.

Neste aspecto, é surpreendente comparar o destaque dado por jornais às conquistas dos sucessivos títulos mundiais (ver reproduções ao final deste volume). Longe de um esvaziamento da pátria de chuteiras, parece haver um peso crescente da cobertura

²⁵³ A revista *Istoé*, em sua primeira edição de 2004, estampou na capa uma charge de Lula num campo de futebol, com a bola nas mãos, relacionando os desafios políticos e econômicos a táticas de futebol. Um sinal do impacto que o esporte tem sobre o imaginário, não apenas do presidente, mas de grande parte da população brasileira.

²⁵⁴ Ver Ary Cunha, “Flamengo em nova embalagem”, *O Globo*, 4 de fevereiro de 2004, p. 38. As expressões destacadas pelo publicitário se referem ao hino do clube: “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo / Flamengo sempre eu hei de ser / É o meu maior prazer vê-lo lutar / Seja na terra, seja no mar / Vencer, vencer, vencer / Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”.

esportiva na grande imprensa. E não apenas em Copas do Mundo: no início de 2004, um simples Flamengo x Fluminense, embora repleto de gols (4 a 3 para o time rubro-negro), ganhou espaço de pentacampeonato nas primeiras páginas dos principais jornais. O popular *O Dia* estampou a manchete “Sensacional”, todo em maiúsculas, em corpo 120, acompanhada pelo subtítulo “Virada rubro-negra em Fla-Flu eletrizante”. A foto do novato jogador Roger, autor de dois gols, tomava 80% da capa, deixando espaço apenas para seis modestas chamadas “secas” (no jargão das redações, pequenos títulos de primeira página, sem textos de apoio, que remetem a reportagens publicadas naquela edição). Mesmo jornais de elite destacaram o Fla-Flu, que nem sequer era decisão de campeonato, em suas primeiras páginas.

É importante destacar que, cada vez mais, o texto das reportagens de esportes se aproxima da linguagem opinativa utilizada pelos cronistas. A cobertura do fracasso da seleção pré-olímpica em 2003, apesar da presença de astros como Diego e Robinho, campeões brasileiros pelo Santos em 2002 e vice-campeões em 2003, é exemplar. Tomemos como exemplo a abertura da reportagem da derrota no jornal *O Globo*:

“Foi uma das maiores decepções do futebol brasileiro nos últimos anos. Com uma atuação abaixo da crítica, o Brasil, que precisava só de um empate, perdeu de 1 a 0 ontem para o Paraguai e foi eliminado dos Jogos de Atenas. Uma geração considerada de ouro não confirmou em campo o que dela se esperava e o sonho de conquistar uma medalha de ouro olímpica terá de ser adiado para 2008, na China. Vexame como este no Chile só nos Pré-Olímpicos de 1980 e 1992, quando o Brasil também foi eliminado”²⁵⁵.

Note-se, mais uma vez, a metonímia da nação nos pés da seleção de futebol e a projeção de uma “decepção” nacional pelo resultado, tratado como vexame, num texto francamente opinativo. Embaralham-se os espaços reservados à opinião dos cronistas e às matérias pretensamente objetivas, que aprofundam a constituição de narrativas míticas — no caso, destacando que a vitória supostamente fácil escapou por entre os dedos dos jogadores.

O *Jornal do Brasil* foi na mesma direção, também na abertura de sua reportagem sobre o “fiasco” no Pré-Olímpico do Chile:

²⁵⁵ Ver Fellipe Awi, “Brasil joga sem alma e dá vexame no Chile”, *O Globo*, 26 de janeiro de 2004, caderno de Esportes, p. 4.

“Poucas vezes o Brasil teve uma Seleção Pré-Olímpica tão displicente como a que perdeu ontem para o Paraguai, por 1 a 0 — gol do zagueiro De Vaca —, matando de vez a esperança de o país conseguir, enfim, a inédita medalha de ouro. O sonho virou pesadelo. Não vai ter futebol brasileiro nos Jogos de Atenas. O Estádio Sausalito, em Viña del Mar, vai ficar marcado na vida dos jovens atletas que chegaram com pompa, travestidos de craques emergentes e candidatos até a uma vaga na Seleção principal. Ledo engano. Faltou tudo. Seriedade, garra e até técnica à geração de Diego, Robinho & Cia. As excessivas reclamações de arbitragem, pedaladas, toques de efeito e tapas na cabeça do colega e nas câmeras de TV após um gol pareciam anunciar o problema mais sério dessa nova geração: muita badalação e pouco futebol”²⁵⁶.

Além do tom duro do texto, merece destaque o contraste no tratamento dos principais ídolos, que em outras ocasiões foram tratados como jovens gênios do esporte. As festejadas pedaladas (fintas de corpo, em que os pés são passados sobre a bola sem tocá-la) usadas com sucesso por Robinho na final do campeonato brasileiro do ano anterior agora eram tratadas como “jogadas de efeito” e as maiores promessas do futebol nacional tornavam-se “jovens travestidos de craques”. É a ciclotimia da performance esportiva: o vitorioso é um semi-deus e todos os seus atributos servem para reforçar a narrativa de seus feitos heróicos, enquanto ao perdedor cabe o ostracismo ou o desprezo.

Apesar de todo o exagero e suspensão da objetividade jornalística, os fracassos têm papel chave no estabelecimento do imaginário coletivo, como ocorreu em 50, na derrota para o Uruguai em pleno Maracanã. Drummond expõe a importância de uma grande derrota para quebrar o encanto da transferência psicológica entre nação e seleção, ao tratar da eliminação da equipe brasileira na Copa de 82:

“E chego à conclusão de que a derrota, para a qual nunca estamos preparados, de tanto não a desejarmos nem a admitirmos previamente, é afinal instrumento de renovação da vida. Tanto quanto a vitória, estabelece o jogo dialético que constitui o próprio modo de estar no mundo. Se uma sucessão de derrotas é arrasadora, também a sucessão constante de vitórias traz consigo o germe de apodrecimento das vontades, a languidez dos estados pós-voluptuosos, que inutiliza o indivíduo e a comunidade atuantes. Perder implica remoção de

²⁵⁶ Ver reportagem sob a manchete “Pesadelo”, capa do caderno de Esportes, *Jornal do Brasil*, 26 de janeiro de 2004.

detritos: começar de novo. (...) Perdendo, após o emocionalismo das lágrimas, readquirimos (ou adquirimos, na maioria das cabeças) o senso da moderação, do real contraditório, mas rico de possibilidades, a verdadeira dimensão da vida. Não somos invencíveis. Também não somos uns pobres-diabos que jamais atingirão a grandeza, este valor tão relativo, com tendência a evaporar-se. (...) A Copa do Mundo de 82 acabou para nós, mas o mundo não acabou. Nem o Brasil, com suas dores e bens²⁵⁷.

O poeta dá uma pista de como sublimar as derrotas, colocando-as em perspectiva. Resta saber como podemos nos vacinar contra o mau uso das vitórias por políticos inescrupulosos ou organizações com agendas obscuras, interessadas em semear a intolerância e promover o esgarçamento do tecido social.

Estabelecer e preservar a diversidade sociocultural e o espírito crítico no jornalismo esportivo tem papel decisivo na mediação de identidades nacionais, regionais e locais, propiciando a negociação positiva das diferenças no campo simbólico. A encenação do confronto, nos palcos esportivos, afasta a violência efetiva do cotidiano da população.

Esta mediação exercida pela imprensa e pelas instituições esportivas precisa, no entanto, ser reforçada a cada dia, sob pena de se criar brechas para a disseminação de discursos do ódio, seja ele político, social, étnico, religioso ou de gênero. O jornalismo é uma das principais trincheiras no combate ao chauvinismo e à intolerância, mas, para vencer nesse campo acidentado, o jornalista precisa dominar as armas de que dispõe, driblando as narrativas míticas totalizantes.

²⁵⁷ Op. cit., pp. 179-181. Trechos de crônica originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, em 7 de julho de 1982.

BRASIL TERÁ

COPA É NOSSA 4x1

Quando Carlos Alberto ergueu aos céus a Taça Jules Rimet, hoje à tarde, 700 milhões de pessoas em 50 países comprovaram a supremacia definitiva do futebol-artística-poesia: O Brasil acabou de sagrar-se tricampeão do mundo.

Quarenta anos após ser instituída, a Taça Jules Rimet viria definitivamente para quem lutou durante os 90 minutos de uma partida dramática e cheia de emoções. O Brasil derrubou inclusive um tabu em Copas do Mundo: marcou o primeiro gol da final e sagrou-se campeão.

O Estádio Astera vibrou pela primeira vez aos 17 minutos; Pelé saltou mais do que toda a defesa italiana e venceu Albertosi. A alegria brasileira foi reprimida com a resposta da Itália: Boninsegna aproveitou-se de uma falha de Clodoaldo para chutar contra o gol vazio, no 1.º tempo.

A Seleção Brasileira devolveu a alegria à sua torcida aos 21 minutos do segundo tempo, quando Jair recebeu de Everaldo pela meia esquerda, derivou para o meio e deixou no corta-luz para Gérson, que driblou dois italianos e desempatou o jogo com um tiro forte e cruzado.

Jairzinho, o artilheiro do Brasil, consolidou a vitória aos 26 minutos do segundo tempo, ao receber no meio da área um passe lateral de Pelé, de cabeça. A goleada brasileira foi completada por Carlos Alberto, aos 41 minutos, quando Jairzinho recebeu na ponta esquerda, deu para Pelé, que matou na coxa, esperou o adversário e abriu na direita para o zagueiro. Um chute violento, cruzado, fulminou as esperanças dos italianos. O Brasil estava vingado de 1938.

Apesar de não haver influído no resultado do jogo, por causa da superioridade dos brasileiros, o juiz Rudi Gloekner permitiu jogadas violentas e desleais, como uma entrada de Domenghini em Pelé, sem bola, no início do segundo tempo.



Pelé, de cabeça, marcou o primeiro gol da espetacular vitória dos brasileiros, num lance que teve a sanção do gênio do futebol mundial

É O JORNAL DO BRASIL — Rua da França, 110/112 — Tel. 509.111 — Caixa Postal 20.000 — Rio de Janeiro — Tel. 464.1111 — Telex 464.1111 — Direção-Editorial: C. Pereira Carneiro — Diretores: H. F. de Nascimento Brito, José Nêze Camargo — Editor-Chefe: Alberto Diniz

ACONTECEU HOJE

No Mundo

● O austríaco Jochem Lindt, com um peso de 172 quilos e 204 Grande Premio Mundial Uni de Moanda, disputado hoje no circuito de Zandvoort. Na metade da corrida — ao voltar, uma pessoa total de 2344 quilômetros — o Ford do volante britânico Peter Courage saltou precipitadamente da pista e se incendiou, causando a morte de um jovem estudante no hospital.

Em segundo lugar, tiros e escoras. Jaime Roca, em sua última partida, levou 18 pontos para o Campeonato Mundial de Amsterdã.

● O campeão brasileiro de 1969, Luis Passos, foi derrotado pelo argentino Miguel Ángel Paz por abandono de Luis no oitavo round. E sua primeira vitória na Argentina, em cinco aparições, e se deve a uma revólver reação, 18 que levou por pontos. A luta combinada aos 12 minutos se realizou no Estádio Luna Park, de Buenos Aires, na noite de sábado.

● Mais de 200 norvietnamitas e governantes de vários municípios hoje em choque nas várias frentes de luta no Cambódia. O total de vítimas não inclui as baixas de 100 mil soldados que se trava, na este, pelo controle da capital cambodiana de Phnom Penh. As forças comunistas mantêm o controle da metade da capital provincial de Kompong Thom, apesar de denúncias de revolta das tropas do Vietnã, apoiadas por helicopteros americanos e bombardeiros láteos dos sul-vietnamitas.

● O fuzileiro naval norte-americano Michael Schwart, de 21 anos, foi nomeado capitão de assalto, promovido de 12 civis vietnamitas, controlando 42 de 1000 tropas em território de Kien Thuan, e recebeu a pena de prisão perpétua por crimes de guerra durante as operações de segurança entre Jacca e Hanoi. Outros 10 militares participaram do local. Foi acusado da morte de 12 vietnamitas e de cinco mulheres e 11 crianças.

● Manifesta o seu entusiasmo, segundo os dados com a polícia de São Paulo, e 45 presos se haviam reunido no parque de Yvot, para protestar contra a revolução do Estado de segurança entre Jacca e Hanoi. Outros 10 militares participaram do local. Foi acusado da morte de 12 vietnamitas e de cinco mulheres e 11 crianças.

Na madrugada de hoje, 128 soldados militares de todas as nacionalidades que o acompanharam até o Aeroporto Bakhalo Filho. O Presidente viajou com D. Cilia com seus filhos Sérgio e Roberto e com o Chefe de Gabinete Militar da Presidência, General João Batista de Figueiredo. O Presidente viajou ao lado de sua esposa, a Sra. Graça de Souza.

No País

● O Presidente Militário chegou à Brasília na manhã de hoje, procedente do Rio Grande do Sul. Apesar do mau tempo em Porto Alegre, o Presidente despediu-se

de todos as autoridades que o acompanharam até o Aeroporto Bakhalo Filho. O Presidente viajou com D. Cilia com seus filhos Sérgio e Roberto e com o Chefe de Gabinete Militar da Presidência, General João Batista de Figueiredo. O Presidente viajou ao lado de sua esposa, a Sra. Graça de Souza.

● O Governador de Brasília, coronel Helo Pires da Silveira, acompanhado de Chanceler suspendeu até amanhã os funcionários de seu gabinete em Brasília. D. Cilia com seus filhos Sérgio e Roberto e com o Chefe de Gabinete Militar da Presidência, General João Batista de Figueiredo. O Presidente viajou ao lado de sua esposa, a Sra. Graça de Souza.

Na cidade

● A cidade de passageiros Aeroporto Internacional do Galeão, em Nova Iguaçu, não poderá operar até o fim de semana. O Ministério de Transportes, após interdição de 24 horas a noite anterior, em função de uma explosão ocorrida no terminal de passageiros, decidiu suspender o serviço de voos até o fim de semana. O Ministério de Transportes, após interdição de 24 horas a noite anterior, em função de uma explosão ocorrida no terminal de passageiros, decidiu suspender o serviço de voos até o fim de semana.

● A cidade de passageiros Aeroporto Internacional do Galeão, em Nova Iguaçu, não poderá operar até o fim de semana. O Ministério de Transportes, após interdição de 24 horas a noite anterior, em função de uma explosão ocorrida no terminal de passageiros, decidiu suspender o serviço de voos até o fim de semana.

● A cidade de passageiros Aeroporto Internacional do Galeão, em Nova Iguaçu, não poderá operar até o fim de semana. O Ministério de Transportes, após interdição de 24 horas a noite anterior, em função de uma explosão ocorrida no terminal de passageiros, decidiu suspender o serviço de voos até o fim de semana.

FINAL DECEPCIONANTE DA COPA DO MUNDO

DIARIO DA NOITE

CHAMADO DOS DIARIOS ASSOCIADOS
O JORNAL DE MAIOR CIRCULACAO NO BRASIL
Fundado em 1911. 11 de Junho de 1950. N. 4.882

NÃO SOUBE VENCER

O "SCRATCH" BRASILEIRO TORCEDORES DESMAIARAM DIANTE DO PLACARD INESPERADO

COMPORTAMENTO EXEMPLAR DA TORCIDA DURANTE O JOGO

O triplicê 2x1, que entregou a Taça do Mundo ao "scratch" suegote, repercutiu como um drible de féndis, no plano esportivo do Brasil. Foi um momento decisivo e emocionante para a torcida nacional, que se havia habituado do futebol, ante a perspectiva de vitória premisa, não racional, mas entusiasta, do cadastramento malabarista.

Quando o jogo sobia as rampas de Maracanã, as centenas de milhares, lá-ba acanhado pelo contra de que o "scratch" conquistaria mais consagração, logo pincel a perspectiva de vitória — a realidade, técnica, precisa e impositiva de quadro brasileiro — achavamse proporcionalmente atenuadas.

A impressão de uma derrota inesperada apertou-se no coração de cada torcedor: impossível, pois, que depois da luta, embora colosso conjugado, tanta força, para a primeira colocação no certame da Copa do Mundo, viessemos, afinal, no último dia de jogo, perder.



COMENTÁRIOS DA RUA DO CAFE... Torcedores brasileiros em frente ao estádio de Copacabana, torcendo e esperando o final do jogo.



EDUCAÇÃO

INCIDENTE

Turistas uruguaios feridos num conflito no City Hotel

A polícia do 4.º distrito resolveu pedir garantias para os crabs orientais

DEPOIS DO JOGO NA RUA DO CATETE



Depois do jogo de futebol, a rua do Catete em São Paulo, com o edifício do Ministério da Educação ao fundo.

Dona Noemia, o Brasil perdeu!

A torcida morreu de emoção com o desfecho da partida



EXISTENCIA DO AEROPORTO DO RIO GRANDE
Entrou de revólver no punho na cabine de comando e queria que o avião alisasse vôo

A MAIS BELA PAISAGEM QUE OS OLHOS DE BILAC VIRAM

VAI RESSURGIR A ESTRADA DO SUMARE

PANORAMA UNICO E FRODIGOSO... UMA ARROJADA LINHA DE BONDES QUE OS CARIOCAS PERDERAM EM 1912

TESOURO EM SANTOS

Estaria enterrado numa caixa de bronze com cadeado segredo

Curioso documento, deixado dentro de um cano no fundo de um velho poço... A polícia vai dirigir as escavações

AUMENTO DE DUAS LETRAS
Existem carreiras no Serviço Público até «O» sem exigência de diplomas

Covington, 1875-1884;
10/3/1890: Nestor
130: Ofício Barreto,
Rf

O ESTADO DE S. PAULISTA

JULIO MESQUITA (1891 - 1927)

JULIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA

valor d. u. Cr\$ 0,40

ANO 91

QUARTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1970



Troféu "Estado"

País vibra

Orgulho, júbilo e afirmação, é o que se vê nas fisionomias do pres. Médici e do "capitão" Carlos Alberto, ao tr-

guerem, juntos, diante do Palácio do Planalto, a Copa que é agora patrimônio do Brasil. (Págs. 16 a 22)

Le div

FUENOS
celo Levingo
mo chefe de
"total e exclu
"Esse poder,
mitude, segun
go". Esta af
choque com a
cura estar di
dencas.

O general de
fo Marcelo Le
ma a Prodiom
tem na última
signado pela
dipto o general
Organiz. Antes
nome do novo
membros da
Aljandro Lam
Pedro Grasi e
los Alberto Rey
anunciado que
cative governar
cação" com os
e decretos de
licitação para
revoluca argen
ser apropriada
gelar".

"Todos os pro
decretos — incl
ta — deverão se
Secretaria Geral
da Nação, que
a consideração de

FOI A MAIOR FESTA POPULAR DA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Milhares de pessoas participaram da maior festa popular da história de Brasília, realizada no domingo (10) no Aeroporto do Palácio do Planalto. A celebração marcou a passagem do cortejo da vitória.

Muitas famílias aguardavam a chegada do cortejo da vitória, realizado no domingo (10) no Aeroporto do Palácio do Planalto. A celebração marcou a passagem do cortejo da vitória.

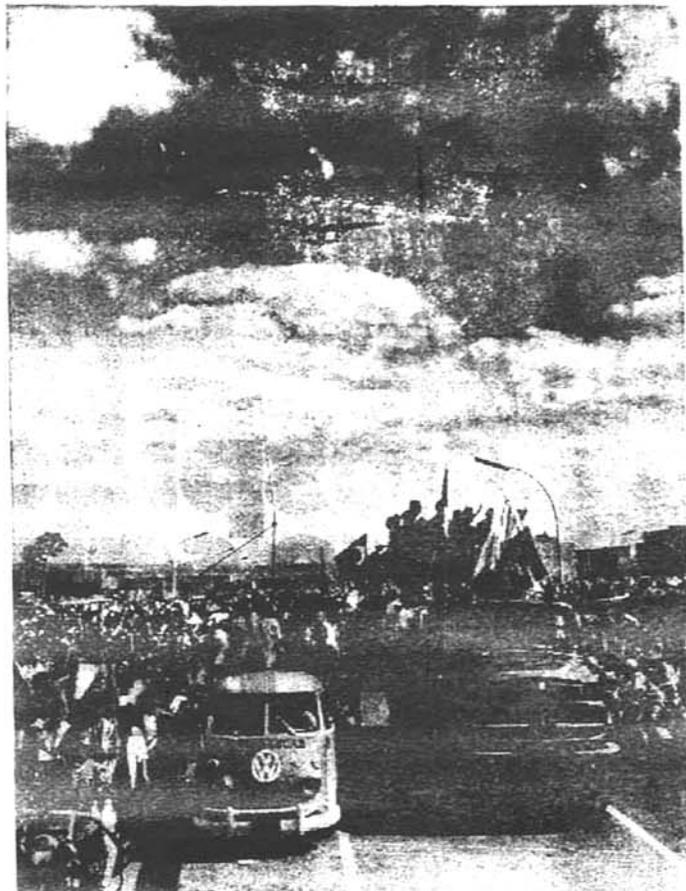
DA HISTÓRIA DE BRASÍLIA



NO AEROPORTO DO PALÁCIO DO PLANALTO, A MESMA EXPRÊSSÃO DE ALEGRIA DOS BRASILENSES À PASSAGEM DO CORTEJO DA VITÓRIA.



O PRESIDENTE SIGUE NO DEITO DO VITORIA A TAJA DO POVO



AVULSO DA FOLIA DEZAM EVOLUÇÕES AD LONGO DO PISC. SUO POR DNDITICU ANX KIVATURAS COM DE HTRIS DA CERA DO MUNDO



A TERNURA DO DONO ESTADON FELA CONQUISTA

EXIBIÇÃO DE FOLIA, BEMIA DANÇAS E JOGOS DE HÓRIS DE TERMINAL DE BRASIL

Qualquer carro é barato se você tem 3 anos para pagar.

Com o melhor plano de financiamento, a General Finance em 360 parcelas, você paga o menor.

GENERAL FINANCE



O "REI" EXIBE FELIZ O MELHOR PRESENTE DOS "SCOTT"

Leões a 8 horas e 10 minutos.



Em outras emoes pelo vô direto Rio-Johannesburg de S.A.A.

SAA SOUTH AFRICAN AIRWAYS

FH comemora Copa com discurso otimista

Presidente diz que Brasil também pode vencer na Economia. Rivaldo agradece elogios, mas lembra críticas

Martha Beck, Cristiana Lôbo (*) e Marcelo Senna(**)

BRASÍLIA e YOKOHAMA (Japão). O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a comemoração da conquista da Copa do Mundo pelo Brasil para dizer que o país também tem condições de superar as dificuldades na economia. Vestido com uma camisa amarela e uma jaqueta verde, ele apareceu nos jardins do Palácio da Alvorada e disse que o país conseguiu vencer porque mostrou garra e organização no futebol e que o mesmo deve acontecer na economia.

— O mundo inteiro viu a garra do povo brasileiro e que nós temos capacidade de vencer com organização. Na economia é a mesma coisa. Havendo organização na casa, também vamos vencer — afirmou o presidente, que classificou a seleção de "equipe extraordinária".

Presidente manda mensagem para jogadores
O presidente enviou a delegação brasileira no Japão uma mensagem, afirmando que o Brasil inteiro vibrou com o pentacampeonato. Fernando Henrique agradeceu ao técnico Luiz Felipe Scolari pela vitória e lembrou que esta é a primeira vez que a seleção conquista o título sem uma derrota sequer.

— Hoje foi um dia de glória para o futebol e para o Brasil — disse ele. Após o jogo, Fernando Henrique conversou pelo telefone com diversos jogadores, entre eles, Ronaldo, Rivaldo, Calu, Marcos, Edilson e Edmílson: — O Ronaldo é o maior do mundo. Nós todos nos emocionamos ao ver que ele sabe usar aquela habilidade. Quando ninguém percebe, ele coloca a bola e é gol.



FERNANDO HENRIQUE, com Dona Ruth Cardoso, segura a bandeira nacional: "Hoje foi um dia de glória para o futebol e para o Brasil"

A primeira-dama, Ruth Cardoso, também disse que ficou muito emocionada com a vitória brasileira:

— Não sou conhecedora de futebol, mas, nessas horas, me emocionou — afirmou.

Rivaldo, porém, ao saber dos elogios, confessou ter ficado magoado com as declarações do presidente após a derrota para a Argentina, no dia 7 de setembro de 2001. Na ocasião, Fernando Henrique criticou os jogadores que atuavam no futebol alemão e disse, em viagem ao Equador, que a desclassificação do Brasil nas eliminatórias da Copa do Mundo seria mais grave do que a crise mundial do comércio. Na opinião do camisa 10 da seleção, "não é só nos momentos bons que necessitamos das coisas

"O mundo inteiro viu a garra do povo brasileiro e que nós temos capacidade de vencer"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

"Não é só nos momentos bons que necessitamos das coisas boas do Fernando Henrique"

RIVALDO

boas do Fernando Henrique": — É legal escutar elogios. Mas naquele momento difícil, quando duvidavam que a gente ia se classificar para a Copa, a gente necessitava de uma boa palavra do presidente e só tivemos pressão. Aquelas declarações não são me magoaram, como eu gostaria a todos os outros jogadores. Mas isso

é coisa do futebol e temos que aceitar a opinião do presidente tanto naquele momento quanto neste. Estávamos numa pressão grande e o que ele falou foi difícil. Foi uma pressão muito forte, mas que conseguimos superar.

Apesar da mágoa, Rivaldo disse que não há problema em ser recebido pelo presidente:

— É claro que nós vamos apertar a mão do presidente. Não há problema nisso.

Já o lateral Roberto Carlos se disse ansioso pelo encontro com Fernando Henrique para fazer um pedido especial:

— Vou pedir para ele ajudar os pobres, para os que mais precisam. Mesmo com a vida tranquila que o futebol nos dá, nós da seleção pensamos muito nos pobres — afirmou.

Quando chegou aos jardins do Alvorada, Fernando Henrique, que segurava uma bandeira do Brasil, foi recebido por torcedores com bandeiras, faixas, camisetas e apitos. Ele ganhou um adesivo simbolizando o coração do país e colou o presente na camisa.

O presidente contou que recebeu telefonemas de par-

'O Brasil vibra'

Esta é a íntegra da nota enviada pelo presidente. "O Brasil inteiro vibra com a conquista do pentacampeonato de Ronaldo, do Felipão e dos demais jogadores na hora do apito final são as lágrimas de emoção e alegria de todo o povo brasileiro."

Vocês mostraram com talento, garra e espírito de equipe, que o nosso futebol continua a ser o melhor do mundo.

Como todos os brasileiros, senti orgulho e me emocionou com esta vitória histórica, que corou uma campanha brilhante nos campos da Coreia e do Japão. Meus parabéns a todos vocês, que deram esta grande alegria ao povo brasileiro."

béns de autoridades de diversos países, como o Rei Juan Carlos, da Espanha, e os presidentes do Chile, Ricardo Lagos, do Uruguai, Jorge Batlle e de Moçambique, Joaquim Chissano.

O presidente argentino, Eduardo Duhalde, também enviou a Fernando Henrique uma mensagem afirmando que a vitória brasileira é um orgulho para todos os países do Mercosul. "Nestes dias difíceis para nossos povos, vitórias esportivas se constituem em feitos singularmente auspiciosos no coração de cada um de nossos compatriotas", afirmou Duhalde. ■

(*) Do GloboNews.com

(**) Especial para O GLOBO

FH decreta ponto facultativo em Brasília amanhã

Seleção será recebida pelo presidente no Palácio do Planalto

Martha Beck e Cristiana Lôbo *

BRASÍLIA. O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu decretar ponto facultativo no serviço público federal em Brasília e nas cidades por onde a seleção brasileira vai desfilar quando chegar ao país nesta terça-feira. A seleção brasileira vai ser recebida, com festa pelo presidente no Palácio do Planalto amanhã ao chegar ao Brasil.

O ponto facultativo vai valer apenas para os funcionários públicos federais nestas cidades, mas o governador também poderá adotar a medida para os funcionários públicos estaduais. O povo chegou a pedir que o presidente decretasse feriado nacional mas Fernando Henrique descartou a ideia.

— Eu acho que o Brasil todo, com ponto facultativo ou sem ponto facultativo, com feriado ou sem feriado, estará de braços abertos na rua cantando pelos jogadores e cantando pelo Brasil — disse o presidente.

Correios lançam selo do pentacampeonato

A visita dos jogadores ao Palácio do Planalto foi aceita da ontem depois de uma conversa entre Fernando Henrique e o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Os dois conversaram por telefone logo após a vitória do Brasil sobre a Alemanha. Os Correios vão homenagear o pentacampeonato com o lançamento de um selo sobre a vitória na Copa do Mundo. A estampagem ainda vai ser elaborada. ■

(*) Do GloboNews.com

Estácio

CURSOS GRATUITOS

A Estácio oferece cursos gratuitos nas férias de julho. Aproveite esse tempo para adquirir e aperfeiçoar conhecimentos.

620 CURSOS NAS ÁREAS

ADMINISTRAÇÃO
ARQUITETURA
ARTES
ARTESANATO
CENOGRAFIA
CINEMA
COMUNICAÇÃO
COMPORTAMENTAL
CONSULTORIA
CONTABILIDADE
CULINÁRIA
DANÇA

DECORAÇÃO
DIREITO
EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO FÍSICA
ENGENHARIA CIVIL
ENGENHARIA DE ALIMENTOS
ENGENHARIA ELÉTRICA
ESOTERISMO
ESTÉTICA
EVENTOS
FINANÇAS
FISIOTERAPIA

FONOAUDIOLOGIA
FOTOGRAFIA
HOLÍSTICA
INFORMÁTICA
INTERESSES GERAIS
JORNALISMO
LETRAS
MARKETING
MATEMÁTICA
MECÂNICA
MODA
MÚSICA

PEDAGOGIA
PSICOLOGIA
QUALIDADE
RECURSOS HUMANOS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
SAÚDE
TEATRO
TELECOMUNICAÇÕES
TERAPIAS ALTERNATIVAS
TURISMO E HOTELARIA
VENDAS

Informações em todas as unidades da Estácio

RELAÇÃO DOS CURSOS VIA INTERNET

- Análise Gerencial de Pequenas Empresas
- Atividade Física x Sedentarismo
- Chakras: Centros de Energia e Saúde
- Como Vender Mais
- Criando uma Home Page na Escola
- Diferenças Individuais e Culturais em Sala de Aula
- Ecologia e Educação
- Jornalismo em Rádio
- Melhoria da Qualidade nas Empresas
- O Ensino Colaborativo e o Papel do Professor
- Os Meios de Comunicação e a Educação
- Recreação Aquática
- Redação para Concursos
- Redação para Vestibular
- Regras de Etiqueta
- Relaxamento, Equilíbrio e Prosperidade na Visão Esotérica
- Tipos de Comunicação em Rádio e TV
- Trabalho Científico: Importância e Elaboração
- Utilização do Computador na Sala de Aula
- Vocação e o Sentido da Vida

Informações pelo site www.onlineuniversity.com.br

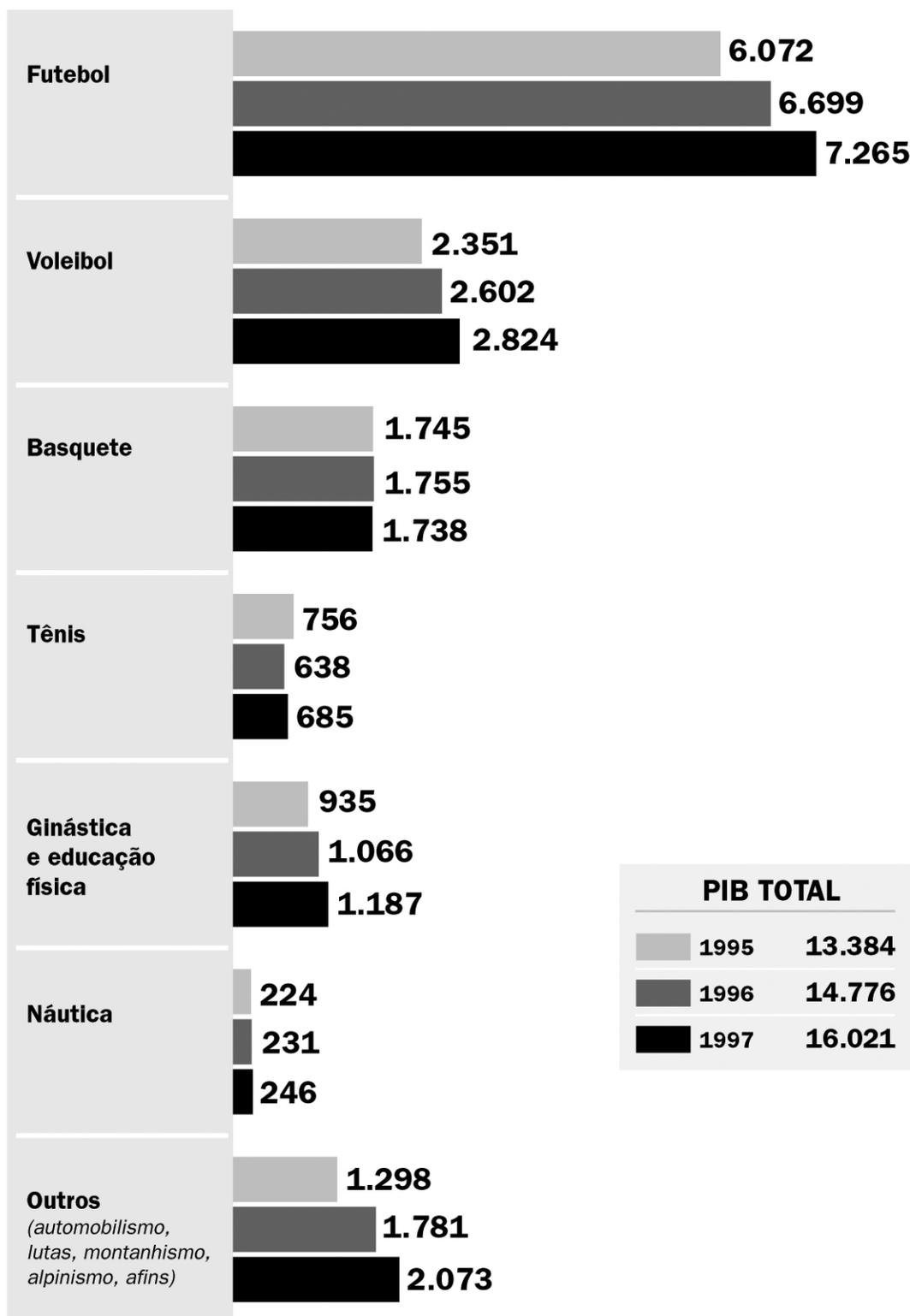
O aluno paga apenas o custo do certificado: 15,00

Central de Atendimento: 2563-0000 · www.estacio.br

Produto Interno Bruto dos esportes

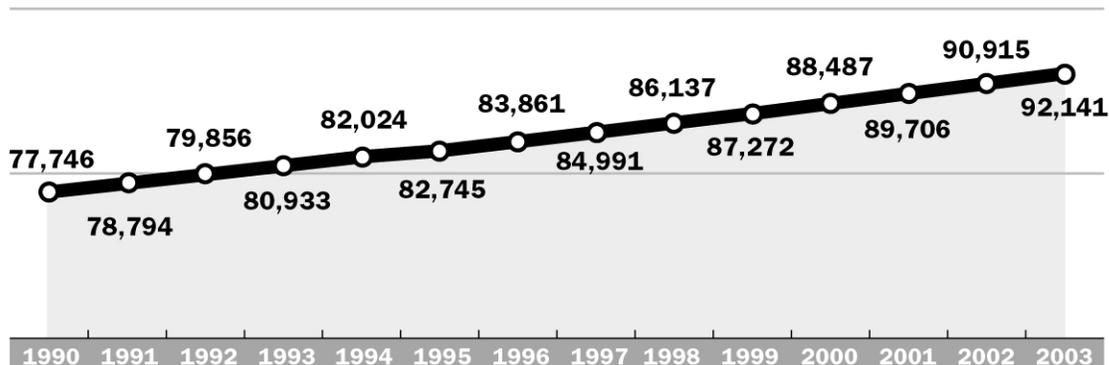
Aproximação do PIB de cada sub-setor

(a partir de pesquisas 1990/1992 e 1995/2000 - em R\$ milhões)



Praticantes do futebol no Brasil

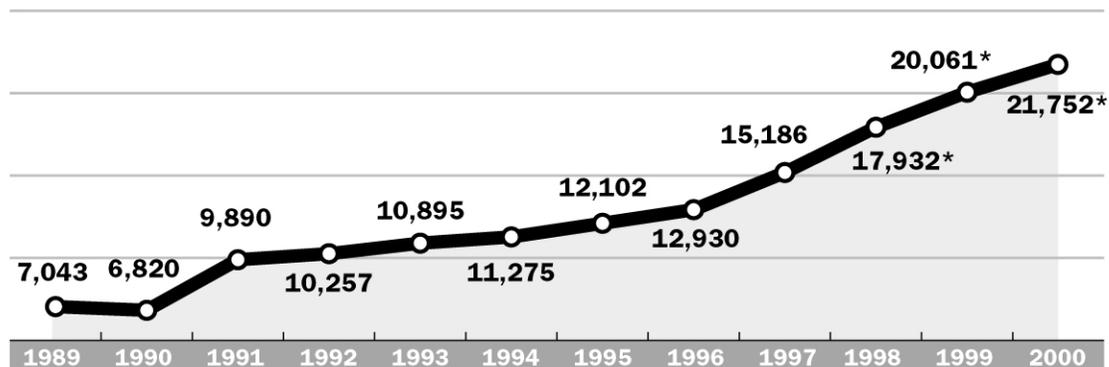
(amadores e profissionais / em milhões)



Fonte: O esporte como indústria,
Istvan Karoly Kasnar

Gastos totais em propaganda, publicidade e marketing esportivo no Brasil

(em R\$ bilhões - valores deflacionados)



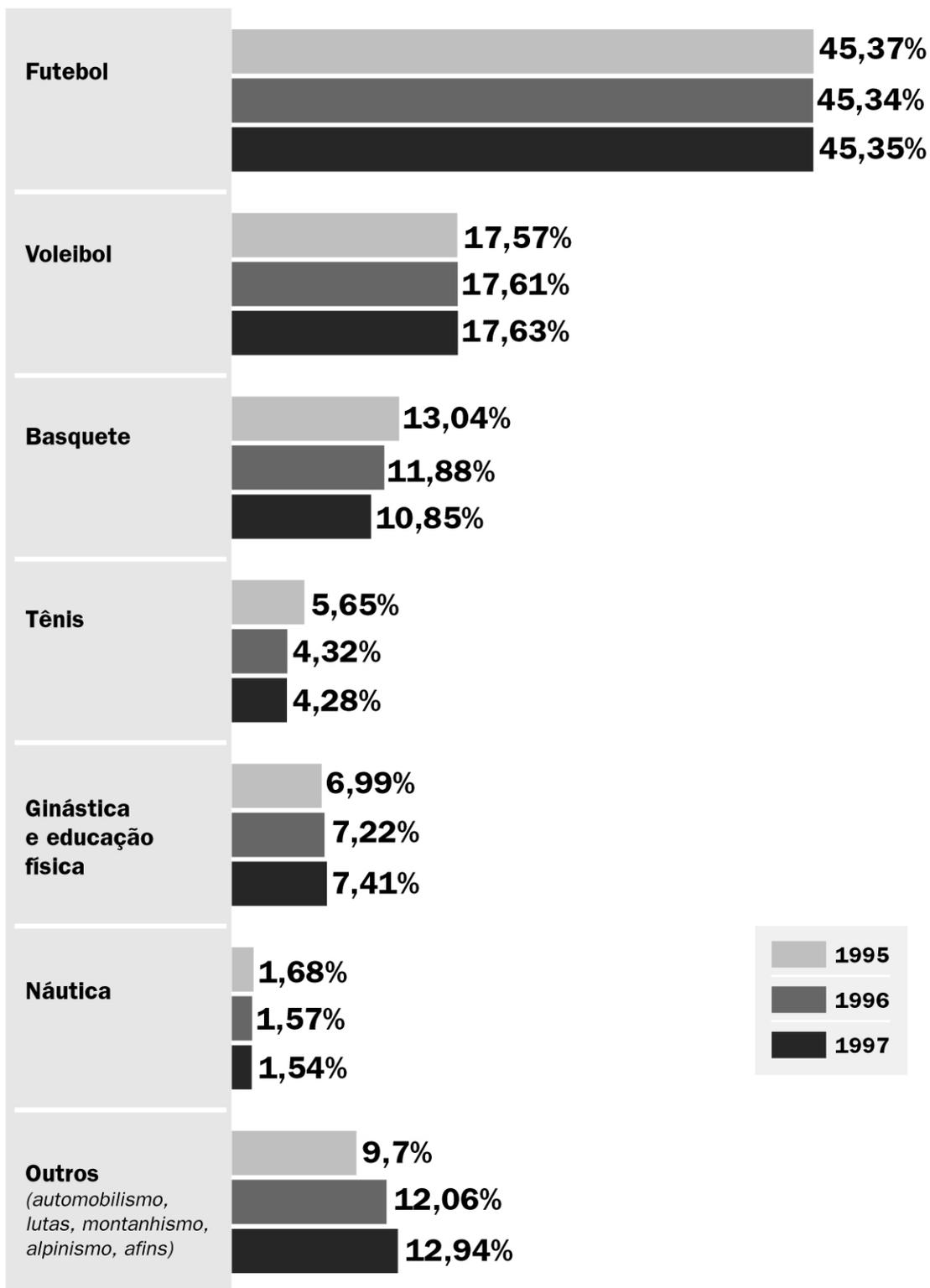
* Valores previstos e estimados

Fonte: PEEM/FGV

Produto Interno Bruto dos esportes

Taxa de participação de cada sub-setor no PIB esportivo

(a partir de pesquisas 1990/1992 e 1995/2000)





PMS ACUSADOS DE ROUBAR ADOLESCENTE

PÁGINA 15

GABARITO DAS ÚLTIMAS PROVAS PARA A UERJ

PÁGINA 4

COMEÇA INSCRIÇÃO PARA A PETROBRAS

PÁGINA 12

SENSACIONAL

VIRADA RUBRO-NEGRA EM FLA-FLU ELETRIZANTE



Herói do jogo, o lateral Roger foi valiado durante a semana, mas se consagrou com dois gols decisivos no superclássico

ATAQUE

Bem que Romário tentou estragar a festa rubro-negra. O Flamengo venceu o Tricolor por 1 a 0 (gol de Jean) quando o Baixinho entrou em cena, empatando o jogo com um belo gol. No início do segundo tempo, de pênalti, ele virou o placar. Logo depois, deu o passe para Rodolfo fazer 3 a 1. O Flu dava olé no rival quando Romário pediu para sair. Aí, brilhou a estrela de Felipe. Com pé direito, de fora da área, fez o segundo gol do Flamengo. Em seguida, o lateral Roger fez 3 a 3, e o Maracanã pegou fogo. A torcida foi à loucura aos 30 minutos. O camisa 10 da Gávea lançou Roger na área do Flu, e o lateral soltou a bomba decisiva. Virada histórica num clássico sensacional deixa o Flamengo na liderança do Grupo B do Estadual. Em Moça Bonita, com dois gols de Valdir, Vasco venceu o Bangu (2 a 1) pelo Grupo A.

244 PEREGRINOS MORTOS PISOTEADOS EM MECA

PÁGINA 10

TIROTEIO FERRE CINCO NA SAÍDA DA PRAIA NA BARRA

PÁGINA 15

ESTRÉIA HOJE COLUNA SOBRE BLOCOS DO RIO

BLOCO NA RUA, PÁGINA 3

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1925)

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 2004 • ANO LXXIX • Nº 25.740 • WWW.oglobo.com.br

ROBERTO MARINHO (1925-2003)

Lula defende tarifa especial para o G-20

• Ao assinar ontem um acordo de tarifas preferenciais entre o Mercosul e a Índia, o presidente Lula disse que vai propor em junho a extensão da medida aos países do G-20. Em Davos, foi discutida a criação do G-11, que integraria Brasil, China e Índia ao G-8. Páginas 3 e 19



LULA PASSA as tropas em revista ao chegar ao palácio presidencial de Nova Délhi: o presidente brasileiro assinou acordos e defendeu mudanças na "geografia comercial"

ESPORTES

Vexame tira Brasil das Olimpíadas

Paraguai vence seleção por 1 a 0 e conquista vaga com Argentina

Hélio Pereira



IMAGEM DA TRISTEZA: o atacante Robinho senta-se sem ação no gramado depois do jogo. Muitos jogadores choraram após a derrota

• A seleção brasileira encerrou de forma melancólica sua participação no Pré-Olimpico do Chile. Apesar de jogar pelo empate, perdeu para o Paraguai por 1 a 0, ontem, em Viña del Mar, e não conseguiu classificar-se para as Olimpíadas de Atenas. As vagas são de argentinos e paraguaios. Páginas 4 e 5 e Fernando Calazans



César Lunardi

Botafogo, Fla e Flu vencem no Estadual

• Com gols de Romário e Edmundo, o Fluminense venceu o Madureira por 2 a 1, ontem, no Maracanã. O Flamengo derrotou a Cabofriense (2 a 0) e o Botafogo, o Olaria (1 a 0). Páginas 2, 3 e 8

Juros caem este ano para até 12,5%, afirma Dirceu

Ministro critica ansiedade após manutenção da taxa em janeiro

• A taxa básica de juros será reduzida em até quatro pontos percentuais este ano, disse ontem o chefe da Casa Civil, José Dirceu, em resposta às críticas recebidas na semana passada, quando o Comitê de Política Monetária manteve a Selic em 16,5%.

— Temos três ou quatro pontos para baixar durante o ano e não devemos nem podemos ficar ansiosos porque os juros não baixaram na primeira reunião do Copom. Segundo economistas, se a Selic chegar a 12,5% este ano, o juro real ficará em torno de 6%, o que ainda representará o dobro da média dos emergentes, hoje de 3%. Página 17

Donos de barracas privatizam praias

Loteamento da areia e publicidade irregular tomam espaço de banhista em domingo de sol

• No dia mais quente do ano, cariocas e turistas que foram ontem às praias tiveram que conviver com o loteamento da areia pelos barraqueiros. No Posto 9, em Ipanema, a faixa de areia foi tomada por guarda-sóis, cadeiras e até mesas, a maioria exibindo

logomarcas de empresas de telefonia, refrigerantes, cervejas e boates, o que é proibido pela legislação municipal. Na Praia de São Conrado, um casal de namorados foi atropelado por uma asa-delta que desceu fora da faixa de pouso. Páginas 10 e 11

SEGUNDO CADERNO

• Com 126 peças, a exposição de Picasso abre quarta em São Paulo e será a maior que a América Latina já viu.

INFORMÁTICA

• Obsolescência planejada: o tempo de vida útil dos aparelhos domésticos é cada vez menor.

LOTÉRIAS

MEGA-SENA • 532
04•03•12•13•52•53 (Acumulábil)
QUINA • 1.253
02•35•44•65•77 (Acumulábil)
LOTOMANIA • 268
01•05•14•34•39•41•02•03•07•08
53•56•61•09•71•75•82•86•92•96 (Acumulábil)
Página 4

Paga todo o mês no Guarani do Rio de Janeiro
RS 2,00
Classificação para o Grande Rio: 6 páginas
7 rubricas, 70 páginas



Eduardo Krieger/Foto Imagem

Uma festa do tamanho da cidade

• Um milhão de paulistanos foram ontem às ruas comemorar os 450 anos de São Paulo. O vice-presidente José Alencar e a prefeita Marta

Suplicy acompanharam a procissão com a imagem do padre José de Anchieta, fundador da cidade, até a Catedral da Sé. Página 9

Alencar tenta furar fila de concurso

• Em ofício enviado ao Instituto de Traumatologia do Rio, a Vice-Presidência pediu que uma das seis vagas na residência médica fosse destinada a um dos netos de um ex-sócio de José Alencar. No concurso, o médico ficou em 70%. Página 5

EUA: Kerry avança e já ameaça Bush

• O pré-candidato democrata John Kerry venceria George W. Bush se a eleição presidencial fosse esta semana, segundo pesquisa divulgada ontem. A revista "Newsweek" indicou que Kerry teria 49% dos votos e Bush, 46%. Página 21

Anexos

A evolução das narrativas jornalísticas

Figura 1: Capa do *Diário da Noite*, no dia da decisão da Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Exceto pelo título “A um passo do título mundial”, todas as chamadas se referem às dificuldades para comprar ingressos e conflitos envolvendo cambistas, denotando um estilo de jornalismo similar ao americano.

Figura 2: Página do *Jornal do Brasil*, também publicada no dia da decisão da Copa de 50, antes portanto da reforma gráfica que revolucionaria o jornalismo nacional. Competição não ganha mais do que um oitavo de página.

Figura 3: A cobertura da derrota na Copa de 50 no *Diário da Noite* destaca o choque de torcedores com o “placard inesperado” contra o “scratch brasileiro”.

Figura 4: Edição extra do *Jornal do Brasil* celebra o tricampeonato mundial em 1970, no México. Em forma de “L”, emoldurando a cobertura da vitória da pátria no futebol, as demais notícias daquele dia no mundo, no país e no Rio de Janeiro.

Figuras 5, 6 e 7: O uso político do tricampeonato se evidencia na cobertura do desembarque da seleção na capital federal pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. O general-presidente Emílio Garrastazú Médici aparece em três fotos — em duas, erguendo a taça Jules Rimet; na outra, abraçado a Pelé.

Figura 8: O presidente Fernando Henrique Cardoso repete Médici e decreta ponto facultativo nas comemorações pelo pentacampeonato mundial, na Copa do Japão e da Coréia do Sul, em 2002. Em entrevista publicada no jornal *O Globo*, relaciona a vitória no futebol à atuação do governo na estabilização da economia.

Figura 9: Capa do *Jornal do Brasil* mostra o carnaval fora de época com a chegada da delegação brasileira pentacampeã na Ásia. Apesar do destaque dado à cobertura da vitória nos gramados, a manchete refere-se às dificuldades brasileiras na economia. As pedras atiradas por torcedores frustrados pelo cancelamento do cortejo no Rio estão no pé da chamada.

Figura 10: Capa de *O Globo* destaca a eliminação da seleção do Brasil no torneio pré-olímpico diante da equipe do Paraguai, tratando o episódio como “vexame”.

Figura 11: A exploração da identidade dos torcedores de futebol no Rio se evidencia no destaque dado à vitória do Flamengo sobre o tradicional rival Fluminense na capa do jornal popular *O Dia*. Embora a partida não fosse decisiva, ganhou praticamente 90% do espaço da página. A narrativa mítica do clássico é atualizada com a foto, em seis colunas, do lateral rubro-negro Roger, que havia sido vaiado em jogo anterior da equipe e acabou fazendo o gol da virada — o discurso da superação, tão caro à torcida do Flamengo.

O Censo das torcidas e a economia do esporte

Bibliografia

Periódicos consultados

Jornais

Correio Braziliense

Correio da Manhã

Diário da Noite

Financial Times

Folha de S.Paulo

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

Lance!

O Dia

O Estado de S. Paulo

O Globo

Revistas

Atrator estranho

Boletín del Centro para la Investigación de la Historia del Fútbol

CartaCapital

Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales

Culture, Sport, Society

Diá-logos de la Comunicación

Istoé

Lugar Comum

Novos Estudos / Cebrap

Placar

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

The International Spectator

Veja

Anuários

Mídia Dados 97

Livros

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2003.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. Londres: Ed. Verso, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1996.

_____. *Recapturing anthropology*. Santa Fé: School of American Research Press, 1991.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BAGDIKIAN, Ben H. *O monopólio da mídia*. Trad. Maristela M. de Faria Ribeiro. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ª edição. Rio: Ed. Bertrand, 1993.

- BELTRÁN, Luis Ramiro, FOX DE CARDONA, Elizabeth. *Comunicação dominada — Os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*. Trad. Paulo Roberto da Costa Kramer. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política*. 7ª edição. SP: Ed. Brasiliense, 1994.
- BLUMLER, Jay, KATZ, Elihu (ed.). *The uses of mass communications: Current perspectives on gratifications research*, Londres: Sage Publ., 1974.
- BRAMANTE, Antônio C. e outros (ed.). *Esporte no Brasil — Século 20*. Consórcio de Estatísticas Esportivas (formado pelo Conselho Federal de Educação Física, pelos Serviços Social da Indústria e do Comércio, pela Federação das ABB, pela Confederação Brasileira de Clubes e pelo Comitê Olímpico Brasileiro), 2003. No prelo.
- CONRAN, James, MORLEY, David, WALKERDINE, Valerie (ed.). *Cultural studies and communications*. Londres: Ed. Arnold, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.
- DAMATTA, Roberto, e outros. *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakotheke, 1982.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4ª edição ampliada e atualizada. São Paulo: Ed. Summus, 1986.
- DIZARD Jr., Wilson P. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Trad. da 2ª edição: Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- DOUGAN, Andy. *Dynamo: Defending the honour of Kiev*. Londres: Ed. Fourth Estate, 2001.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Rio: Edições 70, 1993.
- FAUSTO NETO, Antônio, PINTO, Milton José (org.). *O indivíduo e as mídias — Ensaio sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Diadorim/Compós, 1996.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 1995.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos — Conflitos multiculturais da globalização*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

_____. *Culturas híbridas — Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. 1ª edição. México, D.F.: Editorial Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1989.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *O Estado-nação e a violência*. São Paulo: Edusp, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart (org.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Londres: Ed. Sage, 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HERSCHMANN, Micael, LERNER, Kátia. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1993.

HERSCHMANN, Micael, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence (ed.). *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HUIZINGA, Johann. *Homo ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

JOBIM, Danton. *Espírito do jornalismo*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 1992.

KASZNAR, Istvan Karoly, GRAÇA FILHO, Ary S. *O esporte como indústria: Solução para criação de riqueza e emprego*. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Voleibol, 2002.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

_____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações — comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand. *As multinacionais da cultura*. Trad. José Montserrat Filho. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

MATTELART, Armand, DORFMAN, Ariel. *Para ler o Pato Donald — Comunicação de massa e colonialismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Ed. Summus, 1988.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Campinas: Trad.: Constança Marcondes Cesar. Ed. Papirus, 1990.

MORAES, Dênis de (org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

_____. *O planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

MORIN, Edgar. *As estrelas de cinema*. 3ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

- _____. *Cultura de massas no século XX - o espírito do tempo*. 2ª edição. Rio/SP: Forense, 1969.
- MORLEY, David, CHEN, Kuan-Hsing (org.). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. Londres, Nova York: Routledge, 1996.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira — Cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- _____. *Mundialização e cultura*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- RICHERS, Raimar, e LIMA, Cecília P. (org.). *Segmentação: opções estratégicas para o mercado brasileiro*. São Paulo: Ed. Nobel, 1991.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas, BENTZ, Ione Maria Ghislene, PINTO, Milton José (org.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Ed. Vozes/Compós, 1998.
- SALDANHA, João. *O trauma da bola — A Copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo — Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2002.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo presente: Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed., 2001.
- SAROLDI, Luiz Carlos, e MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

- SCHUMPETER, Joseph Alois. *A teoria do desenvolvimento econômico*, São Paulo: Ed. Abril, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, s/d.
- SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Trad. e transcrição: Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self — A construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- TAYLOR, Rogan, JAMRICH, Klara. *Puskas, uma lenda do futebol*. São Paulo: DBA, 1998.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- _____. *Música popular: Um tema em debate*, São Paulo: Ed. 34, 1997.
- WERTHEIN, Jorge (org.). *Meios de comunicação: realidade e mito*. Trad. Maria Cândida Diaz Bordenave, Sigrid Sarti, Teresinha J. Direne. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- (VÁRIOS AUTORES). *Bíblia Sagrada — Edição ecumênica*. Rio de Janeiro: Ed. Barsa, 1977.
- ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília e São Paulo: Ed. UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)